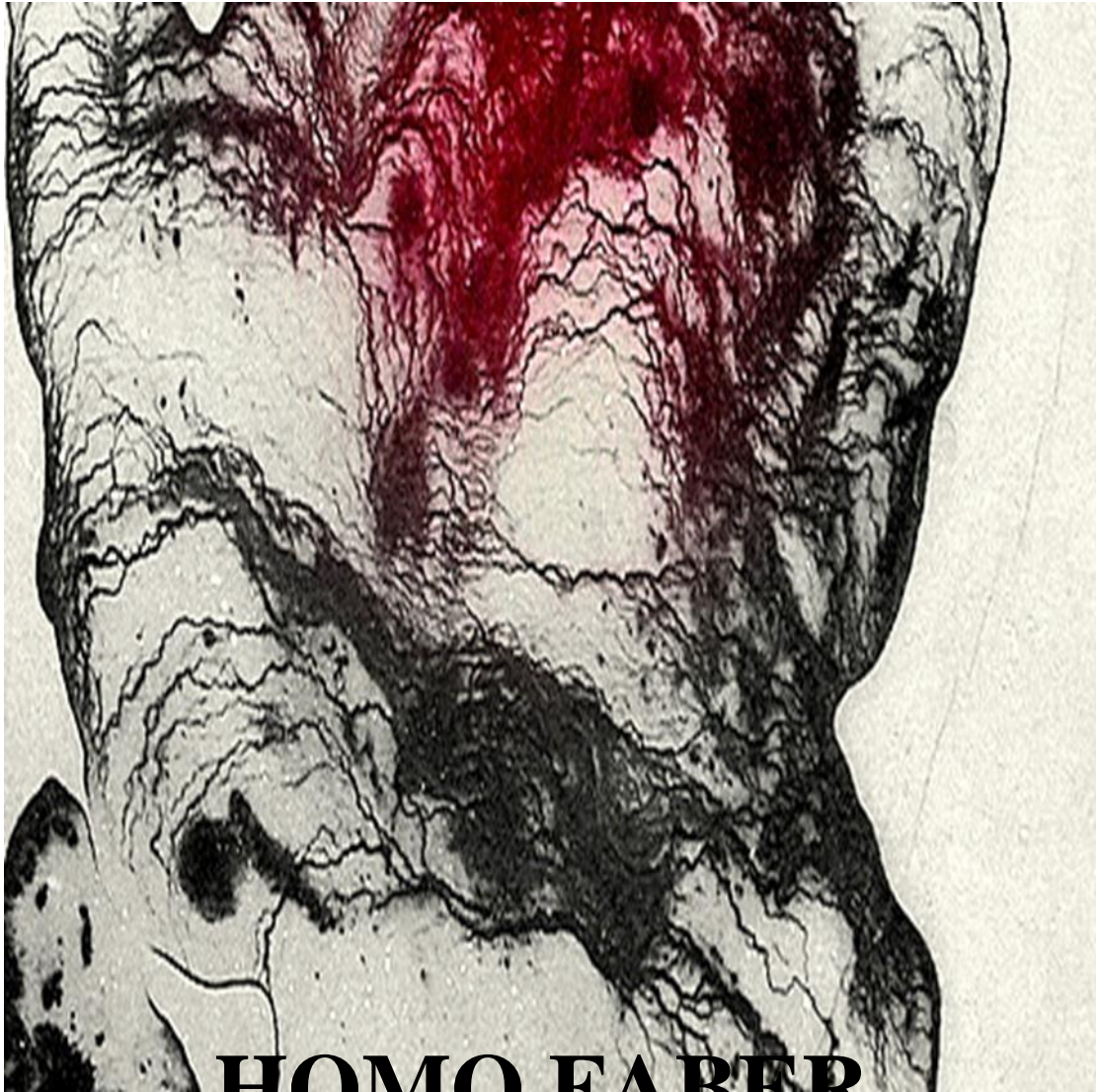


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL



HOMO FABER

Uma etnografia de práticas de trabalho na Serra Gaúcha/Rio Grande do Sul.

BEATRIZ RODRIGUES KANAAN

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

HOMO FABER

Uma etnografia de práticas de trabalho na Serra Gaúcha/Rio Grande do Sul.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa
de Pós Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
sob orientação do Prof. Dr. Arlei Sander Damo

BEATRIZ RODRIGUES KANAAN

Porto Alegre
2013

RESUMO

Esta é uma etnografia sobre práticas de trabalho que visa a entender os dispositivos presentes na constituição de um tipo específico de trabalhador que emerge na região industrializada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, conhecida como Serra Gaúcha. A pesquisa coloca em perspectiva uma fábrica de calçados na cidade de Farroupilha. Focalizo as experiências dos trabalhadores migrantes em processo de inserção na fábrica como uma forma estratégica de acompanhar, por meio dos estranhamentos iniciais, as experiências pelas quais passam a incorporar capacidades de ação e propensões para pensar, sentir e emocionar-se naquele contexto. Ao inserirem-se na fábrica, os sujeitos aprendem novas competências para trabalhar que também se tratam de uma competência social. Destaco, nesse contexto, os discursos do mito do imigrante e do mito neoliberal, que convergem e participam das ações dos sujeitos motivados a aderir a práticas econômicas como a intensificação do trabalho. As dinâmicas geridas são parte de acontecimentos econômicos mais amplos de um processo dialético que evidencia os impactos da expansão dos mercados nas circunstâncias materiais, nas práticas culturais e nos novos arranjos espaciais locais que colocam em funcionamento o amplo “sistema” do capitalismo.

Palavras-chave: Trabalho, organização fabril, antropologia econômica, antropologia do corpo e das emoções.

ABSTRACT

This is an ethnography of work practices which intends to understand the present devices in the constitution of a specific kind of worker who emerges in the industrialized region in the northwest of the Rio Grande do Sul state, in Brazil, also known as Serra Gaúcha. The research puts a shoes factory of Farroupilha city into perspective. We focus on migrant workers in process of adaptation as a strategic way to follow the experiences they live, based on the initial unfamiliarity, to incorporate capacity to act and tendency to think, to feel and to become moved in that context. When they become part of the factory, the subjects learn new skills to work which can be considered a social skill. We highlight, in this sense, the speech of the immigrant myth and the neoliberal myth, which converge and take part in the actions of the subjects who are motivated to adhere to the economic practices as work intensification. The managed dynamics are part of broader economic events of a dialectic process which points the impacts of market expansion in material circumstances, in cultural practices and in the new local spatial arrangements which make the large capitalism “system” work.

Key words: work, industrial organization, economic anthropology, anthropology of body and emotions.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Apoio e Pesquisa em Estudo Superior (CAPES) pela concessão de bolsa doutorado e bolsa-sanduíche que permitiu a realização de estágio em Portugal e ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa que me recebeu e ofereceu a estrutura necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

Todo resultado tem inúmeras pessoas mais ou menos invisíveis, assim a concretização desta tese é resultado da ação de muitas pessoas que estiveram próximas a mim no decorrer dos quatro anos de doutorado, a todas elas o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, ao meu orientador Professor Arlei Sander Damo pela sua confiança em aceitar-me como doutoranda, pelas suas orientações inestimáveis e pelo envolvimento dele com esta tese. Sinceramente, obrigado.

À professora Susana Durão pela frutífera co-orientação e pela atenção recebida durante a estadia em Lisboa.

Ao proprietário e diretor da fábrica por abrir as portas para a observação participante proporcionou a existência deste estudo. Agradeço a receptividade do gerente de produção, - foi ao lado dele que aprendi mais sobre o universo do trabalho fabril - e a todos os trabalhadores que com generosidade compartilharam comigo além de momentos de trabalho, de suas idas e vindas à fábrica e muitas vezes de suas casas, enquanto conversávamos sobre rotinas, projetos e sentimentos que compõem a tese.

À metalúrgica Allenge na pessoa de Luís Antônio e aos trabalhadores que gentilmente me falaram do 'pesado' trabalho na fábrica e das suas famílias, seus lazeres, suas ambições e sonhos.

Em Lisboa tive a oportunidade de pesquisar entre imigrantes brasileiras em São João do Estoril, a elas meu agradecimento pelo carinho com que me concederam as entrevistas acolhendo-me de tal forma que entre elas eu me sentia em casa (Ah! As mesas postas com guloseimas a moda mineira!).

O acesso a estas trabalhadoras foi possível pela intervenção da pesquisadora do CRIA (Centro em Rede De Investigação em Antropologia – UNL) Emília Margarida Marques com quem tive oportunidade de discutir o meu trabalho o que contribuiu para enriquecê-lo.

À professora Lúcia Muller pelos comentários e sugestões no Exame de Qualificação e pela presença constante em vários passos da minha caminhada no decorrer das reuniões do Grupo de Estudos Econômicos e Organizacionais - GEEO, obrigado também ao professor Mauro Roesse e colegas do grupo. Aos colegas do Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas/UFRGS pelos valiosos comentários e sugestões.

Aos colegas da Escola de Administração da UFRGS que me receberam com carinho em minhas investidas pelo campo da administração, um agradecimento especial para a professora Neusa Cavedon pelas inspirações surgidas das orientações muitas vezes concedidas nos intervalos de algum sarau!

Aos grupos de trabalho sobre migrações, promovidos pela ABA e RAM que oportunizaram um diálogo crítico e incentivador a muitas de minhas ideias embrionárias que estão desenvolvidas nesta tese. Entre os pesquisadores do núcleo agradeço à Giralda Seyferth, Mírian Santos, Catarina Zanini, Vânia Herédia, Clara Mocellin e Joana Bahia a quem agradeço pelos diálogos sempre muito proveitosos e intensos, e pelo carinho recebido, o que me permite acreditar que é possível construir um trabalho acadêmico no entrecruzamento de afetos. Em muito devo a inserção no grupo à professora

Catarina que esteve acompanhando minha trajetória desde o início do mestrado. Obrigado pelo acolhimento ao mundo acadêmico e pelas valiosas e inspiradoras reflexões.

Aos professores, colegas e funcionários da Universidade de Lisboa em especial ao professor Pina Cabral por ter me recebido em sua disciplina.

A todos os professores do PPGAS por contribuírem com suas aulas com sugestões para o amadurecimento das ideias aqui expostas. Meu reconhecimento especial ao professor Ruben Oliven pelo seu apoio e generosidade que possibilitou que eu transpusesse alguns desafios com mais facilidade.

À Rose, um agradecimento especial pela disposição e amabilidade com que incondicionalmente deu suporte aos aparentemente “insolucionáveis” processos burocráticos. Lembro também de agradecer à Tânia, secretária do ICS e a D. Rosa, responsável pela hospedagem de professores da UL, pela gentileza com que me facilitaram a instalação em Lisboa.

Aos colegas do PPGAS, por suas leituras, pelas críticas e sugestões, e também pelas parcerias dentro e fora da academia. Pois é, Lúcia como tu previas, agora chegou a minha vez, e retribuo o agradecimento pelo convívio que tivemos. Moisés, obrigado pelas conversas sempre interessantes e esclarecedoras.

Às colegas-vizinhas, Mabel e Victória com quem compartilhei salas de aula e as ruas do mesmo bairro, assim como cinemas, teatros, bares e carnavais! Nos momentos nem tão bons pude igualmente contar com elas. Obrigado gurias. Obrigado Vic.

Aos meus amigos,ih! São tantos... vejam se se reconhecem!

Aos que estiveram presentes virtualmente, aos que brindaram, almoçaram – Márcia -, passearam no parque – Cacazita - e viajaram e comigo, aos que me ouviram e aos que me fizeram ficar calada, aqueles que me leram – Vivian, Tagli – e aos que facilitaram leituras – Fátima... À Katia, vizinha, feirante, consultora e amiga. Ao pessoal náutico, pelos agradáveis e relaxantes momentos no Guaíba que me deram fôlego para voltar renovada ao trabalho.

Carlota, Duda e Gabriel, muitíssimo obrigado por terem feito minha estadia em Lisboa ainda mais agradável. À Joana também sou grata pela grande parceria carioca que ela foi em terras lusitana.

À minha mãe, pelo apoio e incentivo em todo este percurso e em outros. À Helena, irmã e artista, pela troca de ideias e pela capa desta tese.

Obrigado Fefa, pelos comentários, sugestões, pelas velejadas e pelos bons momentos de parceria.

À Júlia,

dedico esta tese, pelo carinho, incentivo, apoio, companheirismo e por estar iluminando a minha vida há 25 anos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Os movimentos entre o campo de pesquisa e as escolhas teóricas	15
1.2 A experiência etnográfica	17
1.3 A fábrica	21
1.4 Da fábrica para o papel	23
2. AS HISTÓRIAS DAS PESSOAS SÃO AS HISTÓRIAS DO LUGAR	27
2.1 Uma história.....	28
2.2 O declínio da atividade pecuária.....	30
2.3 A caminho de outras cidades	33
2.4 Novas regionalizações: um novo mapa para o RS.....	37
2.5 Os universos simbólicos e as novas regionalizações	42
2.6 Desigualdades econômicas e diferenças culturais	43
3. CONSTRUINDO PAISAGENS	48
3.1 As paisagens do lugar	49
3.2 A cidade vivida	55
3.2.1 O espaço ocupado	58
3.2.2 "O som ao redor"	61
3.2.3 Os trânsitos para o trabalho	63
3.3 A expansão urbana, as periferias	66
3.3.1 O "Primeiro de Maio" é do trabalhador.....	69
3.3.2 Migrantes e trabalhadores	75
4. O COTIDIANO DA PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DO COTIDIANO.....	78
4.1 As primeiras fábricas	79
4.2 A indústria calçadista em "campo".....	84
4.3 A herança Taylorista.....	86
4.4 Os "altos" da produção	91

4.5 O chão da fábrica	97
4.6 Os espaços vividos.....	102
4.6.1.O rito do “portal”	102
4.6.2 Os níveis da produção.....	108
4.6.3 A arquitetura do poder	110
4.7 Para além dos muros da fábrica: a casa do patrão	114
4.8 Onde está a “vizinha de porta”?.....	116
4.9 Os tempos da produção.....	117
4.9.1 O relógio capitalista	119
4.9.2 O tempo ínfimo do gesto vazio.....	120
4.9.3 Dia após dia... mudou a estação.....	122
4.9.4 O tempo estendido: O trabalho fora do trabalho.....	123
5. A PRODUÇÃO DOS SABERES/ OS SABERES DA PRODUÇÃO	125
5.1 O estar-no-mundo da fábrica	126
5.2 O saber é saber-fazer.....	127
5.3 Conduzindo máquinas.....	131
5.4 O saber ser é tatuar.....	135
5.5 Os momentos controversos	138
5.6 As distinções hierárquicas: uma <i>performance</i> corporal.....	141
5.7 A mediação do olhar	143
5.8 O olhar além dos muros da fábrica	146
6. A PRODUÇÃO DE SI	149
6.1 O mito do “imigrante italiano” e o discurso neoliberal	150
6.2 Desempenho e meritocracia.....	152
6.3 As trajetórias ascendentes	155
6.4 As moralidades exemplares	158
6.5 “O trabalho como costume de vida”	159

6.6 O “trabalho” em tensão.....	162
6.7 Projeto e motivação: fazer é tornar-se	167
6.8 Viver é se experienciar	170
6.9 Os valores do trabalho	172
6.10 Práticas e estratégias econômicas	175
6.10.1 Ter e oferecer/adquirir e ganhar.....	176
7. ECONOMIA DAS EMOÇÕES: “A SAGRADA INVEJA”.....	181
7.1 Emoção e experiência	182
7.2 As práticas “racionais” e as emoções	183
7.3 Uma vivência organizacional.....	187
7.4 Uma vivência ritualizada	188
7.5 A festa.....	189
7.5.1 A festa é a “organização”	190
7.5.2 A organização na festa.....	194
7.5.3 Quando a organização se espetaculariza.....	195
7.5.4 O sentido das tarefas	197
7.5.5 A emoção das disputas.....	200
7.6 Nem toda festa é festa.....	201
7.7 Festa, competição e emoções.....	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Tratados históricos e mapa do Rio Grande do Sul atual.	30
Figura 2: Participação na indústria do Rio Grande do Sul em diferentes épocas.....	31
Figura 3: Regiões econômicas do Rio Grande do Sul.	36
Figura 4: Contribuição das Regiões no PIB do Rio Grande do Sul.	37
Figura 5: Número de empregados nos setores industriais metade norte e metade sul.	38
Figura 6: Manchete sobre o Distrito Industrial em Farroupilha	39
Figura 7: Imagem semelhante a um quadro pendurado na parede da sala de Seu Carlos	45
Figura 8: Paisagem da rodovia RS-122 que leva à cidade de Farroupilha.....	50
Figura 9: Distribuição de empregados de micro e pequenas empresas	53
Figura 10: Empregos/empregados fabris no RS em 2007..	54
Figura 11: Municípios do Corede na Serra Gaúcha.	55
Figura 12: Índice de Desenvolvimento Humano no RS	56
Figura 13: Os trânsitos dos moradores segundo relatos desenhados sobre Google mapas.	58
Figura 14: Detalhe: chalé demolido na década de 2000 na cidade de Farroupilha.	59
Figura 15: Crescimento populacional do Município de Farroupilha.....	66
Figura 16: Planta urbana de Farroupilha.	67
Figura 17: O bairro visto do centro e o centro visto do bairro..	69
Figura 18: Mapa do Bairro.	70
Figura 19: Vale entre o centro da cidade e o bairro Primeiro de Maio.	71
Figura 20: Imagem aérea da fábrica	91
Figura 21: Modelos no catálogo da Compax em julho de 2009.....	96
Figura 22: Níveis hierárquicos na Compax.	97
Figura 23: representação do espaço da fábrica.....	99
Figura 24: Visão parcial da fábrica.....	102
Figura 25: O castelo da família Grendene.....	114
Figura 26: Imagem de título do filme Tempos Modernos.....	118
Figura 27: Trecho do filme Tempos Modernos.....	119
Figura 28: Mapa da festa de encerramento.....	192
Figura 29: Fachada de um QG/bar.	193
Figura 30: Público do desfile de abertura da gincana.....	195
Figura 31: Desfile da Gincana.	196
Figura 32: Tarefa da Gincana.	198
Figura 33: Vencedor da Gincana.	199

1. INTRODUÇÃO

O título da tese faz uso da expressão utilizada na classificação filogenética em que *homo* designa o gênero de primatas do qual a espécie humana faz parte e *faber* define o estágio em que esta se torna capaz de fazer, de fabricar ou criar. Posteriormente, a esse fazer biológico, Marx atribui a noção de humanização ao considerar o aspecto de autocriação do homem no processo de transformação da natureza pelo trabalho. A expressão *homo faber*, ao qualificar aquele que faz ou que trabalha, é sugestiva para emblematizar as reflexões tecidas em torno das práticas de trabalho observadas entre sujeitos em permanente disposição para o trabalho. A centralidade que a ação ocupa nas dinâmicas cotidianas leva-os a uma grande valorização do saber-fazer, aspecto que remete ao *homo faber* que Henri Bergson problematiza na obra *Evolução Criadora*, de 1907, invertendo a preeminência do *sapiens* sobre o *faber*, afirmando que a inteligência é a capacidade de fazer.

O título também vem englobar outra particularidade, a que diz respeito à motivação dos trabalhadores: eles trabalham também em função de um resultado, pelo desejo de alcançar um fim. Neste sentido, encontro o *homo faber* do filósofo Renaud Barbaras que, em “*La vie lacunaire*” (2011), argumenta que o *homo é faber* porque, antes de tudo é *desiderans*, isto é, o homem se coloca em ação porque deseja. O desejo dos trabalhadores de Farroupilha é vetorizado pelo encontro do “mito do imigrante italiano” – uma narrativa que destaca valores como o trabalho, o sacrifício, a astúcia e a transformação do mundo – com *self-made-man* – do ideário neoliberal, que promove a capacidade de empreendimento, imaginação, ousadia e determinação dos indivíduos. As duas narrativas se entrelaçam tornando-se quase impossível separá-las. O que importa, sobretudo, é notar que elas se articulam afirmando e justificando a convicção de que é possível “subir na vida com o próprio esforço”, a “construírem seus próprios caminhos”. Para dar conta de mais este aspecto, recorro à definição dada pelo protagonista do romance *Homo Faber*, de Max Frisch (1957), que desvela ser o *homo faber* aquele ser capaz de construir o seu próprio destino.

Estes são aspectos que a pesquisa etnográfica observou estarem presentes nas práticas que envolvem e constituem os trabalhadores no contexto industrializado da cidade de Farroupilha - parte da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. O foco, portanto, é o trabalhador em ação; não se trata de uma etnografia do trabalho, apenas,

mas de uma etnografia de pessoas trabalhando. O objetivo é refletir sobre a “engenharia de produção” de um tipo específico de trabalhador que se constitui como sujeito nesse contexto, por vezes operando a favor, por vezes contra ele, mas em todo o caso sendo um sujeito da ação, alguém que possui agência.¹ A presença de sujeitos mobilizados em torno do trabalho constitui-se em práticas que se destacam como particularidades culturais e econômicas da região e que são resultado de processos históricos que convêm explicitar.

A Serra Gaúcha, como também é conhecida a região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, tem a ocupação de seu território historicamente ligada ao processo de colonização por imigrantes italianos no final do século XIX. Nesse território, a terra foi disponibilizada ao assentamento das famílias em pequenos lotes destinados ao desenvolvimento de atividades agrícolas diversificadas, com base no trabalho familiar. Às atividades agrárias que estiveram na origem da imigração, na virada do século XIX, se somou um forte setor comercial e, posteriormente, em meados do século XX, cem anos após o início das colônias, constituiu-se em um reconhecido centro industrial de destaque estadual e nacional.

A industrialização da Serra é concomitante às transformações ocorridas ao longo do século XX no Rio Grande do Sul como um todo. De um estado agropastoril, passou a ser constituído, fundamentalmente, por três regiões geoeconômicas: o nordeste, cada vez mais industrializado, o norte, com sua economia baseada nas pequenas e nas médias propriedades e na agropecuária diversificada, e o sul, onde continuam a predominar a pecuária e o latifúndio. O crescimento ocorreu em função de ser esta a região, juntamente com a região metropolitana de Porto Alegre, que abriga a maior concentração de atividades econômicas do Estado. Em função disso, a população total da região da Serra, a partir de meados do século XX, cresceu expressivamente. A cidade de Caxias do Sul entre 1950 e 1980 passou de 59.533 a 220.725 habitantes e hoje conta com 435.564 habitantes.² O processo de industrialização no município de Farroupilha se deu no bojo dessa dinamização econômica, entre 1971 e 1995, quando a cidade viveu abruptas transformações: de 199 indústrias passou a ter 673, saindo de uma população de 20.408 para 59.871 habitantes³.

¹ Penso em agência como forma de poder – empoderamento do sujeito – e como forma de intenção e desejo de realizar projetos (ORTNER, 2007)

² O município de Pelotas, nesse mesmo intervalo de tempo, passou de 127.641 habitantes para 209.074 habitantes, podendo-se concluir que a população de Caxias do Sul - que era a metade da população de Pelotas em 1950 – em cerca de trinta anos apresentou índice populacional superior ao daquele município. (Dados IBGE)

³ Dado divulgado no jornal “O Farroupilha” de 31/05/1996, em edição comemorativa aos 25 anos de industrialização.

Este contexto veio deslocar o poder de uma elite de latifundiários vinculados à atividade pecuária de municípios da região da campanha para uma elite industrial que se consolida nesse período nas cidades do nordeste do estado. As novas regionalizações desenhadas no deslocamento das desigualdades econômicas também são fruto da capacidade da nova elite em poder e se fazer ver. A posição de destaque conquistada forneceu condições favoráveis para a construção e divulgação de um discurso que, ao mesmo tempo em que os distanciava da origem “humilde” e estigmatizada dos antepassados agricultores (colonos), os mantivesse diferenciados da imagem das decadentes elites do estado desse momento. Como lembra Regina Weber (2004), surge, como forma de autopromoção étnica, entre os próprios membros das colônias, a ideia de um impulso ao trabalho como base da projeção econômica das áreas de colonização do Rio Grande do Sul.

A ideia de um trabalhador disciplinado e poupador, vinculado à “origem italiana” presente na Serra Gaúcha, é acionada em total oposição a de um sujeito pouco dado ao trabalho e valorizador de momentos de ócio, que é relacionado aos “brasileiros”. Essa noção é, em grande parte, alimentada pela literatura nacional, como Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, representando a definição que Mario de Andrade faz sobre a “verdade cultural” do país vai dizer depois de seis anos sem falar: *“Ai! Que preguiça!”*, e sem dizer mais nada ficava espiando o trabalho dos outros (ANDRADE, 1985). Outro personagem emblemático no imaginário do brasileiro, Jeca Tatu em Urupês, de Monteiro Lobato, afirmava que *“Não paga a pena trabalhar”*. Já o poeta gaúcho Mario Quintana, com a ironia que lhe é peculiar, afirma que *“a preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda. Não poderia viajar pelo mundo inteiro”* (QUINTANA, 1979). Em contrapartida, a literatura produzida na Serra Gaúcha difunde a ideia que os moradores da região compartilham comportamentos centralizados no impulso ao trabalho, na disposição para poupar, na vida frugal afastada do ócio e dos excessos e na valorização da perspicácia para os negócios (DE BONI, 1981; BALEN, 1981).

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda delinea o “brasileiro” como um tipo hospitaleiro, generoso, que se move pelo coração e pelos sentimentos, preferindo as relações pessoais ao cumprimento de leis objetivas e imparciais. O “homem cordial” de Buarque de Holanda aparece como produto de um Brasil Colônia, escravocrata, que desvalorizou o trabalho e favoreceu aventureiros que desejavam “prosperidade sem custo”, para o qual *“uma digna ociosidade sempre [lhe] pareceu mais excelente e até mais nobilitante (...) do que a luta insana pelo pão de cada dia.”* (HOLANDA, 1997, p. 38)

A tese de Buarque de Holanda não contempla a autorrepresentação dos brasileiros que habitam a Serra; estes valorizam o trabalho, são detentores de mentalidade propícia para o trabalho capitalista. E não são protestantes como o tipo tomado por esse autor, a partir de Weber (2004), para contrapor à mentalidade do pouco trabalho e avessa ao capitalismo. Talvez Buarque de Holanda diria que eles não são propriamente brasileiros, uma vez que chegaram muito tempo depois e não compartilharam do Brasil colonial ao qual ele atribui as origens do “atraso” do Brasil.

No contexto da Serra Gaúcha, textos literários e estudos acadêmicos⁴ se entrelaçam aos discursos oficiais, currículos escolares e informativos turísticos, fazendo circular através das biografias dos membros da elite empresarial um amplo repertório de qualidades morais implicadas nessas trajetórias, de maneira tal que as histórias contadas e as histórias vividas se repetem e se confundem e resultam na formulação moderna do mito do imigrante, associada à urbanização e à industrialização.

A ideia do “empresário bem-sucedido” toma o lugar do “colonizador”, transformando o “heroico civilizador” em um “grande empreendedor”, graças a atributos como o impulso ao trabalho, a tenacidade e a capacidade de empreender. A história de vida de Agostino, proprietário da fábrica Compax⁵, na qual realizei a pesquisa de campo, pode ser tomada como paradigmática nesse sentido. A narrativa construída pelo empresário é extremamente similar às trajetórias de outros tantos empresários da região. Ele conta que nasceu na zona rural, de família tão pobre que até os oito anos, na ocasião de sua primeira comunhão, nunca antes calçara sapatos. Com trabalho, dedicação e iniciativa própria, se fez do nada. A história que realça esse empresário do calçado atualiza o “mito do imigrante” como o pioneiro desbravador ao contexto da industrialização, remetendo, neste sentido, ao *Homo Faber* que protagoniza o romance de Max Frisch.

O mito age no sentido de atualizar o regional convergindo em muitos pontos com alguns elementos dos discursos neoliberais desse mesmo período. No processo das transformações ocorridas na Serra Gaúcha, elementos componentes de uma ordem cultural instituída como tradicional da cultura italiana justapõem-se ao discurso neoliberal que, nesse mesmo período, se tornaria hegemônico. Dessa forma, a trajetória de vida do proprietário da Compax não só é muito similar à trajetória de empresários regionais à frente de grandes empresas como Abramo Eberle, Raul Randon e Adelino Colombo, como também apresenta

⁴ A Universidade de Caxias do Sul produz, entre alunos dos cursos de história, sociologia entre outros, inúmeras monografias, dissertações e teses que versam sobre este tema.

⁵ Os nomes que constam ao longo da tese são todos fictícios, pois decidi juntamente aos trabalhadores que deveria preservar-lhes a identidade.

muitas semelhanças com as histórias emblemáticas iconizadas pelos discursos neoliberais de Abraham Lincoln (LASCH, 1995).

No caso dos empresários de Farroupilha e da região em geral, os atributos de um *self-made-man* atualizado no mito do imigrante são constituintes de uma identidade social que está vinculada à origem em comum. Dessa forma, a identidade étnica é tida como indissociada do comportamento econômico centralizado no impulso ao trabalho e da riqueza construída na região.

A ideia de que descendentes de imigrantes italianos seriam mais motivados a trabalhar do que os sujeitos sem vínculos com essa origem aparece nas interações cotidianas entre os sujeitos vinculados ao grupo colonizador e os que migraram para Farroupilha atraídos pela demanda de trabalho advinda com a industrialização. Moradores mais antigos da região industrializada, ancorados nesses discursos, costumam acionar para si, diante dos recém-chegados, as contribuições do grupo étnico para o desenvolvimento e riqueza do estado, impondo-se diante dos milhares de trabalhadores provenientes das localidades em declínio econômico. Reconhecer e atribuir uma cultura do trabalho ao grupo próspero economicamente em virtude de uma origem distinta da origem brasileira, assinalando a falta de atributos desses últimos, é, de certa forma, a tentativa de impor aos outros uma classificação. Ao afirmar sistematicamente a sua própria condição de trabalhadores, em detrimento de um suposto desdém dos outros, os moradores mais antigos da região seguidamente desconsideram as muitas variáveis que incidem nas relações de poder envolvidas na composição das coletividades.

Estou certa de que a presença de uma “cultura do trabalho” não existe a priori, mas antes é o resultado de um “viver-juntos” (LATOURE, 2008) ou, como diz Merleau-Ponty, é fruto de modos de coexistência que solicitam as pessoas em um determinado meio (MERLEAU-PONTY, 1994). As práticas de trabalho na forma como se apresentam em Farroupilha são efeitos gerados em múltiplas e complexas ações; não algo dado na ordem das coisas (LATOURE, 2008). Assim, a “ética do trabalho” observada na fábrica etnografada, ou mesmo fora dela, não pode por si só explicar a coletividade ou a riqueza acumulada na região, mas, afinal, é a “ética do trabalho” que deve ser explicada (LAW, 1992).

Para tal, me empenho em rastrear os trabalhadores em ação atenta a tudo o que pode estar implicado nas suas interações entre si e com o meio que os circunda e media essas interações. Coloco em perspectiva o mundo do trabalho inserindo-me em uma fábrica do ramo calçadista que aqui denomino Compax, uma vez que esta se constitui em porta de entrada para os recém-chegados. E é por meio das experiências de estranhamento deles e das

suas tentativas de inserção ao sistema fabril que problematizo as questões que compõem a tese. Os estranhamentos iniciais dos recém-chegados desnaturalizam as práticas e colocam em evidência as composições e as dinâmicas locais já internalizadas pelos moradores mais antigos. Observo que muitos momentos foram vividos pelos recém-chegados com constrangimento, pois foram desautorizadas suas maneiras de ser e de agir, mas também presencio as variadas e criativas tentativas de buscar soluções que pudessem responder às solicitações do meio fabril. Com essas experiências, eles passam a incorporar capacidades de ação e propensões para pensar e sentir. Isto é, os recém-chegados, ao inserirem-se na fábrica, aprendem novas maneiras de trabalhar, um *habitus* fabril que também orienta as socialidades onde se produz o *homo faber*.

A forma como eles passam a compartilhar as práticas comuns a essa coletividade não se constitui a partir de algo transcendente às interações porque a situação não é algo contingente sobre a prática, mas é constitutiva dela (BOURDIEU, 2002). Assim, os aspectos observáveis no grupo não são resultados de uma definição ostensiva e externa aos sujeitos, mas produto de uma definição performativa que se mantém por meio de constantes reatualizações.

1.1 Os movimentos entre o campo de pesquisa e as escolhas teóricas

A construção da pesquisa antropológica envolve movimentos do pesquisador entre suas escolhas teóricas e experiências etnográficas. No decorrer das idas e vindas entre o campo e a academia, transitei por várias antropologias a fim de trazer à tese diferentes abordagens sobre o tema na tentativa de abarcar a difícil tarefa de rastrear os trabalhadores a partir de suas vivências.

A dimensão da vida econômica trazida pelos trabalhadores para a centralidade das nossas conversas, uma vez que frequentemente se referiam a estranhamentos diante das relações utilitaristas, da vida monetarizada e da centralidade que o trabalho ocupa no cotidiano na cidade de Farroupilha, direcionou-me aos estudos da Antropologia Econômica⁶. As leituras sugeridas em disciplina e grupos de estudos da Antropologia Econômica foram enriquecedores para o entendimento das práticas cotidianas dos trabalhadores engendradas em ações não econômicas. Isto é, os empresários se preocupam, perdem o sono, trabalham; os

⁶ As noções que balizam as minhas compreensões acerca do ambiente econômico próspero que se constitui na região da Serra Gaúcha estão fundadas nas leituras sugeridas e nos debates propostos pelas disciplinas específicas no próprio curso do doutorado, no Núcleo de Estudos Econômicos e Organizações na Pontifícia Universidade Católica/RS e no Grupo de Estudos Econômicos e Políticos do PPGAS/UFRGS.

trabalhadores que vendem sua força-de-trabalho são pessoas que comem, cozinham, dormem: elementos centrais da vida econômica dos seres humanos.

Outro modo de expressar o problema seria dizer que todos os fenômenos econômicos são sociais por sua natureza; estão enraizados no conjunto ou em parte da sociedade. Segundo os sociólogos da economia, o *homo economicus* não existe: existem apenas atores econômicos concretos que possuem uma determinada idade, uma determinada inserção, pertencem a um gênero e assim por diante. (SWEDBERG, 2004, p. 26)

Esse sujeito da ação econômica eu procurei colocar sob a perspectiva do trabalho fabril, por considerar que esta atividade, que moderniza e alavanca a economia regional, é crucial na reconfiguração do ambiente e nas relações sociais do lugar. Entender as tensões vividas no trabalho implicou em compreender a própria organização da fábrica em seus espaços e tempos, nas relações hierarquizadas dos trabalhadores. Estas questões me deslocaram do Campus Vale até a Escola de Administração da UFRGS, onde participei de uma disciplina no curso pós-graduação, ministrada pela professora Neusa Cavedon, que, juntamente aos colegas, durante os seminários, me proporcionaram o entendimento de que alguns princípios regem a racionalidade burocrática da gestão e que estes possuem suas próprias linhagens (JAIME JÚNIOR, 1996).

Tendo em vista o fato de que o conhecimento administrativo é proveniente de uma matriz geradora centrada em modelos e práticas desenvolvidas nos Estados Unidos (BARBOSA, 2002), é possível, na Compax, vislumbrar todo um estoque de mudanças, ideias, rotinas, imagens e ingredientes que convidam a improvisações e reelaborações quando tensionados nas práticas cotidianas dos gestores e dos trabalhadores. Isto contribui para pensar acerca das influências do meio na configuração das organizações, tanto quanto faz pensar sobre o papel das empresas na configuração de visões de mundo onde elas estão localizadas.

A presença da indústria na cidade de Farroupilha é parte de acontecimentos econômicos mais amplos de um processo dialético entre centro e periferia (cf. Commaroff e Commaroff, 1992), evidenciando os impactos da expansão dos mercados nas circunstâncias materiais, nas práticas culturais e novos arranjos espaciais locais. As particularidades aí constituídas colocam em funcionamento o amplo “sistema” do capitalismo.

Atenta aos movimentos dos sujeitos, observo que, ao mesmo tempo em que eles se percebem como construtores do novo contexto, eles percebem estarem constituindo-se a si próprios. Enquanto trabalham, recebem salários, compram bens, vão à Igreja, à escola ou descansam em casa, eles também riem, choram, competem, sentem saudades e alimentam esperanças. Encontrei, entre os momentos vividos como “insensatez” diante da adesão a um

cotidiano centrado em práticas econômicas objetivas, alguns momentos estimulantes para eles, vividos com vibração, que agem no sentido de permitir-lhes graus de satisfação no controlado universo cotidiano do trabalho fabril.

Estas observações encontravam respaldo nas leituras sugeridas pelo professor Arlei Sander Damo na disciplina de Antropologia das Emoções, o que e levou a considerar as emoções nas minhas análises antropológicas sobre a emergência do *homo faber*. A partir de setembro de 2010, com o auxílio CAPES, parti para Portugal, onde realizei um doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa. Lá, sob a orientação da professora Susana Durão, aprofundi a temática das emoções. Participei de muitos encontros, seminários e palestras, cursei disciplina ministrada pelo professor João de Pina-Cabral e desfrutei da formidável biblioteca do Instituto de Ciências Sociais da Universidade. Em uma breve pesquisa de campo proporcionada pela professora Emília Margarida Marques, foi-me possível observar as (e)motivações presentes nas experiências de migração e as perspectivas de trabalho entre trabalhadoras brasileiras em São João do Estoril, na grande Lisboa.

1.2 A experiência etnográfica

É importante ter claro que não só a realidade estudada é uma construção; a pesquisa, na maneira como vem a se conformar, o seu recorte, a definição do seu objeto, na verdade, é uma construção também. A pesquisa não é somente fruto do projeto e das inserções teóricas do investigador; ela é fruto desse projeto inserido em fluxos. Assim entendo que a presença da Compax nesta tese não foi uma simples escolha teórica e unicamente minha. A possibilidade da entrada em campo se deu tanto na justaposição de muitos fatores que afetaram o projeto inicial quanto no fato de esses fatores também terem sido afetados pelo projeto: foi a partir desses movimentos que se foi desenhando a tese.

O fato de buscar uma fábrica para a pesquisa etnográfica levou-me a enfrentar grandes dificuldades. Uma inserção a esse tipo de unidade produtiva, um universo vedado aos olhos externos devido a inúmeros fatores como a competitividade do mercado, não foi uma tarefa simples. Foram inúmeras as ocasiões em que passei horas em salas de espera de fábricas moveleiras e metalúrgicas ou à espera de um contato por parte de empresários que permitisse a pesquisa de campo dentro das suas fábricas.

As minhas primeiras tentativas dirigiram-se ao ramo da metalurgia, o setor “top” da indústria na região, onde estão localizadas fábricas de projeção no mercado mundial⁷. Em uma dessas metalúrgicas, consegui entrevistar alguns funcionários do setor administrativo e inclusive fazer uma visita à unidade produtiva. Fiquei impressionada com o ambiente de trabalho da fábrica, pois parecia que eu via “de dentro” a vida disciplinada e esquiva que já observara entre os moradores da cidade. Porém, depois de algum tempo, recebi a resposta negativa da administração da fábrica para prosseguir a pesquisa.

A ameaça à eficácia da produção e o perigo da espionagem que eu representava fechavam-me as portas do chão de fábrica. Observar de perto e de dentro a organização, como eu propunha, levava-os a pensar que eu ficaria a par das maneiras como eles gerenciam e criam as suas produções, o que é parte do jogo competitivo que os mantém no mercado. Houve, no entanto, alguns gestores que concordaram com a realização da pesquisa, desde que eu me restringisse a uma visita guiada (dessas abertas ao público) e a fazer entrevistas somente com o corpo diretivo da empresa. Como me disse um diretor de uma metalúrgica: “Ah! Os trabalhadores, não! E se eles falarem coisas que a gente não quer que sejam divulgadas?!”⁸ O impedimento para a realização da pesquisa apresentava-se sempre no momento em que eu me referia à possibilidade de, além de entrevistas com os níveis hierárquicos mais altos, também observar o funcionamento da fábrica e conversar com os trabalhadores com menos *status*. No máximo, eu poderia, por sugestão dos gestores, formular um questionário que eles próprios distribuiriam entre os funcionários e que, posteriormente, seria retornado preenchido. Assim, os contatos, em geral, iniciaram e terminaram nas primeiras entrevistas com os administradores das indústrias.

Nesse meio tempo, eu fazia pesquisa de campo em uma metalúrgica na cidade de Porto Alegre, na qual me inseri sem dificuldades por meio de um contato com uma pessoa que, da minha rede de relações privadas, me indicou ao diretor da indústria. À observação do trabalho fortemente corporal no calor das caldeiras e na força bruta para forjar os pesados materiais alinhavam-se quase como um contraponto a amabilidade com que fui recebida pelos trabalhadores do chão de fábrica. Considero este trabalho importante porque possibilitou relativizar as dinâmicas de trabalho que seriam observadas em Farroupilha.

⁷ Os administradores desta fábrica não escondem a preferência por empregar pessoas de “origem italiana” por esses serem “melhores trabalhadores”, o que determinaria outra perspectiva caso a pesquisa tivesse tido prosseguimento.

⁸ Os receios pareceram não versar somente a fatores produtivos, como também aos métodos administrativos.

No início de 2009, uma indústria calçadista aceitou, na pessoa do gerente de produção, com a minha livre circulação pela unidade de trezentos funcionários. Tive uma experiência intensa entre eles: conversei nos momentos de entrada e saída, ficava horas a andar pelo ambiente escuro, barulhento e sujo que, muitas vezes, lembrava as indústrias do início da revolução industrial descritas pela literatura. Ao meio dia, tomava o ônibus com os trabalhadores e comia no restaurante que a fábrica terceiriza para alimentar os empregados. Ao final de um mês, mais ou menos, eu fui literalmente barrada na porta da fábrica devido a “ordens do administrativo”, informou-me a moça responsável pelos recursos humanos sem maiores explicações. E lá estava eu novamente sem campo para desenvolver a pesquisa.

Corria o segundo ano do doutorado e eu ficava cada vez mais apreensiva. E se eu não conseguisse uma fábrica para a pesquisa? Será que eu teria que mudar de campo? Eu, aos poucos, fui percebendo o quanto seria difícil a minha inserção, enquanto pesquisadora, em um espaço privado de produção. A fábrica é um espaço particular, no qual todos os participantes estão organizados com a finalidade de produzir para mercados sempre muito competitivos. Que lugar haveria para um pesquisador acadêmico num lugar tão pragmático?⁹ Sob o ponto de vista metodológico, eu ia observando consideráveis divergências entre a proposta da pesquisa antropológica e as dinâmicas da produção fabril, dimensões que remetem a valores e lógicas distintas: como identifica Barbosa (2002), as diferentes visões que separam o mundo acadêmico do mundo dos negócios.

Em junho de 2009, através da diretora e proprietária de uma empresa de Medicina do Trabalho, conheci Agostino, o empresário do ramo do calçado que abriu as portas da sua fábrica – a Compax – para a realização da pesquisa. A fábrica de calçados, inicialmente contingencial, como relatarei mais adiante, mostrou-se enfim um espaço privilegiado para o desenvolvimento da tese, onde convivi com trabalhadores e gestores nos mais variados momentos da produção.

Comecei a pesquisa no mês de julho e encerrei, por acordo anterior com o diretor e proprietário da Compax, Agostino, na festa de encerramento no final do ano. Além dos momentos de trabalho, propus-me a acompanhar os trabalhadores em outros momentos das suas vidas. Assim sendo, acompanhei trabalhadoras-mães na porta das creches ou escolas no fim do dia, dirigi-me até templos neopentecostais com trabalhadores-pastores, tomei chá com trabalhadoras-donas de casa, sentei-me à varanda com trabalhadores-casais, etc. Isto fez com

⁹ Os trabalhadores frequentemente me interpelavam incrédulos com minha presença prolongada na fábrica, até que um dia ouvi de um deles a frase um tanto irônica: “Tu trabalhas vendo a gente trabalhar!”

que eu não os reduzisse a trabalhadores e pudesse afirmar que a minha abordagem não se tratou de uma etnografia do trabalho, mas de uma etnografia de pessoas trabalhando.

Nessa inserção, foi possível a realização de uma observação minuciosa, como sugere Goffman (2005), atenta às relações dos sujeitos na interação face a face, observando os observados sob a observação uns dos outros (GOFFMAN, 2005). Porém, esta observação realizou-se sem perder de vista que a minha presença também estava sendo observada e efetivamente era “parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado por este contexto” (CICOUREL, 1990, p. 89). Aqui o distanciamento entre o “nós” e os “outros” e a limitação espacial tomada como referência em Malinowski são substituídos pela cumplicidade entre observador e observado (MARCUS, 1995). Compartilho da ideia de que o trabalho do antropólogo compreende uma relação pessoal, uma experiência vivida e compartilhada. Como afirma Goldman (2006, p. 167), a antropologia “é o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal”, o que implica em concluir que a socialidade não é apenas objeto ou objetivo da pesquisa etnográfica, antes o principal meio da pesquisa. A etnografia, dessa forma, vai além do esforço metodológico, é uma relação de compartilhamento que tem como base o encontro entre seres humanos. Como afirma Pina-Cabral, “As a human activity, ethnography depends on methodological mutuality as much as on the mutuality associated to the early ontogeny of the person because both are aspects of the human condition.” (Pina-Cabral, p. 20).

Este é o ponto tomado por esse autor ao se propor a uma reflexão antropológica que atravessa esse contato aparentemente tão pontual, o do etnógrafo com o etnografado, para atingir a universalidade da própria condição humana. Ou seja, o autor traz para a reflexão do fazer antropológico questões do debate da interação entre seres humanos.

Pina-Cabral está preocupado em oferecer compreensões mais sofisticadas que o modelo semiótico para a abordagem das interações e encaminhar para o que ele denomina “Gesto Etnográfico”, que não descorpore o encontro entre o etnógrafo e o etnografado, preservando sua fisicalidade num mundo no qual nós compreendemos tanto com base no que nos é comunicado pelos outros quanto com os outros. Seguindo a sua noção sobre mutualidade, a antropologia só é possível porque os etnógrafos são humanos. Dessa forma, conclui o autor, se a mutualidade é constitutiva e não produto do ato intencional de comunicação, a etnografia é constitutiva do encontro, em seu momento real, e nos ecos que produzirá no tempo posterior. O encontro entre as partes é uma condição de possibilidade da etnografia que entrelaçará o mundo do etnógrafo e o mundo do etnografado em uma rede em que ambos são participantes. A tradicional visão binarista (eu/eles) não mais se sustenta, pois

ambos estão a trocar não só informações, também estão atentos a um mesmo mundo na medida em que se afetam mutuamente.

1.3 A fábrica

Longe de definir a fábrica como entidade fechada, apartada do meio social em que se insere e ciente de que as economias locais têm se produzido sob o impacto do desenvolvimento do capitalismo global, considero o espaço organizacional inserido em fluxos, nos quais se evidenciam as práticas de adesões e resistências dos trabalhadores diante dos elementos a que se veem expostos. Como ressalta Durão (2006), as organizações se constroem nas suas fronteiras institucionais e organizacionais à medida que vão sendo construídas culturas e identidades. Na diversidade do setor industrial que hoje compõe o cenário econômico de Farroupilha, a indústria calçadista se constitui em porta de entrada para os recém-chegados. Os iniciais estranhamentos desses trabalhadores são extremamente oportunos para refletir acerca das composições e dos significados dos usos dos espaços e das dinâmicas de tempos da fábrica que transbordam para fora do mundo do trabalho, impregnando a vida da cidade. Tomo a fábrica como espaço privilegiado para, a partir das observações das práticas microscópicas, singulares e plurais (DE CERTEAU, 2000) dos trabalhadores, analisar os aspectos envolvidos na constituição dos sujeitos enquanto trabalhadores dentro e fora da fábrica.

A minha presença na Compax não se restringiu a um setor específico da organização. Ao circular livremente entre todos os níveis hierárquicos, procurei não me ater a uma perspectiva atrelada aos processos da gestão administrativa ou das culturas organizacionais. A abrangência da pesquisa etnográfica tampouco me limitou a um viés tomado por certas abordagens da sociologia tradicional que procuram entender o trabalhador como vítima de um sistema dominador e usurpador de sua força corporal (razão pela qual me afastei do termo “operário”, tão disseminado nessas abordagens).

Os trabalhadores ficam exaustos, sofrem de varizes por ficarem muito tempo em pé, se acidentam, reclamam por melhores salários, mas também se envolvem ativamente em certas tarefas, aprendem, brincam e riem. São pessoas e, como tal, se engajam no mundo fabril atribuindo significados e valores às suas ações; experienciam a si próprios nessas circunstâncias de forma a se entretecerem enquanto entretecem o universo do qual são parte.

Durante os seis meses de permanência na Compax, dia após dia, semana após semana, acordava cedo e saía de casa com chuva e frio para passar o turno inteiro dentro da fábrica.

Ao lado dos trabalhadores, eu senti as mesmas dores nas pernas por passar longos períodos em pé, experimentei as mesmas vertigens ao lado do trilho, os mesmos desejos de ir embora, a mesma vigilância panóptica. Seguir o trabalhador em suas ações no trabalho foi essencial para que eu compreendesse o papel da fábrica no grau de impregnação da disciplina fabril corporalizada que os acompanha na internalização de uma disposição para o agir. Uma vez dentro do meio fabril, entendi que experienciar esse ambiente fazia parte de uma apreensão nativa que foi, como pensa Wacquant em relação ao *gym*, “*condição indispensável ao conhecimento do objeto*”. (WACQUANT, 2008, p. 451)

Percebi que a fábrica faz coisas, age sobre as pessoas e que o personagem central não era somente o trabalhador, o operador da máquina ou o supervisor da esteira; o personagem central, além dos trabalhadores, era também a fábrica com tudo o que a envolve. Da fábrica, desenrola-se uma “pedagogia silenciosa dos organismos em ação” (WACQUANT, 2002, p.17). Da concepção do espaço físico que esquadrinha o corpo do trabalhador, do relógio que mensura as qualidades dos tempos vividos, emana um disciplinamento que ajusta e insere os sujeitos ao sistema de trabalho e às socialidades fabris.

Tornar-se um trabalhador fabril diz respeito a um aprendizado prático. O saber-trabalhar e o saber-ser trabalhador é antes de tudo um saber-fazer. A valoração do fazer está relacionada à realidade da elite empresarial que emergiu sem formação escolar, a partir do conhecimento prático, e que assentam seu poder em uma competência incorporada que se transmite por meio da ação. Entre os gestores da Compax, o essencial é a competência em saber-fazer: o trabalhador deve dar mostras concretas das suas habilidades que só são adquiridas por meio da execução da atividade.

A aprendizagem, portanto, é preeminentemente corporal. Nela, os sujeitos adquirem um saber prático que visa à aptidão física e moral para trabalhar que se encrusta em seus corpos, o que o torna um saber visceral. É para o corpo e por meio do corpo que se efetua o aprendizado; é por isso que os administradores ressaltam a ideia de que os trabalhadores devem demonstrar os saberes “tatuando-os” no corpo, isto é, por meio das habilidades técnicas das atitudes, da gestualidade. Inclusive os acidentes de trabalho passam a ser ostentados como marcas corporais do fazer.

As avaliações dos desempenhos fazem parte desta visão, uma vez que são admitidos e promovidos aqueles que demonstram melhores resultados práticos. Os supervisores avaliam os trabalhadores por meio das posturas corporais, dos gestos e dos “ânimos” de cada um,

constituindo aí uma comunicação corporal em que cada um deve se demonstrar em permanente alerta para agir. Este é o *hexis*¹⁰ do homo faber.

O treinamento dos trabalhadores afina como um instrumento musical o corpo ao trabalho. É um controle prático de esquemas fundamentais, corporais, visuais, mentais e emocionais que, uma vez internalizados, são vividos para além dos muros da fábrica. Assim, a fábrica é um microuniverso em relação simbiótica com a cidade, onde ambas dinamizam-se mutuamente. As observações das interações dos distintos participantes da composição do local de trabalho revelam os elementos e as formas pelas quais estes se engendram no sentido de constituir um bom trabalhador para a fábrica. Além disso, evidenciam certa padronização nas relações sociais inferindo aspectos que, neste caso, focalizam a emergência de um trabalhador que está a sustentar os empreendimentos industriais que têm resultado no crescimento econômico que mantém a região francamente inserida nos fluxos da economia mundial.

1.4 Da fábrica para o papel

A tese, como já expressei, é fruto de uma experiência etnográfica na qual vivenciei um encontro com trabalhadores mediado pelos tantos elementos que compõem o ambiente do trabalho. Como transpor ao texto, a riqueza, a complexidade e as negociações de significados entre nós? A escrita etnográfica acaba por reduzir drasticamente as inúmeras possibilidades de compreensão da vivência em campo. Esforço-me para superar a dificuldade em trazer para o texto o ambiente de constante mobilidade, A suposta aparência de singularidade que às vezes o texto imputa às circunstâncias, são resultados de uma complexa rede de relações e associações que sempre podem ser diferentes, que estão em permanente construção e que só adquirem forma definitiva no texto. Estas considerações – aqui abro um parêntese – levaram-me a eleição da imagem que encapa a tese. Trata-se de uma mancha litográfica que presenciei a artista criar enquanto explicava que

O processo da aguada me aproxima do movimento do informe. Uma vez fixada no papel passa a existir enquanto resultante de uma poliformia arrebatada pelas próprias substâncias (água, gordura, pigmentos) que se espalham sobre a pedra calcária em busca de uma forma sem saber o que virá. A obra é a transformação, a passagem de

¹⁰ *Héxis* entendido no sentido dado por Bourdieu (2001), como o conjunto de princípios interiorizados pelo corpo, a aptidão corporal que é adquirida e que é constituinte e constitutiva do *habitus*, (a maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo) juntamente com o *ethos* um conjunto sistemático de disposições morais, de princípios práticos e o *eidós*, um modo de pensar específico, a apreensão intelectual da realidade (BOURDIEU, 2001, p.185).

um estado a outro. A aguada se faz no devir das ações e reações das matérias em seus campos relacionais que se movimentam até a secagem da tinta. (KANAAAN, 2011, p.98).

A escrita etnográfica como a secagem da tinta começa a ter uma forma no momento da retirada de campo, o afastamento das experiências que até então estavam em processo.

A tese está estruturada em mais seis capítulos, onde os dois primeiros são uma contextualização que visa a trazer entendimentos prévios para o desenvolvimento dos argumentos utilizados nas considerações acerca das especificidades de práticas de trabalho entre os trabalhadores do nordeste do Rio Grande do Sul. Início por compreender que a região hoje conhecida como Serra Gaúcha é resultante histórica das oscilações das relações de força entre elites gaúchas. A industrialização que ocorreu em meados do século XX no Rio Grande do Sul veio deslocar o poder de uma elite de latifundiários vinculados principalmente à atividade pecuária de municípios do sul para uma elite industrial que se consolidava nas cidades do Vale do Rio dos Sinos, zona de colonização alemã, em direção à encosta superior do nordeste do estado, zona de colonização italiana. A nova situação ocupada por essas elites, em especial aquela da Serra, confere-lhes a capacidade de produzir uma discursividade acerca de si própria, que salienta as contribuições do grupo para o desenvolvimento e riqueza do estado e é comumente acionada para imporem-se diante das elites decadentes e dos milhares de trabalhadores absorvidos no mercado fabril, provenientes de localidades empobrecidas do estado. Na nova demografia, entrelaçam-se sujeitos que, em permanentes disputas simbólicas, negociam identidades acionando diacríticos relacionados ao que eles consideram ser gaúcho e ser gringo. As interações revelam-se entranhadas em noções de tradicional/moderno, não capitalista/capitalista, atraso/prosperidade por meio das quais eles dão sentido às experiências vividas ao se inserirem no mundo industrializado e, de certa forma, mais alinhado à ordem do capitalismo mundial.

No segundo capítulo, discorro brevemente acerca das etapas anteriores à industrialização da cidade de Farroupilha para, a seguir, tomá-la enquanto espaço vivido de maneira a entender as ações criativas dos habitantes entrelaçadas às formas materiais do planejamento urbano, pensando que, ao mesmo tempo em que eles os edificam, vão lhes atribuindo significados com os quais vão dialogando, transformando-os, atualizando-os e, assim, constituindo as especificidades do lugar. As dinâmicas urbanas, nesse contexto, conformam-se em torno dos momentos de trabalho reforçando a autoproclamada emblematização da cidade.

O terceiro capítulo contempla o cotidiano dos trabalhadores na fábrica de calçados Compax. Dentro da fábrica, não me restrinjo aos setores administrativos ou aos setores produtivos (mesmo que este predomine nas minhas análises), visando a entender a fábrica como um microuniverso que se constitui enquanto organização de trabalho ao mesmo tempo em que a cidade emerge em dinâmicas fabris. Na diversidade do setor industrial que hoje compõe o cenário econômico de Farroupilha, a indústria calçadista se constitui em porta de entrada para os recém-chegados, e é com base nos estranhamentos destes que, nesse capítulo, construo reflexões acerca das experiências dos trabalhadores, que vão extravasando dos espaços e tempos da fábrica para a vida da cidade.

As origens do modo de trabalhar em fábrica e a aproximação das ciências humanas ao universo organizacional são brevemente esboçadas para que melhor se compreenda alguns elementos que serão evidenciados na arquitetura, nas temporalidades e nas moralidades e tensionados no cotidiano dos sujeitos que vivem a Compax. As experiências vividas dentro da fábrica constroem o capítulo 4 onde se evidenciam processos da “fabricação” de atitudes no trabalho. Teço minhas análises abordando o saber, o saber-fazer e o saber ser, que são internalizados em aprendizados corporais uma vez que as valorações ao saber-fazer respondem a posição e a reprodução da elite local. A centralidade corporal observada leva a relevar a capacidade de um *hexis* a mobilizar os trabalhadores para uma corporalidade ajustada às práticas de trabalho que os impregna.

A pergunta sobre a qual o capítulo 5 está construído propõe-se a entender como os sujeitos percebem o novo contexto, de que forma se inserem nas novas práticas e como se percebem praticando-as. As reflexões priorizam a presença dos discursos que divulgam um repertório de referências do ideário neoliberal e as atualizam nas biografias da elite local como o mito do imigrante. As trajetórias ascendentes dos empresários, de forma similar ao “*self-made-man*”, colocam em circulação valores morais que sinalizam as condutas aos demais trabalhadores diante das possibilidades de virem a trilhar as mesmas trajetórias dos patrões. Uma modalidade de práticas que são percebidas pelos trabalhadores que, ao experienciarem mudanças, operam mudanças em si próprios emerge nesse contexto em transformação. As experiências dos trabalhadores, diante das regras e normas, assim como dos espaços, temporalidades e corporalidades da fábrica, são mediadas pela crença no mito do imigrante.

No último capítulo, abordo uma dimensão fundamental para entender a adesão dos trabalhadores às novas práticas de trabalho: a dimensão emocional. Reflito sobre a presença da “inveja” visando a entender de que forma e em que circunstâncias esse sentimento é

acionado pelos trabalhadores. A observação de um evento festivo que mobiliza os trabalhadores em torno de rivalizações e competitividade permite evidenciar e questionar a capacidade micropolítica das emoções na recriação de um coletivo que emerge ao alinhar sujeitos em torno do *habitus* ajustado ao *homo faber*.

2. AS HISTÓRIAS DAS PESSOAS SÃO AS HISTÓRIAS DO LUGAR



Este capítulo tratará da região hoje conhecida como Serra gaúcha como resultante histórica das oscilações das relações de força entre elites gaúchas. A industrialização que ocorreu em meados do século XX no Rio Grande do Sul resultou no deslocamento de poder da elite de latifundiários - vinculados principalmente à atividade pecuária de municípios do sul - para uma elite industrial que se consolidava nas cidades da encosta superior do nordeste do estado. A nova situação ocupada por esta elite lhes confere a capacidade de produzir uma discursividade acerca de si mesma, que salienta as contribuições do grupo para o desenvolvimento e riqueza do estado e é comumente acionada para imporem-se diante das elites decadentes e dos milhares de trabalhadores absorvidos no mercado fabril oriundos de localidades empobrecidas do estado. Na nova demografia, entrelaçam-se sujeitos que, em permanentes disputas simbólicas, negociam identidades, acionando diacríticos relacionados ao que eles consideram ser gaúcho e ser gringo. As interações revelam-se entranhadas em noções de tradicional/moderno, não capitalista/capitalista e atraso/prosperidade, por meio das quais eles dão sentido às experiências vividas ao se inserirem no mundo industrializado e, de certa forma, mais alinhado à ordem do capitalismo mundial.

2.1 Uma história

Conheci Seu Carlos¹¹ na entrada do posto de saúde do bairro Primeiro de Maio da cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul, onde eu desenvolvia minha pesquisa de campo em 2007. Sentada nos longos bancos de madeira pintados de branco que ficavam encostados na parede lateral à porta de entrada, eu esperava já há algum tempo pela agente de saúde que me acompanharia até o grupo de artesanato que o programa de saúde da família, do governo federal, promovia entre as mulheres da comunidade. Ao final de uma hora, mais ou menos, restamos somente nós dois, um em cada ponta do banco. Eu pensava em como poderia começar uma conversa com ele. Notei que era um homem franzino, com a pele enrugada e bem morena. Naquele momento, ele colocara as mãos sobre as pernas e começou a tamborilar os dedos. Pensei: deve estar impaciente com a espera. Eu anotava essas e outras coisas na minha caderneta enquanto observava o movimento de entra e sai do posto. De repente, nossos olhares se cruzaram, e eu sorri para ele. Automaticamente, ele começou a falar como se nos conhecêssemos há longa data.

Ele estava esperando sua vez para ter consulta médica com o Dr. Mário, o clínico geral do posto, pelo qual disse ter muito apreço e por quem esperaria o tempo que fosse necessário.

¹¹ Optou-se por usar o pronome de tratamento não somente pelo aspecto senhorial com o qual ele se referia a mim, mas pela propriedade com que sua trajetória se impunha durante os relatos em questão.

Falou dos seus problemas de saúde e da sua dor nas costas: pegara uma possível pneumonia devido ao clima muito frio e úmido da região. Daí para começar a desfiar as dificuldades em se adaptar ao estilo de vida que as pessoas levam em Farroupilha foi muito rápido, momento em que ele fez uma pausa e me observou mais atentamente com seus olhos escuros, que me pareceram extremamente profundos. Perguntou-me ao mesmo tempo em que afirmava: “A Senhora também não é daqui, é?”

A partir desse dia acompanhei Seu Carlos durante toda a pesquisa de mestrado, conheci sua esposa, seus filhos e quando volto ao bairro para a etnografia na fábrica reaproximo-me dele e presencio a emoção da chegada de seu terceiro neto. No convívio com Seu Carlos e seus familiares tive a oportunidade de além das muitas conversas e observações de obter duas entrevistas gravadas com ele.

Seu Carlos mora em Farroupilha desde 1982, ano em que veio da cidade de Rosário do Sul, situada na região da campanha do Rio Grande do Sul. Ele me perguntou:

A senhora conhece? Que pobreza bateu por lá. E olha que aquilo lá era uma beleza... Tinha cinema, até teatro tinha, depois caiu [baixa a cabeça em silêncio e logo retorna a falar em tom de voz mais baixa] Tinha clubes, tinha até o golfe, tu já viu isso por aqui!? Pois era assim... E hoje não tem mais nada disso. (*Seu Carlos, aposentado, mora em Farroupilha desde 1982*)

Seu Carlos nasceu em 1935 e cresceu entre a cidade e o campo, onde passava férias com familiares de sua mãe que moravam “para fora” (como os moradores dessa região referem-se à zona rural). Os pais de Seu Carlos nasceram no final do século XIX, ele não sabe ao certo o ano. A mãe nasceu em uma estância próxima a Rosário do Sul e o pai dizia que nascera “lá para as bandas do Uruguai, entre Taquarembó e Santana do Livramento”, referindo-se às fronteiras cambiáveis que mais tardiamente vieram a dar forma ao estado do RS.

O processo de ocupação do território que atualmente compreende o estado do Rio Grande do Sul, obedecendo ao tratado de Tordesilhas, teve início com os aldeamentos missionários espanhóis nas proximidades do rio Uruguai em finais do século XVI. Por volta de 1640, estas missões jesuíticas foram atacadas e destruídas pelos paulistas, bandeirantes que passaram a buscar nestes campos o gado abandonado que havia se proliferado de maneira extraordinária, devido aos aspectos naturais da pastagem e à topografia pouco acidentada.



Figura 1. Tratados históricos e mapa do Rio Grande do Sul atual.

As contínuas disputas entre portugueses e espanhóis pela definição dos limites territoriais levaram a metrópole a se preocupar com a ocupação das fronteiras. Seguiu-se às tropas originárias de São Paulo, um recrutamento entre portugueses principalmente da Ilha dos Açores que migraram para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para completar o povoamento da região.

A distribuição das terras como concessão de sesmarias veio a caracterizar a região dos campos como uma sociedade latifundiária, onde se desenvolveu a pecuária extensiva. As estâncias, como são chamadas essas propriedades, funcionavam com o trabalho dos peões, muitos deles escravos e controlados por capatazes para que, além da lida com o gado, lutassem para defender o latifúndio, o latifundiário e sua família dos ataques castelhanos. Esses embates marcaram a trajetória histórica e política da população sulista que emerge de muitas manobras militares de defesa do território nacional e das distribuições de terras.

Sempre atrelado aos interesses dos estancieiros, o heroísmo do rio-grandense, que, em certos momentos aparece em defesa da nação brasileira e, em outros, volta-se contra o centro político do Brasil, resultando nas diversas revoltas que contam a história do Rio Grande do Sul. A distância em relação ao centro político do Brasil propiciou os conflitos separatistas com o poder central - como foi o caso da Revolução Farroupilha, um movimento armado no qual os sulistas republicanos se revoltaram contra o governo imperial brasileiro dando origem à República Rio-Grandense, que perdurou de 1835 a 1845 (FLORES, 2004).

2.2 O declínio da atividade pecuária

A economia fundamentalmente pecuária, que a partir da Guerra Cisplatina impediu a entrada do charque uruguaio, desenvolveu a indústria do charque que caracterizou a produção

econômica, durante todo o século XIX, em municípios como Bagé, São Gabriel, Alegrete e Santa Maria, bem como em Pelotas e Rio Grande, os dois núcleos urbanos mais importantes da região sul até o início do século XX. Como se pode observar nos gráficos abaixo, a participação dos municípios do sul do estado na economia gaúcha era bem mais expressiva nos primeiros decênios:

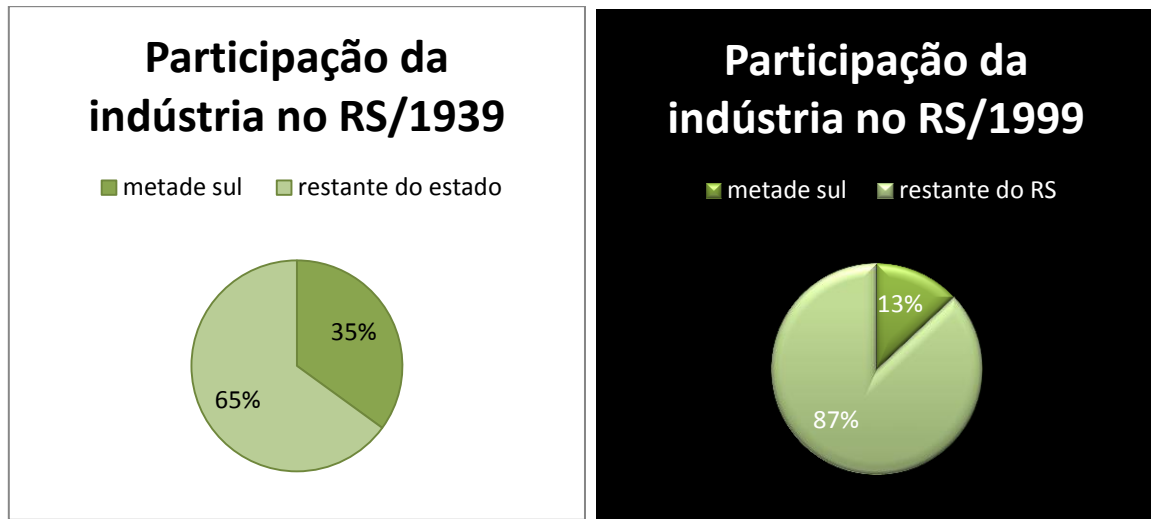


Figura 2: Participação na indústria do Rio Grande do Sul em diferentes épocas. Fonte FEE

A vida cultural referida por Seu Carlos na cidade de Rosário está relacionada àquilo que havia sido anteriormente o auge da economia pecuária e produção de derivados centralizada na cidade de Pelotas, que nesse período também foi um grande centro artístico e cultural no Brasil. Grandes teatros abrigavam as companhias que vinham da Europa se apresentar no Rio de Janeiro e que, a caminho de Buenos Aires, faziam espetáculos nos luxuosos teatros da cidade.

Quando Seu Carlos fala sobre a prosperidade que Rosário do Sul viveu, ele lembrando-se refere especificamente à riqueza gerada pela presença de uma grande multinacional, o frigorífico Armour. Seu Carlos lembra que os chefes do frigorífico contavam que tudo começara com um aventureiro que havia migrado em 1820 da Europa atrás da oferta de terras e de ouro no oeste norte-americano. Philip Armour, ao invés de integrar-se ao saturado mercado de procura do metal, voltou-se para o abastecimento de carne para os mineiros. Abriu um açougue que logo prosperou e cresceu muito: “cresceu tanto que veio parar em Rosário”, concluiu ele.

A expansão do frigorífico está inserida no contexto em que os Estados Unidos, ao tornar-se grande potência mundial após a Primeira Guerra Mundial, distribuíram suas

empresas ao redor do mundo como uma forma de manter o poder e consolidar o sistema capitalista. Os frigoríficos, se valendo do potencial pecuário do sul da América do Sul, instalaram-se em várias cidades da Argentina, Uruguai e Brasil - na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. No início do século XX, instalou-se, em Rosário do Sul, a *Companhia Swift do Brasil S/A – Rosário do Sul*, que se uniu à *Armour* posteriormente.

O frigorífico, inicialmente, assumiu importância nacional ao realizar abates e produzir charque. Logo a seguir, em 1943, passou a produzir carne cozida enlatada e investiu na industrialização de frutas e legumes. Em Rosário do Sul produziram-se especialmente ervilhas em conserva, o que deu à cidade o título de “maior produtor de ervilhas do Brasil e da América Latina” (ANTUNES, 2007, p. 223).

A expectativa dos moradores era de que a situação econômica da cidade não poderia entrar em colapso enquanto eles fossem protegidos pela gigante exportadora multinacional. Porém, a ordem urbano-industrial que se desenvolve nesses municípios encontra-se atrelada às oscilações do mercado externo, o que contribuiu para o colapso dessas indústrias. A ruína, que parecia uma ideia disparatada nos anos de fartura, foi sentida no cotidiano da cidade que, com menor poder aquisitivo, perdeu seu poder de compra e acesso à intensa vida social e, em grandes massas, migrou para outras cidades.

Seu Carlos trabalhava no frigorífico quando ficou sabendo das demissões. Segundo ele, desesperou-se, pois não sabia o que fazer. Para ele, não haveria chances no escasso mercado de trabalho que sobraria na cidade com o fechamento do frigorífico, que era a “alma da cidade”. Ele ouviu falar que um frigorífico que estava por ser inaugurado na Serra Gaúcha buscava trabalhadores com experiência para serem admitidos. Não pensava, contudo, em abandonar sua vida já estabelecida na cidade e se aventurar sabe-se lá onde. A esposa, que se ocupava com os quatro filhos ainda pequenos, passara a lavar roupas e, um dia, ainda segundo Seu Carlos, chegou em casa contando que parentes de um cliente dela, que também estavam desempregados, tinham ido para Farroupilha. Haviam saído de Rosário do Sul já empregados e, segundo relatos, inclusive com casa da firma para morar. Mas ele achava que aquilo não era uma vida para eles. Ele lia nos jornais que a região da Serra era um lugar rico onde havia muitas oportunidades de emprego, onde inclusive havia chamamentos das empresas para processos de seleção. Ele sabia que, ao chegar lá, estaria empregado, mas pensava: “O que que eu vou fazer naquela terra de gringos?”¹² Meu lugar é aqui, na fronteira”. Entretanto, sua situação piorava a cada instante, pois toda a cidade passava pela mesma onda de desemprego.

¹² Neste contexto a expressão “gringo” é utilizada pelos moradores do estado para referirem-se aos descendentes de imigrantes italianos.

Havia a possibilidade de voltar para o campo, trabalhar em alguma estância, mas Seu Carlos pensava em seus filhos, que estavam em idade de ir para a escola. Havia muitas variáveis para uma tomada de decisão sua:

Até que certo dia, conversando com outros colegas de infortúnio, num bar de esquina, chegou um homem desconhecido que se dirigiu ao balcão. O dono do bar apontou para a nossa mesa e o homem se aproximou. Depois de muita conversa, o tal homem concluiu: era pegar ou largar. Ele vinha em nome do dono de um frigorífico na cidade de Farroupilha: oferecia um bom salário com um adiantamento para a instalação, moradia descontada na folha de pagamento e entrava até com um caminhão para a mudança. Naquela noite, não dormi me revirando na cama e pensando na oferta do tal homem. No café da manhã, à mesa com a esposa e os quatro filhos, eu fiquei pensando o que eles teriam para comer dentro de algum tempo. E assim me decidi falar. Saiu assim meio “de sopetão”, eu nem acreditava que era eu a dizer: [muda o tom de voz como se estivesse vivendo o momento quase de maneira solene] “-Vamos embora daqui. Hoje ninguém vai ao colégio. Comecem a arrumar as coisas para a mudança.” (Seu Carlos mora em Farroupilha desde 1982, aposentado. Entrevista gravada em janeiro de 2007).

A população do Rio Grande do Sul, num intervalo de algumas décadas, vivenciou as transformações econômicas do estado de forma que os habitantes da região nordeste experienciaram a ascensão econômica decorrente da implantação de indústrias nas cidades que até então viviam da produção agrária, enquanto que os moradores das zonas de pecuária sofreram o rápido declínio da economia.¹³ Em uma única geração, famílias de latifundiários perderam poder econômico e prestígio, enquanto que famílias de agricultores tornaram-se rapidamente empresárias industriais.

2.3 A caminho de outras cidades

Desde meados do século XX, milhares de pessoas com situação semelhante a de Seu Carlos, devido ao declínio da economia pecuarista, vêm deixando suas cidades em direção aos centros industrializados da região metropolitana de Porto Alegre e à região nordeste do estado, em torno do município de Caxias do Sul. No decorrer da década de 1970, as regiões de Porto Alegre, Novo Hamburgo e Caxias do Sul cresceram acima do crescimento vegetativo médio e, juntas, concentraram mais de 70% do crescimento absoluto total do estado (KOUCHER, 2011, p. 22).

¹³ É preciso ressaltar que no decorrer da pesquisa alguns municípios do sul do estado apresentaram iniciativas empresariais de relevância para a economia do estado. O município de Rio Grande, por exemplo, entre os anos de 2006 e 2013 apresentou um aumento de 41,81% no número de empregos formais (RAIS). Experiências como a do Programa de Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada na Metade Sul/RS, visando a diminuição das desigualdades perante outras regiões do estado vêm elaborando estratégias de desenvolvimento que têm apresentado efeitos positivos no PIB *per capita* e no IDH, como demonstram índices disponibilizados pela FEE.

Essas migrações internas ao Rio Grande do Sul se relacionam, em grande medida, às mudanças socioeconômicas vinculadas às transformações do cenário brasileiro, onde novos polos produtivos, novos mercados e centros de consumo, após a Segunda Guerra, impulsionaram a industrialização e desenvolvimento do país. Por outro lado, a intensa mecanização da produção rural diminuiu o espaço físico e social para a atuação de pequenos produtores, o que, somado à crescente falta de trabalho, torna pouco viável a vida de subsistência em locais vinculados ao antigo modelo rural e impulsiona os trabalhadores, agora migrantes, em direção aos locais onde a industrialização se desenvolvia. A intensidade desta tendência teve como consequência o fenômeno do êxodo rural, isto é, o abandono massivo do campo por seus trabalhadores, que, em busca de melhores condições de vida, se transferem para centros urbanos, criando cinturões de pobreza nas metrópoles regionais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), entre os anos de 1920 e 1960 a população urbana no Brasil aumentou em dez vezes, o que desencadeou uma inversão na situação do quadro populacional do país. A população rural, que representava 80% da população total na década de 50, passou a constituir menos de 20% no início dos anos 90. Nas últimas décadas do século XX, a concentração espacial e o desenvolvimento de uma economia industrial urbana concentrada principalmente no eixo Rio-São Paulo vieram a intensificar as desigualdades regionais e a impulsionar as migrações internas, inicialmente do campo para a cidade e, posteriormente, do norte e nordeste para o sudeste e sul do país.

Grandes populações do nordeste brasileiro, devido aos problemas da seca e do desemprego, migraram em direção à região sudeste do país em busca de trabalho. A concentração de recursos públicos e os processos de industrialização massiva nessas cidades favoreceu um aumento considerável das migrações internas, que, sem o devido planejamento, resultaram em um crescimento desordenado das cidades. Sem estrutura urbana e sem oferecer condições sociais e de trabalho mínimas, essas cidades passaram a conviver com sérios problemas sociais, e os migrantes, que, na verdade, buscavam uma vida melhor, continuaram ou passaram a viver em condições de miséria.

O processo de modernização e mecanização da agricultura e a rigidez da estrutura fundiária brasileira também contribuíram para intensificar os fluxos migratórios das áreas agrícolas para os centros urbano-industriais. No Rio Grande do Sul, as atividades comerciais desenvolvidas a partir da produção agrícola das colônias de imigração italiana no nordeste do estado – pequenas propriedades autossustentáveis - proporcionaram uma base sólida para a modernização da economia regional. Enquanto os núcleos urbanos originados da colonização

de imigrantes tornavam-se centros industriais, os municípios da campanha continuavam voltados à pecuária extensiva e aos latifúndios monocultores.

O município de Caxias do Sul concentrou importantes unidades industriais, principalmente no setor metalomecânico. Impulsionado por políticas econômicas nacionais, Caxias inseriu-se no cenário do desenvolvimento regional, constituindo o segundo polo industrial no estado: uma extensão do polo já existente na região metropolitana de Porto Alegre. Os empresários locais, ao alinharem suas empresas às políticas do desenvolvimento estimuladas pelo governo de Juscelino Kubitschek, que promoveu a abertura da economia nacional ao capital internacional, passaram a participar dos grandes investimentos no setor industrial. A partir de 1964, aprofunda-se a “internacionalização dependente” da economia brasileira, quando o regime militar passa a privilegiar o “consumo de bens duráveis, e conseqüentemente, favorece a expansão das indústrias que atuam em tais ramos” (PESAVENTO, 1991, p. 30).

Nessa etapa, Caxias expande sua economia, tendo como investimentos a modernização da sua indústria através da ampliação da planta de suas unidades produtivas e da importação de equipamentos modernos em todos os ramos industriais, utilizando a política de incentivos fiscais que fora criada. (HERÉDIA, 1997, n.p.)

As pesquisas voltadas para a reflexão dessas transformações econômicas do processo histórico gaúcho sugeriram, inicialmente, um novo mapa para o estado pautado em uma imagem territorial que cingiu o Rio Grande do Sul em dois, mapeando as desigualdades internas na “consolidação de duas regiões, uma industrializada — Metade Norte — e outra não — Metade Sul” (AREND e CÁRIO, 2005, p. 63).

A partição regional binária tem sido amplamente utilizada em estudos acadêmicos e na discussão pública sobre as diferenças regionais de renda no estado do Rio Grande do Sul. A metade sul encontra-se definida da seguinte maneira por Fonseca:

A Campanha é de antiga colonização ibérica; é onde, no Império, apareceu o trabalho escravo, principalmente nas charqueadas; durante o século XIX foi a mais importante região gaúcha, onde se desenvolveu predominantemente a criação de gado. É a zona das estâncias, de economia predominantemente pecuária onde aparecem o peão, o agregado e outras formas de parceria, todos vinculados ao latifúndio. (FONSECA, 1983, p. 27).

A metade sul abrange os municípios da área verde do mapa (Fig. 3), numa linha que corta o estado de oeste a leste ligando os municípios de São Borja, no oeste, indo até

Camaquã, nas margens da Lagoa dos Patos. A metade norte, composta pelas Serras e pelo Planalto, é

A região de colonização recente, sendo praticamente inexpressiva sua importância até meados do século XIX. Nela localizam-se os imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, todos recebendo pequenas extensões de terra. Nestas pequenas propriedades, a principal atividade econômica era a agricultura, não raro associada à criação de suínos. Na Serra quase não houve escravos,¹⁴ e predominava a mão-de-obra familiar. Assim, começou produzindo mais para consumo local que para exportação [...] O Planalto é também de recente ocupação, e abrange a região atualmente conhecida como Planalto Médio, o norte das Missões e os Campos de Cima da Serra [...] localizando-se longe das charqueadas, em campos mais rudes, possui baixa capitalização e nela também o trabalho escravo pouco significância teve durante o Império (Fonseca, 1983, p. 27-29).

As pesquisas, ao apontarem o contínuo crescimento econômico de Caxias do Sul e seu entorno, enfatizam a relevância desses municípios e os diferenciam dos demais municípios do estado, redesenhando, assim, o mapa geoeconômico no qual emerge a Serra Gaúcha, no nordeste do RS. Essa regionalização está consubstanciada (segundo ALONSO ET AL. (1994) e BATISTA & SILVEIRA, (2006)) em dois dados, a comparação entre a renda *per capita* e as taxas de crescimento observado nos municípios do nordeste¹⁵. Dessa forma, passam a serem consideradas três distintas regiões no estado: sul, norte e nordeste.

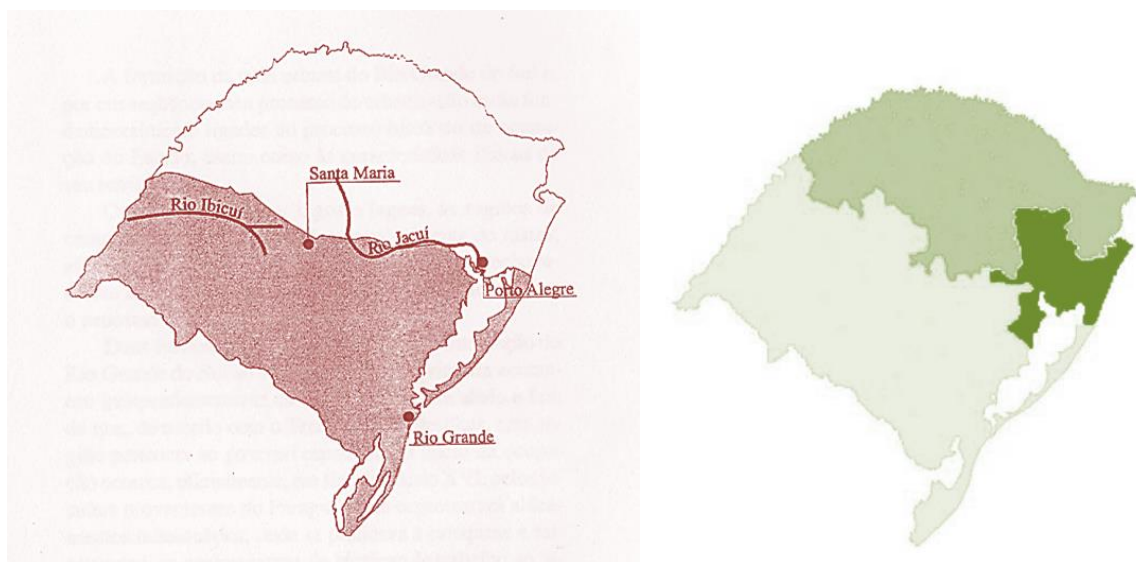


Figura 3: Regiões econômicas do Rio Grande do Sul: à esquerda, baseado na divisão econômica descrita por Fonseca (1983); à direita, na descrita por Alonso et al (1994).

A proposição dos autores sustenta-se no argumento de que a divisão do estado em Norte e Sul desconsideraria todo um processo de concentração econômica muito específica e

¹⁴ Na região de colonização italiana, foi proibido, pelo governo brasileiro a utilização da mão de obra escrava.

¹⁵ Fazem parte da região nordeste, segundo a classificação COREDE,

de grande projeção atual que teve início com a imigração italiana no final do século XIX e intensificou-se ao longo do século XX, culminando com uma concentração econômica, populacional e industrial em uma parte da Metade Norte, a Região Nordeste.

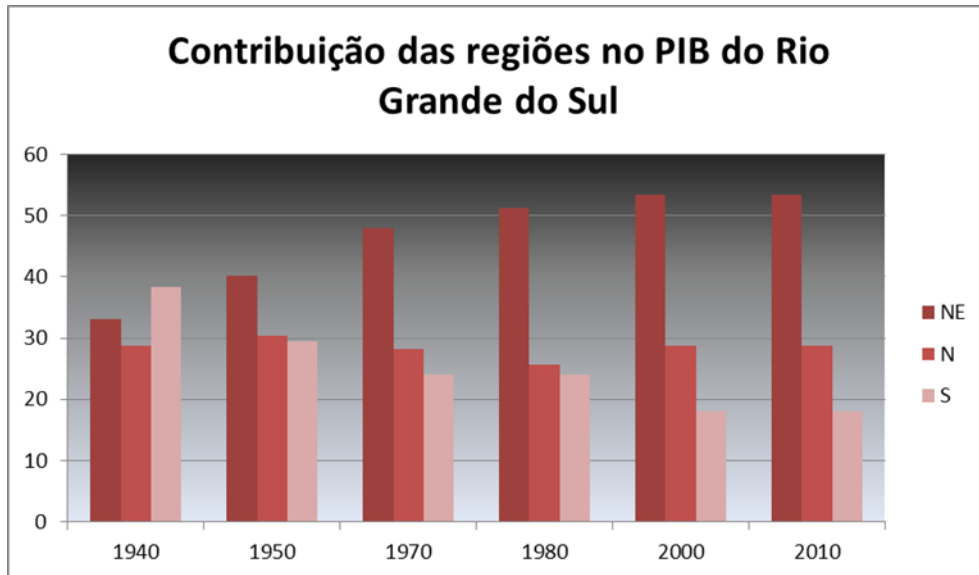


Figura 4: Contribuição das Regiões no PIB do Rio Grande do Sul. Fonte: FEE

O nordeste do estado, enquanto expande seu parque industrial, vai, progressivamente, diferenciando-se das regiões de economia agropecuária extensiva, que antes cobriam a maior parte da metade norte do Rio Grande do Sul. Os indicadores da tabela demonstram a enorme disparidade econômica entre a região nordeste e as outras regiões do estado.

A emergência dessa área industrial definiu os traços fundamentais da configuração espacial da economia gaúcha. O Rio Grande do Sul passou a ser constituído, fundamentalmente, por três grandes regiões geoeconômicas: o nordeste, cada vez mais industrializado, o norte, com sua economia baseada em pequenas e médias propriedades e na agropecuária diversificada, e o sul, onde continuam a predominar a pecuária e o latifúndio.

2.4 Novas regionalizações: um novo mapa para o RS

O gráfico abaixo aponta o número de empregados no setor industrial das principais cidades de cada uma das regiões do estado. Na linha decima, está representado o crescimento de trabalhadores empregados na metade norte do Rio Grande do Sul; na de baixo, vê-se um pequeno decréscimo no volume de empregados. Os resultados estatísticos tanto decorrem da

realidade ao mapeá-la como acabam por prescrevê-la, anunciando as condições de emprego nas distintas regiões e, por conseguinte, os fluxos internos da população.

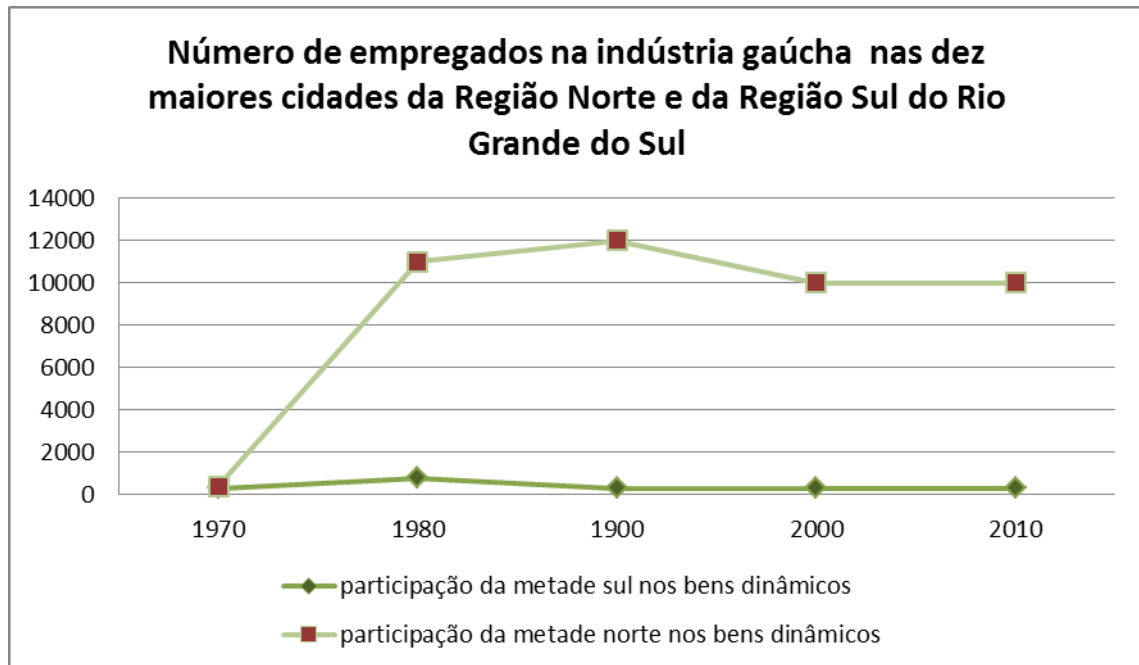


Figura 5: Número de empregados nos setores industriais metade norte e metade sul. Dados IBGE (2010); FEE (1990 e 2010).

No final dos anos 30, quando o Rio Grande do Sul podia ainda ser considerado um estado essencialmente agrícola, a região constituída pelas áreas próximas ao Eixo Porto Alegre-Caxias do Sul continha apenas 23,3% da população do Estado e era responsável por 31,5% do produto gaúcho. Quatro décadas depois, em 1980, sua participação havia passado para 38,4% em termos demográficos e 49,8% em termos econômicos. O processo de concentração foi ainda mais intenso no que se refere ao produto gerado pela indústria, que passou de 47,4% para 68,0%. (ALONSO & BANDEIRA, 1990, p. 110 e 112).

Os fluxos migratórios internos ao Rio Grande do Sul, que ocorriam inicialmente em direção à região metropolitana, nesse momento, passaram à região de Caxias do Sul, como foi o caso da cidade de Farroupilha, que também se engajou no processo de industrialização empreendido no município de Caxias do Sul.

Na década de 70, empresários e administradores públicos de Farroupilha alinharam-se à dinamização da economia que viam acontecer na cidade vizinha, tomando providências no sentido de incentivar a industrialização do município.



Figura 6: Manchete sobre o Distrito Industrial em Farroupilha

Como se vê na reportagem de o Jornal do Comércio editado em Porto Alegre, um Distrito Industrial foi criado pela administração do então prefeito Avelino Maggioni a fim de atrair investimentos e empresas por meio dos incentivos fiscais oferecidos aos empresários que ali se instalassem. O depoimento de um farroupilhense que na época era vereador fornece o contexto do momento:

Eu participei do início do processo... não por [ter] uma visão de futuro ou coisa parecida, a minha preocupação era imediata. Eu via os meus amigos. Eu estava empregado em Farroupilha. Todavia, meus amigos, quando chegava a hora de trabalhar, tinham que ir embora de Farroupilha. Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias, porque nós não tínhamos uma base industrial que absorvesse a mão de obra local. [...] Quando o prefeito me chamou pra saber o que eu achava do projeto de industrialização dele, que, embasado num anterior, ele faria um distrito novo, planejado, o primeiro do Rio Grande do Sul, eu disse: ‘- Prefeito pode contar comigo e com minha bancada, afinal é para Farroupilha desenvolver! Gerar emprego e renda. (Ex-prefeito e ex-vereador do município, natural de Farroupilha).

Inicialmente, três grandes indústrias atenderam ao chamado do município de Farroupilha e mudaram suas bases de operação para esta cidade. Logo se somaram a estas indústrias muitas outras, bem como se desenvolveram empresas locais que tiveram grande crescimento.

Os primeiros operários a atender a demanda das fábricas de Farroupilha foram os moradores da região rural do próprio município, descendentes de imigrantes italianos empobrecidos devido ao fracionamento dos lotes entre herdeiros da terceira geração. Nesse período, muitos filhos de agricultores deixaram as colônias e passaram a morar na cidade, onde passaram a trabalhar nas fábricas.

Muitas vezes, no entanto, devido à proximidade geográfica do meio rural com o meio urbano, o trabalhador fabril permanece residindo nas áreas rurais. Dessa maneira, acaba por associar o trabalho assalariado das fábricas ao trabalho agrário nas pequenas propriedades familiares, exercendo a atividade agrícola após o período de trabalho na fábrica. Ainda hoje, encontram-se esses “colonos-operários”(SEYFERTH,1993) entre os trabalhadores assalariados da indústria, inseridos às novas formas de produção sem se desvincular do ambiente rural.

Outra alternativa encontrada pelos empreendedores para o recrutamento da força de trabalho demandada pelo crescimento industrial foi buscar trabalhadores entre moradores de cidades bem próximas a Farroupilha. Aos empregados, eram fornecidos transporte e alimentação, o que resultava num deslocamento pendular diário onde trabalhadores de deslocavam diariamente de Alto Feliz, Feliz, Bom Princípio e São Vendelino em direção à Farroupilha. Esses municípios vizinhos foram colonizados por imigrantes alemães décadas antes da chegada dos imigrantes italianos na região. Muitos destes trabalhadores, na maioria descendentes de imigrantes alemães, radicaram-se na cidade, onde moram e trabalham até hoje.

Decorre que a mão de obra local necessária foi insuficiente para o sucesso crescente dos empreendimentos, fato que levou empresários e administradores municipais a buscar trabalhadores em outras regiões não industrializadas do estado. Para isso, lançaram mão de estratégias como anúncios em rádios e na imprensa escrita sobre a abundante oferta de trabalho frente à demanda originada pelas novas unidades industriais. Além disso, circulavam muitas histórias sobre pessoas que teriam se mudado para Farroupilha ou para a região e estariam vivendo rápida ascensão econômica. Os relatos acerca do progresso local sobre a grande oferta de trabalho com bons salários alimentavam – e ainda alimentam – a ideia de que se trata de uma terra de riquezas e oportunidades. A proximidade geográfica que permitia acesso a essas informações também facilitava o deslocamento dos sujeitos que, em situação de desemprego ou subemprego, envolvidos neste contexto, decidiam migrar de suas cidades de origem em busca de uma nova vida na região nordeste do estado.

Outra forma de sensibilizar trabalhadores das regiões empobrecidas e recrutá-los para trabalho fabril em Farroupilha esteve a cargo de propagandistas enviados pelas empresas até as localidades sabidamente carentes de oferta de trabalho. Estes recrutadores divulgavam e, muitas vezes, inclusive contratavam trabalhadores para as inúmeras oportunidades de emprego que havia na região nordeste. Este personagem (recrutador) aparece na memória de Seu Carlos quando ele se lembra de um homem desconhecido que o contatou para o trabalho

no frigorífico de Farroupilha. Outros migrantes ainda se lembram destes recrutadores circulando pelas ruas das suas cidades de origem em caminhões, anunciando com megafones e panfletos informativos as oportunidades que a cidade de Farroupilha oferecia. Um trabalhador conta que

[...] eles iam lá em Alpestre [cidade do norte do RS] de caminhão... Sabe esses caminhões que hoje em dia passam vendendo abacaxi?! Pois é, igual. Passavam dizendo que tinha vaga em tais e tais empresas em tais e tais setores. Davam um “santinho” [risos] praqueles que pensavam em sair daquela miséria. Outros, mais decididos, já conversavam ali mesmo com o cara do caminhão e, tipo, nem voltava pra casa, já saía dali empregado. (Supervisor de setor, reside em Farroupilha desde 1989).

Além das oportunidades de emprego como parte das políticas públicas municipais dirigidas a atrair e fixar trabalhadores, Farroupilha fazia veicular em jornais de circulação mais ampla informações sobre as facilidades que aqueles que para lá se deslocassem teriam para adquirir a casa própria, sonho de todo trabalhador. O Pioneiro, jornal de Caxias do Sul que circula em toda região nordeste, publicou na década de 70: “Farroupilha ajuda aos operários na realização do sonho da casa própria (...) a aceitação esteve acima de todas as expectativas e o número de pessoas que se dirigiu a Farroupilha para comprar os lotes foi muito grande...” (Pioneiro, 26/08/1978.)

Enfim, a expansão dos empreendimentos que emergiam cria canais de mobilidade pelos quais milhares de pessoas passaram a se dirigir para essa região. A atração com a oferta de empregos e melhores condições de vida, na cidade de Farroupilha, como ocorreu com Seu Carlos, não é o único fator a gerar a emigração. A falta de condições de sobrevivência na sua cidade é também um fator que estimularia uma mudança. Como ele próprio diz: “Se eu pudesse, eu não tinha saído de Rosário [do Sul]; lá é meu chão, lá nasceu a minha mãe...”.

Seu Carlos sente que não está na sua terra, entre pessoas que compartilham coisas em comum. Isso deixa evidente que o trânsito entre Rosário do Sul e Farroupilha, compreendido no contexto das migrações das regiões empobrecidas do Rio Grande do Sul para a região da Serra Gaúcha, coloca em contato sujeitos com diferentes trajetórias históricas e culturais. O que Seu Carlos fala sobre as mudanças vividas ao transferir-se para Farroupilha evidencia as tensões entre diferentes visões de mundo e estilos de vida permanentemente negociados nas interações face a face, que legitimam ou redirecionam os discursos constituídos em contextos mais amplos, resultantes, sincrônica e diacronicamente, de relações de poder entre elites regionais que não se atêm às esferas econômicas, uma vez que são igualmente políticas e simbólicas.

Das oscilações nas relações de força entre as elites agropecuárias, representadas pelos latifundiários da região da campanha que foram gradualmente perdendo sua supremacia e pelos novos grupos que ascendem econômica e politicamente, representados pelos industriais do nordeste do estado, delinea-se a chamada Serra Gaúcha.

2.5 Os universos simbólicos e as novas regionalizações

A elite emergente da região nordeste do estado ascendeu econômica e socialmente das colônias agrícolas de imigração italiana e buscava projeção social e cultural calcada numa identidade étnica que a distanciasse das origens agrícolas iniciais ao mesmo tempo que a diferenciava dos estilos de vida das elites regionais do estado, que, nesse momento, perdiam prestígio juntamente com o declínio das atividades pecuárias. A ideia de uma cultura de trabalho aos imigrantes italianos e aos seus descendentes, em detrimento da ausência dessa mesma cultura entre os grupos do entorno – como quer fazer crer uma vasta literatura, a qual será mencionada a seguir –, justifica o atual contexto de desigualdade econômica do Rio Grande do Sul, mapeando-o em diferenças culturais.

A constituição da mão-de-obra fabril em Farroupilha, fundamentada nessas noções de distintos envolvimento com as práticas de trabalho difundidas por meio dos estudos acadêmicos, discursos oficiais, materiais pedagógicos e midiáticos, apresenta no foco das disputas simbólicas suas distintas concepções de trabalho.

Não se deve esquecer que os empresários vinculados ao processo de acumulação de riqueza na região nordeste, que hoje positivam o fato de serem descendentes de italianos, partem de uma trajetória onde inicialmente os colonizadores eram estigmatizados pelos grupos do entorno. Estes denominavam os imigrantes dessa região (e de outras, como é o caso dos imigrantes alemães) pelo depreciativo termo “colono”.

No contexto de hegemonia econômica do latifúndio pecuarista, em que a atividade agrícola chegava a ser considerada degradante, o “colono” apresenta-se como uma espécie de “identidade envergonhada” (cf. CORADINI, 1997), uma vez que remetia à “noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade.” (TEIXEIRA, 1988, p. 54)

O cenário de grande desenvolvimento industrial coincide com as comemorações do centenário da imigração italiana, que suscitaram o aparecimento de uma vasta produção escrita. Textos literários – por exemplo a edição de obras do início do século como Nanetto

Pipetta -, assim como estudos sobre a imigração italiana se multiplicaram. Os estudos retomam as histórias da chegada dos primeiros imigrantes e representam verdadeiros reconstruções ufanistas que homogeneizaram as trajetórias dos imigrantes como saga, desde os primeiros colonos que após muitas adversidades sofridas, venceram pela fé, pelo amor à família e pelo trabalho. A figura exemplar entre os descendentes de imigrantes italianos está articulada a esse ambiente o qual alimenta o mito de origem do grupo, uma vez que ao pioneiro colonizador foi exigida muita tenacidade diante da natureza bravia (BATTISTEL, 1983; COSTA, 1984; MANFROI, 1975). Lorenzoni, (1975, p. 71) roga justiça ao “nosso colono, pois, normalmente, além de forte trabalhador sempre dava provas de sobriedade, economia e perseverança”. Zanini (2006, p. 131) lembra que “a imagem que o colono passava sobre si mesmo, a de um homem sacrificado”.

O crescimento econômico da região é, sem dúvida, uma situação favorável para a positivação da identidade dos descendentes de imigrantes italianos. Santos (2004) vai além e comenta que, no momento em que alguns descendentes de imigrantes italianos ascenderam economicamente, passaram a se orgulhar de suas origens e, mais que isto, passaram a considerar-se superiores aos demais brasileiros (SANTOS, 2004).

2.6 Desigualdades econômicas e diferenças culturais

Os trabalhadores que acorrem à demanda das indústrias em crescimento na Serra Gaúcha emigram de um ambiente em iminente declínio econômico. Os comportamentos de aventura, cordialidade, hospitalidade e valorização da vida fora do cotidiano são parte do universo dos recém-chegados em permanente tensão com as dinâmicas do ambiente fabril de Farroupilha.

As interações entre sujeitos de distintas localidades colocam em negociação comportamentos e valores estreitamente vinculados às práticas de trabalho que, relacionadas a noções identitárias, os organiza em brasileiros, pouco trabalhadores, e ”gringos”, muito trabalhadores. As estereótipias acionadas e embasadas nos discursos hegemônicos agem no sentido de englobar os sujeitos das distintas regiões com a ideia de uma homogeneidade que aparentemente oculta as diferenças e contradições internas a cada grupo, assim como assentam certas condições para as possibilidades de transposição das fronteiras erigidas entre eles.

Sob as noções de trabalho e pertencimento acionadas pelos moradores mais antigos, as interações com os recém-chegados atualizam noções de pobreza/riqueza, atraso/progresso,

tradicional/moderno, pessoa/indivíduo, gaúcho/italiano, brasileiros/gringos. Tais noções adquirem sentido nessas interações quando as pessoas, dependendo da situação vivida e posicionadas identitariamente, acionam para se colocarem (ou não) em ação. Essas interações assim traduzem, em muitos momentos, os embates travados nas transformações vividas entre um mundo tradicional, não industrializado, para um mundo fabril moderno, pensando que, se há uma relação entre as formas históricas de produção e algumas qualidades, essa relação não é mecânica, uma vez que os sujeitos são históricos e ambíguos (WOORTMANN, 1988).

As negociações simbólicas entre descendentes de imigrantes italianos urbanos e descendentes de imigrantes italianos migrantes do meio rural (colonos) logo se expandem às disputas com sujeitos de localidades não relacionadas à colonização. A multiplicidade de elementos e as complexas nuances dos estatutos desses elementos são constituintes das tensões dessa coletividade que se alinha em torno de práticas de trabalho que se destacam no cenário regional.

As concepções das diferenças econômicas e culturais entre a região nordeste e as demais regiões do estado circulam entre os moradores de todo o Rio Grande do Sul, permeando as noções construídas sobre os outros e de si próprios diante dos outros. O contexto da industrialização, ao atrair a mão de obra entre os sujeitos das regiões com pouca oferta de trabalho, vai colocar no interior da região próspera, sob a hegemonia das noções de um dos grupos, as interações entre esses sujeitos trabalhadores, onde podem ser observadas as relações de poder e as disputas simbólicas.¹⁶

Seu Carlos tem suas memórias, de quando vivia em Rosário do Sul (lá “na fronteira”), repletas de imagens referentes ao meio ambiente, a elementos históricos e a qualidades morais do tipo social-modelar daqueles que habitam os municípios da “fronteira”. Com essas narrativas, ele se diferencia dos descendentes de imigrantes italianos ao se identificar como gaúcho:

Eu? Eu sou da fronteira, gaúcho, tu sabes como é. Aquela coisa da gente de lá! [...] Eu hein? Eu já fui até peão de estância: quando gurizote, trabalhei com gado. Aquele frio saía quebrando geadas. Ah! Mas que lindeza, naqueles campos verdes, vendo o sol nascer por trás dos morros. Era uma vida difícil! Muito trabalho, pouco dinheiro... Difícil, mas sempre cheio de amigos, amigos mesmo, daqueles que se sabe que pode contar na hora do aperto. Nós somos assim, lá na fronteira é tudo

¹⁶ É importante salientar que a figura do gaúcho – com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, chimarrão, tipo social livre e bravo (OLIVEN, 2001, p. 98) - é motivo de admiração entre os descendentes de imigrantes italianos. E é a esta figura que os recém-chegados se vinculam quando se dizem pertencentes a uma identidade da fronteira. No entanto, nas relações travadas entre os sujeitos dos distintos grupos em Farroupilha, observa-se que os recém-chegados têm a identidade silenciada, eles não são recebidos pelos moradores mais antigos pelas percepções do que eles pensam ser os ‘gaúchos’. Os recém-chegados são chamados a interagir a partir das características do “brasileiro” difundidas por Sérgio Buarque de Holanda (1997), colocando em tensão percepções do que é ser ‘brasileiro’ e ‘gringo’ e não ‘gaúcho’ e ‘gringo’.

gente de peito aberto, nossos sentimentos estão acima de qualquer coisa, estão acima do dinheiro! Temos estima pelos outros e por isso lá as pessoas gostam de comemorações, festa, essas coisas que ajudam a levar a vida dura do trabalho do dia-a-dia. [faz uma pausa e retoma] Na cidade, eu morava na vila, e [a] duas quadras da minha casa, já era tudo campo. Mais adiante, tinha um mato onde corria uma sanga, mas no verão era aquilo, né: final do dia todo mundo lá! Bueno, tu sabes, temos aquilo de ser faca na bota, mas isso é tradição, tá no nosso sangue, na nossa história, sempre em lutas. O gaúcho é homem de coragem. (Seu Carlos, reside em Farroupilha desde 1982, aposentado)

O ambiente a que o migrante se refere é o pampa, bioma¹⁷ que caracteriza a geografia do sul da América, presente, portanto no Brasil meridional, Uruguai e Argentina, mas faz uma cisão no mapa do Rio Grande do Sul sobre a qual se assenta a noção das metades norte e sul do estado. .

Habita este bioma o gaúcho que Seu Carlos idealiza em seu relato, o qual ele expõe em um quadro na parede da sua sala.



Figura 7: Imagem semelhante a um quadro pendurado na parede da sala de Seu Carlos

O quadro escolhido por Seu Carlos para decorar sua parede parece trazer muitos dos elementos vividos pelos recém-chegados na cidade de Farroupilha. A imagem constrói a figura idealizada do gaúcho na região pastoril bem típica da Campanha do Rio Grande do Sul. O cavalo, a passos lentos, não está se dirigindo à cidade; continua pela imensidão dos pampas,



¹⁷ Os biomas são classificados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como “conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria.” O Rio Grande do Sul possui dois biomas: o do Pampa e o da Mata Atlântica. O Bioma do Pampa é definido pelo tipo de formação campestre, com raros arbustos e pequenas árvores, predominância de gramíneas perenes, características da parte meridional da América do Sul, especialmente Argentina, Brasil (RS) e Uruguai. O mapa dos biomas converge para o mapa das duas metades do estado.

por esse “mundo velho sem porteira”, expressão com a qual Érico Veríssimo (1949) pontua a liberdade do gaúcho. O violão às costas é um indício de que a motivação do homem não é o trabalho e o compromisso, mas a festa.¹⁸ Estes elementos contrapõem-se aquilo que os recém-chegados referem como o estilo de vida que passam a ter na cidade de Farroupilha: uma vida urbana centrada no trabalho.

Encontrei muitos trabalhadores que, como Seu Carlos, romantizam a terra natal com saudosismo. Porém outros como o Sr. Francisco, um senhor de 66 anos que vive em Farroupilha desde 1981, parece viver essa transição com outra disposição. Ele conta que, quando chegou, sentiu muitas saudades da cidade que havia deixado, bem como dos amigos e da “lida no campo”, ou seja, do trabalho de peão de estância que fazia aos fins de semana.

Foi tanta a saudade que fui até lá e trouxe meus arreios e pendurei na porta da sala. Minha mulher quase me correu de casa por causa do cheiro a cavalo que impregnou a casa. Mas era disso que eu sentia falta... Do campo, do galpão, minha égua, meus cachorros... dos amigos do peito, falta assim, duma vida mais a vontade, mais verdadeira!” (Trabalhador fabril aposentado, reside em Farroupilha desde 1981).

Hoje, o Sr. Francisco está aposentado pela fábrica na qual trabalhou até um ano atrás e trabalha na empresa do filho, que oferece passeios a cavalo para turistas na localidade de Nova Sardenha, distrito rural de Farroupilha. O conteúdo “gaúcho” sob a forma de negócio leva o senhor a comentar orgulhosamente a iniciativa do filho: “Viu só? Ele nasceu aqui, é filho de gaúcho mas já virou gringo, é empresário! [Fala empostando a voz para dar ar de maior importância ao termo] Só pensa em trabalho. Logo, logo vai enriquecer.”

Passar a compartilhar valores e comportamentos comuns entre os moradores mais antigos da cidade é, para os novos migrantes, aderir ao modo de vida dos “italianos”. O *ethos* local, visto como um impulso ao trabalho e constituído no processo da industrialização como atualização de práticas no modo de trabalhar e viver fabril, é diretamente vinculado aos primeiros colonizadores desse território. Assim não é incomum ouvir-se que a Serra Gaúcha é um “pedaço da Europa no Brasil”, diferenciando a região pelas características culturais – identificadas como não brasileiras – que permitem um potencial econômico fortemente inserido no capitalismo mundial.

A reorganização da economia mundial dos anos 50 incidiu sobre o Rio Grande do sul de forma a deslocar a hegemonia da atividade agropecuária desenvolvida principalmente nos municípios do sul para o setor industrial que progressivamente se expande da região

¹⁸ A festa é referida como momentos de alegria e divertimento, quando momentaneamente experimentam a ausência das regras cotidianas.

metropolitana de Porto Alegre em direção à encosta superior do nordeste do estado, colonizada por imigrantes italianos no final do século XIX. O território de características até bem pouco tempo agrárias hoje se apresenta como um conglomerado que reúne mais de trinta cidades (como será visto no próximo capítulo). O cenário de desenvolvimento e prosperidade de Farroupilha tem recebido milhares de pessoas, atraídas pela oferta de empregos, que se inserem nas dinâmicas urbanas em torno da ideia do trabalho.

3. CONSTRUINDO PAISAGENS



No capítulo anterior foram delineados aspectos econômicos e simbólicos que estão implícitos na emergência econômica da região da Serra Gaúcha. O processo de industrialização que dinamizou a região e a demanda de mão-de-obra cada vez maior levou a um expressivo aumento populacional que transformou as pequenas comunidades agrícolas de colonização italiana em centros urbanos modernos. No caso do município de Farroupilha, em cerca de vinte anos, sua população praticamente triplicou. Breves notas introduzem este capítulo para entender-se a expansão da cidade como resultante de etapas anteriores; que, ao se inserir no processo da industrialização, vai se organizando entre os moradores mais antigos e os recém-chegados. Observar-se-á a cidade enquanto espaço vivido, uma vez que as edificações “não se limitam apenas à estrutura física da cidade; ela transcende o conjunto de valores da coletividade e a maneira de solucionar seus desafios, gerando um estilo de vida urbano” (LORELEY, G; LEMOS, N., 2005, n.p.). Neste capítulo, toma-se como desafio lançar um olhar sobre a cidade enquanto “manifestação expressiva dos gestos humanos que lhe faz ascender a *status* legítimo de ‘espaço habitado’ graças a sua autonomia absoluta como espaço poético, repleto de história e das imagens a ela atribuídas.” (ECKERT; ROCHA, 2005, p.87)

3.1 As paisagens do lugar

Na medida em que se avança em direção à Serra Gaúcha, partindo da região metropolitana, pela RS122, pode-se observar a diversidade da agricultura nas diferentes colorações das plantações que, como retalhos, cobrem os morros. As matas nativas já são poucas, apesar de ainda ser possível enxergar, de quando em quando, entre angicos e erva-mate, a árvore mais característica do lugar: a araucária.

Aos poucos, a temperatura vai diminuindo, não deixando dúvidas sobre os 800 metros de altitude transpostos nos cerca de 100 quilômetros que separam a cidade de Farroupilha da capital. As altitudes não ultrapassam os 1300m, o que, num estado predominantemente plano como o Rio Grande do Sul, configura a Serra Gaúcha como o principal acidente geográfico (a serra do sudeste apresenta altitudes em torno dos 400m).



Figura 8: Paisagem da rodovia RS-122 que leva à cidade de Farroupilha. Fotos do diário de campo.

O clima da região é subtropical temperado, apresentando temperaturas mínimas em torno de 1°C no inverno e máximas de 32° no verão. Durante o inverno, as temperaturas ficam negativas, e a neve, cada vez mais rara, pode ocorrer geralmente em quantidades muito pequenas e em poucos dias dessa estação. Em anos recentes, as nevascas mais significativas em Caxias do Sul ocorreram nos anos de 1990, 1994, 1999, 2000 e 2006. Fortes geadas, contudo, são mais frequentes e nesses dias, até no interior das cidades, se aprecia a paisagem onde fica tudo “pintado” de branco devido à geada.

A cerração, isto é, um nevoeiro espesso, é um fenômeno bastante frequente na região, principalmente nas localidades mais próximas à encosta do planalto. Durante esses dias (que podem ser vários ou persistirem por toda uma semana) a visibilidade é reduzida a poucos metros, a ponto de não ser possível enxergar, da janela de um apartamento do sétimo andar, a rua que passa em frente ao prédio. Já nos meses de dezembro a março, as temperaturas são amenas, o que torna o verão na serra uma estação agradabilíssima. Nessa estação do ano, as manhãs são muito frescas, o que faz com que cheiro de mata nativa exale em plena cidade.

A paisagem do lugar vem se transformando muito rapidamente: montanhas, cachoeiras e matas nativas são avistadas entre grandes indústrias ao longo das amplas rodovias que interligam as cidades. Os prédios consolidam uma arquitetura, predominantemente vertical; as

ruas, extremamente limpas e com canteiros floridos, apresentam-se aos visitantes como contrastantes em relação a cidades de outras regiões do Brasil.

A intensa urbanidade e modernização hoje presente na região que tem o município de Caxias do Sul como polo é resultante das muitas fases que se sucedem desde o planejamento para a colonização realizada por imigrantes italianos. Por as cidades serranas compartilharem, de certa forma, de um mesmo processo histórico e econômico, apresentam muitas similaridades entre si.

A Serra Gaúcha foi colonizada por imigrantes provenientes da península itálica no final do século XIX¹⁹, quando transformações econômicas políticas e sociais importantes marcaram um período de intensa emigração europeia, principalmente em direção à América. A Unificação Italiana (*Risorgimento*/1871) foi um dos fatores que levaram a população da Itália, um dos países mais pobres e populosos da Europa, a integrar essa grande migração transatlântica. A eliminação de fronteiras políticas e aduaneiras intensificou a industrialização nas regiões do norte da península que, incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, excluiu do mercado de trabalho milhares de agricultores e artesãos. Motivados a deixarem suas localidades de origem, uma soma enorme de italianos partiram em direção ao continente americano, destinando-se principalmente para os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil.

Os estados do território brasileiro que receberam a maior parte desses imigrantes foram Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul. No sul, a colonização por imigrantes italianos foi uma continuidade de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que já vinha se utilizando da imigração para preencher os chamados “vazios demográficos” do sul²⁰.

Em 1848, o governo geral havia concedido terras para a colonização de imigrantes alemães na encosta inferior do planalto rio-grandense, entre os vales do rio Caí e do rio dos Sinos. Cerca de cinquenta anos depois, as terras contínuas a estas foram destinadas à imigração dos italianos. Desconsiderando a ocupação do local pelos índios caingangues, conhecido como Campo dos Bugres (nome dado pelos moradores do sul a esses índios), o governo declarou essas terras devolutas e enviou alguns bandeirantes para a retirada dos índios antes da chegada dos imigrantes. Os italianos obtiveram, através da compra, lotes de

¹⁹ Essa imigração foi intensa entre 1875 e 1914 quando eclode a II Guerra Mundial (DEBONI,1981).

²⁰ Juntamente com o objetivo demográfico, o projeto trazia uma questão racial que se preocupava em proporcionar um “branqueamento” da população brasileira (para que fosse aumentado o número de brancos no país, como pensava o governo imperial, incentivou-se a miscigenação dos imigrantes com a população mestiça a fim de “branqueá-la”).

terras que haviam sido demarcados²¹ sobre a acidentada topografia das escarpas do planalto rio-grandense.

Além de uma função estratégica e geopolítica de resguardar as fronteiras do sul, o projeto tinha como objetivo implementar um modelo econômico distinto do modelo predominante no país. Assim sendo, diferentemente das enormes propriedades existentes no resto do Brasil, ao traçar os lotes em pequenas propriedades, o governo direcionou os imigrantes para uma agricultura de produção diversificada, com mão-de-obra familiar (era-lhes proibido o uso da mão-de-obra escrava) e voltada para o consumo interno.

As primeiras colônias foram as de Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel, em torno das quais foram se desenvolvendo inúmeras comunidades. Nas zonas rurais, os imigrantes se reorganizaram socialmente reproduzindo espaços coletivos muito similares aos *paese* de onde provinham²². Na confluência das estradas onde construíram suas moradias, constituíram em torno da Igreja e da Casa de Comércio um espaço para o convívio dominical coletivo.

Nessas localidades, que ficaram conhecidas como Comunidades de Capela, os imigrantes inicialmente viveram em relativo isolamento das cidades do entorno. No início do século XX, diversas localidades já haviam prosperado muito, promovendo, com o auxílio da política republicana do estado, uma forte economia de mercado interno na região. Como salienta Pesavento (1983), o PPR, Partido Republicano Rio-grandense, foi a base da administração política na região, o que garantiu os Intendentes e suas propostas ideológicas de cunho positivista, a qual afirmava ser o Estado o responsável pelo progresso e pela ordem social. De 1910 a 1920, a economia regional diversificou a produção, crescendo de forma significativa com o comércio, carro chefe dessa prosperidade. Na década de 50, o contexto histórico e econômico nacional oportunizou o desenvolvimento da indústria nessa região e a intensificação das relações com outros grupos. As pequenas comunidades tornaram-se “verdadeiras catalisadoras do progresso, do mercado e da força de trabalho” (FROZI; MIORANZA, 1975, p. 65).

Nos anos 60, a Metalúrgica Eberle, localizada na cidade de Caxias do Sul representou uma das mais fortes indústrias da América Latina - e é este o aspecto que hoje mais caracteriza o lugar. Muitas indústrias, atualmente, projetam os municípios desse território ao nível nacional e mundial, como é o caso da Random, da Marcopolo e da Tramontina. A produção abrange diferentes setores como viticulturista, moveleiro, coureiro-calçadista,

²¹ Com a lei de terras de 1850, a terra foi transformada em mercadoria e cessou a distribuição gratuita para os imigrantes.

²² A paisagem das comunidades rurais espalhadas pelo terreno serrano impressiona turistas europeus, principalmente os italianos, pela semelhança com as zonas rurais conhecidas por eles em seu país de origem.

têxtil, metalomecânico, etc. Nesse processo de transformação econômica a "exoticidade" cultural de imigrantes e pobres, vinculada às atividades agrárias, passa a ser identificada nos novos empresários e em seus comportamentos e valores favoráveis ao desenvolvimento econômico que atualmente se observa.

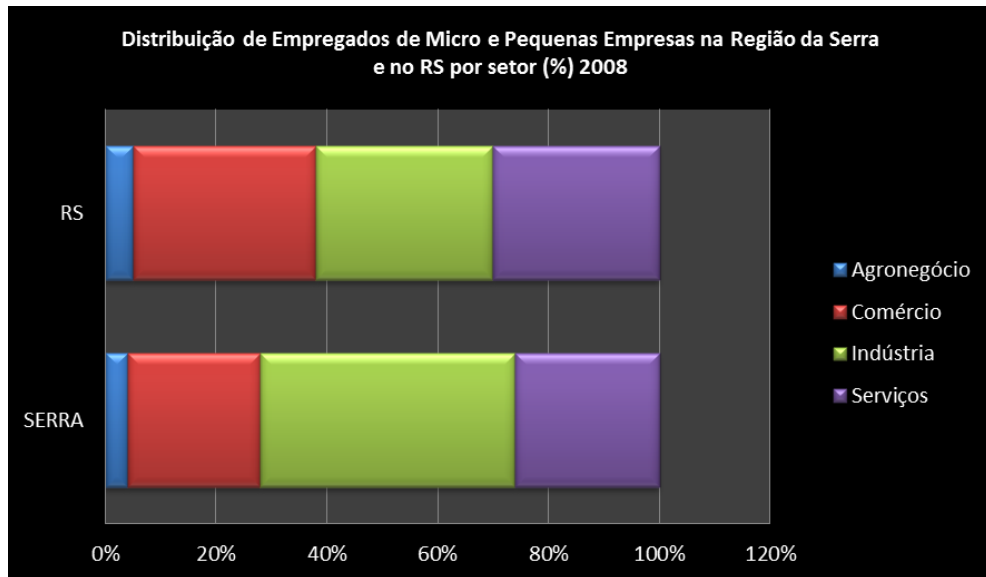


Figura 9: Distribuição de empregados de micro e pequenas empresas na região da serra e no RS por setor (%) em 2008. Fonte: IBGE 2010

A população total da região da Serra, atualmente, é de 762.924 habitantes, dos quais 639.729 urbanos e 123.195 rurais, o que corresponde a dizer que cerca de 80% das pessoas habitam as cidades. O município com maior número de habitantes é Caxias do Sul, com 360.419 (quase a metade da população de toda a região). É também o que tem a maior taxa de urbanização, com 92,50%, e o que sedia o maior número de indústrias, resultando, conseqüentemente, em mais oportunidades de trabalho e maior aumento populacional recorrente do fluxo de mão-de-obra. Em aproximadamente 50% dos municípios, a população urbana supera a rural mesmo não considerando o fato de que muitas famílias residem no meio rural, mas desenvolvem suas atividades no meio urbano²³.

O crescimento das cidades da Serra ocorre em função de ser esta a região, juntamente à região metropolitana de Porto Alegre, que abriga a maior concentração de atividades econômicas do Estado. O eixo Porto Alegre–Caxias do Sul e as cidades em seu entorno polarizam o setor industrial do Rio Grande do Sul, respondendo por 27,5% da economia

²³ Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul (<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/>).

gaúcha, que, no cenário do parque nacional, ocupa a terceira posição, atrás somente de São Paulo e de Minas Gerais.

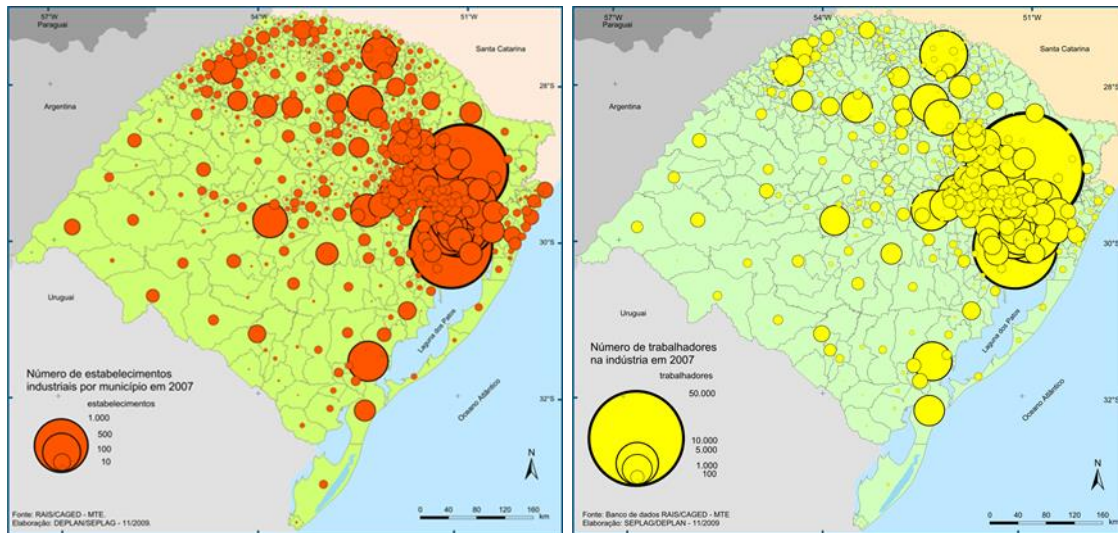


Figura 10: Empregos/empregados fabris no RS em 2007. Fonte: Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul.

Desde 1994, ano da criação do COREDE Serra (Conselhos Regionais de Desenvolvimento), que agregou trinta e um municípios em torno de Caxias do Sul, a região passou a ter a segunda maior concentração populacional do estado, obtendo o estatuto de Aglomeração Urbana do Nordeste do Rio Grande do Sul.

A nomenclatura atual dos municípios do aglomerado é um aspecto revelador da região no que tange a filiações políticas, a religiosidade e a diferentes fases que se sucederam no processo histórico do lugar.²⁴ Como se pode ver no mapa a seguir, a grande maioria das cidades possui nomes de santos (Santa Teresa, São Jorge, São Marcos), o que revela o vínculo que os moradores da região teriam com a religião católica. Há outras cidades que remetem ao contexto da imigração, o que se pode inferir pelas claras referências a localidades italianas em seus nomes, como é o caso de Nova Roma e Nova Pádua.

A presença de nomes indígenas, em alguns casos, tem relação com o fato de essas localidades terem sido elevadas a municípios durante o Estado Novo (1937-1945), época em que não eram tolerados estrangeirismos. Por exemplo, o nome de Monte Vêneto foi substituído por Paraí e, nesse mesmo período, surgiram as cidades de Guaporé e Guabiju.

²⁴ A toponímia histórica contextualiza os nomes dos lugares revelando a dinâmica da sua denominação e renominação no tempo e no espaço e as motivações e agentes político-culturais atrás desse processo.

O município de Garibaldi remete tanto à imigração quanto à Revolução Farroupilha, homenageando o “herói de dois mundos” que participou da Unificação Italiana e da revolta rio-grandense. A força e o ideário positivista do Partido Republicano Rio-grandense fica demonstrados nas denominações aos municípios de Flores da Cunha, Protásio Alves e Carlos Barbosa, membros do partido no início do século XX.

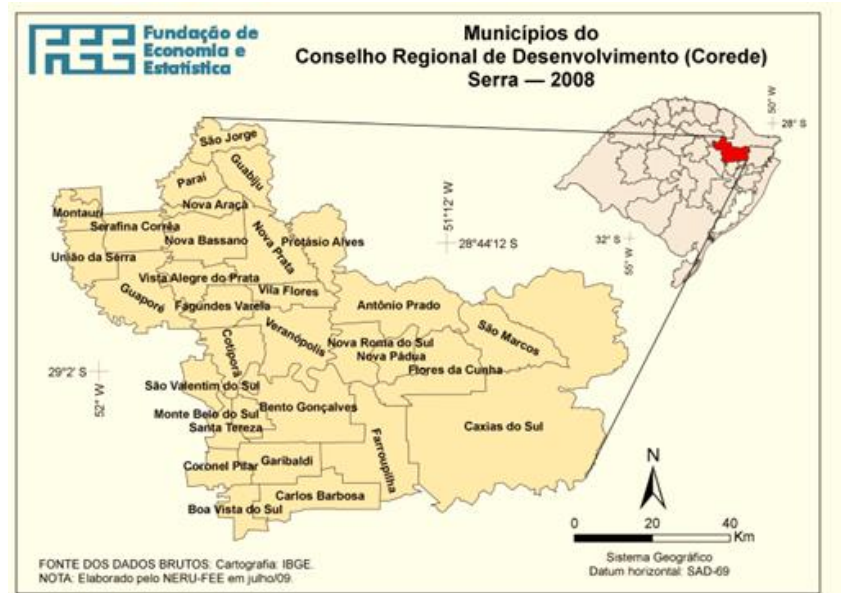


Figura 11: Municípios do Conselho Regional De Desenvolvimento (Corede) na Serra Gaúcha. Fonte: FEE

A preferência pelos heróis da Revolução Farroupilha, a qual fez parte do ideário desse partido revolucionário está presente em vários outros municípios como Bento Gonçalves, Coronel Pilar e Farroupilha. O município de Farroupilha foi criado por meio do decreto estadual 5.779 de 11 de dezembro de 1934 e assim denominado em homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha, que seria comemorado no ano seguinte²⁵.

3.2 A cidade vivida

Os índices socioeconômicos do município de Farroupilha são comparáveis à situação de localidades de países desenvolvidos. Segundo o PNUD, (Programa das nações Unidas para o Desenvolvimento) O IDH é 0,844²⁶, a expectativa de vida é de 74,1 anos, o analfabetismo é de 4,37% e a mortalidade infantil refere 12,89 por mil nascimentos.

²⁵ Cabe lembrar também que a substituição do nome da cidade tem relação com o cunho nacionalista da política varguista.

²⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um dado utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para analisar a qualidade de vida, com base na taxa de escolaridade, na renda e no nível de saúde de uma

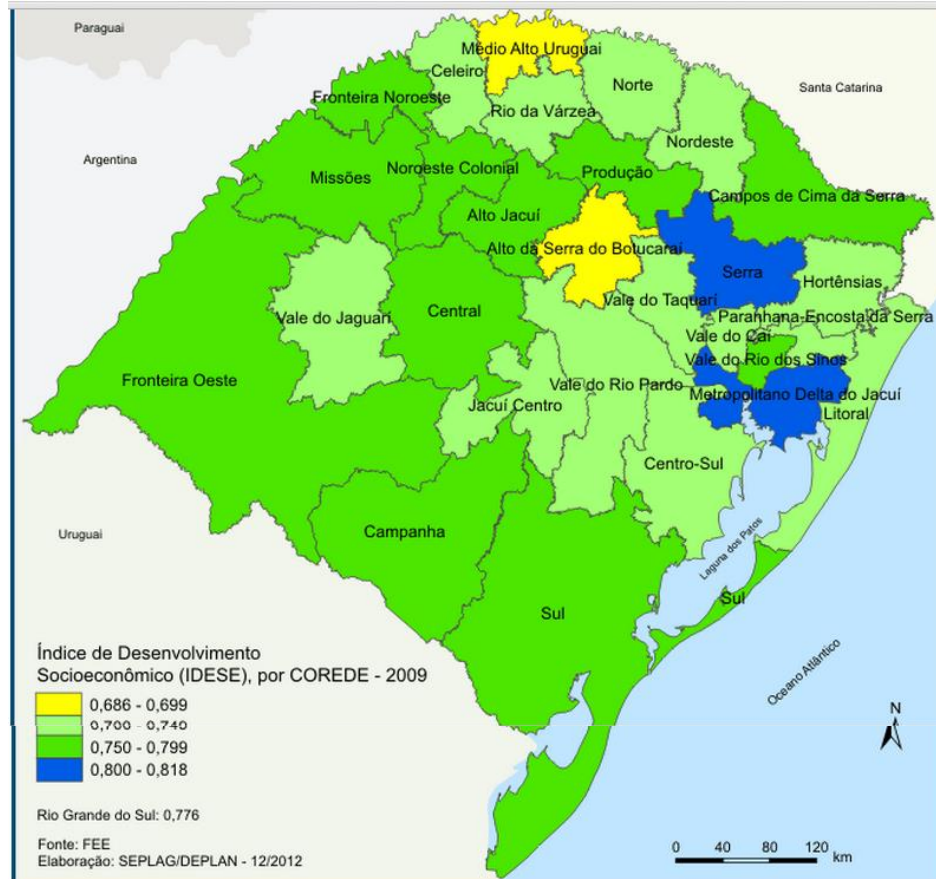


Figura 12: Índice de Desenvolvimento Humano no RS. Fonte: Atlas Econômico do RS

Como demonstra o mapa, o Rio Grande do Sul possui os melhores índices do país, e, dentre as cidades do estado, Farroupilha ocupa a 10ª posição no ranking do IDH. Quanto ao índice de retorno de Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), a cidade ocupa a 19ª posição: terceiro maior em arrecadação de ICMS na região, atrás de outras duas cidades da própria região: Caxias do Sul e Bento Gonçalves. É o maior produtor estadual de kiwi e o 4º maior produtor de uva do país. Juntamente com essas atividades agrícolas, Farroupilha apresenta uma forte economia nos setores secundário e terciário. Conta com 817 indústrias, das quais 205 são malharias, 29 metalúrgicas, 122 calçadistas e 34 moveleiras²⁷.

A cidade de Farroupilha, inicialmente, integrava a antiga Colônia Caxias e é tida como o "berço da colonização italiana" do Estado do Rio Grande do Sul, uma vez que o terreno no qual foi construído o barracão que abrigou os primeiros imigrantes é hoje o distrito de Nova Milano. Stefano Crippa, Tomazo Radaelli e Luigi Sperafico são os nomes lembrados para o

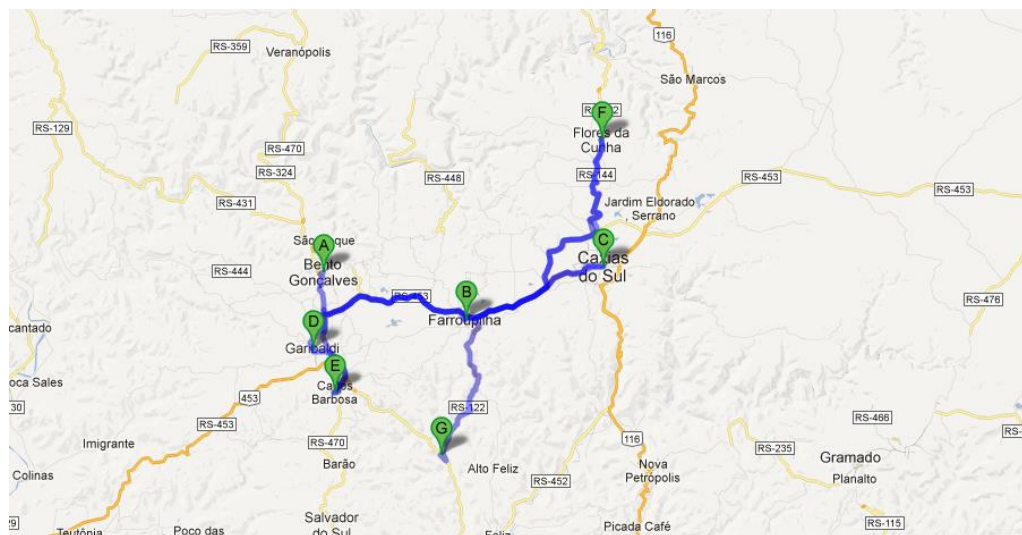
determinada população. De acordo com dados divulgados em novembro de 2010 pela ONU, o Brasil apresenta IDH de 0,73, valor considerado alto, ocupando o 85º lugar no ranking mundial.

²⁷ Dados fornecidos pelo relatório anual da Prefeitura Municipal de Farroupilha.

registro de um momento inaugural da colonização. Em maio de 1875, vindos da província de Milão, na península itálica, chegaram com suas famílias para escolher dentre os pequenos lotes que o governo brasileiro destinara a esses imigrantes.

Em 1934, as comunidades de Nova Milano e Nova Vicenza se fundem e originam o município que veio a denominar-se Farroupilha. Nesse ano, a cidade contava com “12.500 habitantes, 200 prédios construídos, 31 indústrias e 45 casas comerciais” (GIRON,2001, p. 18) e pouco mudou nos quarenta anos seguintes. Só a partir de 1971 a cidade começou a apresentar um crescimento expressivo, quando um grupo de empresários resolveu criar o Distrito Industrial, que incorporou o município ao desenvolvimento econômico industrial já crescente na região. Da década de 70 até a de 90, a população passou de 20 mil para 50 mil habitantes. A sensação expressa pelos moradores do núcleo urbano inicial é de que houve uma verdadeira invasão, um verdadeiro “divisor de águas” que transformou a pequena “comuna vêneta” em uma “dinâmica cidade”²⁸ que hoje integra o aglomerado urbano em torno da cidade de Caxias do Sul.

A sede urbana do município de Farroupilha está localizada a oeste de Caxias do Sul – distante 14 km- e a leste de Bento Gonçalves – distante 23 km -, sendo também muito próximo de Garibaldi, Carlos Barbosa e São Vendelino. A proximidade geográfica e a franca circulação dos habitantes por esse conglomerado urbano colocam as cidades em situação de complementaridade umas em relação às outras²⁹.



²⁸ As expressões entre aspas foram tomadas do deputado Victor Faccione, que as utilizou em um jornal local ao se referir às transformações ocorridas na cidade de Farroupilha. (O Farroupilha de 31/maio/1996.)

²⁹ Desde 1998 está implementado um pedágio que interfere no livre acesso à cidade de Caxias. Dizem que os comerciantes o apoiam no sentido de reter o consumo em suas próprias cidades.

Figura 13: Os trânsitos dos moradores segundo relatos desenhados sobre Google mapas.

Muitos moradores de Farroupilha cotidianamente circulam num eixo que extrapola as fronteiras da cidade em itinerários que se estendem aos distritos ou mesmo que se dissipam por outros municípios.

Mesmo sabendo da existência de pessoas nascidas ou residentes há alguns anos em Farroupilha que não conhecem as cidades vizinhas, foram encontrados, no decorrer da pesquisa, diversos moradores da cidade que trabalham nos municípios vizinhos. Também há casos em que o deslocamento é inverso. Na Compax, por exemplo, um dos funcionários do setor administrativo vem diariamente de Caxias para trabalhar. O supervisor do setor de corte relatou que sua esposa é funcionária pública em Garibaldi, o filho de uma costureira está fazendo faculdade em Bento Gonçalves, a mãe da jovem do setor de conferência faz tratamento de saúde em Caxias do Sul, enfim, são muitas as razões que levam as pessoas a transitarem pelas diferentes cidades levando-as a essa noção de habitar uma região. “*Morar em Farroupilha é morar na Serra*”, disse-me uma vez um trabalhador para se referir ao fato de que ali se habita uma região.

3.2.1 O espaço ocupado

Os moradores vêm vivendo as transformações – urbanização, modernização, crescimento demográfico gigantesco - muito abruptamente. Os aspectos arquitetônicos dos momentos iniciais de implantação dos imigrantes italianos estão sendo rapidamente substituídos por prédios de muitos andares. Os característicos chalés de madeira, adornados com seus artísticos lambrequins e com porão de pedra, praticamente só existem em reconstruções dirigidas à exploração turística.³⁰

³⁰ A cidade de Farroupilha apresenta um forte fluxo de turistas em busca das malhas, produto que emblematiza a produção industrial da cidade. Ao lado do turismo comercial, também há um turismo religioso com a festa anual de Caravaggio. E também devo considerar a atração de turistas em duas festas que integram o calendário do município em anos alternados: a festa do kiwi (feira de produtos produzidos na cidade) e o ENTRAÍ (Encontro de Tradições Italianas) – festa em comemoração as tradições dos primeiros colonizadores em praça pública no distrito de Nova Milano, marco da chegada das primeiras famílias nessa região.



Figura 14: Detalhe: chalé demolido na década de 2000 na cidade de Farroupilha. Fonte: Fotos do caderno de campo

O que predomina, atualmente, no centro da cidade, é altos edifícios (recentemente, houve uma reorientação no plano diretor da cidade para limitar o número de pavimentos nas novas construções). Mesmo que o fluxo migratório seja, desde a saída da Grendene,³¹ na década de 1990, mais moderado que nos anos iniciais da industrialização, é impressionante a quantidade de construções que, constantemente (muitas vezes, a cada semana que passa) são erigidas. Estas modernas construções são orgulhosamente descritas pelos moradores que, ao indicarem um endereço, sempre se referem ao nome dos prédios, o que soa mais do que uma valorização, mas uma verdadeira personalização destes. “*É no Bender*”, dizem, *para fornecer o endereço. Ou ainda, “eu moro no Portal do Sol, aquele mais alto”*.

A planta inicial da cidade que hoje corresponde ao núcleo central foi traçada com o característico reticulado das cidades gaúchas (RHODEN, 1999) e, como se estendeu ao longo do traçado da linha férrea, não traz a tradicional configuração de “prefeitura, igreja e casa de negócios”, que conformava as comunidades de capela.

Os nomes das ruas mais centrais da cidade “silenciam” as referências trazidas com a imigração e a colonização, o que evidencia a influência nacionalista do período em que foram

³¹ Grendene é uma indústria calçadista que esteve vinculada à inicial dinamização econômica do município de Farroupilha e que foi nas décadas de 80 e 90 a maior empregadora da cidade e que no final dos anos noventa transferiu as unidades produtivas para o Ceará.

abertas, quando as pessoas eram pressionadas pelo Estado Novo a deixar de lado os estrangeirismos³². Resulta que Farroupilha, a área central, no que diz respeito às nomações das ruas, não difere em nada ou muito pouco de qualquer cidade brasileira.³³ Os nomes das ruas mais centrais remetem a figuras nacionais, como, por exemplo, Barão do Rio Branco e Marechal Deodoro. Outras trazem para a memória da cidade políticos rio-grandenses ligados às colônias, como Feijó Júnior³⁴, ou ao desenvolvimento das colônias, como é o caso da rua principal de Farroupilha, Coronel Pena de Moraes, nome em homenagem a um intendente de Caxias do Sul na década de 1910. Na rua Cel. Pena de Moraes estão as principais agências bancárias da cidade, o correio, o clube social, a biblioteca municipal (antiga prefeitura): tudo em cerca de três ou quatro quarteirões. A alguns quarteirões mais além destes, nessa mesma rua, está construído o cemitério³⁵.

Os momentos solenes, as manifestações oficiais e públicas como o Desfile da Pátria, evento organizado pelas escolas, e o Vinte de Setembro, quando desfilam os CTGs da cidade, recentemente incorporado ao calendário da cidade por possível influência dos citados recém-chegados, e a Gincana, festa popular que emociona a população da cidade, acontecem nessa rua.

Essas comemorações, até pouco tempo, realizavam-se na Rua Júlio de Castilhos, a única rua que não obedece à retilínea configuração de ruas da cidade. Isto porque essa via era, originalmente, um trecho da antiga estrada que ligava Porto Alegre à Vacaria. Hoje, a "Júlio" tem, na extensão de dois quarteirões, as calçadas alargadas, o que provoca um estreitamento da parte destinada ao trânsito de automóveis. Esse trecho é chamado pelos moradores de "calçadão". Essa conformação da rua que se propõe a dar mais espaço aos pedestres, mas que ainda permite a presença de automóveis, remete ao papel que o automóvel ocupa entre os moradores da cidade.

³² Nesse período muitos logradouros tiveram seus nomes trocados em virtude do nacionalismo varguista. Vários deles, posteriormente, voltaram a adquirir os nomes originais, sendo conhecidos pelos dois nomes. É o caso do distrito de Nova Sardenha, por muitos ainda denominado de Caruara.

³³ O mesmo não se evidencia em cidades menores, ou que ficaram inacessíveis no período de expansão das colônias. Por exemplo, em Antônio Prado as ruas trazem nomes de figuras locais de origem italiana.

³⁴ Feijó Júnior foi o bandeirante responsável por afugentar (eliminar) os indígenas que habitavam as terras nas quais foram traçadas as colônias destinadas aos imigrantes.

³⁵ Todas as instituições do poder público dessa rua – o que vale para muitas outras – foram erigidas em terrenos doados pela família Fetter. O caso do cemitério causou muita polêmica, uma vez que à família doadora e a todas as outras luteranas ou de origem alemã, foi proibido enterrar seus mortos em chão católico. Assim, há uma separação que determina uma área a cada crença.

3.2.2 "O som ao redor"³⁶

Farroupilha tem uma projeção urbana francamente orientada ao automóvel. Sua valorização aparece em muitos elementos como: a existência de muitas revendedoras, a grande quantidade de postos de gasolina na cidade e as inúmeras lavadoras e mecânicas de carros. O site do Jornal "O Farroupilha", acessado entre os anos de 2008 e 2009 trazia como segundo dado informativo da cidade, depois de colocar a área do município, o número de veículos e a densidade pessoas/automóveis, que é de 1,6 automóveis por pessoa. Este número é duas vezes maior que a relação existente em São Borja, cidade gaúcha que tem o mesmo número de habitantes e que está localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

As ruas centrais são asfaltadas, bem sinalizadas, controladas por semáforos e monitoradas por câmeras. O trânsito é uma preocupação central na administração pública, como está publicado em relatório municipal de 2001.

Observa-se uma velocidade dos veículos acima da recomendada, praticada pelos próprios farroupilhenses, em várias ruas e avenidas de grande movimentação de pessoas, como a Coronel Pena de Moraes, a Rua da República ou a Júlio de Castilhos. Das poucas faixas de segurança existentes, raros são os motoristas que dão preferência ao pedestre, como não é raro observar veículos estacionados sobre elas. (Relatório Municipal 2001, p41, Arquivo da Biblioteca Municipal de Farroupilha)

A cidade conta com um espaço para o esporte do automobilismo. O Kartódromo "Internacional César Francischini - Farroupilha Kart Clube", localizado no bairro Cinquentenário, possui uma pista de corrida de mil metros de extensão e é palco de diversos campeonatos brasileiros de kart. Farroupilhenses, envolvidos nesse esporte, consagram-se campeões em corridas de automóveis e representam a cidade pelo país. Fora das pistas, os empresários mais bem-sucedidos da cidade ostentam automóveis, verdadeiros ícones que circulam nas ruas e no imaginário dos moradores. Um exemplo disso foi a Maclaren³⁷ de um empresário, a qual eu tive oportunidade de ver transitar por uma rua da cidade, que causa verdadeiro rebuliço quando passa.

Uma história que os moradores gostam de repetir conta o caso de um empresário que certa vez adquiriu uma Ferrari.³⁸ Certo dia, pediu a um de seus assessores que transportasse o

³⁶ No momento em que escrevia este texto, entrou em cartaz um filme com este título, no qual os sons da cidade são trazidos para o centro do drama como mais um personagem. Este fato contribuiu para a escolha da expressão neste ponto.

³⁷ *McLaren Automotive* é uma fabricante britânica de automóveis de rua com tecnologia da Fórmula 1.

³⁸ Ferrari é o nome da indústria italiana de automóveis de alto desempenho direcionados tanto à competição como a automóveis esportivos.

automóvel até sua casa e, pelo desconhecimento desse sujeito, houve uma pane no carro. O empresário teve que trazer um mecânico da Itália para resolver o problema. A valorização do automóvel não se atém ao mundo masculino em Farroupilha, muitas vezes, entre mulheres moradoras mais antigas da cidade, é possível se surpreender com as conversas sobre motores, manutenção e outras coisas relacionadas a automóveis.

Estes são fatos e histórias que evidenciam o papel que o automóvel – o estar motorizado e a possível relação com a mecanização fabril e com o papel da máquina como signo da modernidade³⁹ – ocupa entre os moradores da cidade e que podem ajudar a compreender as ruas centrais cotidianamente engarrafadas nos horários de início ou fim de expediente quando conflui o trânsito de entrada e saída das escolas, das empresas e abertura e fechamento do comércio em geral. Enquanto que, nas calçadas, não se pode afirmar que o movimento de pedestres seja intenso em algum momento, o que os moradores explicam afirmando que “aqui ninguém anda a pé”⁴⁰.

Nesse contexto, observa-se que o motor dos automóveis em funcionamento é o ruído que interrompe os silêncios da cidade. É comum ouvir os condutores acelerarem seus carros para explicitar o vigor de suas máquinas⁴¹. Isto não parece incomodar os moradores mais antigos, que, ao ouvirem o motor, apressam-se em mostrarem-se conhecedores do modelo, da sua potência e assim por diante. Tive a chance de presenciar isso quando, certo dia, encontrei um supervisor da Compax no centro da cidade e parei para lhe cumprimentar. Enquanto ele me explicava estar ali a caminho do médico, passou um desses automóveis acelerando de forma a não permitir que continuássemos nosso assunto. Após ter passado o carro, voltamos a falar e comentei sobre o ruído, ao qual ele me respondeu: “Sim, esse carro é uma beleza, chega a 120 Km em poucos segundos, tem um torque invejável!”

O ruído produzido pelos carros é repleto de referências cognitivas e simbólicas entre eles dando sentido às vivências coletivas tensionadas nas transformações da cidade. Enquanto os moradores mais antigos de Farroupilha valorizam e reconhecem detalhes desses ruídos ou os naturalizam, a ponto de não se deixarem afetar dizendo que nem se dão conta disso, os

³⁹ Ainda vale salientar que o maior empresário da cidade até pouco tempo utilizava-se de um helicóptero para chegar a Farroupilha.

⁴⁰ A aquisição de automóveis entre os moradores da cidade é anterior ao “boom” do consumo desse bem devido a uma redução do IPI.

⁴¹ Tendo que renovar minha carteira de motorista enquanto morava em Farroupilha, fiz questão de participar do curso oferecido pelo Detran, ao invés de fazer a prova. Havia muitas pessoas nos quatro dias de aula, sinal que preferem frequentar o curso que prestar seus conhecimentos. Eu fiquei impressionada o quanto esses condutores entendem de carros, aprendi muito com eles. Em contrapartida, fiquei chocada com o quão pouco eles sabem sobre legislação de trânsito.

recém-chegados referem certa perturbação ao serem expostos a esses ”barulhos”. Eles dizem que lhes causa sobressaltos, certo mal-estar, como refere um trabalhador:

[...] assim, de repente, aquele barulho, um carro arrancando e cantando pneus! Ai, não me acostumo... Sinto uma coisa no peito, um susto... Mas aqui ninguém dá bola; parece que gostam. [Diz fechando a expressão do rosto, com um tom de incredulidade e reprovação] Aqui é assim, isso é música pra eles. (Gerente de Produção, reside em Farroupilha desde 2005).

A referência à presença do som de motores como um “barulho” indica que aquilo que ele ouve não faz parte do seu repertório de sons classificados ou valorizados como algo agradável, como é a música para ele. O comentário também faz alusão à interdição que eles percebem existir em relação a outro tipo de sons, como o volume de músicas em festas, por exemplo. O médico do trabalho da fábrica conta que mora bem no centro da cidade:

Acordo todo o santo dia com um barulho infernal de uma máquina que limpa o meio fio das calçadas por volta das seis horas da manhã. Outra noite, acho que era umas oito horas, ouvi uma música, uma percussão em ritmo de samba que vinha do edifício em frente ao meu. Minha esposa foi até a janela bem surpresa, porque isso não é coisa que se escute por aqui. Ela ainda me disse ‘finalmente! Há vida no planeta’. Nesse meio tempo, ouvimos o barulho de outras janelas se abrindo e foi aquela gritaria, de ‘para com isso, não veem que estão incomodando! É isso! A máquina às seis da manhã ninguém reclama! (Médico do trabalho da Compax, reside em Farroupilha desde 1997).

As percepções sonoras permitidas e interditas, valorizadas e indesejáveis na cidade também apontam no sentido não só de prestigiar a modernidade que as máquinas lhes representam, mas também de afastar tudo aquilo que signifique o distanciamento das ações relacionadas ao trabalho.

A sonoridade da cidade está naturalizada pelos moradores mais antigos no som dos automóveis na rua, no ruído de máquinas funcionando ou no martelar da obra ao lado. O som permitido é o som do trabalho; a presença de música, o barulho de festas, são estranhados e constrangidos, demonstrando assim que os sons são elementos participantes das tensões vividas na cidade e que na pesquisa antropológica são mais uma fonte de “informações sensíveis das formas e arranjos da vida coletiva no teatro da vida urbana” (ROCHA, A. L.; VEDANA, 2009).

3.2.3 Os trânsitos para o trabalho

A circulação das pessoas nas ruas de Farroupilha limita-se ao deslocamento entre a casa e o trabalho. À parte desses momentos, a cidade se apresenta praticamente vazia. Os moradores, obviamente, saem para fazer compras, ir ao supermercado, ao banco durante a

semana, mas realizam trajetos objetivos e quase sempre de automóvel: eles não permanecem nas ruas ao acaso.

Um trabalhador recém-chegado conta que, nos primeiros dias em que se encontrava na cidade procurando emprego, cansado e com fome, sentou-se em um banco de praça para comer um lanche, quando foi surpreendido por policiais. Pediram-lhe identidade e carteira de trabalho, pois tomaram-no por vagabundo, por estar sentado em um banco da praça central em pleno horário de trabalho.

É importante também observar que as idas e vindas para o trabalho, na maior parte dos casos, são realizadas com transporte fornecido pelas empresas. Dessa forma, os trânsitos urbanos se dão sob o controle do empregador. O serviço de transporte coloca o trabalhador sob o domínio da empresa: mesmo antes de chegar à fábrica ele já “entrou no serviço”. Desde a parada do ônibus, os trabalhadores já estão em convívio com colegas e, muitas vezes, com seus superiores, fato que contribui para o controle sobre os trabalhadores também fora da fábrica, restringindo fatos que são comuns nas dinâmicas das ruas, isto é, possibilidades de dispersão e imprevistos. O transporte da firma, como eles chamam, trata-se, nesse caso, de mais um dispositivo de controle disciplinar que se expande para fora dos limites das indústrias de Farroupilha, o que reforça o tão propagado discurso de que em Farroupilha “*é só trabalho*”. Assim, ao passar pelas ruas, tudo parece estar marcado com o inconfundível “selo” da dinâmica fabril, fazendo coincidir os movimentos das pessoas com a urbanidade construída com o desenvolvimento econômico.

Não significa, contudo, que não existam lugares construídos para a vivência de lazer. Existem, no centro da cidade espaços arborizados e cuidadosamente ajardinados, que dispõem de bancos e brinquedos para crianças. Essas praças (três ao todo) estão localizadas no entorno de prédios públicos e tomam a referência desses lugares. Isto é, há uma Praça da Prefeitura, há a Praça da Matriz e a Praça do Clube do Comércio. Todas as três contam com um terminal para o transporte coletivo, principal motivo para o tráfego de pessoas nesses locais.

Farroupilha também possui o Parque dos Pinheiros, muito próximo ao centro. Trata-se de um parque que mantém uma área de mata nativa em meio a um complexo esportivo – quadras de tênis, piscina, pista de patinação e pista de corrida em torno de um lago artificial: um verdadeiro cartão postal da cidade. Muitas pessoas ocupam a pista de caminhada nos fins de tarde. No entanto, devido à densa vegetação que circunda o parque, os moradores tendem a considerar esse lugar “perigoso”, pois, supostamente, há a presença de marginais, “maconheiros”, o que torna o lugar pouco indicado fora desse momento criado para caminhadas.

Na cidade de Farroupilha, quase não há bares, e os poucos que existem não são frequentados pelas pessoas que desejam manter uma "boa reputação". Em uma das esquinas mais centrais da cidade, no prédio onde funcionava, antigamente, a rodoviária, há um restaurante e um bar sempre cheio de pessoas. Pode-se sentir um forte cheiro de fritura ao passar pela calçada e ouvir pessoas conversando em alto tom de voz. Isto chama a atenção, pois, este é um lugar que se diferencia muito dos lugares que os habitantes de Farroupilha se esforçam em divulgar. Dentro dos bares, é possível, a qualquer hora do dia, ver homens jogando cartas de baralho e bebendo vinho⁴², sempre na presença de mulheres sentadas às mesas com roupas extravagantes para o padrão da cidade. A presença do jogo e da prostituição no seio da cidade fabril sobrevive à antiga função que a rodoviária desempenhava de oferecer divertimento "urbano" aos colonos em trânsito pela sede urbana do município.

Os "colonos", agricultores da região, costumam "invadir" o centro de Farroupilha em determinados dias de fevereiro e início de março, período em que a cidade fica vazia devido às férias escolares. Nesse período, grande parte da população se transfere para o litoral gaúcho, onde muitos possuem casas. Nessa época, logo após a vindima, ou seja, a colheita da uva, excepcionalmente, as ruas da cidade apresentam um movimento maior, quando pessoas do meio rural, reconhecidas pelos moradores da cidade como colonos graças aos chapéus de palha de abas bem largas, aos tamancos nos pés e ao jeito de caminhar (MOCELLIN,1995). Nesses dias, o dialeto falado nos tempos iniciais da colonização volta a dar o tom das comunicações na cidade. Uma mistura do vêneto com o português que ficou conhecido, o *talian*, sabido ainda por muitos descendentes de imigrantes italianos, é trazido das colônias para um difícil entendimento com os balconistas, motoristas, vendedores em grande parte pessoas recém-chegadas, que não fazem a mínima ideia do que está sendo dito.

Embora os colonos pioneiros sejam valorizados nos discursos como exemplares em suas condutas de trabalho e perseverança, os moradores de Farroupilha, descendentes de imigrantes italianos urbanos, manifestam sentimento de desprezo pela estética dos camponeses, relacionando-a a pessoas "atrasadas". Passado esse período da safra, afastada a "incômoda" presença dos agricultores, a cidade volta-se novamente para a modernidade que os moradores tanto se orgulham.

⁴² A bebida é elemento presente nas disputas entre os estabelecidos e os recém-chegados. A estes últimos, é atribuído o estatuto de beberrões por ingerirem cerveja. Os estabelecidos com sentimento de pertencimento à italianidade que há no vinho, uma bebida típica do grupo, o oferecem sem considerarem ser uma ingestão alcoólica. Souza Martins (2008) pontua que o vinho seria uma bebida relacionada à mesa da família, enquanto a cerveja é uma bebida de balcão, dos espaços públicos.

3.3 A expansão urbana, as periferias

O processo de industrialização tem como consequência direta a urbanização diante da demanda de trabalho que se origina com as indústrias. Farroupilha, a partir da década de 1970, teve um grande aumento populacional como se pode observar no gráfico abaixo:

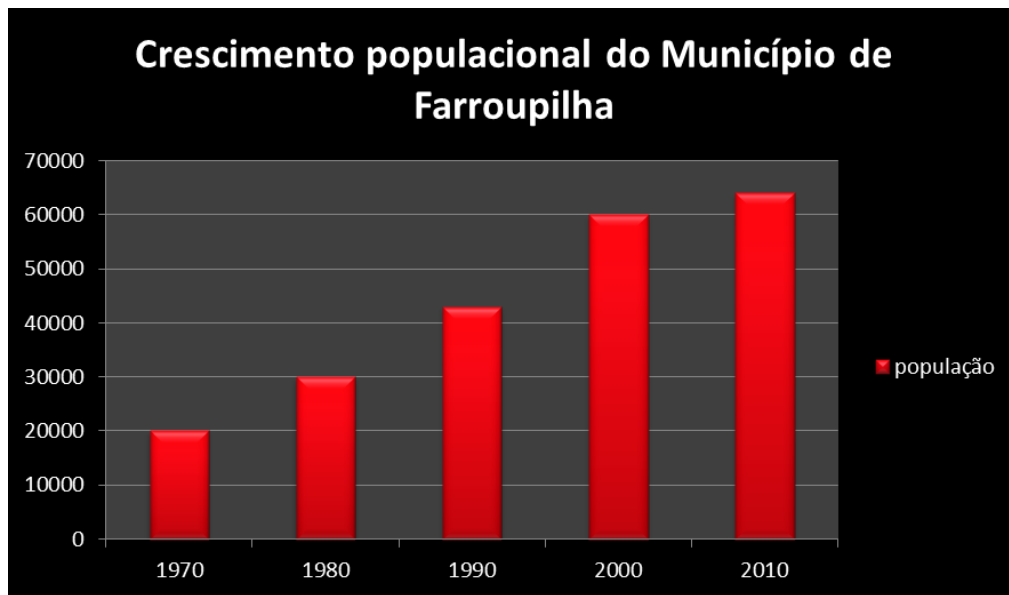


Figura 15: Crescimento populacional do Município de Farroupilha. Fonte: IBGE.

Diante do crescimento demográfico, foi necessária uma reorientação do planejamento urbano que seguiu, de alguma forma, a vertente progressista do urbanismo modernista orientada pelas propostas de Le Corbusier.⁴³ Igualmente a outras cidades brasileiras, assim como muitas cidades dos países subdesenvolvidos, as cidades serranas acataram as ideias de progresso sugeridas por esse urbanista que salientava a necessidade de ordenar e organizar logicamente a cidade em crescimento demográfico (NYGAARD, 2005).

Enquanto o centro vai tomando o aspecto vertical, com a substituição dos chalés de madeira por altos edifícios, a cidade se expande para fora da planta original dando lugar aos primeiros loteamentos dirigidos aos trabalhadores que chegavam a Farroupilha. Para atender o enorme fluxo de mão de obra que as indústrias passaram a demandar, os empresários e o poder público municipal se lançaram em esforços no sentido de não somente atrair trabalhadores, mas também a preocupação em manter-nos na cidade. Mario Gardelin, em matéria em um jornal da capital do estado, escreve sobre esse momento em Farroupilha:

⁴³ Arquiteto e urbanista francês foi um dos primeiros a compreender as transformações que o automóvel exigiria no planejamento urbano.

[...] foi inaugurado mais um bairro, composto de trabalhadores e que constitui uma das experiências mais bem sucedidas. O governo municipal comprou algumas colônias, loteou-as e vendeu-as aos operários radicados na cidade com, pelo menos dois anos de residência. Ao todo são 900 lotes. (Folha da Tarde 14/12/1979)

Visualizando o mapa da cidade, poder-se-ia dizer que são assentamentos uniformes, contínuos, tal qual um tabuleiro de xadrez. No entanto, o planejamento sobreposto ao terreno montanhoso apresenta-se em muitos e diferentes níveis que auxiliam a emergência de distinções e valorações entre locais, aos quais os habitantes, de acordo com seus projetos e interesses, incorporam significados (PARK, 1989, p. 32). Às vezes, devido às curvas de nível existentes, a distância referente a poucos quarteirões do centro são percebidos como grandes deslocamentos, o que causa a impressão de que certos lugares muito próximos são lugares ermos ou longínquos. Nesse sentido, pode-se observar que muitos dos bairros de trabalhadores estão separados do centro da cidade por meio de barreiras muitas vezes naturais que os afastam geográfica e simbolicamente do núcleo central.

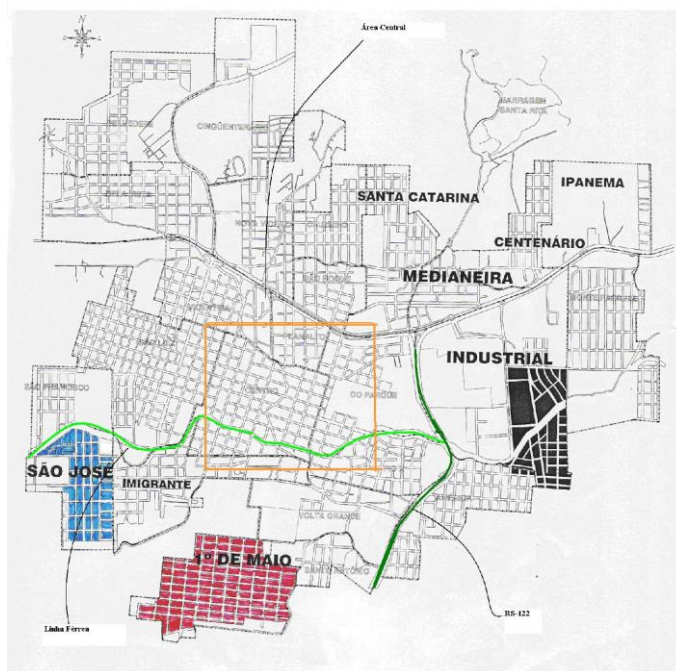


Figura 16: Planta urbana de Farroupilha. Fonte: Arquivo Secretaria de Desenvolvimento do Município de Farroupilha

Na década de 80, foram construídos três dos primeiros loteamentos operários que hoje são os maiores e mais presentes nas referências dos moradores da cidade. O bairro São José, o bairro Industrial e o bairro Primeiro de Maio, surgiram, todos os três, de loteamentos

destinados aos novos migrantes que chegavam para trabalhar. Isso é evidente também em seus nomes. Os bairros são assim denominados, como os moradores naturais de Farroupilha fizeram questão de relatar em momentos da pesquisa: “Industrial, como o nome já diz, homenagem aos que trabalham na indústria; São José, o padroeiro dos trabalhadores e Primeiro de Maio, uma homenagem ao dia do trabalhador.” (Secretário de Desenvolvimento e Turismo do município em entrevista concedida em outubro de 2007).

O bairro São José foi o primeiro a ser construído, em 1978. Atualmente, possui uma população de cerca de 4000 habitantes, segundo levantamento feito pela Secretaria Municipal de Habitação. Os moradores de Farroupilha referem-se a este como “o bairro mais problemático” da cidade, devido à associação entre seus moradores ao consumo e ao tráfico de drogas. Esse lugar também é lembrado pela sua extrema pobreza e pela presença de muitas pessoas negras, o que, até pouco tempo, era pouco comum na região. Isto faz com que alguns moradores expressem-se de maneira a dizer que este é “o bairro dos negros”.⁴⁴

O bairro Industrial foi traçado próximo ao Distrito Industrial e igualmente destinado a alojar os trabalhadores recrutados para atenderem a demanda de mão-de-obra das empresas farroupilhenses. Estimativas atuais conferem cerca de cinco mil moradores ao bairro. Diz-se que está assentado sobre um antigo lixão e que, por isso, vive a constante ameaça de uma explosão. Entre os moradores deste loteamento, muitos são recicladores, catadores de papel, e isto, às vezes, aparece nas descrições das pessoas, que o identificam como o “bairro dos papeleiros”. Entretanto, os moradores mais antigos de Farroupilha trazem mais fortemente a ideia deste bairro como um lugar de extrema violência.

O bairro Primeiro de Maio tem origem no loteamento feito para abrigar trabalhadores da Grendene e por isso localizado próximo a essa unidade industrial. O bairro ao ser lembrado pelos farroupilhenses traz imediata e exclusivamente a imagem de uma população constituída por pessoas vindas “de fora”, sem outras caracterizações como violência, drogas ou raça acionadas para falarem sobre os outros bairros. Como refere Elias (2000), quanto menor a desigualdade econômica – o que é uma realidade neste bairro – mais aparecem as desigualdades simbólicas⁴⁵.

⁴⁴ Os sujeitos recém-chegados são denominados de “pretos” pelos sujeitos que se vinculam à origem de imigrantes italianos, sem que necessariamente sejam indivíduos de pele negra. Os “pretos” são todos aqueles que não apresentam tom de pele claro, olhos claros e cabelos loiros.

⁴⁵ O Primeiro de Maio fora escolhido pela autora para a realização de sua pesquisa de mestrado, uma vez que este era o bairro que delineava mais diretamente a ideia de pessoas “de fora”, e não um problema social e econômico como acontecia quando as pessoas referiam-se aos outros dois bairros mencionados logo antes. Dois anos mais tarde, para a tese de doutorado, eu retorno, já familiarizada com as dinâmicas cotidianas do lugar, para

3.3.1 O “Primeiro de Maio” é do trabalhador

O Primeiro de Maio é, sem dúvida, o maior bairro de Farroupilha habitado por pessoas que não nasceram em Farroupilha. Segundo um levantamento realizado pelo Posto de Saúde do bairro, em 2007, moravam oito mil pessoas no bairro. Os moradores gostam de quantificar, às vezes exageradamente, a população que ali reside. Alguns afirmam que há 15 mil habitantes. Outros dizem que é impossível saber, ao certo, quantas pessoas vivem no lugar, uma vez que *“todo o dia está chegando mais gente”*. Caminhando pelos arredores do bairro observa-se a presença rotineira de retroescavadeiras e trabalhadores da prefeitura envolvidos em abrir, todo dia, novos quarteirões, evidenciando a contínua chegada de novos migrantes.

O Primeiro de Maio é muito próximo e facilmente avistado do centro da cidade. Localizado na encosta de um morro, suas casas aparecem como que “penduradas”, devido ao terreno íngreme em que se encontram construídas. Uma topografia que permite vê-lo de longe, tão perto. Ou tão perto, de longe. Na primeira vez que me desloquei do centro da cidade ao Primeiro de Maio, surpreendeu-me o enorme desnível no terreno a ser percorrido no sentido centro-bairro. Entre o bairro e o centro há um vale muito, o que torna também visualmente muito simbólica a separação entre os estabelecidos, o centro e os *outsiders*, o bairro evidenciando que a distribuição espacial como “periferia” não foi algo casual.



Figura 17: O bairro visto do centro e o centro visto do bairro. Fonte: Fotos do caderno de campo.

Para se chegar ao bairro toma-se uma via asfaltada ainda na parte central, se inicia uma via asfaltada direção ao vértice do vale, a via foi construída em curva de forma a amenizar um pouco o acentuado declive. O entorno deste percurso é coberto de mata nativa. No ponto mais baixo do vale há uma ponte de concreto sobre um pequeno córrego. Daí em

conviver com os trabalhadores da fábrica de calçados Compax, localizada nesse bairro, onde alguns deles já eram conhecidos meus devido à pesquisa anterior.

diante começa o aclave da via e o bairro propriamente dito. As casas se estendem ao longo da rua de paralelepípedos, em sentido quase vertical, cortada pelas ruas transversais até o topo do morro.

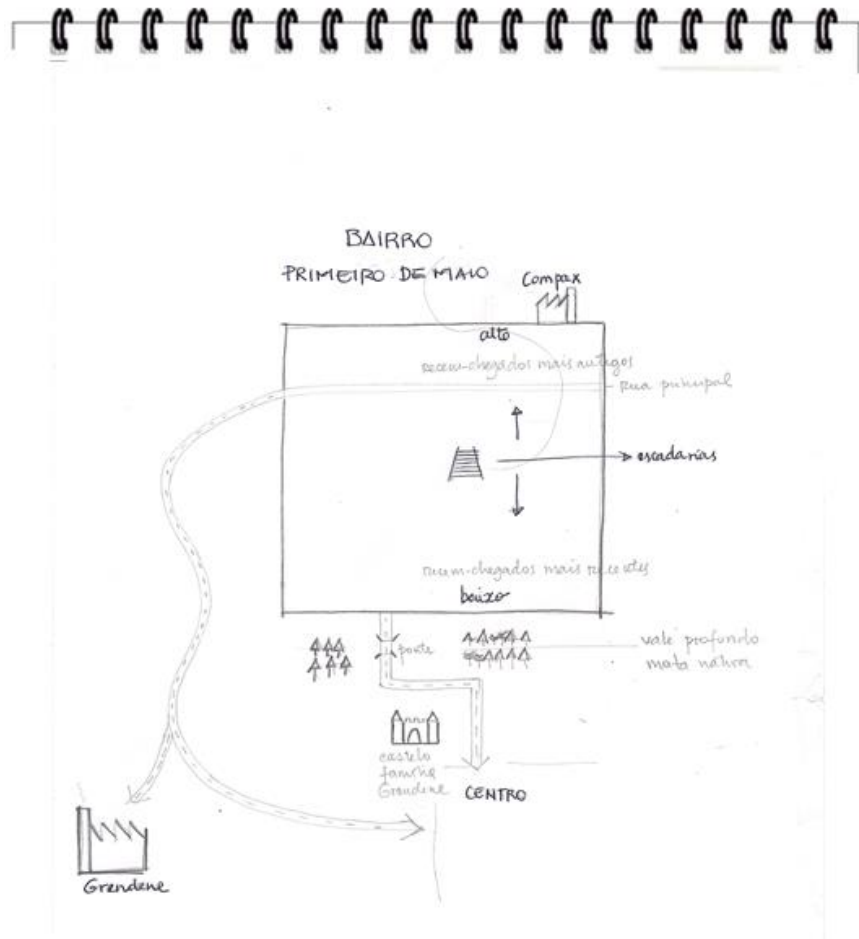


Figura 18: Mapa do Bairro. Fonte: Desenho no caderno de campo

É no alto do morro que fica o "centro" do bairro, ou seja, é onde estão construídos a Igreja, o Salão Comunitário, a Escola Municipal de Ensino Fundamental e o Posto de Saúde. Dois quarteirões adiante dessa rua, está localizada a fábrica de calçados Compax.

Essa paisagem, porém, só vai sendo compreendida na medida em que os próprios moradores evidenciam os usos e significados do espaço vivenciado. É a partir dos seus relatos que é possível compreender que o bairro não foi construído como extensão do centro da cidade. Ele foi construído distante do centro, porém, devido à contínua chegada de mais trabalhadores e à consequente e necessária expansão, este vem se tornando cada dia mais próximo do núcleo central.

Seu Carlos veio de Rosário do Sul na década de 80 (é um dos mais antigos moradores do bairro) e conta que havia somente duas ruas quando se mudou para ali: o resto era

composto ainda por vegetação. Hoje, as construções do bairro encontram-se no limite do vale que o separa do centro e constantemente retroescavadeiras abrem ruas para dar lugar às novas famílias que não cessam de chegar, apesar de o fluxo já ser bem menos intenso do que em outras épocas⁴⁶.

O loteamento, originalmente criado para dar guarida aos operários da Grendene, a qual está localizada proximamente, teve, até pouco tempo, seu acesso principal direcionado por esta fábrica, o deslocamento para a área central se dava através de outros bairros, tornando a trajetória bem mais distante. O caminho que liga o bairro diretamente ao centro da cidade, pelo íngreme vale, aproximou o bairro, até então distante dos serviços aí inexistentes, como farmácias, bancos e postos de gasolina, como relatam os moradores⁴⁷.

Diversas vezes passei de carro pelo vale e sempre via pessoas fazendo esse trajeto a pé. Na verdade, não são muitas as pessoas percorrem esse trajeto a pé, já que, segundo os moradores, é "muito perigoso". Esse espaço é tido por muitos farroupilhenses como um lugar onde se esconderiam "bandidos", ou o local usado pelos consumidores de drogas para se drogarem e as prostitutas para atraírem homens, enfim, "terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras liminares". (MAGNANI, 2003, n.p.)

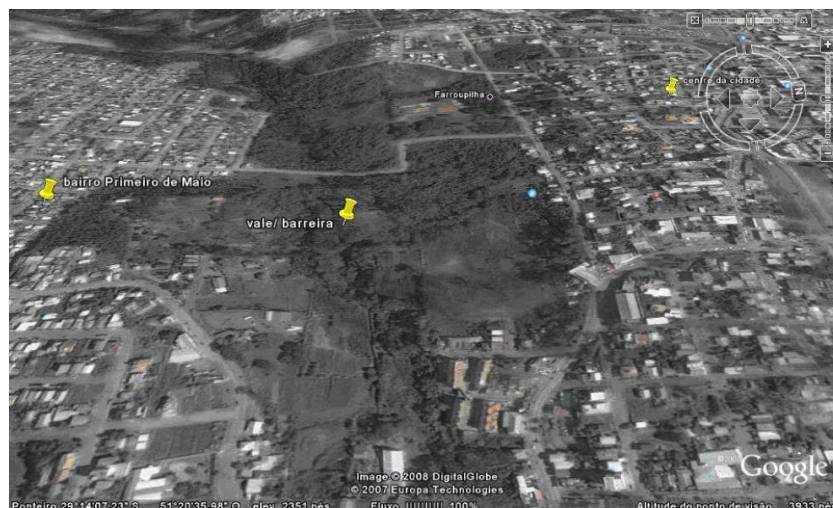


Figura 19: Vale entre o centro da cidade e o bairro Primeiro de Maio. Fonte: Google Earth

⁴⁶ Em fevereiro de 2012 a prefeitura divulgou “a construção de 300 apartamentos populares e outras obras importantes entre elas, a construção da praça no entorno do pátio da igreja e a abertura com asfalto entre as ruas Lino Zanonatto e Raineri Petrini. A nova praça terá espaço para lazer, academia de ginástica ao ar livre, além de ponto de internet. 25/02/2012 http://www.tvfarroupilha.com.br/noticia_ler.php?id=469 Acessado em maio de 2012.

⁴⁷ Quando retornei ao bairro em 2012 constatei a presença de um posto de gasolina.

Os arranjos territoriais que emergem em lugares “nobres” e lugares “ermos” não são ocasionais nas cidades; revelam histórias de ocupação e hierarquias entre seus ocupantes. O vale, espaço de vazio urbano, se configura como um “pórtico” (MAGNANI, 2003) que dá passagem a distintos universos simbólicos. Ou seja, uma barreira natural que delimita os territórios entre os recém-chegados e os mais antigos.

Hoje, os moradores do bairro que se encontram mais próximos ao centro da cidade, também são aqueles que estão mais próximos desse território liminar e, como o bairro cresceu do topo do morro em direção ao vale, esses moradores são os que chegaram mais recentemente. As pessoas que moram na parte mais alta do morro se sentem em situação de superioridade em relação aos mais recentemente chegados e esperam que estes se adaptem às suas normas, se “submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de ‘se enquadrar’” (ELIAS, 2000, p. 64-65) assim como eles tiveram que fazer ao chegar em Farroupilha.

Entre os recém-chegados, há um ambiente reflexivo que tende a englobar estes sujeitos sob a ideia de um pertencimento comum, os “de fora”, no entanto, em outros momentos a distintividade se singulariza, gerando e multiplicando fronteiras, como é o caso da ocupação do espaço do bairro. Devido ao acentuado desnível do terreno, em determinados pontos do bairro, foi necessário construir degraus em lugar da rua, para facilitar o deslocamento dos pedestres entre as partes mais altas e as mais baixas do bairro⁴⁸. Na medida em que o bairro foi crescendo, com a chegada ininterrupta de novos migrantes, as casas foram sendo construídas encosta abaixo. As escadas, construídas para facilitar o deslocamento dos transeuntes no terreno íngreme, são tomadas pelos moradores do bairro como um verdadeiro divisor que testemunha a ordem de chegada dos recém-chegados. Nessas construções, encontra-se ancorada a atribuição de uma superioridade aos moradores estabelecidos há mais tempo frente aos moradores mais recentes. Nos relatos dos moradores, aparecem referências de que os primeiros já tenham naturalizado os comportamentos ideais da nova sociedade. Os mais recentemente chegados, por sua vez, são vistos como aqueles que ainda interagem de maneira incompatível com padrões do lugar⁴⁹.

Dessa forma, encontra-se alicerçada, na concretude das escadarias, a clivagem existente entre os recém-chegados. As escadas são tomadas pelos moradores do bairro como indicadores de uma distinção simbólica entre os indivíduos que chegaram primeiro e

⁴⁸ Nessa porção mais baixa do morro, hoje foi construído outro posto de saúde e a Escola Municipal de Ensino Fundamental, que, à noite, dispõe de turmas de Ensino Médio e EJA.

⁴⁹ Essa reflexão vai de acordo com a teoria da interação de Goffman (2005).

ocuparam a “parte de cima” e os que chegaram depois e ocuparam os terrenos abaixo das escadarias: a “parte de baixo”. DaMatta (1997) comenta a oposição "em cima"/“embaixo” como uma sinalização “banalizada no universo social brasileiro” que exprime regiões sociais convencionais e locais.

Às vezes, querem indicar antiguidade (a parte mais velha da cidade fica mais "em cima"); noutros casos pretendem sugerir segmentação social e econômica: quem mora ou trabalha "embaixo" é mais pobre e tem menos prestígio social e recursos econômicos. Tal era o caso da cidade de Salvador no período colonial, quando a chamada "cidade baixa", no dizer de um historiador do período, "era dominada pelo comércio e não pela religião" (dominante, junto com os edifícios públicos mais importantes, na "cidade alta"). (DAMATTA, 1997)

Através das escadarias, os moradores se reconhecem e se diferenciam entre mais ou menos pioneiros ao demonstrarem sua maior ou menor assimilação ao “sistema” dali. A constituição de uma estrutura entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS,2000) aparece, em escala menor, dentro do próprio bairro, reproduzindo a relação de poder que vivem, em escala maior, frente ao grupo dos estabelecidos.

Saber que o Primeiro de Maio era identificado como um bairro habitado por pessoas vindas de outras regiões do estado e que estas se queixavam frequentemente do estilo de vida em Farroupilha pode sugerir que se trata de um local com dinâmicas distintas daquelas que organizavam o cotidiano do núcleo central. Pode sugerir que lá se encontrem muitas pessoas transitando, vizinhas conversando por cima dos muros, crianças correndo, som de música, cadeiras nas calçadas, enfim, a vida cotidiana “transbordando” para o lado de fora das moradias: migrantes buscando nas ruas o convívio deixado em suas cidades de origem. Espera-se encontrar as características dos bairros das cidades de outras regiões do estado onde as pessoas costumam manter relações pessoais muito próximas. Ou como consta nos trabalhos sobre vilas pobres de Porto Alegre, de Cláudia Fonseca (2004) ou, ainda, de Zaluar (2000), que descreve a intensa vida social de um calmo bairro de subúrbio no Rio de Janeiro:

Meninos correndo ou soltando pipa no telhado, donas-de-casa conversando no portão, homens jogando cartas na birosca, trabalhadores passando a caminho do trabalho e brincando com os conhecidos, os grupinhos na esquina, e tudo o mais que já foi eternizado para nós nos sambas compostos pelos artistas populares (ZALUAR, 2000, p. 10).

As dinâmicas da cidade que os recém-chegados atribuem a um estilo de vida particular de Farroupilha do qual procuram inicialmente se diferenciar estão igualmente presentes no Primeiro de Maio, o bairro onde a maioria dos moradores é “de fora”. O lugar extremamente silencioso, com poucas pessoas circulando pelas ruas, nada de concentrações de jovens pelas

esquinas e nada de crianças brincando nas calçadas, aponta para a contaminação dos recém-chegados pelas socialidades da cidade. O espaço público é ocupado pela população no início e final dos turnos, horários que correspondem aos turnos escolares e aos momentos referentes ao tráfego entre a casa e o trabalho.

De volta ao bairro, após a pesquisa de campo que realizara no mestrado, mesmo inserida na fábrica, continuei a caminhar pelas ruas do bairro, algumas vezes sozinha; outras, acompanhada de algum morador que estivesse fora dos momentos do trabalho na fábrica. Durante o inverno, o frio era às vezes intenso, e a presença da cerração, bastante comum. O fato de o bairro estar localizado no topo de um morro ao sul do centro da cidade expõe-no mais diretamente a este fenômeno. Segundo um morador, toda a vez que esfria nos terrenos inferiores, o ar quente sobe e condensa nos superiores. O frio e a umidade não são nada convidativos aos passeios ao ar livre. No entanto, muitas vezes me arrisquei a andar sob essas condições, quase sem enxergar o que se passava. Eu ouvia o martelar de homens trabalhando em construções e o barulho de vassouras pelas portas entreabertas, bem como sentia o cheiro das fumaças dos fogões à lenha. Eu percebia as pessoas que, por trás dos postigos das janelas, me observavam sem desejarem ser vistas. Muitas vezes, depois de alguns encontros com os moradores, eles revelavam que já haviam me visto andando pelo bairro.

Os novos migrantes que chegam para trabalhar em Farroupilha justificam-se do pouco uso que fazem das ruas dizendo que, em Farroupilha, eles se sentem constrangidos a se mostrarem sempre em função do trabalho. Conforme expressa Marília, dona de um mercadinho próximo à fábrica, a centralidade que o trabalho ocupa no cotidiano dos moradores mais antigos da cidade é impactante para ela.

“Eu fico vendo os vizinhos aqui da frente. Logo que almoçam é aquilo: onze e meia já tão almoçando, meio-dia a louça já ’tá lavada, já ’tá tudo limpinho. E final de semana lavam e areiam e lavam e areiam uma coisa assim, aaaaaai! [coloca as duas mãos na cabeça] Chega a ser doentio! Tu não vê eles sentarem na frente de casa. Não sabem parar! Eu chego a ficar nervosa!” (Marília, reside em Farroupilha desde 1982.)

O impulso ao trabalho é compreendido como condição do imigrante italiano e que se evidencia concretamente na prosperidade do lugar. Os comentários, nesse sentido, expressam que o “*gringo é trabalhador, basta ver a riqueza desta região.*” Para Tânia, que veio criança para Farroupilha e hoje trabalha no setor de costura da Compax,

Trabalho é coisa de “gringo”. Os “italianos” são muito mais trabalhadores do que nós. Lá na campanha... lá é só vagabundagem e pobreza;. aqui não: é trabalho direto. E se a gente quer melhorar, tem mais é que aprender com eles, fazer como eles. (Trabalhadora do setor de costura, reside em Farroupilha desde 1980).

Para a trabalhadora, o maior envolvimento com o trabalho, que ela reconhece nos moradores mais antigos da cidade, é uma característica inerente às pessoas com a origem dos colonizadores da região, isto é, imigrantes italianos e seus descendentes. A relação entre a “origem” da população e trabalho é amplamente difundida e fundamenta as noções mais comuns encontradas nas políticas públicas, nos debates informais e nas compreensões manejadas corriqueiramente sobre as regionalizações do estado.

3.3.2 Migrantes e trabalhadores

A ideia de relacionar uma disposição para o trabalho ao grupo de imigrantes que colonizou a região não é uma característica particular de Farroupilha. Existem muitos estudos sobre migrações que evidenciam condutas entre migrantes centralizadas no trabalho. Certamente, trabalho árduo, poupança, perspicácia, apego à família e à religiosidade, frugalidade, autocontrole e a “evitação” de excessos não são características exclusivas do contexto estudado: esses atributos estão presentes em muitos outros contextos. Em breve pesquisa de campo desenvolvida entre trabalhadoras brasileiras na localidade de São João do Estoril, na Grande Lisboa, percebi a motivação dessas mulheres para o trabalho. Essas trabalhadoras, todas jovens, associavam o trabalho como empregadas domésticas ao de faxineiras, balconistas, massagistas, acompanhantes de idosos, entre outros. A migração tinha como objetivo, para elas, melhorar a qualidade de vida, o que incluía não só o acesso ao trabalho e melhores salários - quase sempre refletidos para suprir a família que ficara no Brasil. Junto a esses objetivos mais claros, elas levavam diversas expectativas como conhecer a Europa, adquirir mais qualificação para o trabalho e sair de casa para uma vida independente da família. Todos os fins almejados requeriam muito trabalho, e era para isso que intensificavam a jornada de trabalho, exercendo as muitas atividades com muito mais motivação do que se estivessem nas suas cidades de origem, refletiam elas.

Igor Machado (2004) pesquisando brasileiras na cidade do Porto, em Portugal, demonstra a íntima relação entre trabalho e imigração através da constituição de uma “identidade-para-o-mercado”, ou seja, de estereótipos criados complexamente na experiência da imigração em busca de trabalho. Num outro eixo de análise, Rosana Pinheiro Machado (2007) observa que uma determinada apropriação da ética confucionista estaria impulsionando imigrantes chineses a viverem sob as noções de harmonia, trabalho árduo e poupança. Teresa Sales afirma que a marca identitária do imigrante brasileiro nos Estados Unidos é, de certo modo, uma reprodução dos imigrantes estrangeiros no Brasil, como é o

caso dos imigrantes italianos, considerados laboriosos em relação ao brasileiro nativo, tido como preguiçoso (SALES, 199, p. 184). Enfim, os estudos deixam transparecer o ato do deslocamento como incentivador do trabalho entre os imigrantes que migram com esse fim.

A intensificação das práticas de trabalho que envolvem outros comportamentos econômicos comuns entre estes migrantes encontram similaridades com as atitudes que Max Weber apontou como imprescindíveis à gênese e ao desenvolvimento do capitalismo. Weber observa que o surgimento e o sucesso do capitalismo requerem um novo estilo de vida para que, a partir daí, dirija-se no sentido de comprovar que a gênese dessa racionalização está em determinados conteúdos da fé religiosa. Dessa maneira, um nexos entre o *ethos* econômico capitalista e a ética racional protestante poderá ser considerado. Trabalho árduo, necessidade de poupar e de levar uma vida frugal afastada do ócio e dos excessos e a valorização da perspicácia para os negócios são comportamentos adotados entre os primeiros protestantes calvinistas como atitude ascética mundana, como meio de glorificar a deus no mundo. Isso leva o autor a afirmar que “tal mentalidade encontra realização no capitalismo, e o capitalismo o mais adequado impulso espiritual no protestantismo.” (WEBER, 2004, p. 145)

Diante de um contexto em que os habitantes demonstram forte vínculo com a religião católica, que segundo Weber tem como princípios exatamente aqueles que inibiriam o aparecimento do capitalismo, convém considerar outros princípios norteadores para a presença de tal racionalidade na cidade de Farroupilha. A partir das reflexões que os próprios envolvidos tecem sobre as suas vivências de envolvimento como o trabalho no processo da migração, evidenciam-se elementos importantes, no sentido de tornarem o trabalho o elemento central nas suas vidas. Isto lembra o pensamento de Weber quando ele admite as prováveis influências do exílio como contexto propício para transformações éticas. Para Weber, o distanciamento das pessoas de seus lugares de origem é favorável à constituição de uma ética do trabalho. Em uma nota de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, o autor afirma que: “[...] está absolutamente assente que o simples fato da mudança de pátria constitui um dos meios mais poderosos de intensificação do trabalho” (WEBER, 2004, p.172).

Nesse mesmo sentido, Hannah Arendt (2000) reflete sobre o papel da experiência do deslocamento como fato motivador do trabalho e estimulador à acumulação de riquezas pelos indivíduos.

A expropriação, o fato de que certos grupos foram despojados de seu lugar no mundo e expostos “de mãos vazias” às conjunturas da vida, criou o original acúmulo de riqueza e a possibilidade de transformar essa riqueza em capital através do trabalho. Juntos, estes dois

últimos constituíram as condições para o surgimento de uma economia capitalista (ARENDR, 2000, p.264).

Na literatura, inclusive, encontra-se esse nexos entre migração e trabalho. O poeta Paulo Leminsky assim se refere:

A mística imigrante do trabalho é uma mística contra o prazer, contra o corpo, uma mística de tipo puritano, calvinista, que reprime o prazer para canalizar as energias todas do indivíduo para o trabalho material. Ela começa na exaltação da sublimidade do trabalho. e termina na negação e na repressão da vida sensorial, do lúdico, do erótico...

Quando o imigrante chegou aqui, só tinha um meio de se dar bem; trabalhando, evidentemente. E, trabalhando, o imigrante elaborou para si, seus filhos e netos, uma ideologia centrada no labor.

Guardar todo o dia um pouco, para ter muito no dia da necessidade, é seu mote o lema bordado nas toalhas de parede, pelas operosas mãos das esposas, nunca ociosas. “Fazer economia” é amealhar. Reter, poupar. Assim se chega a uma ideologia da poupança: guardar é superior a usufruir. Inteligente é poupar, não desfrutar. O segurar, não o soltar. (PAULO LEMINSKY, FOLHA DE SÃO PAULO,20/jan./1998).

Atentando-se às abordagens mais amplas que axiam as migrações à intensificação do trabalho, procuram-se apontar, a partir da pesquisa etnográfica, as especificidades locais, tendo em mente que a emergência de um *habitus* se constitui na convergência de muitas variáveis em fluxo nesse contexto, que estão sendo agenciadas pelos trabalhadores do lugar.

O legado das experiências de trabalho dos primeiros imigrantes diante do desafio da colonização, sem dúvida, traz uma grande contribuição no sentido de colocar no cenário brasileiro outras noções de trabalho que não a associada ao modelo escravagista. A sobreposição dos fluxos migratórios que evidencia aos novos migrantes as possibilidades de ascensão econômica, a crença no mito do imigrante reforçada pelos discursos hegemônicos do neoliberalismo, e as pequenas (porém concretas) ascensões vivenciadas pela grande maioria dos trabalhadores, que possibilitam o acesso ao consumo antes fora do alcance, são algumas das questões presentes e que serão abordadas nos próximos capítulos.

Os recém-chegados ocupam as periferias a eles destinadas estranhando o estilo de vida do lugar. Aquilo que chamam “sistema daqui”, que vinculam aos “italianos” não deixa de ser, hoje, o próprio estilo de vida por eles agora adotado. As queixas dirigidas aos “italianos” são, na verdade, queixas sobre as próprias condutas que vêm desenhando a paisagem da cidade delineada em feições que são as estratégias de vida de seus habitantes. As transformações vividas na cidade de Farroupilha, considerando a intensa urbanização que respondeu a uma expressiva migração interna em busca de empregos, encontram-se consubstanciadas em dinâmicas urbanas marcadas pelo controle do trabalho fabril. É da fábrica que emanam o ritmo, o som e o tempo de andar nas ruas de Farroupilha.

4. O COTIDIANO DA PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DO COTIDIANO



Este capítulo assenta-se em uma minuciosa observação das pessoas trabalhando no ambiente fabril. Serão observados os trabalhadores em atividade, sem se restringir apenas aos setores administrativos ou aos setores produtivos (mesmo que esses predominem nas análises). O objetivo será, assim, procurar entender a fábrica como um microuniverso que se constitui enquanto organização de trabalho, ao mesmo tempo em que a cidade emerge em dinâmicas fabris. Na diversidade do setor industrial que hoje compõe o cenário econômico de Farroupilha, a indústria calçadista se constitui como “porta de entrada” para os recém-chegados. É por meio dos estranhamentos destes indivíduos que, neste capítulo, serão tecidas as reflexões acerca das experiências dos trabalhadores que, dos espaços e tempos da fábrica, transbordam para fora do mundo do trabalho, compondo a vida da cidade. A fábrica será tomada como espaço privilegiado para, a partir das observações das práticas microscópicas, singulares e plurais (cf. DE CERTEAU, 2000) dos trabalhadores, analisar os aspectos envolvidos na constituição dos sujeitos enquanto trabalhadores dentro e fora da fábrica.

4.1 As primeiras fábricas

Quando Seu Carlos chegou a Farroupilha, a cidade vivia um grande crescimento econômico em função da presença da Grendene, fábrica de calçados que ganhou destaque no mercado nacional, em 1979. Foi nesta data, que a sandália de plástico Melissa Aranha, criação dessa fábrica, ganhou fama no país nos pés de uma personagem interpretada por Sônia Braga na novela *Dancing Days*, da Rede Globo. Um político e ex-empresário do ramo calçadista em Farroupilha recorda o episódio, dizendo que

a Grendene foi uma das quatro primeiras empresas que se instalou no distrito industrial de Farroupilha em 1971. Surgiu como produtora de embalagens plásticas para garrações de vinho... Tinham que substituir o vime, que se tornou matéria-prima muito cara. Daí, passaram a usar a matéria-prima para fazer calçado. A primeira sandália que produziu chama-se NUAR, lembra? Tinha tirantes que subiam o tornozelo! Acho que era da Azaléia. Essa nem pegou... foi pegar mesmo a Melissa. O Olivetto [publicitário], que é amigo do Alexandre [um dos proprietários da Grendene], botou na novela e aí tu já viste, né? Estourou! (Ex-empresário do calçado, nascido em Farroupilha e descendente de imigrantes italianos).

O comentário deste senhor evidencia que o empresário venceu essa batalha não porque sua solução era a melhor no plano tecnológico, mas porque ele soube “construir uma coalizão vitoriosa de atores-chave” (cf. LATOUR, 2008) que lhe permitiu justapor “capital e relações políticas além do *know-how* industrial” (GRANOVETTER, 1994, p. 90). A quantidade de capital social, isto é, o conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede

de contatos (BOURDIEU, 2005) que o empresário adquiriu, permitiu levar o produto a patamares de sucesso, possibilitando construir a sandália não só enquanto um calçado, mas enquanto o calçado. Como Callon (1992), Latour (2008) afirmam, a construção da realidade é uma construção efetivada nas conexões, nas alianças entre atores humanos e não humanos. Assim sendo, um fato é tanto mais verdadeiro quanto mais ele conseguir mobilizar aliados, quanto mais articulações ele acionar (HARMAN, 2009).

A emergência da fábrica Grendene deve ser entendida como resultado histórico da indústria calçadista na cidade, que teve início bem antes⁵⁰. Os relatos dos moradores lembram que, em 1936, Paulo Broilo, filho de agricultores do meio rural de Farroupilha, instalou-se em Nova Milano, distrito do município, onde aprendeu o ofício de consertar e confeccionar sapatos e botas que ele logo passou a comercializar.

Ele morou um tempo em Gramado e, junto com um irmão, abriram uma fabriqueta de botas lá. Mas aí veio a gripe espanhola, e o irmão morreu... Se vendo lá sozinho resolveu voltar pra cá e se estabeleceu com um sócio em Nova Vicenza com uma fábrica de sapatos sob medidas para homens e mulheres. (Empresário do ramo do calçado, nascido em Farroupilha, descendente de imigrantes italianos.).

As histórias desse pioneiro, assim como de muitos outros, evidenciam o esforço em construir, de maneira coerente e coesa, para seus habitantes, trajetórias que deem sentido e realimentem a figura hoje valorizada do empresário. Alice Gasperin (1989), em seu livro de memórias “Farroupilha, linha Sertorina, numa “ilusão biográfica”, relaciona o *habitus* econômico compartilhado atualmente entre os moradores da cidade à vida desse indivíduo, referindo-se a Broilo como “um produtor completo” por ter agregado à fábrica todos os momentos do processo da produção do calçado. Sob a perspectiva de Gasperin, a trajetória do industrial vai reconstituindo uma série de posições por ele sucessivamente ocupadas, singularizando as disposições do *habitus* compartilhado nesse espaço social (BOURDIEU, 1996).

A autora conta que Broilo, inicialmente, comprou algumas máquinas em Porto Alegre, mas como estas eram caras, ele logo tratou de fabricar outras, um tanto rudimentares, a partir de seus próprios projetos e com o auxílio de um ferreiro local. Além disso, montou um pequeno curtume no qual preparava couros. Assim, segundo Gasperin, o empresário

⁵⁰ A produção de calçados é considerada um dos segmentos pioneiros na industrialização do Brasil e, embora tenha sido realizada em distintas regiões do país, esteve desde o princípio concentrada em dois importantes polos, em São Paulo, na cidade de Franca e no Rio Grande do Sul em torno do Vale do Sinos onde a produção teve início com a chegada dos primeiros imigrantes alemães em 1824, que além de agricultores, também eram artesãos e trouxeram consigo a cultura do artesanato do calçado

[...] preparava as peles, desenhava o calçado, fazia a moldagem, cortava o couro, costurava, completava o artefato e vendia. [...] O maquinário de costura era movido a pedal, equipamento trazido de Porto Alegre, marca Esquerda da Singer. No início o trabalho era executado sob encomenda, atendendo aos pedidos dos fregueses da região. Mas com o tempo e a experiência, Carlos Egger [sócio de Broilo] começou a viajar, exibindo amostras dos seus artigos. Com isso os pedidos quadruplicaram, determinando a ampliação da pequena indústria. (GASPERIN, 1989, p. 317-318).

A expansão das pequenas fabriquetas de confecção artesanal dos calçados, diante da necessidade de suprir a demanda de mercados conquistados, aos poucos passou a introduzir máquinas para a fabricação. As primeiras máquinas, segundo moradores mais antigos de Farroupilha, eram construídas pelos próprios envolvidos com as fábricas. Fato este que é bastante valorizado entre eles para exaltarem os esforços de seus antepassados em superar as deficiências desse período e para reforçarem a ideia de que, entre eles, há uma tendência à criatividade, como se fosse uma “disposição natural” em produzir as próprias ferramentas de trabalho. Esse é um atributo que envolve o tipo particular de trabalhador valorizado.⁵¹

Gasperin lembra ainda outras dificuldades superadas através da “laboriosidade” dos empresários locais. A autora pontua que, com o aumento do mercado consumidor, os empresários pensaram em adquirir máquinas elétricas, mas que, nessa época, o fornecimento de eletricidade se dava somente à noite. Como alternativa, eram utilizados motores a óleo para fazer funcionar as máquinas da fábrica⁵². Somente alguns anos depois, com a construção de uma usina de geração de energia na cidade, foi possível dinamizar a produção.

Também houve, nesse período, dificuldade em encontrar operadores para as máquinas, como conta Gasperin (1989). Procurou-se modernizar a produção com a aquisição de máquinas mais modernas de grandes centros, mas não se dispunha de mão-de-obra qualificada. “Afim”, comenta um empresário do ramo, em entrevista concedida em sua fábrica, lembrando como teria sido o início da industrialização do calçado na cidade, “quem, aqui nestas colônias sabia lidar com um maquinário daqueles?” (Jacir, diretor e um dos proprietários de uma fábrica de calçados de Farroupilha)

Outra dificuldade que alguns guardam na memória é que nesse período, por causa da Segunda Guerra Mundial, não só a importação de máquinas ficou difícil, mas também a cola que era utilizada na confecção dos sapatos havia sido retirada do mercado. Para obtê-la, era necessário solicitar ao Governo Federal o envio de borracha virgem para fazerem esta cola cimento. As dificuldades são lembradas pelos farroupilhenses para que coloquem em evidência primeiramente essa propensão para superá-las. Há uma auto atribuição no que diz

⁵¹ Farroupilha tem fábricas de máquinas para o setor calçadista.

⁵² A deficiência nas fontes de energia e a ausência da siderurgia são apontadas por Caio Prado Júnior (História econômica do Brasil, s/d, 283-284) como um dos fatores que embaraçaram o progresso industrial do Brasil

respeito a uma disposição para criar/recriar, fazer/refazer que evidencia o *habitus* por eles compartilhado.

As histórias sobre a presença de fábricas de calçados deixam claro que, quando a Grendene surgiu em Farroupilha, já havia pessoas ligadas ao ramo que deram suporte ao empreendimento. Na década de 80, a pequena fábrica de embalagens plásticas havia se transformando na sede do maior fabricante de calçados do país. Juntamente com outras empresas do setor de calçados e artefatos de couro, representou, nessa época, aproximadamente 8% no índice de retorno de ICMS ao município e por praticamente metade do PIB local.

No início da década de 90, a necessidade de baixar custos frente à competitividade dos produtos do mercado externo fez com que grandes empresas calçadistas gaúchas transferissem seus parques fabris para outros estados que, além de incentivos fiscais, ofereciam mão-de-obra mais barata. A Grendene, em 1993, transferiu a unidade fabril de Farroupilha para Sobral, no Ceará, deixando cerca de cinco mil pessoas sem trabalho.

Para muitos moradores da cidade, os “tempos da Grendene” são frequentemente lembrados como aqueles em que os salários eram altos, e as oportunidades, abundantes. Essas lembranças permanecem no imaginário dos moradores do município, que narram muitas outras histórias da vida fausta que essa empresa do calçado proporcionou. Até bem pouco tempo, podia-se avistar um dos irmãos Grendene ir à cidade, a fim de visitar seus familiares, de helicóptero, fato que, inclusive, pude presenciar mais de uma vez. Antes de aterrissarem em heliporto localizado na propriedade da família, uma construção em estilo de castelo medieval, sobrevoavam duas ou três vezes a região central. Nesses momentos, podia-se observar que os moradores com os olhos voltados para o céu comentavam em tom muito familiar: “*Os Grendene estão chegando!*”

Um antigo funcionário dessa empresa, hoje um senhor aposentado, conta, esperando ver a incredulidade nas expressões dos seus interlocutores, histórias vividas nesse período.

Eu fui piloto do avião do Fulano. Toda hora Porto Alegre, São Paulo... Não tinha tempo ruim: se tinha que ir se ia. E a festa rolava solta. Ia junto sempre os S e o X [amigos que aproveitavam da situação do empresário]. Uísque à vontade. Eles só me diziam: Genaro, to com sede. Eu, já rindo, fazia o avião subir. Era a brincadeira entre nós, para eles, com o ângulo adquirido no avião, levarem os copos a boca sem esforço para beberem [muitos risos]. (Piloto de avião aposentado da G., nascido em Farroupilha, descendente de imigrantes italianos).

Há também relatos daqueles que se empenhavam em participar dos contextos oferecidos pela fábrica, fora da fábrica. Uma senhora, esposa de um funcionário da empresa relata que todos os anos os donos faziam uma grande festa de ano novo.

Teve até uma que eles alugaram um porta aviões, tu já ouviu falar? Mas nos últimos anos, ele faziam a festa em Punta Del Este - no Conrad, um hotel que tem até cassino - e convidavam Farroupilha inteira! Teve um ano, acho que era 1995⁵³, que eu insisti e fiz o meu marido concordar em ir. Fomos de carro. Longe: umas oito horas de viagem. Mas eu, bem feliz, afinal ia pra Punta! Pra festa dos Grendene! Como era muito caro ficar em hotel, a gente não podia... lá é uma cidade de ricos; a gente levou barraca e fomos pra um camping. Não! Foi tudo uma maravilha! O difícil, eu vou te contar, foi colocar a roupa de festa, um vestido longo, cheio de detalhes, dentro da barraca. Esticava de um lado, amassava do outro. Mas enfim, fomos, né? E foi uma festa e tanto! (Esposa de funcionário administrativo da Grendene, nascida em Farroupilha, descendente de imigrantes italianos)

Tive também a oportunidade de conversar com moradores que, de maneira diferente, lembram essa indústria com desagrado por ter saído da cidade e expressam rancor por terem deixado tanta gente desempregada. Aristides, ex-funcionário da empresa, hoje operador de máquinas injetoras de uma indústria de calçados concorrente da Compax, pensa que foi um *“anti-patriotismo, afinal, eles são gente daqui mesmo? Podiam ter tido mais consideração pela sua própria cidade, pelos seus conterrâneos”*.

Outros trabalhadores lembram a indústria como a verdadeira escola profissional que lhes proporcionou o aprendizado de que hoje usufruem para ocuparem cargos hierárquicos superiores dentro das fábricas em que trabalham: “Eu comecei na Grendene, uma grande indústria; me deu uma visão do todo. Se hoje ocupo este cargo de supervisor, sei que devo a Grendene. Foi lá que aprendi tudo que hoje eu sei.” (Supervisor de setor na indústria calçadista, reside em Farroupilha desde 1985).

A situação econômica da cidade vem se revertendo desde a retirada dessa grande empresa, e a quantidade e a diversidade de produtos fabricados em Farroupilha têm sido um dos principais fatores apontados por empresários e consumidores para o bom desempenho das indústrias locais. O mercado apresenta crescimento, inclusive no setor do calçado que, hoje, no município, a cada ano, produz, aproximadamente, 12 milhões de pares de calçados. A mão-de-obra qualificada no ramo do calçado em Farroupilha, certamente, encontra-se muito relacionada à existência da Grendene, que, devido às dimensões e à modernização que alcançou, bem como ao fechamento das unidades produtivas na cidade, deixou muitos trabalhadores habilitados para exercerem atividades referentes a produção do calçado. Foi, como dizem os egressos da fábrica, uma *“verdadeira escola”*.

⁵³ Em 1995, a Grendene já havia se transferido para Sobral, cidade situada cerca de 300 km de Fortaleza, no Ceará, porém algumas unidades produtivas e o setor administrativo continua a funcionar na cidade.

4.2 A indústria calçadista em “campo”

A cidade conta com 752 unidades industriais⁵⁴, dentre elas, metalúrgicas, coureiro-calçadistas, moveleiras, têxtis, de papel e embalagens e de vinhos e sucos. A diversidade do setor compõe um campo econômico como uma “constelação relacional” na qual o “peso associado a um agente depende de todos os outros pontos e das relações entre todos os pontos” (BOURDIEU, 2005, p. 24). Isto é, a tecnologia utilizada, o tipo de bem produzido e os salários oferecidos são fatores que geram uma escala de valor que dispõe cada ramo industrial e cada fábrica em determinada situação em relação ao campo econômico constituído.

O capital que cada fábrica possui confere a situação que a unidade ocupa em relação às outras. Dentro dessa dinâmica, a indústria do calçado, ao lado dos outros ramos industriais presentes na região, é considerada uma indústria de menor valor, já vez que produz com baixa complexidade tecnológica, utiliza matérias-primas de baixo custo e oferece postos de trabalho com tarefas que exigem pouca qualificação, pelo qual, pagam salários relativamente baixos.

Os trabalhadores atuam dentro desse espaço de possibilidades a partir do volume e da estrutura do capital específico que cada um detém, agindo sobre o conjunto. Na escala hierárquica gerada por esses indicadores, a indústria metalúrgica, que atua com mais tecnologia e agrega mais valor aos seus produtos, na Serra Gaúcha, é considerada o *top* das indústrias. A metalurgia absorve mão-de-obra com taxa de escolaridade mais alta, exige maior qualificação entre os trabalhadores, impõe menor intensidade no ritmo de trabalho e paga os melhores salários segundo os próprios trabalhadores. Os setores de menor capital seriam, comparativamente, os frigoríficos e as olarias, devido à oposição aos mesmos elementos encontrados na indústria metalúrgica.

Para os recém-chegados, no entanto, ingressar na fábrica de calçados representa uma ascensão ocupacional, uma vez que são provenientes de localidades em que as indústrias que existem são frigoríficos e olarias (diante das quais o setor do calçado é mais valorizado) e que sofrem com a falta de oferta de emprego. Entre os trabalhadores provenientes de atividades rurais, há ainda mais certeza de que as condições de trabalho na fábrica são melhores. Isto é o que afirma Leda, residente em Farroupilha desde 1984, proveniente de uma região rural no norte do estado. Ela conta que

⁵⁴ Segundo dados de 2012 da Secretaria de Desenvolvimento do município.

lá [no campo] eu trabalhava em terra arrendada. Aquela trabalhadeira toda de virar a terra, plantar e depois...rezar! Sim, porque vai saber se o tempo vai ajudar: E se vem uma seca? E se chove demais? Na hora de colher – se é que deu alguma coisa -, ainda tinha que dividir com o dono da terra. Aqui não. Trabalho todo o santo dia, é verdade, mas no final do mês recebo meu dinheirinho. Não preciso dividir com o patrão. O que eu ganho é todo meu. Ah, isso é outra coisa. (Operária do setor de corte, reside em Farroupilha desde 1984.).

Herédia (1997), socióloga caxiense, estudando o processo de industrialização no município de Caxias, observa algo muito similar quando constata que o assalariamento fabril representa, para os colonos que migraram para as cidades, “uma certa garantia por não oscilar como o trabalho agrícola, devido às perdas de safras, clima e intempéries” (HERÉDIA,1997, p. 166). Esse “fetiche do salário”, que vem positivar as extensas jornadas e as condições do trabalho na fábrica, soma-se aos benefícios sociais a que passam a ter acesso : além do salário, é-lhes concedida carteira assinada, fundo de garantia e, em alguns casos, plano de saúde.

Da valoração da indústria atribui-se a valoração do trabalhador, ou seja, dependendo da indústria em que ele se insere e da situação que ele ocupa dentro da unidade, ele terá uma posição demarcada enquanto trabalhador. Assim, é senso comum que os sujeitos envolvidos no ramo calçadista sejam vistos como trabalhadores com pouca qualificação, profissionais de menor valor. Frequentemente se ouve que a mão de obra calçadista é uma “*mão de obra burra*”. Os trabalhadores da indústria metalúrgica vangloriam-se diante dos outros ao dizer que o trabalho deles é mais fácil e que ganham mais por ele. Também é possível observar que os funcionários jovens não consideram o trabalho na fábrica de calçados uma profissão para seguir no futuro e referem estar nesse ramo somente até conseguirem qualificação para procurarem se colocar na metalurgia, ou quem sabe fazer um curso superior e deixar a indústria.

A indústria do calçado, mesmo que ofereça baixos salários em relação aos outros ramos industriais locais, atrai facilmente os migrantes devido à ideia de que, hierarquicamente, há uma trajetória ascendente no trabalho⁵⁵, a começar pelas melhorias em relação ao emprego que tinham em suas cidades de origem. Assim sendo, para o trabalhador, o valor que um ramo específico da indústria apresenta está em direta dependência da sua trajetória pelos campos de trabalho: por exemplo, caso o migrante venha de locais com

⁵⁵ A fábrica de calçados, nesses setores de menor exigência quanto a habilidades, tem enorme rotatividade. Constantemente, são admitidos e demitidos trabalhadores em atividades mais simples, que passam a trabalhar em outras fábricas de calçados (por qualquer razão) ou conseguem qualificar-se para trabalhos em outras indústrias na cidade. Assim sendo, os novos migrantes, ao chegarem, encontram facilidade em encontrarem emprego no ramo da produção de calçados.

Essas dimensões proporcionam uma estrutura em que a administração e a produção encontram-se bem próximas, o que permite que a relações diretas entre trabalhadores de diferentes níveis hierárquicos sejam observados.

economia predominantemente não industrializada, o ramo calçadista se apresenta como ascensão. Porém, caso ele esteja entrando no ramo calçadista depois de ter passado pela metalurgia, sua trajetória passa a ser considerada descendente e sua percepção do novo trabalho será de desvalorização. Os empresários, conscientes disso, buscaram (e buscam) recrutar trabalhadores de outras cidades sem indústrias, justamente para buscar um menor índice de descontentamento com o emprego.

Uma jovem trabalhadora, sem tirar os olhos dos pares de calçados que, sistematicamente, examinava, conta:

Foi assim: cheguei em Farroupilha numa quarta-feira, fiquei na casa do meu irmão que já está aqui há mais tempo. Dele e da minha cunhada. Quinta-feira, bem cedinho, eu saí e larguei o currículo em várias firmas. Aí fiquei pensando quanto tempo eu ia passar esperando até me chamarem. Eu nem acreditei: na segunda-feira já tavam me chamando. Logo, logo eu já podia contar com salário fixo... Estava com carteira assinada e tudo! (Trabalhadora do setor de conferência, nascida em Santana do Livramento, reside em Farroupilha desde 2009)

A facilidade com que os recém-chegados informam ser absorvidos pelo mercado de trabalho leva-me a considerar que a inclusão destes na cidade de Farroupilha se dá a partir do ambiente do trabalho. Antes mesmo de se familiarizarem com a cidade, eles estão vivenciando o cotidiano do mundo da fábrica. No momento inicial deste fluxo, nas décadas de 70 e 80, os migrantes eram empregados mesmo antes de chegarem a Farroupilha. É por isso que não se podem compreender as dinâmicas da cidade e as práticas de socialidades entre os moradores sem examinarem-se juntamente as práticas desses sujeitos enquanto trabalhadores na organização fabril, uma vez que o setor industrial é o que mais absorve a mão-de-obra que chega e, portanto, é onde ele se constitui enquanto trabalhador na nova sociedade.

4.3 A herança Taylorista

Certamente, não só os novos migrantes provenientes de locais não industrializados vivem as mudanças ao chegarem a Farroupilha e inserirem-se no processo de trabalho fabril. Deve-se lembrar que os moradores nascidos na cidade também sentem os efeitos da abrupta industrialização. Os novos tempos, espaços e socialidades são parte da organização da cidade em torno das indústrias, que emergem engajadas num contexto econômico mais amplo, que coloca em circulação elementos até então distantes.

A fábrica é a unidade econômica da produção industrial, e o que a distingue, enquanto forma histórica capitalista, de outras formas de produção é a maneira como se organiza o trabalho (MARX, 1993). O sistema fabril, que remonta a Primeira Revolução Industrial que

ocorreu na Inglaterra, no final do século XVIII início do século XIX, vive sob constantes ajustes aos processos históricos e sociais para organizar os trabalhadores em torno da produção. Adam Smith descreve, de forma apologética, o sistema fabril ao dizer que

Um operário desenrola o arame, um outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete, requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas, são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas. Vi uma pequena manufatura, desse tipo, com apenas 10 empregados, e na qual alguns desses executavam 2 ou 3 operações diferentes. Mas, embora não fossem muito hábeis [...] essas 10 pessoas conseguiam produzir entre elas mais do que 48 mil alfinetes por dia. Assim, [...] pode-se considerar que cada uma produzia 4 800 alfinetes diariamente. Se, porém, tivessem trabalhado independentemente um do outro, certamente cada um deles não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia, e talvez nem mesmo 1... (SMITH, 1983, p. 49).

Para atingir maior produtividade, o sistema fabril passou a reunir, em um mesmo local, muitos trabalhadores, que, de forma coletiva e sequencial, agem sobre matérias-primas e transformam-nas em determinado produto. Como Taylor (1963) observou, no final do século XIX uma atividade podia ser realizada de muitas maneiras diferentes pelos trabalhadores que usavam distintas ferramentas. O novo modo de trabalhar exigiu a elaboração de métodos a fim de manter os trabalhadores organizados em torno das atividades. Para que houvesse um controle real sobre o processo de trabalho, os gestores procuraram meios de dominar esse processo, dirigindo-se ao ato de produzir.

Frederick Taylor, envolvido nessas preocupações, é o primeiro teórico a desenvolver um estudo detalhado do conteúdo do trabalho. Ele o faz por meio de uma decomposição analítica na busca da melhor maneira e do melhor tempo de realizar as tarefas, a fim de aumentar a produtividade diante de mínimos de esforços. Na perspectiva da máxima racionalização da ação em cada atividade, Taylor chega a afirmar que o tipo ideal trabalhador de fábrica deveria ser “estúpido ao mesmo tempo em que dono de uma força bruta capaz de satisfazer à necessidade exigida pelo trabalho”, homem que ele denominou como “tipo bovino” (TAYLOR, 1963, p. 42). Para garantir esse padrão, sugeria a seleção, o treinamento e o controle dos operários. O taylorismo alcançou seu apogeu graças a Henry Ford, outro pioneiro da racionalização do trabalho industrial. A fim de obter maior intensidade no processo de trabalho, Ford introduz dois princípios complementares ao método taylorista: o sistema de trilhos ou esteiras que passou a integrar os diversos segmentos do trabalho e a

fixação dos trabalhadores em postos de trabalho. As teorias organizacionais para a prática da gestão foram desenvolvidas no sentido de compreender eventos de forma a antecipá-los e assim ter controle sobre eles. O modelo taylorista-fordista se impôs por fornecer instrumentos para a maior eficiência do controle.

A regulação do trabalho coletivo assentada nos princípios fordistas-tayloristas gerou uma notável acentuação da produção, na medida em que a cadência do trabalho se intensificou enormemente, uma vez que o ritmo do trabalho passou a ser controlado de maneira mecânica e externa ao trabalhador.

Se o taylorismo significa essencialmente o controle da eficiência do posto de trabalho em termos qualitativos e quantitativos, o fordismo significa o controle da atuação do coletivo através da integração mecânica dos postos de trabalho. Enquanto o primeiro se ocupa da aceleração da cadência do ciclo de gestos e da porosidade do posto de trabalho, o segundo ocupa-se da cadência e da porosidade do trabalho coletivo. (RUAS, 1984, n.p.)

Acontece que não somente mudanças econômicas mundiais importantes colocam em cheque, no final do século XX, essas teorias organizacionais. O aumento da escolaridade e do nível reflexivo dos operários em quase todos os países veio conflitar com os princípios tayloristas do “homem bovino” (MINAYO, 2004, p. 35). Contra a rigidez fordista da produção em linha, cronometrada de maneira científica pelo tempo de Taylor, surge a proposta japonesa que ficou conhecida como toyotismo, pós-fordismo ou, ainda, acumulação flexível. No nível interno da produção, essa proposta advoga que se exija não somente o esforço físico do operário, mas também o mental. Dessa forma, diminui-se a hierarquização privilegia-se o trabalho em grupo, e concebe-se a produtividade como parte da atividade de cada trabalhador, não mais como produto de controle externo. Há, portanto, a valorização e responsabilização de cada um e do grupo na organização da empresa. O operário encontra-se cooptado em sua subjetividade para agir como agente pertencente à organização da empresa que se funda agora na introjeção de normas, muito mais do que na obediência a regras (HELOANI, 1994).

Embora algumas dessas propostas possam ser observadas na fábrica Compax, salientou-se propositalmente o taylorismo-fordismo porque essa forma de organização do trabalho da produção é predominante na Compax e, em geral, indústria calçadista brasileira (RUAS, 1984). As ciências sociais, preocupadas com os resultados dessas formas de gestão, proporcionam reflexões que, por sua vez, influenciam as gestões do trabalho. Na década de 1930, surgiram alguns estudos que ficaram conhecidos como estudos de Hawthorne, por terem se desenvolvido a partir de experiências realizadas na fábrica de Hawthorne, nos

Estados Unidos. Estas pesquisas foram uma reação aos conceitos rígidos da Teoria da Administração Clássica que procuravam adequar a organização do trabalho aos padrões de vida do povo norte-americano (MASCARENHAS, 2002)⁵⁶.

Novas propostas de gestão decorrem desses estudos, quando a Escola das Relações Humanas, ao privilegiar a dimensão humana no domínio da gerência, cunha a expressão “organização informal” com o propósito de chamar a atenção dos pesquisadores para os comportamentos dos seres humanos nas empresas, os quais complementariam os aspectos formais da organização formal (WHITE, 1961, p. 10). A abordagem desses pesquisadores, ao observar atitudes, crenças e valores compartilhados pelos trabalhadores no espaço do trabalho, tomava a cultura como algo que se desenvolve nas organizações, o que permite evidenciar de que forma a cultura organizacional unifica comportamentos.

Outra vertente desses estudos passou a considerar o contexto cultural em que a organização estava inscrita para pensar a questão da utilização de teorias e práticas da administração científicas na interface das particularidades locais. Amado; Faucher; Laurent (1991) referem que foi ao se perceber as limitações do modelo de gestão norte-americano em outras partes do mundo que se esvaziou o mito da universalidade das práticas organizacionais⁵⁷. Nesse momento, os estudos da administração entraram em contato com o desenvolvimento da antropologia desse período, e as análises migraram seu enfoque das estruturas para as maneiras pelas quais os sujeitos criam significados em situações específicas a partir de um leque cultural a sua disposição. Em oposição à visão da fábrica como um local isolado, as pesquisas realizadas a partir daí, conhecidas como estudos de Manchester, descartou o modelo da fábrica como sistema fechado e passou a considerá-la como um sistema inserido na sociedade da qual fazia parte.

Nessa transição, a teoria da administração passa a ser chamada teoria das organizações, a qual traz para o foco da disciplina “o estudo do sistema social em que a administração se exerce, com vistas à sua maior eficiência, em face das determinações estruturais e comportamentais.” (MOTTA, 2003, p. 11) Dentro dessa perspectiva, Morgan (1986) afirma que os sistemas formais não são imunes à cultura, o que privilegia, sob essa perspectiva, os processos de produção e negociação de sentidos desenvolvidos por pessoas em seus cotidianos e rotinas de trabalho. Assim, entra em questão, nos estudos das organizações,

⁵⁶ A relação entre a universalidade científica da construção da gestão a partir da realidade estadunidense estará abordada nas reflexões sobre meritocracia, no capítulo 3..

⁵⁷ Ver D'Iribarne (*Civitas*, v. 3, n° 2, jul.-dez. 2003, p. 327-337)

a problematização da objetividade, da materialidade das fronteiras e a da própria noção de organização (DURÃO, 2006, p. 44).

Os estudos direcionados às organizações passam a centrar-se nos processos organizacionais, relativizando as dicotomias até então balizadoras desse tema como formalidade/informalidade e níveis macro/micro. A organização não mais aparece como detentora de uma cultura, mas algo que ela é. Isto resulta em um dispositivo epistemológico que estrutura o estudo das organizações como fenômeno social.

É como alternativa aos estudos das organizações como instituições racionais, compostas de fatos objetivos, que surge a aproximação etnográfica para observar esses espaços enquanto lugares geradores de sentidos. Como lembra Wright (1994, p. 4), sob este viés, não mais é possível a aceção assentada na racionalidade e na noção de uma verdadeira cultura organizacional. Wright se posiciona numa perspectiva de “organização como cultura”, lembrando que a cultura organizacional – noções de organização formal constituída de limites e dotada de sentidos – não deve ser descartada das análises antropológicas. A cultura organizacional, para a autora, vai além das concepções sobre a estruturação das organizações, uma vez que emergem inúmeras particularidades entre as normas e regras prescritas pelas teorias administrativas e as ações praticadas pelos gestores e trabalhadores.

Teorias não são usadas passivamente; o ambiente de trabalho constitui-se em uma comunidade de práticas no qual os trabalhadores vivenciam o cotidiano da fábrica ao explorarem, experimentarem, criticarem e até mesmo brincarem com as regras e normas que os organizam. Assim, não há dois lugares distintos. As fábricas surgem e se organizam por meio do trabalho de “tradução” (LATOURET, 2006) realizado pelos empresários e gestores, que implementam princípios universalizados de gestão a partir de entendimentos próprios, que nada mais são do que visões de mundo do grupo no qual se encontram imersos. No caso de Farroupilha, pode-se observar, inclusive, que a fábrica se constitui enquanto resultado das tensões e negociações de distintas concepções de mundo e estilos de vida trazidos pelos sujeitos provenientes de outras localidades onde as indústrias entram em funcionamento.

A indústria, como sugere Leite Lopes, alicerçado em Foucault, ao analisar uma fábrica de tecelagem em uma localidade em Pernambuco, é decorrente de um “campo de jogos e lutas” entre a “microfísica do poder” – formas disciplinares da gestão industrial - e a “microfísica de resistência” – advinda das práticas cotidianas dos trabalhadores diante do poder disciplinar, o que resulta no que ele chamou de “microfísica da produção” (LEITE LOPES, 1987). As práticas microscópicas dos trabalhadores vividas nos interstícios do cotidiano da fábrica conferem aspectos à fábrica e tecem o social.

Concordo com Durão (2006) quando diz que se não correremos mais o risco de tomar as organizações como um ambiente isolado, também não se pode perder o sentido da “pluralidade controlada” que as compõem e que dão sentido a esses espaços. Uma certa noção de organização formal não deve ser excluída das análises antropológicas, pensando-se que esta é resultado histórico e social que coloca tensões a serem negociadas e desafiadas pelos envolvidos nesse ambiente.

Entendo que estudar nas organizações é observar o trabalho como ação humana que produz tanto material como simbolicamente; é observar “de perto e de dentro” as práticas dos trabalhadores inseridos na organização fabril ao mesmo tempo em que se alça um olhar para fora dessa mesma organização (DURÃO, 2006, p. 79). Esta proposição aproxima-se daquilo que Damo, ao estudar o futebol, afirma: “não se estuda propriamente o futebol, mas através dele, afinal, ele não passa de um conjunto de códigos mais ou menos universais tramados às sociedades e culturas locais.” (DAMO, 2005, p. 387)

4.4 Os “altos” da produção



Figura 20: Imagem aérea da fábrica. Fonte: Google earth

Cheguei na Compax numa tarde fria de junho, depois de atravessar as ruas do bairro, seguindo as indicações que o diretor e proprietário da fábrica me passara pelo telefone, quando marcamos essa minha primeira visita. A Compax está localizada no último quarteirão urbanizado do bairro, o mais distante em relação ao centro da cidade. Sendo assim, com

exceção da face norte do prédio, que está voltada para o bairro, seus arredores constituem-se de terrenos baldios. A rua pela qual se tem acesso à porta de entrada não possui pavimento e termina na mesma altura em que acaba o prédio – em uma cerca de arame de onde se tem uma visão de um grande vale ocupado por pequenas propriedades rurais típicas dessa região de colonização italiana. Pode-se observar a diversidade da agricultura nas diferentes colorações das plantações que, como uma colcha de retalhos, cobrem o solo. A mata nativa já é rara, apesar de ainda ser possível encontrar de quando em quando algumas araucárias. É possível ver pessoas provenientes de lugares ainda com características rurais passando por entre os fios de arame em direção à cidade. Pode-se perceber, no pasto verde, do outro lado dessa cerca, um caminho estreito, sem pavimentação, decorrente da passagem de pessoas entre o bairro e a zona rural.

Nesse mesmo dia, estacionei o carro em frente à fábrica, um prédio de altas paredes brancas e de aproximadamente 1000m², quase sem aberturas para o exterior. Dirigi-me até a porta de entrada e apertei a campainha observando a câmera de vigilância que deixava claro que, lá de dentro, alguém já me avistara antes mesmo que eu me anunciasse. Esperei durante algum tempo na sala de espera para ser recebida pelo diretor, até que, pelo balcão que separa a sala do escritório, fui convidada pela recepcionista a entrar.

Ela me acompanhou até uma sala ao fundo de um corredor, onde o diretor me aguardava sentado na cabeceira de uma mesa com vários lugares que parecia ser destinada a reuniões. Ele se levantou da cadeira sem sair do lugar e estendeu-me a mão. Agostino é um homem de quarenta e cinco anos, de estatura alta e de pele muito clara. A sua fisionomia me fez pensar que se tratava uma pessoa muito simples, que parecia falar francamente em nossa conversa. Foi uma breve conversa, uma vez que o empresário tinha “muitos compromissos”. Expus os objetivos da tese e procurei fazê-lo entender a metodologia da pesquisa antropológica. Como era para ele incompreensível uma pesquisa sem aplicação de um questionário, comprometi-me a lhe fornecer as perguntas que eu faria aos funcionários e ele aceitou com a minha permanência dentro da fábrica. Nota-se que o fez pensando estar frente a mais um desafio, uma novidade que, quem sabe lhe “*rendesse frutos*”... “*não dizem que no mundo dos negócios deve-se sempre arriscar!?!*”⁵⁸ Foi pautado nessa explicação que ele assentiu com a minha livre circulação pelos espaços da fábrica, durante a qual eu poderia participar dos diferentes momentos da produção juntamente com os funcionários dos diversos setores. Depois deste encontro, tivemos muitos outros em distintas situações e nos mais

⁵⁸ Uma característica do empreendedor que ele tenta consciente e inconscientemente incorporar.

variados locais da fábrica, nos quais ele sempre foi muito atento e disponível às minhas indagações. O nosso encontro seguinte realizou-se na sua sala no andar superior que tem ampla visão para o chão de fábrica. Ele, nesse dia, me conta sobre a fábrica:

“Hoje eu tenho esta empresa!” [Diz ele estendendo o braço direito à frente, num movimento que leva a entender que está abrangendo tudo diante de si, com uma visível expressão de orgulho no rosto.] “Começou pequena, em casa. Primeiro na garagem, onde coloquei as máquinas de costura e uma mesa grande. De noite arredava tudo para guardar o carro. Foram tempos de muito esforço. Depois, os pedidos foram crescendo e eu construí uma peça grande no fundo de casa... Fui contratando mais e mais gente, hoje temos mais de 100 funcionários. Crescemos 40% ao ano e neste ano a meta é dobrar a produção. (...) A fábrica existia como Gardin, meu sobrenome e produzia para outras indústrias do calçado, foi só em 2002, consegui criar marca própria. Aí coloquei o nome da minha esposa.” (Agostino, diretor proprietário da Compax)

Cinco anos mais tarde, a empresa teve a produção potencializada e, como a tendência era continuar a crescer, em 2008, teve suas instalações transferidas para o atual prédio construído exclusivamente para esse fim. Agostino, após o relato, tirou da gaveta da mesa uma revista a qual folheou antes de me entregar com a página marcada onde estava publicada uma matéria sobre a Compax. Seu objetivo era evidenciar a produção, a abrangência das vendas e a distinção que ele conferia à sua empresa por constar na publicação, onde constava que a fábrica Compax,

Desde 1998, produz uma marca própria que atua no mercado com diversos modelos de calçados femininos, como sapatilhas, botas e tênis, estando presente em mais de 3500 lojas de todo o Brasil. Atualmente a fábrica concentra-se no setor de produção, adquirindo os elementos constituintes dos calçados de outras indústrias. A fábrica, inicialmente, produzia pantufas.(...) Hoje, a fábrica emprega cerca de 150 funcionários e produz cerca de 30 mil pares por mês. Parte da produção de calçados femininos Compax já chegou à África do Sul e em março de 2008 a empresa exportou para Durban seis mil pares da linha de sandálias e chinelos rasteiros. (Revista da Indústria calçadista)

O empresário explica que *“além das vendas para os africanos, temos negociações com a Itália e, até o final do mês de junho, embarca 800 pares de mocassins para o Panamá.”* Ele ainda destaca a importância da certificação recebida por meio do Projeto Caminha para o Conforto, realizada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (Sebrae/RS).⁵⁹ O selo, diz o empresário, atesta a qualidade e o conforto dos calçados produzidos pelas indústrias, após a realização de testes biomecânicos. O fato é que a certificação valoriza os produtos, convertendo capital simbólico em capital econômico. Como salienta Ramdonski, em relação aos produtos alimentares, é interessante dar-se conta que tais

⁵⁹ O certificado é emitido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com reconhecimento do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro).

valorizações implicam um avanço a novas formas de produção e consumo, para as quais a ideia de distinção é essencial (RADOMSKI, 2010).

A empresa, em sua estrutura atual, segundo os indicadores econômicos mencionados por Ruas (1984), oscila entre a condição de pequena e média empresa. É considerada pequena levando em conta o fato de que: (a) o cargo da direção e a propriedade se fundam em uma única pessoa e que somente dessa pessoa partem as principais decisões, (b) as relações da empresa com o mercado consumidor ainda é instável e (c) a quantidade de trabalhadores diretos está numa faixa considerada ainda muito pequena. Sob outros aspectos, como o tamanho do prédio e o volume da produção, a fábrica estaria classificada como média empresa (RUAS, 1984).

Nos primeiros dias da pesquisa, fiquei restrita a circular dentro da fábrica somente na companhia de Agostino. Enquanto ele me apresentava às dinâmicas da fábrica, notei que procurava se inteirar mais do meu estudo assim como da minha pessoa. Nesse período inicial, tive acesso aos setores administrativos sob a perspectiva do diretor e proprietário.

Para Agostino, o setor administrativo compõe-se de planejamento, organização, direção e controle. Esta afirmação remete a um dos pioneiros da teoria da administração, que, no início do século XX, criou a teoria acerca das funções administrativas onde toda organização desenvolveria quatro áreas para a sua funcionalidade operacional: planejamento, direção, controle e organização. A visão do empresário deixava claro que, apesar das críticas⁶⁰ à sua teoria, o pensamento de Fayol⁶¹ ainda é muito presente no ambiente das organizações contemporâneas, como evidenciei nessa fábrica. Agostino nunca ouviu falar em Henri Fayol e diz que as funções desenvolvidas pelos funcionários do setor administrativo assim estão estabelecidas devido a sua própria experiência e sua vivência entre empresários no ramo.

As diferentes ações estão compartimentadas em setores que devem concordar no sentido de concretizar os objetivos traçados pela empresa. Essa responsabilidade ainda recai sob o diretor e proprietário da empresa, que, aos poucos, fragmenta o objetivo em tarefas

⁶⁰ Chanlat (1993) critica a visão simplificada da organização formal que não considera o conteúdo psicológico e social e a abordagem de sistema fechado não levando em consideração os fatores ambientais externos à qualquer organização, é inegável no entanto que seus princípios são perfeitamente aplicáveis na administração contemporânea de recursos materiais e humanos.

⁶¹ Jules Henri Fayol (1841 — 1925) foi um dos teóricos clássicos da Ciência da Administração, autor de *Administração Industrial e Geral*. Fayol desenvolveu sua pesquisa em uma perspectiva distinta de Taylor e Ford trazendo a visão do Gerente da empresa. Henri Fayol é um dos principais contribuintes para o desenvolvimento do conhecimento administrativo moderno. Uma das contribuições da teoria criada e divulgada por ele foi a abordagem da Gestão Administrativa ou processo administrativo, onde pela primeira vez se falou em administração como disciplina e profissão, pautada pelos princípios de: Planejar, Organizar, Controlar, Coordenar e Comandar (FAYOL, 1990).

direcionadas a setores específicos. Agostino afirma que tem contratado funcionários de sua confiança e a eles delegado tarefas. A direção e a organização, ou seja, a distribuição da autoridade e dos recursos, encontram-se ainda muito centralizadas na figura do proprietário da empresa que, sem formação acadêmica e sem assessoramento formal por parte de especialistas, estrutura a organização com base em suas práticas anteriores como trabalhador em diferentes postos de trabalho e naquilo que ele ouve falar que está “dando certo em outras indústrias”.

Esta característica é muito evidente na Compax, que, em verdade, vem vivendo o processo de expansão e conseqüente fragmentação das atividades. Até pouco tempo, todas as etapas da produção do calçado estavam literalmente sob o controle do proprietário, da família que, quando necessário, agregava uns poucos funcionários.

O empresário vivencia a passagem do trabalho por ateliês e pelas manufaturas de sapatos, nas quais ainda não há acentuada divisão de tarefas para o trabalho altamente fragmentado e organizado das gestões administrativas das indústrias atuais. É nesse sentido que ele aponta a dificuldade que encontra em delegar as tarefas da fábrica, antes sob sua atuação direta. Ele se sente inseguro em não poder acompanhar todos os passos da produção. Observa-se claramente em Agostino o tensionamento entre as práticas artesanais e o seu papel de gestor, o que acaba por complexificar o entendimento da separação entre teoria e prática.

Agostino se esforça em controlar toda a cadeia de ações, percorrendo constantemente os diversos setores. Dirige-se diariamente ao setor de compras, onde checa os pedidos dos clientes e manuseia o computador da gerente de compras para verificar o volume de pedidos que entram, os clientes mais conhecidos e quem são os novos compradores. Ele comenta sobre os frutos das suas investidas nas feiras de calçados em que participa para expor os modelos da Compax, assim como faz questão de receber todos os representantes e cobrar deles um avanço no mercado para além dos estados do sul, onde a fábrica já se encontra praticamente consolidada economicamente.

Os modelos são minuciosamente discutidos com o *designer* da fábrica, que, semanalmente, apresenta propostas ao Agostino. Quando ele aprova o calçado, este vai para o setor de modelagem, onde é feito um protótipo para posteriores provações. Os testes são realizados nos pés das próprias trabalhadoras, sendo comum ver-se o dono da fábrica curvado aos pés das suas funcionárias a observar o comportamento dos materiais empregados ou das costuras sobre a anatomia dos pés. Autorizado o modelo pelo modelista, pelo designer e pelo gerente de produção, após a aprovação final do diretor, o calçado passa para o catálogo da Compax.



Figura 21: Modelos no catálogo da Compax em julho de 2009.

Diante dos pedidos que entram, o departamento de engenharia de produção é o setor que o empresário menos interfere, uma vez que tem o seu filho como gerente, ao qual ele deposita a maior confiança.⁶² Esse departamento é o “coração” da fábrica, no qual, a partir do modelo e do volume solicitado pelos consumidores, serão calculados os materiais e a quantidade necessária de cada um. Com a planilha preenchida, o empresário acompanha o funcionário da engenharia de produção que vai checar com o pessoal do almoxarifado o estoque da firma, para certificarem-se dos materiais disponíveis. Ele, então, pega o material, manuseia entre os dedos das mãos, sente a textura, a elasticidade e a firmeza e comenta se o produto é de boa qualidade ou não⁶³.

Caso não seja do agrado do empresário ou se há falta do material necessário para a confecção do modelo, então é feito contato com o setor de compras, que lista vários fornecedores a ser apresentados ao Agostino. Daí em diante, a confecção do calçado irá para a produção propriamente dita. A gerente de compras queixa-se da intervenção constante do patrão, pois, segundo ela, perde-se muito tempo para que se chegue à mesma conclusão: “- Parece fácil? Não é! É muito complicado, é um trabalho sob muita pressão”.

⁶² O cargo ocupado pelo filho do empresário está na relação direta da sua herança e sucessão na direção da fábrica.

⁶³ O papel do empresário enquanto um gestor-artesão será abordado no capítulo 5.

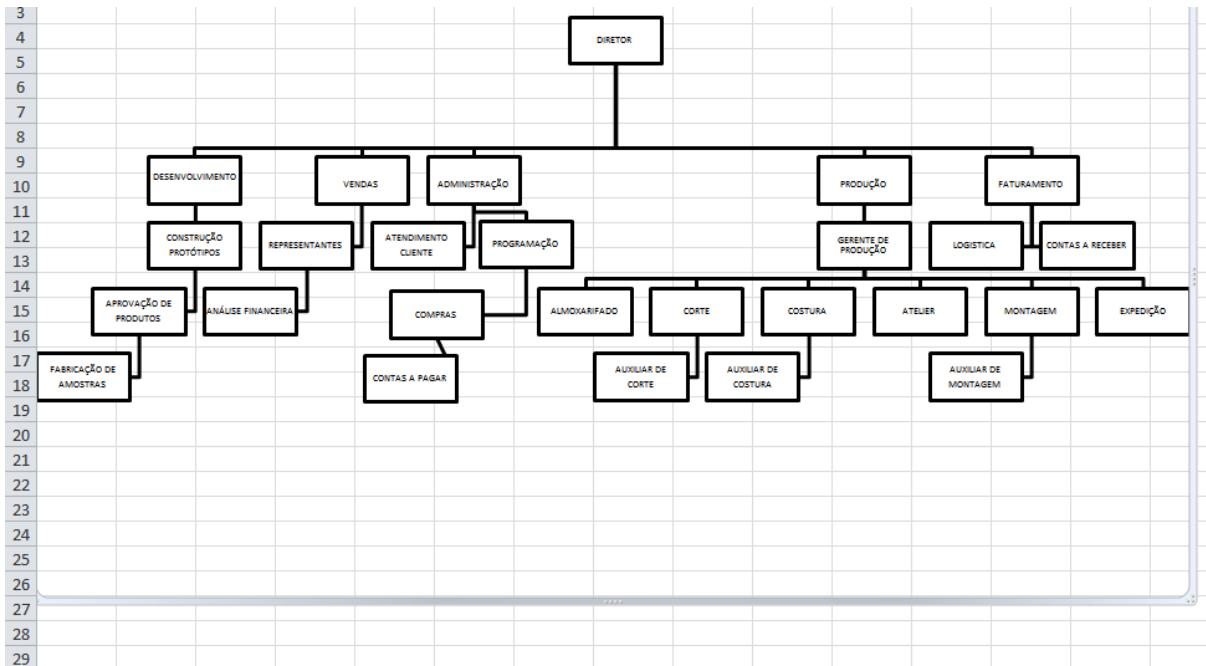


Figura 22: Níveis hierárquicos na Compax. Fonte: cedida pelo engenheiro de produção da Compax

4.5 O chão da fábrica

Houve muita espera até que eu conseguisse permissão para entrar no chão-de-fábrica, o que, particularmente, causou-me muita ansiedade. Da porta que dava acesso à produção, eu, às vezes, ouvia o ruído das máquinas ou sentia um cheiro doce de algum produto químico, o que antecipava minhas expectativas em conhecer o ambiente. Até que, alguns dias depois, Agostino chamou Olavo, o gerente de produção, até sua sala e pediu-lhe que este me guiasse em uma primeira visita ao setor produtivo. Foi-lhe dito também que me recomendasse aos gerentes de setor e supervisores para que, a partir desse dia, eu pudesse circular livremente pela fábrica.

É importante descrever não somente a produção em si, mas como são e agem os funcionários desse setor para entender as formas como eles se entrelaçam aos elementos do meio ambiente, o que atribui significados às suas experiências alinhando-os em torno de uma disposição para o trabalho. Olavo é um senhor obeso de pele muito clara e olhos azuis, devido a sua origem alemã. Enquanto, refletíamos sobre o cotidiano da produção, ele guardava, em

seu bloco de notas (similar àqueles utilizados pelos antropólogos em suas pesquisas de campo), *insights* que considerava importantes para reorganizar elementos do cotidiano da

fábrica. Foi com ele que fiz minha primeira visita ao “chão” da fábrica e, já nesse primeiro momento, percebi que ele oscila entre momentos de extremo bom humor, quando me pareceu muito compreensível e até condescendente para com as falhas dos funcionários, e de incompreensão, quando chega a agredir verbalmente os seus subalternos. Enquanto passávamos entre os setores, ele me apresentava a cada gerente e supervisor de setor.

A sequência dessa primeira visita foi traçada por ele de forma que, seguindo passo a passo as etapas da produção dos calçados na fábrica, eu percebesse que a construção do espaço onde se realiza o processo de produção, que a localização dos setores e que a disposição das máquinas, ferramentas e móveis estão direcionados àquilo que ele considera “eficácia e otimização” da produção. Olavo afirma que o projeto desse espaço foi desenvolvido por ele e pelo diretor proprietário e acrescenta, com orgulho, que eles dois, mesmo sem nenhuma formação acadêmica, detêm um conhecimento que muitos acadêmicos, mesmo com muitos anos de estudo, não possuem. “A fábrica é a nossa faculdade, aqui trabalhamos a vida toda, no setor de calçados”, diz ele. A afirmação do gerente ressalta a ideia de que a gestão da Compax está pautada em experiência prática de seus administradores.

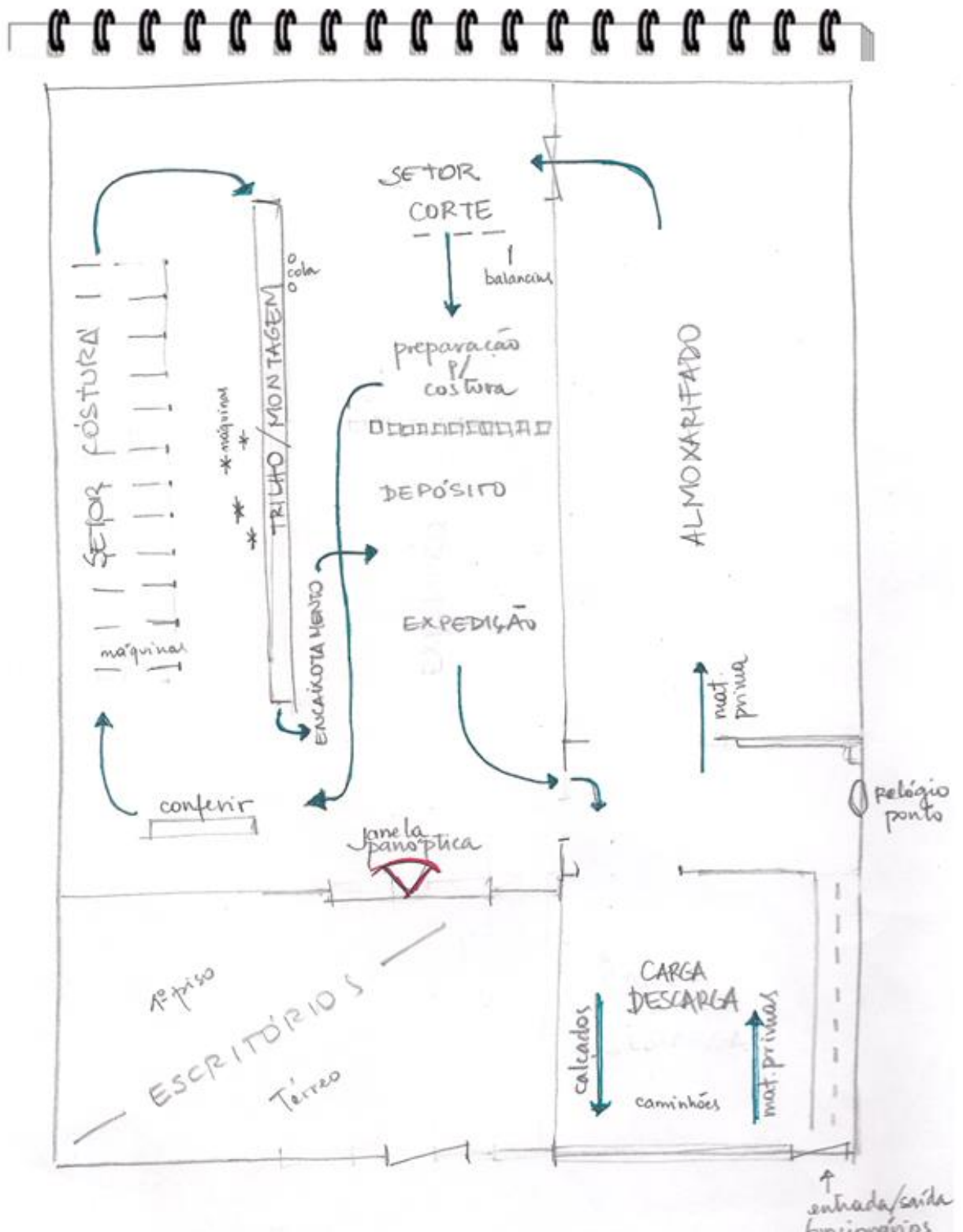


Figura 23: representação do espaço da fábrica. Fonte: caderno de campo.

Seguindo o itinerário da confecção do calçado, entrei pelo grande portão que se encontra ao lado da porta que dá acesso aos escritórios que eu sempre utilizara até então. De um lado, há um enorme espaço para o estacionamento de caminhões que ora descarregam as

matérias-primas, ora carregam-se de muitas caixas de calçados a serem entregues aos consumidores. Deslocamo-nos pelo lado oposto a esse local, por uma passagem destinada aos transeuntes até a entrada do almoxarifado.

O almoxarifado é uma peça um tanto escura, estreita e muito comprida, que se estende até o final do prédio. Dos dois lados, contra as paredes laterais, pendem grandes prateleiras por toda a extensão da peça, repletas de diversos materiais. Enquanto passamos, via rolos de couros, de tecidos sintéticos e caixas contendo rótulos que indicam materiais menores.

Olavo, então, apresenta-me ao responsável pelo setor, Airton, um homem de certa idade que, segundo ele, já poderia estar aposentado:

Aqui começa a ser feita a produção. O Airton recebe lá de cima uma planilha com os materiais e as quantidades necessárias para fazer o modelo. Nessa hora, eu estou aqui com ele [os dois se olham com uma expressão de aflição e cumplicidade]. É sempre um momento nervoso, porque, pretensamente, todos os materiais já devem estar aqui, pois já foram solicitados e comprados. O que é sempre uma incógnita é se já chegaram, se já foram entregues pelo fornecedor. Os materiais são adquiridos pelo setor de compras no momento em que o modelo criado pelo designer foi aprovado na execução do protótipo a cargo do modelista, isto é, feito com muita antecedência, mas... Bem, daí o material então é separado e enviado ao setor de corte. (Airton, supervisor do setor do almoxarifado, nascido na cidade de Farroupilha).

Enquanto ele falava, caminháramos até o fundo da peça, local onde havia uma porta a nossa esquerda. Atravessamos a porta despedindo-nos de Airton e entramos no grande espaço do setor produtivo. Um espaço único, com teto bastante alto e, lá em cima, janelas envidraçadas que dão entrada à – insuficiente – luz natural ao ambiente. Muitas luminárias pendem de braços metálicos sobre os postos de trabalho para complementar essa iluminação insuficiente.

O setor de corte está situado imediatamente após a entrada da porta pela qual saímos do almoxarifado e por onde chegam os materiais a ser cortados, dando início à confecção do calçado. Nesse lugar, estão dispostas grandes máquinas que possuem navalhas que, programadas anteriormente pelo gerente do setor, seccionam os materiais em moldes adequados ao calçado a ser fabricado. Essas máquinas são os balancins, que são operados por dois homens altos e fortes. Ao lado dos balancins há mais duas máquinas menores, chanfradeiras, ambas manuseadas por uma única trabalhadora, que é elogiada pelo gerente, no momento em que passamos por ela, por ser a única pessoa que sabe “chanfrar”.⁶⁴

Continuamos daí a acompanhar um funcionário que empurrava um carrinho repleto de tiras de couro coloridas até o setor da costura. Ele despeja todas aquelas tiras em dois grandes

⁶⁴ Chanfrar consiste em fazer sulcos na matéria-prima demarcando os locais a serem colados ou costurados posteriormente.

cestos ao lado de um balcão onde duas funcionárias conferem as tiras, par por par, e colocam-nas em outro carrinho. Quando está cheio, esse é levado por outro funcionário à gerente do setor de costura, que, juntamente à supervisora, distribui seu conteúdo às dezenas de costureiras. O setor da costura é o que ocupa a maior parte do espaço da fábrica, além de contar apenas com funcionárias.

Seguindo um trajeto entre as costureiras sentadas às máquinas de costura, fomos até o fundo do corredor, agora pela parede oposta àquela que entramos,. Acompanhou-nos durante todo o tempo Dolores, a gerente do setor de costura, uma mulher muito ativa e vivaz da qual fiquei bastante próxima durante a pesquisa.

Quando chegamos ao fim do setor, esperava-nos, ao lado da cabeceira da esteira, José, um homem alto muito magro, com os olhos bem escuros e fundos. As suas mãos grandes agitavam-se de uma forma nervosa. Aproveitando a aproximação do gerente de produção, falou sobre os problemas que estavam ocorrendo naquele momento. Havíamos chegado no chamado setor de montagem, onde está instalada a esteira ou trilho que começa no fundo do prédio e se estende até a frente.

Dentro do processo produtivo, o momento que mais imprime ritmo às tarefas é o setor do trilho que opera a linha de produção. Este mecanismo é constituído de uma esteira em movimento sobre a qual são colocadas caixilhas de plástico branco contendo os materiais componentes do modelo a ser produzido. Cada trabalhador, uniformemente disposto de forma linear ao lado da esteira, intervém com uma atividade específica sobre esse material para que, ao final, o calçado pronto venha a ser retirado dessa linha, conferido, embalado e levado ao setor de expedição. A partir desse dia em que eu percorri todo o setor produtivo, passei a participar do cotidiano da fábrica durante seis meses.



Figura 24: Visão parcial da fábrica. Fonte: Fotos do caderno de campo.

4.6 Os espaços vividos

4.6.1.O rito do “portal”

Eu costumava chegar à fábrica alguns momentos antes do horário de entrada. Ficava na calçada em frente ao grande portão, observando a chegada dos funcionários. Quando a sirene tocava, eu passava a acompanhar algum trabalhador que naquele instante estivesse entrando. Foi desta forma que conheci Mariazinha, uma moça muito jovem de aspecto frágil e que parecia assustada. Ela se encontrava parada na frente da fábrica quando me aproximei e nos apresentamos. Ela então revelou sua ansiedade por ter se mudado há pouco tempo para a cidade e por aquele ser seu primeiro dia de trabalho na Compax. Ela comenta que nunca antes havia entrado em uma fábrica,

... eu estou na maior curiosidade pra ver como é que será lá dentro. Isso aí é grande, né? [disse ela tentando abarcar com os olhos toda a fachada do prédio] Me pergunto: Será que vou me dar de trabalhar assim, tanto tempo presa nesse lugar? Fechada? Dizem que no início a gente estranha. (Mariazinha, trabalhadora do setor de montagem, reside em Farroupilha desde junho de 2009)

Para a maioria dos recém-chegados, o trabalho na fábrica é motivo para estranhamento, o que se evidencia nas constantes referências que eles fazem às transformações nos modos de trabalhar. Para estes trabalhadores, há um “antes” e um “depois” de começar a trabalhar nas fábricas, que se entrelaçam com as comparações entre o “aqui” e o “lá”, o que evidencia o envolvimento em espacialidades e temporalidades distintas.

Os temores da recém-chegada revelam as suas expectativas diante do desconhecido. Trabalhar em fábrica é algo novo para ela. A primeira coisa que lhe assalta e a amedronta são as dimensões do prédio, no qual estará retida a maior parte do dia. Muitas foram as vezes em que ouvi trabalhadores comentando sobre o fato de se sentirem “presos” dentro do espaço fabril. O trabalho circunscrito a um espaço fechado, sem aberturas para o exterior e sem a possibilidade de entrar e sair, é um fator muito lembrado para diferenciar a maneira de trabalhar em suas cidades de origem.

As paredes da fábrica que, para alguns, em determinadas circunstâncias, se erguem como barreiras, encerrando e causando desconfortos entre os trabalhadores, em outros momentos são referidas como um benefício. Muitas vezes, o ambiente fechado causa a sensação de que o trabalho agrícola exercido em meio às intempéries sejam sinônimo de abrigo e conforto.

Vivido como um benefício ou como um prejuízo, o espaço da fábrica circunscreve os trabalhadores cotidianamente, anunciando seu início a cada dia⁶⁵ na hora que, invariavelmente, ouve-se a sirene que indica o início do turno de trabalho na fábrica. O sinal é um som um tanto estridente que se estende por alguns segundos, em volume alto o suficiente para que o escute a uns dois quarteirões de distância da fábrica.

Nesse momento, os funcionários já estão na sala que antecede o espaço da produção e pelo qual passam para registrar no relógio de ponto a entrada no trabalho. Todos os funcionários, de todos os níveis hierárquicos⁶⁶, batem cartão ponto no mesmo relógio. Os trabalhadores do setor administrativo, do chão de fábrica, da modelagem, da limpeza, supervisores e operadores encontram-se momentaneamente congregados nesse átrio que separa a rua⁶⁷ (ou a casa) e a fábrica.

A “reunião” é bastante fugaz ao se levar em conta que os funcionários da administração, logo após o registro de entrada, apartam-se dos trabalhadores da produção e encaminham-se às escadas que dão acesso aos escritórios no pavimento superior. Os trabalhadores da produção permanecem na sala, diante de escaninhos dispostos na parede lateral ao relógio, onde guardam pertences pessoais – como bolsas, carteiras, casacos mais pesados – e retiram um guarda-pó e os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), que nesta

⁶⁵ A fábrica funciona de segundas a sextas-feiras em dois turnos, manhã e tarde, eventualmente, em época de muita produção os funcionários são convocados a trabalhar aos sábados, recebendo, por essas ocasiões, horas extras. O turno da manhã inicia às 7 horas, o que na época de inverno significa ainda estar escuro, e termina às 11h30min. O turno da tarde vai das 13h00min até às 17h30min o que no inverno já é noite.

⁶⁶ Faço uma ressalva quanto aos gerentes. Eu nunca vi estes usarem o cartão no relógio, mas geralmente estavam presentes a este momento também.

⁶⁷ As características da rua que na civilidade fabril de Farroupilha estão extremamente vinculadas à fábrica, serão abordadas no próximo capítulo.

fábrica consistem em protetores auriculares para todos os trabalhadores e óculos e luvas para os que trabalham especificamente em máquinas onde é obrigatório seu uso. Devidamente uniformizado, cada trabalhador dirige-se, através da mesma porta pela qual saíram os funcionários administrativos, para o seu devido setor na produção no mesmo pavimento.

Participando desse momento juntamente com os trabalhadores, percebi que a entrada na fábrica, como é vivenciada na Compax, mobiliza sentimentos e compreensões que os levam a atribuírem um estatuto de excepcionalidade ao momento: um ritual. Entendo que a definição de ritual é uma definição relativa, que não compete aos antropólogos; ao pesquisador, cabe a habilidade em detectar o que e quais são os momentos especiais para os sujeitos (PEIRANO, 2001). Minha tarefa, portanto, é ao constatar o envolvimento e a expressividade dos trabalhadores, evidenciar o que constitui o ritual para compreender o que está sendo compartilhado entre eles. O ritual é um fenômeno especial que aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, de forma a expandir, iluminar e ressaltar o que já é comum a um determinado grupo. (PEIRANO, 2001, p. 10).

Para Mariazinha, depois de três meses e meio de trabalho na Compax, o momento de entrar no prédio é sempre uma solenidade. É como ultrapassar um *portal*, porque nesse momento ela percebe que as outras dimensões da sua vida tornam-se inacessíveis, ficam “lá fora”. É como entrar em *outro mundo*, distante daquele onde estão seus familiares, a sua casa. Ela conclui que “*dentro da fábrica é pior que estar presa, não se pode usar telefones nem mesmo olhar pela janela, pois não tem*”.

O trabalho na indústria implica em permanecer em ambientes fechados por longos períodos de tempo. A fábrica, nesse sentido, aparece como uma “organização murada” (GOFFMAN, 2008, 150), que impõe aos trabalhadores uma imersão obrigatória na atividade da organização. O sistema fabril, com o intuito de facilitar a vigilância, reúne os trabalhadores em ambiente fechado, demarcado em setores em vistas de tornar a fábrica um espaço útil (FOUCAULT, 1977) aos objetivos da produção e do lucro. Vale lembrar que muitas fábricas, no início do século XX, trancavam as portas dos estabelecimentos durante o expediente (BLAY, 2001).

A ênfase dada pelos funcionários a um limite transposto entre a rua e a fábrica é uma espécie de rito de passagem. A noção de rito de passagem proposta por Van Gennep (1978) foi desenvolvida por Turner (1984), que buscava focar os momentos de transição ritualizados em sequências que tenderiam a dramatizar a agregação dos sujeitos a um novo grupo. Os ritos de passagem marcam uma etapa em transições importantes para os indivíduos,

que geralmente envolvem uma mudança de estatuto social que mobiliza a necessidade de identificação e reconhecimento.

Entre os funcionários da Compax, o rito do “portal” ao enfatizar fronteiras concretas e simbólicas entre o mundo “lá fora” e o espaço do trabalho investe na construção do papel social de trabalhador. Este aspecto traz à tona também a ideia de um rito de consagração que procura estabelecer uma eficácia simbólica na legitimação de papéis aos funcionários da fábrica, um rito de instituição como chamou Bourdieu. (BOURDIEU, 1982, p. 59).

Os trabalhadores vivenciam a entrada na fábrica demarcando claramente a transição entre dois universos. Eles se expressam de modo tal que identifico a presença de um momento liminar (TURNER, 1984) entre o fora e o dentro da fábrica. Ao toque da sirene da Compax, observa-se diariamente a sequência aparentemente invariável de elementos a se desenrolar, por meio da qual os envolvidos se “ajustam” para mais um dia de trabalho.

Esse trânsito constitui-se de uma dramatização composta por elementos que fazem parte do cotidiano da fábrica. Isto é, as ações aí presentes são ações que remetem à ordem, à autoridade, à legitimação dos papéis na organização. Assim sendo, a continência de gestos, a restrição dos espaços e o uso de uniformes aproxima-se daquilo que Roberto DaMatta classificou como “ritos da ordem”. (DAMATTA, 1979, p. 66). Um rito da ordem é aquele que, diferentemente dos ritos que celebram o riso e a desordem, como é o caso do carnaval na sociedade brasileira, remete a um reforço do cotidiano. O que emerge ao se entrar na Compax são práticas da ordem da normalização, da legitimação dos papéis hierárquicos que estruturam a empresa e atuam no sentido de articular e legitimar as experiências dominantes do trabalho fabril.

Porém, essa ocasião em que os trabalhadores confirmam e reforçam a ideia de equilíbrio e ordem não impede que eu também perceba a presença de elementos que remetem a um rito de inversão, como é o caso do fugaz momento da reunião de todos os funcionários em um mesmo plano de ação. O fato de trabalhadores de distintos níveis hierárquicos, todos no mesmo espaço e ao mesmo tempo, estarem compartilhando o momento da entrada remete à suspensão da realidade cotidiana, à transformação momentânea da rígida hierarquização da organização. Chefes e subalternos, durante o momento de bater o ponto, vivem certa condição de igualdade para, ao seu final, tudo voltar ao que era antes, com mais “força e resignação” (TURNER, 1974; DAMATTA, 1979). Estes momentos rituais, constituídos de elementos cotidianos, ao inverterem-se, dramatizam os conflitos latentes; ao repetirem-se periodicamente, tornam possível a manutenção das relações de poder conflituosas.

A uniformização dos trabalhadores da fábrica lembra as marcas corporais que podem estar presentes nos ritos de passagem, quando assim os sujeitos tomam para si as características que demonstram publicamente a adesão ao grupo. Assim, a troca de roupas dos funcionários, no início de cada turno, é uma maneira metafórica de enfatizar a troca de papéis sociais a serem desempenhados pelos sujeitos fora da fábrica e o papel que a organização fabril espera deles enquanto trabalhadores. O ato de encobrirem as suas próprias roupas, com o guarda-pó, nesse contexto, sugere que, ao transformarem-se em trabalhadores da fábrica, devem suprimir as suas idiossincrasias, como uma despersonalização. Esse fenômeno anula temporariamente a noção de pessoa em detrimento de uma individualização que é requerida pela organização coletiva do trabalho industrial. A troca das vestes traz a ideia de uma transposição entre ser pessoa “fora” da fábrica e ser indivíduo, “dentro” dela. De certa forma, é o que o gerente de produção expressa quando diz que *“os problemas pessoais ficam lá fora, o que cada um pensa, sua fé, aqui não interessa, aqui estamos todos sendo pagos é pra trabalhar e é isso que temos que fazer”*. O uniforme reforça a separação entre o papel que define a posição do trabalhador na fábrica de outros papéis desempenhados fora dali.

O guarda-pó tem a função de, nele, esconder as idiossincrasias do seu portador tornando a todos iguais, porém no nível da sua função. Uniformizados, os trabalhadores também se classificam, uma vez que se vestem em cores diferentes correspondentes às distintas funções hierárquicas da fábrica. A cor do guarda-pó é indicador de certas posições na escala hierárquica da fábrica, remetendo a diferentes graus de qualidade entre os trabalhadores (sem esquecer que os funcionários administrativos não utilizam o uniforme, reforçando a ideia de distinções entre os setores). Entre os trabalhadores da produção, o modelo dos guarda-pós é igual para todos, no entanto, os operários utilizam um guarda-pó de cor azul escuro; os supervisores, azul-claros, e o gerente de produção, vermelho. O guarda pó do pessoal do almoxarifado é de cor cinza. Logo que se entra no ambiente da produção, a estratificação dos setores dá-se mediante uma informação visual imediata, o que já traz a reflexão quanto ao papel que isto traz como racionalidade potencializadora para o exercício do controle na organização, visto que a cor do guarda-pó informa função, hierarquia, posição e salário de cada funcionário.

A troca da roupa é feita de maneira compartilhada, ou seja, os trabalhadores da produção vestem os uniformes, uns diante dos outros, informando aos outros e enfatizando a si próprios a posição que cada um ocupa na fábrica. Assim, a presença de todos os trabalhadores indistintamente na entrada, que, num primeiro momento, aponta para a ideia de

uma horizontalidade nas relações, logo evidencia a hierarquização que os uniformes lhes conferem.

O rito de entrada tem prosseguimento ao tomar a forma de desfile⁶⁸, quando os trabalhadores da sala de entrada se dirigem para os seus postos de trabalho. Nesse trajeto, novamente forma-se uma fila para que passem pela porta estreita que dá acesso à produção. Ao lado da fileira que vai passando, está, geralmente, o gerente de produção⁶⁹, cumprimentando um a um. Ele reconhece a todos pelo nome e com cada um trava um rápido diálogo, tecendo comentários sobre filhos, maridos e esposas, doenças na família e assim por diante.

A presença de um chefe presente, que busca uma relação mais pessoal e íntima com os funcionários, admite duas chaves interpretativas: o comparecimento do gerente remete à supressão da relação de poder que permeia as interações entre eles, o que poderia ser explicado como pensou Turner, como uma inversão de papéis que suspenderia provisoriamente as hierarquias da fábrica: um breve momento de anti-estrutura que prepararia os trabalhadores para a vivência hierarquizada do trabalho fabril (TURNER, 1979). Leite Lopes (1978, p. 58) observa trabalhadores diante do patrão em carne e osso e analisa o momento como um ritual de agregação dos trabalhadores ao mundo fabril.

Aqui na Compax é diferente, os chefes estão mais próximos da gente, não é que eles não sejam muitas vezes grossos e até humilhem a gente, mas tem momentos que são pessoas como a gente. O gerente daqui, por exemplo, está sempre ao lado da gente todo o dia na entrada ele cumprimenta um por um e ele sabe quem somos pelo nome! (Trabalhador do setor de montagem, reside em Farroupilha desde 2002).

O trabalhador difere o tratamento dispendido pelos chefes na Compax em relação a outras fábricas e deixa transparecer a valorização que ele atribui à atenção do gerente.

Há trabalhadores, contudo, que olham a presença do superior como uma imposição da autoridade desde a porta e, então, tem-se a segunda chave interpretativa. A experiência, sob este viés, e faz no sentido de mais um marcador do poder e, da ordem fabril, mantém relação direta com as rotinas do cotidiano. As análises devem, portanto, se aproximar das referências que DaMatta faz aos ritos de reforço. A entrada pode ser observada como uma variante formal, obviamente, muito próxima de um desfile militar analisado por esse autor, ou seja, de uma série de indivíduos devidamente uniformizados que desfilam diante da autoridade de

⁶⁸ DaMatta (1979) afirma que todos os rituais vão tomar a forma de desfile, demarcando ritualisticamente o espaço por onde passa.

⁶⁹ Até pouco tempo, quem ficava na entrada dos trabalhadores era o dono e diretor da fábrica, porém, por ordens médicas, ele suspendeu essa atividade. Isso porque o fato de o gerente ou ele mesmo ficarem ali é estratégico para o funcionamento da fábrica naquele turno. É ali, na entrada, que eles vão verificar as ausências dos funcionários que, segundo eles, são frequentes.

maneira ordeira, numa demonstração de obediência, disciplina e ordem, como a revelar a sua disposição de cumprir o seu dever (DAMATTA, 1986, p. 87).

O gerente, por sua vez, diz, sobre essa teatralização da entrada, que pretende “demonstrar aos nossos trabalhadores que sabemos tratá-los humanamente”, evidenciando que a sua atitude também é parte das estratégias traçadas pela empresa.

Com o tempo, descobri que a saudação individualizada que o gerente dirige aos trabalhadores à porta de entrada ainda tem uma intenção muito específica e essencial para a produção. A saudação a cada um dos trabalhadores também existe como um dispositivo de controle e organização, uma vez que, nesse momento, podem-se identificar trabalhadores ausentes. A partir daí, não somente são traçados os remanejamentos necessários (no sentido de redistribuírem as tarefas dos faltosos), como se inicia uma avaliação sobre estes.

O rito da entrada dispõe de vários elementos e múltiplas compreensões entre os envolvidos e expressa o mundo da fábrica, mas também age sobre os sujeitos dentro e fora da fábrica. A ação ritual, em seus traços constitutivos, é uma ação “performativa” (TAMBIAH, 1996) durante a qual os participantes experimentam intensamente uma atuação que utiliza vários meios de comunicação que inferem e criam significados e valores. Neste sentido, pode-se dizer que o ritual observado na Compax constitui-se de uma “ação performativa”, que diz respeito a “um atributo intrínseco tanto à ação quanto à fala, que permite comunicar, fazer, modificar, transformar” (PEIRANO, 2001, p. 40). O “portal” pelo qual os trabalhadores entram na fábrica, na verdade, é o acesso à inclusão no mundo fabril mais amplo, no qual a fábrica é um dos locais de socialização nesse universo.

4.6.2 Os níveis da produção

Os trabalhadores, ao ultrapassarem a porta que dá acesso aos seus postos de trabalho, passam a ocupar espaços bem demarcados. Objetos, máquinas, circulações e pessoas estão minuciosamente localizados e orientados a partir de um planejamento científico da produção, incorporado informalmente e posto em prática pelos responsáveis pela gestão.

No prédio da Compax, assim como muitas outras fábricas⁷⁰, os setores administrativo e produtivo encontram-se separados em dois pavimentos⁷¹. No piso superior, há várias salas destinadas às atividades administrativas, como o setor de vendas e de compras, a engenharia

⁷⁰ Refiro-me ao conhecimento adquirido em pesquisa etnográfica realizada na fábrica de calçados Bocalino, às visitas a metalúrgicas como a Tramontina e Bigfer em Farroupilha e a metalúrgica Allenge em Porto Alegre.

⁷¹ Na metalúrgica de Porto Alegre, o setor administrativo funciona em endereço distinto da unidade produtiva.

de produção, espaço para reuniões e a sala do diretor. No andar inferior, o térreo, é onde estão alocados os postos de trabalho manual da fabricação dos calçados.

A organização espacial, que destina os funcionários que trabalham no planejamento e na *idealização* dos calçados a um pavimento e os funcionários que trabalham na *execução* desse planejamento a outro pavimento, é uma implementação do modelo inicialmente desenvolvido por Taylor, na virada do século XIX. O método de racionalização do processo de trabalho proposto por Taylor previa a radical separação entre as atividades de planejamento e as atividades de execução, o que supõe tanto a exclusão das atividades intelectuais por parte dos operadores quanto distancia os planejadores do trabalho manual⁷².

A distribuição dos trabalhadores no espaço construído da Compax está inserida na noção de oposição entre o pensar e o fazer que circula no pensamento ocidental de maneira que as atribuições de valor estão a cada um implícitas. Assim, ao designar a atividade administrativa ao andar superior e a atividade produtiva ao andar térreo, justapõe as valorações espaciais que são comumente atribuídas a “em cima/superior” e “em baixo/inferior” às valorações de trabalho intelectual e trabalho manual.

A vivência do espaço, como refere Bourdieu (2008) ao refletir sobre a casa e a escola, implica em incorporação de esquemas mentais. Os trabalhadores vivenciam o lugar e articulam essas categorias naturalizadas em suas experiências pregressas de superior e inferior⁷³, construindo também com base no espaço utilizado as noções acerca dos lugares que cada um ocupa dentro da organização.

A dimensão relacional valorativa de superioridade e inferioridade interpõe-se às noções da hierarquização do trabalho na fábrica. Os funcionários dos distintos setores quando se referem uns aos outros como “os lá de cima” e “os lá de baixo” deixam claro já pela utilização do advérbio “lá” a distância e os diferentes níveis valorativos que os qualificam. Diz um trabalhador do chão de fábrica que

Lá, no andar de cima estão os deuses [eleva a postura do corpo e desdenho na voz] acham que podem tudo, enquanto nós aqui só nos ralando. Eles olham a gente como se fossem mais importantes. Eu sei que eles ganham mais, mas se não fosse o nosso trabalho aqui embaixo o que seria da fábrica? Hein? Quando eu vejo um de nós subindo as escadas, já fico pensando ih! Aquele vai pra geladeira! Sim porque um de

⁷² A separação entre o aspecto intelectual e o aspecto manual das atividades fabris implica em valorações distintas, que se desenrolam nas sociedades ocidentais desde os pensadores da antiguidade clássica, quando, Aristóteles, por exemplo, separou práxis de *poiesis* atribuindo prevalência à segunda. A concepção da ação, tida pelo filósofo como atividade livre, estaria acima, numa escala valorativa do trabalho, da operação, do ato que se realiza no objeto produzido (ARISTÓTELES, 1991).

⁷³ Metáforas como “estar por cima”, “subir na vida”, “ascese”, “céu”, “estar por baixo”, “ser rebaixado”, “no fundo do poço”, “inferno”.

nós lá em cima? Só se for pra levar mijada ou pra ser demitido! (Trabalhador do setor de montagem, reside em Farroupilha desde 2000).

O espaço construído ganha vida no dia-a-dia dos trabalhadores. O espaço fabril é um espaço disciplinar que está projetado no sentido de estabelecer comportamentos e provocar sentimentos entre os funcionários para que estes atuem no sentido de reproduzir a ordem planejada. A arquitetura da “racionalidade industrial”, construída sobre as noções de hierarquia e dominação que permeiam o sistema de fábrica, adquire significados e valorizações diante das utilizações que os trabalhadores fazem deles.

Viver o lugar e atribuir significados e valores a partir das suas próprias experiências, é o que Evans-Pritchard (1993, p. 123) chamou de espaço estrutural. O fato de trabalhar no andar térreo ou no primeiro andar, neste caso, não é só uma diferença de piso, mas um gatilho para categorizações que situam trabalhadores tidos e vistos como superiores e inferiores dentro da organização. Sendo assim, “lá em cima” estão o saber, os cargos de maior autoridade e os salários mais altos, enquanto “lá embaixo”, o fazer, o executar a tarefa, os subalternos e os salários menores. Em suma, como afirma Bourdieu (2007), as categorizações valorativas tendem a eternizar os arbitrários que, no caso da fábrica, buscam a reprodução da ordem hierárquica da organização.

Dentro dessa categorização ampla quanto a parte de cima e parte de baixo, existem múltiplas e complexas interações dos trabalhadores com o espaço, permanentemente vigiadas pelos supervisores e de maneira “onipotente” e “onipresente” pelo diretor e proprietário da Compax, que, além de poder circular livremente pela fábrica, a tudo controla de sua grande janela envidraçada no piso superior do prédio.

4.6.3 A arquitetura do poder

Tornar possível a produção de um objeto a partir da fragmentação das tarefas nas mãos de diferentes trabalhadores requer mantê-los alinhados em torno desse fazer. É dentro do paradigma de produzir mais em menos tempo – geração de lucro – que os gestores lançam mão de múltiplos dispositivos que mantenham os trabalhadores milimetricamente esquadrihados nas espacialidades e temporalidades planejadas. Todo o esforço é feito no sentido de “fazer a fábrica funcionar”.

O controle sobre as ações dos funcionários é, portanto, imprescindível. Para o diretor da Compax. “O olho é tudo na eficácia da produção. A pior coisa é trabalho longe do olho da

gente. Fica sem controle. Embaixo dos teus olhos a coisa é outra.” (Diretor e proprietário da Compax)

O diretor profere isso olhando pela grande janela de sua sala no andar superior que permite que se enxergue praticamente todo o pavimento térreo, onde estão localizadas todas as etapas da realização da produção propriamente dita do calçado⁷⁴. Fica evidente que a disposição dos trabalhadores em um quadriculamento espacial, além de uma distribuição funcional e útil, procura ostensivamente torná-los visíveis diante dos olhos do diretor e proprietário da Compax. Tudo pode ser visto a partir da sala do chefe, fazendo com que os trabalhadores se sintam extremamente visíveis e vulneráveis⁷⁵.

A utilização do olhar é um instrumento essencial para o sucesso do poder disciplinar, o que Foucault a considerar a presença do panóptico, a arquitetura emblemática do poder disciplinar. Esse dispositivo proporciona o olhar ativo, coercitivo, que age sob o olhar hierárquico, que tudo vê, que exerce um controle contínuo sobre o trabalhador.

O planejamento, construção e funcionamento do panóptico estão presididos pela ideia de que a disciplina do trabalho fabril depende da interiorização de temores, sobretudo o temor de ser visto fazendo o que não deveria ser feito. Sob a janela “panóptica”, os trabalhadores se veem impossibilitados de se ocultarem, de passarem despercebidos aos olhos do patrão. Uma trabalhadora, sem se voltar para a janela, porém direcionando os olhos para ela, diz:

Tu podes ver que quando o Agostino tá lá em cima, olhando a gente trabalhar, tudo muda. A gente fica sem jeito, não parece a gente mesma, sabe? É porque se sabe que tem alguém olhando o tempo todo pra cá. Aquele olho em cima da gente! Fica vendo se a gente tá trabalhando no ritmo, se não para, se vai ao banheiro, se conversa com os outros, se erra. Ai, eu não gosto disso. Não que a gente não vá fazer a mesma coisa quando ele não está; a gente acaba que acostuma a fazer do jeito que pedem⁷⁶... mas dia que ele não tá, fica tudo diferente, se trabalha mais solto, sem aquele peso por cima. (Operária do setor de montagem/esteira, reside em Farroupilha desde 2001).

O que a trabalhadora menciona remete à afirmativa de Foucault de que não era finalidade do panóptico fazer com que as pessoas fossem punidas, mas que não tivessem a oportunidade para cometer o mal, uma vez que se sentiriam imersas num campo de visibilidade.

⁷⁴ Os espaços cada vez maiores das fábricas hoje estão cobertos por sistema de vigilância de câmeras.

⁷⁵ Essa arquitetura tem referência na torre de vigilância que Jeremy Bentham propôs no final do século XVIII como forma ideal para prisões ou “*qualquer outra sorte de estabelecimento no qual pessoas de qualquer tipo necessitem ser mantidas sob inspeção*”, como é o caso das “*casas de indústria*” e as “*casas de trabalho*.” (BENTHAM, 2008).

⁷⁶ A lógica de controle do trabalho vivo, presente na Compax, como refere a trabalhadora, está em acordo com os princípios de Bentham ao afirmar que “*estar diante dos olhos de um inspetor é perder de fato o poder de fazer mal e quase a ideia de desejá-lo*”. (BENTHAM, 2008)

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmos; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis: torna-se o princípio da sua própria sujeição. (Foucault, 1997, p.168)

Mais do que punir, o panóptico se assenta numa ação profilática aos maus comportamentos. Tanto que, no caso de não ser eficaz, o patrão se desloca até o funcionário faltoso para espetacularizar essa falta. As ofensas pessoais e o tom de voz empregados nesse momento pelos superiores são bem comuns no cotidiano da fábrica: a isto denominei a “*performance do grito*”⁷⁷. É relevante notar que isto está dentro do raciocínio de Bentham, que lembra que importa menos o efeito da punição sobre quem é castigado do que as impressões que recebem todos aqueles que veem o castigo. A lógica de controle do trabalho presente na Compax, como refere a trabalhadora, está em acordo com os princípios de Bentham (2008) ao afirmar que “*estar diante dos olhos de um inspetor é perder de fato o poder de fazer mal e quase a ideia de desejar-lo*”.

Além da sala envidraçada, há, na fábrica, outros pontos de vigilância, estabelecidos a partir de funcionários em cargos hierárquicos de níveis mais altos sobre os seus subalternos, como é o caso do gerente de produção e dos gerentes e dos supervisores de cada setor.

No entanto, a essa vigilância típica de uma abordagem disciplinar, referida por Foucault, se sobrepõe outra, bem mais difusa, que parte de todo lugar e se dirige a todo o lugar. A vigilância, na Compax, não parte só da janela do diretor que a tudo e a todos vê, como também do olhar dos próprios trabalhadores entre si. O controle observado entre os funcionários da fábrica pode ser pensado como o controle refletido por Deleuze (1995), o qual não provem somente de um único espaço físico, mas de todos os lugares. Como afirma uma costureira que trabalha na Compax desde 2002:

Tu estás vendo aquela ali da frente, eu nem sei o nome dela, mas eu vejo que ela fica o tempo todo me reparando. Tenho certeza que se tu perguntar pra ela quantas vezes eu pedi banheiro hoje ela vai saber te dizer. Como se ela não tivesse pedido duas vezes só de manhã. (Trabalhadora do setor de costura, reside em Farroupilha desde 1998).

Nessa dinâmica de um controle rizomático⁷⁸, os próprios vigiados exercem a vigilância. Na Compax, parece que todos controlam a todos e a si mesmos o tempo todo.

⁷⁷ Esta questão está abordada no capítulo 4.

⁷⁸ Tomo aqui a ideia de Deleuze para pensar uma vigilância que remete à ausência de hierarquia e a presença da multiplicidade de fluxos desses olhares.

Nessa múltipla e complexa rede de olhares, os banheiros se apresentam como locais da fábrica inacessíveis à vigilância, e é exatamente aí que, anonimamente, “acontecem coisas”.

Os sanitários das fábricas sempre foram o ponto de fuga aos olhos dos superiores. Segundo declaração de uma funcionária no estudo de Busnardo (2003) sobre as fábricas do ABC paulista, há algum tempo, no banheiro da fábrica, havia um buraco por onde a chefia vigiava; caso se demorasse muito no banheiro ia investigar. Ecléa Bosi (2009), pesquisando entre trabalhadoras fabris em São Paulo também traz histórias de operárias que se utilizavam do espaço desguarnecido de vigilância para se organizarem politicamente durante a ditadura militar. Essas trabalhadoras, quando iam ao banheiro, deixavam escritas, nas portas dos sanitários, informações sobre as reuniões da categoria.

Na Compax, presenciei um episódio que envolvia o espaço do banheiro feminino sendo utilizado pelas trabalhadoras como uma forma de repúdio à funcionária responsável pela limpeza. Contam que esta empregada recebia um tratamento diferenciado pelo patrão e que, por isso, ela merecia ser aviltada a limpar as sujeiras feitas lá dentro. O protesto consistia em jogar papéis sujos dentro da pia, fazer as necessidades fora do vaso sanitário, enfim, atitudes que todas consideravam rebeldes, mas que nunca se soube quem as praticava. Eu observava essas ocorrências no banheiro como invenções anônimas, táticas transgressivas (cf. DE CERTEAU, 1998) num esforço das trabalhadoras em se opor a distintividade recebida pela colega por parte do patrão. Estes atos não deixam de ser um exercício de resistência que se gera nas tensões das relações de poder de um sistema de avaliação meritocrático que não incorpora relações de privilégio⁷⁹.

Há, no entanto, uma particularidade na utilização do panóptico na Compax. O original forjado na arquitetura de Bentham (2008) e analisado por Foucault (1997) para pensar a sociedade disciplinar tem o propósito de tornar todos visíveis a todos apesar de que, na Compax, dificilmente vê-se quem vê. Nesse modelo o vigia perfeito é um olho, uma voz ou mesmo uma sombra, que a todos controla sem conexão com seu portador e é por não ter identidade alguma que ele provoca temor.

O panóptico na Compax, distintamente desse, não se apresenta como vigilância despersonalizada. Ao contrário da lógica trazida por Foucault, este vigia da Compax, o diretor e proprietário, não somente a tudo vê como faz questão de ser visto. O diretor, em sua sala envidraçada, se mantém em exposição a todos os trabalhadores como figura modelar. A localização da sua figura lá no alto lembra cotidianamente a trajetória ascendente de sua vida,

⁷⁹ Esta temática será abordada no próximo capítulo.

na qual ele ressalta valores como a sua capacidade de trabalho e de empreender. “Eu vim lá debaixo”, diz ele apontando para os funcionários do chão-de-fábrica “é bom que me vejam aqui e saibam como só se chega aonde cheguei com muito trabalho”⁸⁰.

4.7 Para além dos muros da fábrica: a casa do patrão

A arquitetura do poder visivelmente extrapola os muros da fábrica e se instala no plano de construção do bairro. De quase todos os pontos do bairro, ao se voltar para o centro da cidade, vê-se, em primeiro plano, anteparando à vista dos edifícios mais altos da paisagem central, uma imponente e sólida construção em pedra com altas torres, muito semelhante a um castelo medieval. Esta é a moradia da família proprietária da indústria que deu origem ao loteamento e que, até pouco tempo, empregava a maioria dos moradores do bairro. A localização do castelo não se impõe no centro da cidade, mas numa situação bem periférica. É a partir do bairro que a construção encontra destaque. As suas torres se impõem frontalmente às ruas simétricas do Primeiro de Maio. A imagem do castelo frente às casas simples do bairro, à primeira vista, parece estar impondo de maneira coercitiva a presença do dono da fábrica ao cotidiano dos operários⁸¹.



Figura 25: O castelo da família Grendene. Fonte: Foto do caderno de campo.

⁸⁰ A questão da visibilidade do patrão será discutida com mais profundidade no capítulo 5.

⁸¹ O mapa dessa paisagem lembra em muito a casa do patrão analisada por Souza Martins (SOUZA MARTINS, 2008).

A casa do patrão se ergue de maneira muito similar a “eficácia do panóptico” existente dentro da fábrica. O empresário, de sua moradia, pode ver as ruas do bairro a fim de controlar o cotidiano dos trabalhadores fora da fábrica também. E assim como observo dentro da Compax, o empresário também se coloca às vistas dos moradores. Uma aproximação mais cuidadosa com os moradores do Primeiro de Maio revela essa outra realidade. Muitos moradores do bairro significam no castelo o discurso muito difundido na região sobre a trajetória do pobre colono imigrante que, devido à tenacidade e ímpeto ao trabalho, conseguiu “vencer na vida”. Assim sendo, referem que a imponente construção só lhes traz mais motivação para o trabalho ao perceberem que as chances de vencerem e tornarem-se patrões são muito palpáveis. Afinal, o grande empresário, o seu próprio patrão, também já foi pobre e trabalhador como ele é agora.

Ao observar a rua a partir do cotidiano do trabalho fabril, percebo os apêndices e as extensões que interligam esses espaços que, na verdade, não são assim tão distintos. O tempo da desordem está subtraído ao tempo da ordem, respondendo a uma pedagogia do trabalho que não dissocia o trabalhar, habitar e ser.

Não há praças no bairro⁸². Não existem espaços públicos construídos ou destinados ao lazer, e há reclamações entre os moradores do bairro por causa disso. Os espaços que às vezes são utilizados para tal fim em geral por jovens, que são sempre reprimidos pelos próprios moradores, que logo chamam viaturas da polícia para dispersar aqueles que consideram “gurizada sem trabalho”, “preguiçosos” ou “maconheiros”.

Assim, a falta de uso do espaço público para o lazer entre os moradores do bairro aparece de modo muito semelhante ao que acontece no núcleo central da cidade. A evitação desses lugares pode ser uma evidência dos esforços dos novos migrantes em aproximarem-se dos valores enaltecidos no novo ambiente e no qual buscam se inserir como trabalhadores. O bairro Primeiro de Maio, mesmo que não se constitua atualmente num bairro diretamente ligado a uma fábrica (o que o configure como “vila operária”), encontra muita similaridade no padrão descrito por Leite Lopes (1988) em o “Sistema Paulista”, uma vez que a temporalidade de trabalho e lazer ainda está fortemente marcada pelo controle dos empregos.

A vigilância moral vivida dentro da fábrica, onde todos trabalham sob o olhar do patrão, dos supervisores e dos próprios colegas, é vivida também fora da fábrica. “A

⁸² Durante a campanha eleitoral do ano de 2012 houve a promessa do poder público em construir uma praça para o convívio coletivo dos habitantes do bairro. “*Em fevereiro de 2012 a prefeitura está divulgando a construção de 300 apartamentos populares. E outras obras importantes em 2012. Entre elas, a construção da praça no entorno do pátio da igreja e a abertura com asfalto entre as ruas Lino Zanonatto e Raineri Petrini. A nova praça terá espaço para lazer, academia de ginástica ao ar livre, além de ponto de internet.*” Jornal O FARROUPILHA, 25/02/2012

impressão que eu fico é de que todos se observam o tempo todo”, disse-me, certa vez, a enfermeira-chefe do posto de saúde. A vigilância, que, no interior da fábrica, busca a redução do desperdício de tempo, dissemina-se pelas ruas da cidade assegurando a rotina do trabalho.

Trata-se de um cotidiano controlado, vigiado e demarcado pela visibilidade panóptica dos moradores pelos colegas de trabalho, pelos supervisores e pelo próprio patrão, uma vez que quase todos habitam o mesmo bairro. O proprietário da Compax reside há poucos quarteirões da fábrica, em uma casa de dois pavimentos, com aberturas bem amplas e garagem para três carros, que se diferencia dos prédios vizinhos. Todos sabem que ali mora do dono da Compax. A disciplinariedade, a ordem e o controle fabril emanam das fábricas e estabelecem uma relação simbiótica com o bairro e a cidade.

4.8 Onde está a “vizinha de porta”?

Nas ruas mais afastadas do núcleo central, as primeiras a serem construídas no topo do morro, os moradores são quase todos proprietários de suas moradias. Eles fazem parte do período inicial do assentamento e tiveram muitos incentivos para que pudessem comprar o lote e erigir as casas. Encontram-se pessoas que moram ali desde 1982, ano em que foi inaugurado o bairro, e que até hoje não se conhecem entre si. Durante minha pesquisa de campo por diversas vezes eu tive a oportunidade de presenciar diálogos entre eles que evidenciavam essa realidade. Eles sabem muito uns dos outros, mas porque se espiam e se observam, sem se deixarem envolver.

As tentativas espontâneas de criar espaços de sociabilidades por parte dos trabalhadores, como tomar chimarrão à janela ou sentar em cadeiras nas calçadas, como faziam nas cidades onde viviam, é logo alvo de constrangimentos, vividos no olhar dos que chegaram anteriormente. Os recém-chegados observam com incredulidade as dinâmicas urbanas de Farroupilha, relacionando-as à vida de “cidade grande”. Uma trabalhadora da fábrica comentou, certa vez, quando eu a acompanhava até a sua casa no fim do turno da tarde, que nunca pensava que moraria durante vinte anos na mesma casa e não teria um “vizinho de porta” para conversar, falar dos filhos e outras coisas do dia a dia⁸³. De certa forma, as interações predominantemente mediadas pelo dinheiro e as intensas jornadas de trabalho dos trabalhadores deixam as vias urbanas um tanto desativadas e tornam bem

⁸³ O comentário da moradora me faz pensar sobre o papel das mulheres nas socialidades mais “domésticas” e que o esvaziamento das ruas pode estar relacionado ao fato das mulheres estarem trabalhando dentro das fábricas enquanto as crianças permanecem nas creches ou nas escolas.

menores as possibilidades de composição da rua como produção de “territórios existenciais” (cf. CAIAFA, 2002).

A sociedade fabril reconfigura os tempos e espaços das socializações. Os encontros entre os moradores do bairro, diferentemente das referências anteriores, dão-se por meio de eventos promovidos pela igreja católica, pelos templos neopentecostais, pelo clube de mães (associação de mulheres que produzem artesanato, ligadas à Igreja Católica) e pelo círculo de pais e mestres (associação ligada às escolas do bairro). Os encontros familiares também acontecem quando, de fato, há familiares entre os recém-chegados. Ou seja, as experiências comunitárias fora do trabalho tendem a se dar em espaços fechados e homogêneos, lugares previstos que suportam situações controladas⁸⁴. As interações, nesses casos, ocorrem entre conhecidos que desempenham papéis sociais bem demarcados, predominando a previsibilidade desses encontros.

A proximidade da moradia, a vizinhança, leva as pessoas a, cotidianamente, utilizarem de mesmo ponto de ônibus, telefone público, armazém, farmácia, centro de saúde, etc. Enfim, estes itinerários são da ordem de uma sociabilidade mais ampla que a fundada nos laços familiares e mais densa que as relações de trabalho (MAGNANI, 2003, p.116) que se daria entre a casa e a rua, um território que mesmo sendo a rua, ao estar mais próximo à casa, ainda não é totalmente um espaço de estranhos. Porém, na maior parte do tempo, observei que as pessoas procuram não se reconhecerem nas ruas, vivendo-a como o lugar das relações formais, impessoais e individualizadas⁸⁵.

4.9 Os tempos da produção

Tempo e espaço são categorias universais que constituem e são constituídas pelas coletividades, muitas vezes concebidas por meio das atividades realizadas pelos sujeitos. Dessa forma, “as unidades de tempo só podem ser visíveis como tal, porque estão ligadas a alguma atividade socialmente bem marcada” (DAMATTA, 2000, p. 23). Sob essa perspectiva, as tarefas realizadas fornecem base para a noção de duração diferenciada da passagem do tempo, e, seguindo esse sentido, o advento da industrialização veio expor as sociedades a novas temporalidades.

⁸⁴ Não esquecer o fato de que os funcionários da fábrica que ocupam postos de níveis hierárquicos mais altos na fábrica também ocupam funções sociais de destaque. Observei que a maioria dos gerentes de setor e inclusive o gerente de produção estão envolvidos nas aulas de catequese na paróquia do bairro, por exemplo.

⁸⁵ Estas dinâmicas lembram os objetivos do planejamento da cidade moderna, orientado para evitar a “mistura”, como propalou o urbanismo racionalista de Le Corbusier: “é necessário matar a rua” (LE CORBUSIER, 1989).



Figura 26: Imagem de título do filme Tempos Modernos. Filme: Tempos Modernos (1936).

O Aqui e o agora, espaço e tempo, não existem independentes entre si, e o espaço vivido na fábrica é experienciado na convergência das temporalidades da produção. Essas categorias não estão, por sua vez, dissociadas da dimensão social; elas são parte da visão de mundo que constituem as coletividades. As considerações dos trabalhadores evidenciam as variações nas concepções de espaço e tempo vivenciadas no trânsito entre o ambiente não industrializado e o industrializado. Percebe-se que as dinâmicas da vida, com uma predominância do espaço e tempo da natureza, vão se sobrepondo os ritmos do relógio que emana das atividades na fábrica.

A questão do tempo é crucial na organização do trabalho fabril e por isso, desde o início da indústria como conhecemos hoje, o tempo foi um elemento que suscitou o interesse dos teóricos da gestão. Enquanto as habilidades se organizavam em torno das máquinas, o planejamento industrial fazia-o em torno dos horários (HASSARD, 1998, p. 180). A preocupação central do método de organização objetiva do trabalho de Frederick Taylor é justamente racionalizar o tempo da realização das tarefas dentro da fábrica. Muitos autores reconhecem a partir de Mumford de que foi o relógio, e não a máquina a vapor, o dispositivo que tornou possível a produção industrial (DECCA, 1998; INGOLD, 2000; BRAVERNMANN, 1987), que trouxe para o foco das transformações nas sociedades industrializadas outras noções de tempo. Ingold (2000) chega a afirmar que o relógio é a máquina arquetípica, precursora da era da máquina na Revolução Industrial (INGOLD, 2000, p. 328), que organiza não só o trabalho, mas as concepções de temporalidade da sociedade fabril.

4.9.1 O relógio capitalista

Estas considerações acerca do tempo e do espaço fazem lembrar que meu primeiro olhar sobre o ambiente da Compax, em especial a esteira em movimento, transportou-me imediatamente às cenas criadas por Charles Chaplin em *Tempos Modernos* (1936), uma vez que a fábrica se assemelha muito com a ambientação desse filme que focaliza as técnicas do taylorismo-fordismo na sociedade industrial do início do século XX.

Quero chamar a atenção para a cena inicial de *os Tempos Modernos*, que traz o relógio ao fundo a marcar a vida na fábrica onde se desenvolve boa parte da ação. O relógio protagoniza a transformação do modo de trabalhar, muito mais do que as próprias máquinas, que, afinal, também têm seu movimento impresso por esse mesmo relógio. Todo o ambiente, visando o lucro da produção, se conforma em torno da temporalidade do capitalismo moderno.



Figura 27: Trecho do filme *Tempos Modernos*. Fonte: *Tempos Modernos* (1936).

O princípio central com o qual Marx define o capitalismo assenta-se na ideia de que certo grupo de pessoas privadas do acesso direto aos meios para adquirir os meios de subsistência (proletariado) é levado a vender a sua capacidade de trabalhar para um empregador, dono dos meios de produção, em troca de um salário, o qual lhes permite obter os meios para sua subsistência. As atividades exercidas para o patrão em prol do salário nada mais é do que o “dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos” (MARX, 1988, p. 51). Isso Marx considerou um trabalho humano geral, o “trabalho social abstrato”, uma vez que não está em questão a qualidade do trabalho desenvolvido, mas o

tempo trabalhado. A indiferença com relação ao conteúdo do trabalho torna natural que o tempo de trabalho seja a sua medida.

O custo do trabalho corresponde ao salário e consiste no custo da reprodução do trabalhador. Em troca do trabalho, ele adquire para si e para sua família moradia, alimentação, saúde e assim por diante.

Conclui-se daí que, com o capitalismo industrial, o trabalho enquanto mercadoria medida em quantidade de tempo é trocado por certa quantidade de dinheiro. O tempo do trabalho é o tempo investido, e o tempo fora do trabalho ocupado em ócio é equivalente a tempo desperdiçado, a dinheiro gasto. Esta relação não somente demarca as fronteiras entre trabalho (tempo que rende dinheiro) e lazer (tempo em que se gasta dinheiro), mas também demarca uma atitude característica do tempo como algo a ser vendido ou poupado, uma mercadoria. Um determinado tempo de trabalho produz uma determinada quantidade de dinheiro, exatamente de acordo com a célebre frase usada por Benjamin Franklin: “Time is Money”, que, segundo Ingold, edifica a arquitetura da visão do *homo faber* ou, como este autor prefere dizer, do *nature-transformer* (INGOLD, 2002, p. 327).

Esse conceito de temporalidade mais amplo, que permeia o mundo capitalista contemporâneo, é o tecido com o qual encontro os trabalhadores da Compax tensionando outras tantas noções de temporalidade. Observando os trabalhadores em ação, ouvindo seus relatos e compartilhando das reflexões acerca das suas atividades, evidenciei a apreensão de distintas temporalidades no ambiente de trabalho: o tempo infinitesimal das tarefas repetitivas e monótonas; o tempo dos turnos ritualizados em entradas e saídas diárias; um tempo sazonal que se relaciona à mudança de modelos de calçados, às férias, e um tempo estendido que está vinculado a projetos pessoais e à mobilidade no emprego.

4.9.2 O tempo ínfimo do gesto vazio

Na Compax, a exemplo de outras indústrias do setor, muitos princípios sugeridos no modelo taylorista-fordista podem ser observados. Assim, muitos trabalhadores até então envolvidos do trabalho artesanal ou agrícola, nos quais viviam em ritmos variados e pessoais, ao ingressarem na fábrica, são expostos a um tempo impessoal planejado sobre a racionalidade do método científico. Não é que o compromisso com o horário do relógio fosse desconhecido entre os novos trabalhadores, mas eles referem que, na fábrica, o tempo é “*mais exigido*”, ou seja, é medido em frações muito menores. A inserção aos fazeres fabris leva-os a

perceber que as tarefas não mais são feitas sob um ritmo próprio, respeitando as possibilidades de cada um e antes a um tempo fora do seu controle.

Com o objetivo de racionalizar o tempo de realização das tarefas fabris para aumentar a produtividade, Taylor (1963), em os “Princípios da Administração Científica” propôs uma análise extremamente racional, que cronometra cada fase do trabalho e elimina, assim, os movimentos muito longos e inúteis. Segundo esse método, a cronometragem definiu para cada operário um trabalho extremamente fragmentado que deveria ser realizado num espaço de tempo previsto pelos supervisores. Logo a seguir, assentado nesses princípios, Henry Ford incorporou o emprego de esteiras mecânicas⁸⁶, integrando os diversos segmentos do processo de trabalho. O trilho ou esteira é um mecanismo automático utilizado para a movimentação dos componentes a serem incorporados no produto. A sua grande inovação tecnológica, no que tange à linha de produção em série, foi a de ter colocado o objeto a ser produzido num mecanismo automático que percorresse todas as fases produtivas, sucessivamente, desde a primeira transformação da matéria-prima bruta até o estágio final⁸⁷.

A utilização da esteira imprime uma dinâmica na qual as matérias primas se deslocam para serem transformadas por trabalhadores que permanecem fixados em seus postos de trabalho. Com isto, está garantido que a cadência de trabalho possa ser regulada de maneira mecânica e externa ao trabalhador. Um cronômetro, até pouco tempo, regulava a velocidade da esteira da Compax. Entretanto, quando comecei a pesquisa, este havia sido suprimido, e o “ritmo” desse dispositivo já estava a cargo do supervisor ou do gerente do setor, que dispõem de certa sensibilidade em verificar as possibilidades corporais dos trabalhadores, diminuindo a velocidade se assim acharem necessário.

É sobre os trabalhadores posicionados ao longo da esteira que o ritmo do relógio incide mais diretamente. Com a linha de encadeamento que se estabelece para compor as etapas da produção, os trabalhadores ficam presos ao espaço e ao tempo determinado, executando fragmentadas tarefas que devem ser feitas de forma rápida e sincronizada com a velocidade do trilho. As ações, limitadas a frações de tempo tão curtas, dão a eles a sensação, como referem alguns, de que o tempo para.

⁸⁶ Um mecanismo de transferência, que pode ser um trilho, uma esteira, ou um conjunto de ganchos ligados a um mecanismo de tração integrado a um comando único que lhe transmite um movimento regular ao longo do tempo. Em cima da superfície da esteira, os objetos de trabalho são transferidos para praticamente todas as seções de trabalho em que se divide o setor de produção, sofrendo a intervenção dos trabalhadores até que venha a ser retirado dessa linha, conferido, embalado e levado ao setor de expedição. Um conjunto de postos de trabalho, uniformemente dispostos lado a lado, ocupados por trabalhadores e ordenados de forma linear, sendo mínima a intervenção de cada um na produção como um todo.

⁸⁷ Esse mecanismo surgiu inicialmente na fabricação de automóveis e permanece sendo utilizada ainda hoje por alguns ramos industriais como é o caso da indústria calçadista.

As atividades artesanais que eram realizadas sob o ritmo de cada um são substituídas por tarefas bem delimitadas, medidas em duração de trabalho. Submetidos a horários cada vez mais precisos, os trabalhadores percebem, nessa atividade, a perda de agência sobre o próprio corpo em função da atividade. Essa concepção sobre o tempo, presente entre os funcionários que exercem tarefas muito repetitivas, remete à alienação do trabalho, no sentido que, nesses fazeres, não há uma participação de “si”. Os trabalhadores se ausentam mentalmente do espaço e do tempo em que se encontram e atestam que, para que o tempo passe sem muitas angústia, ficam pensando em outras coisas. Uma costureira me disse que reza para Jesus toda vez que fica exasperada em passar um turno inteiro a fazer a mesma atividade; outros cantam mentalmente. Valem-se de todo tipo de subterfúgio que os envolvam durante a jornada para eles insuportável.

4.9.3 Dia após dia... mudou a estação

Por outro lado, nos setores administrativos, as atividades permitem uma maior flexibilidade no tempo de execução. Os prazos mais distendidos proporcionam a esses funcionários outra concepção do tempo trabalhado na fábrica. Como compara um funcionário do escritório que começou no setor calçadista como operário, *“a tarefa administrativa deve ser efetivada naquela manhã, mas não naquele minuto, como é o caso da esteira, por exemplo”*.

O tempo dessas atividades é vivido em frações que correspondem aos turnos e ritualizado nas entradas e saídas diárias à fábrica. A participação mais “densa”, o maior envolvimento com a atividade, também colabora para que estes trabalhadores deem outra dimensão ao tempo. O acompanhamento um pouco mais amplo do funcionário entre o agir e seus resultados permite que ele presencie o processo de transformação da matéria manipulada implicando em maior envolvimento com a tarefa, como se trabalho e trabalhador se encontrassem indissociados. E é este estar presente que entendo por tempo intrínseco à tarefa, tanto é que, como diz uma funcionária do setor de planejamento de compras, *“dia que tem muito trabalho, nem vejo a manhã passar!”*

As temporalidades são vividas diferentemente, dependendo de muitas e complexas variáveis que compõem as diversas tarefas. Enquanto que em determinadas situações, para alguns, o tempo dentro da fábrica para, em outros momentos e para outros o tempo no turno trabalhado “voa”. Este tempo estrutural (PRITCHARD, 1993) emerge na vivência do tempo planejado para organizar o trabalho dentro da fábrica e que este se assenta em referências

universais do tempo ecológico (PRITCHARD, 1993) ou do tempo sideral (INGOLD, 2000)⁸⁸. Embora não esteja visível no chão-de-fábrica da Compax, o relógio está no pulso de todos os supervisores e gerentes da produção que fiscalizam a eficácia dos trabalhadores minuto a minuto. Os gerentes (controlados pelo tempo da produção, isto é, pela pressão sofrida pelos patrões para atingirem as metas diárias), em poder dos relógios, controlam o tempo que os trabalhadores levam para executar as tarefas. Os trabalhadores subalternos, por sua vez, carregam relógios escondidos nos bolsos, de onde controlam o tempo que falta para o fim do turno. Os relógios de todos eles, segundo informam, estão ajustados pelo relógio da Compax, o que indica que esse é o demarcador do tempo dentro e fora da fábrica.

A produção de calçados também traz uma outra concepção temporal que difere da pontualidade do tempo ínfimo e da relativa linearidade experienciada no dia a dia fabril. A peculiaridade da produção de calçados em responder à demanda do vestuário adequado às estações do ano faz com que haja a fabricação de sapatos fechados adequados ao inverno e a fabricação de calçados abertos para o clima quente do verão. Os trabalhadores demarcam essa sazonalidade falando em o “tempo das botas” e o “tempo das rasteirinhas”. Ou, ainda, dizem que “agora estamos de novo na safra das rasteirinhas”.

O termo “safra” remete a uma nomenclatura comum às práticas agrícolas e não somente informa sobre a ligação desses trabalhadores com um passado muito próximo com o campo, como diz respeito a sobreposição de temporalidades. A apropriação em duas temporalidades internalizadas restabelece de alguma forma o tempo tradicional para viver o tempo moderno. A referência dos trabalhadores a um retorno periódico no tempo relacionado aos modelos específicos de sapatos que eles confeccionam evidencia a presença de um tempo cíclico, predominante nas sociedades camponesas, mais vinculadas ao tempo da natureza que se sobrepõe aos tempos mais lineares da fábrica (INGOLD, 2000).

4.9.4 O tempo estendido: O trabalho fora do trabalho

O tempo, antes de tudo, é o tempo da produção; os outros tempos são vividos encaixando-se no tempo da fábrica. E, mesmo que se observe entre os trabalhadores recém-chegados que as experiências de tempo no ambiente de trabalho estão evidentes para além dos muros da fábrica, isso não impede que haja uma clara distinção quanto à qualidade dos

⁸⁸ Tempo sideral é uma expressão que Ingold toma do filósofo Soronkin para designar o tempo abstrato, medido pelo relógio.

tempos vividos dentro e fora da fábrica, demarcando, nesse sentido, a clivagem entre trabalho e vida, ou a alienação que Marx vê implicada no capitalismo industrial.

O trabalho na fábrica se apresenta, para alguns trabalhadores, como uma circunstancialidade, isto é, com uma clara finitude, implícita na ideia de que, num futuro próximo, utilizarão esse tempo em atividades autônomas. Observa-se que muitos trabalhadores investem no emprego e poupam os salários para que em suas aposentadorias disponham do seu tempo – da sua força de trabalho – em benefício próprio. Saliente-se mais uma vez que a impressão que dá é de que eles fornecem tempos das suas vidas mais do que competências, isto é, vendem mais seu tempo de trabalho do que seu próprio trabalho, o que corrobora que o tempo aparece como uma mercadoria que se pode economizar ou gastar.

O fato de trabalhar em mais de uma atividade concomitantemente também é muito comum entre os moradores da cidade de Farroupilha. A imensa maioria das pessoas que conheci tem mais de um emprego. Os funcionários da fábrica, por exemplo, após os turnos trabalhados, nos turnos contrários e inclusive nos fins de semana, têm outra atividade de trabalho. O trabalho além do horário de expediente pode funcionar como complemento à renda do trabalhador, porém, na medida do possível, o que eles procuram ter fora da fábrica é um trabalho autônomo, isto é, um negócio. A concreta possibilidade de ter um trabalho autônomo mobiliza os trabalhadores em torno de uma emocionalidade que os motiva a intensificarem os momentos de trabalho.

Aqueles trabalhadores que vão ascendendo nos postos de trabalho em seus empregos, passam a converter parte dos seus salários em capital que é investido em iniciativas próprias. Aqui o envolvimento no trabalho se dá em função da autonomia, da criatividade, da competitividade, ou seja, vai se constituindo nessas práticas um trabalhador portador das qualidades atribuídas aos empresários locais, das qualidades que compõem o *self-made-man* divulgado nos discursos do capitalismo contemporâneo. Na prática comum do “trabalho fora do trabalho” os trabalhadores transformam a força de trabalho em capital repondo-o continuamente em jogo no circuito econômico. Isto, segundo Boltanski; Chiapello, é o que imprime a dinâmica e a força de transformação do capitalismo (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 35).

Uma vez dentro da fábrica, percebi que o personagem central não era somente o trabalhador, mas a fábrica com tudo o que a envolve. Os trabalhadores vivem uma verdadeira imersão nesse ambiente, no qual criativamente se sujeitam aos espaços, tempos, normas e regras que incidem fortemente sobre eles não somente no sentido de disciplinar, hierarquizar e controlar como também no de motivar e envolver. Na fábrica, cria-se uma competência para o trabalho que é uma competência social, por meio de uma pedagogia dos corpos em ação (WACQUANT, 2002) os trabalhadores aprendem um saber-fazer e um saber-ser.

5. A PRODUÇÃO DOS SABERES/ OS SABERES DA PRODUÇÃO



As ações dos trabalhadores nos espaços e tempos da fábrica são permanentemente controladas para, segundo os gestores, adequá-las a uma maior e melhor produtividade. Uma vez que, na execução das tarefas, o trabalhador “põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão (...)”. (MARX, 1983, p. 149), tornar-se um trabalhador fabril diz respeito a um aprendizado corporal. Neste capítulo, portanto, as reflexões assentam-se nas experiências de aprendizado que os recém-chegados vivem para tornarem-se “aptos” (física e psiquicamente) a fazer usos do corpo no trabalho. As técnicas corporais aprendidas objetivam a realização de “atos eficazes” (MAUSS, 2003) na execução das tarefas, assim como a comunicação de uma moralidade.

Estar presente no chão-de-fábrica fez parte de uma vivência prática e sensorial que instigaram algumas questões acerca da praxiologia dos trabalhadores. Não me tornei uma nativa e não adquiri qualquer habilidade técnica em nenhum dos setores da produção, mas o estar-na-fábrica, que me permitiu vivenciar posturas, espaços, temporalidades, cheiros e ruídos afetou-me corporalmente e inseriu-me em um aprendizado perceptivo que veio me orientar no ambiente da fábrica e fazer com que eu percebesse a centralidade do corpo na constituição do trabalhador.

5.1 O estar-no-mundo da fábrica

Quando, mais tarde, retomei meu diário de campo e li este fragmento, percebi o quanto a minha estada dentro da fábrica suscitou também em mim – e não somente entre os trabalhadores como eles frequentemente relatavam – sensações “físico-morais” (DUARTE, 1986). Ao trazer para o foco da escrita a minha experiência sob uma abordagem da corporeidade no ambiente fabril, entendi que me era impossível considerar a fábrica como um mero cenário, isto é, como um pano de fundo onde se desenrola a ação dos trabalhadores: a fábrica é parte do mundo a partir da qual a vida dos trabalhadores passa a ser vivida. A presença da materialidade no ambiente fabril já fora notado desde os primeiros estudos sobre as fábricas. Foote-White, nesse sentido, pensa os trabalhadores na indústria a partir das interações entre humanos e das coisas feitas pelos humanos (FOOTE-WHITE, 1962). Não só o gestor e as regras, mas também as máquinas e as ferramentas incidem nos trabalhadores de forma a envolverem-nos em novos aprendizados.

O treinamento dos trabalhadores consiste em um controle prático de esquemas fundamentais, corporais, visuais, mentais e emocionais na intersecção com os elementos presentes. Nesse ambiente, o aprendizado perceptivo se faz fortemente presente, propiciando

um *hêxis*, isto é, uma internalização corporal de certos princípios como aptidões físicas, posturas e expressões corporais como mais uma instância que se engendra na construção do *homo faber*.

5.2 O saber é saber-fazer

Separar a atividade laboral em saber e saber-fazer implica em fragmentar o trabalho em uma instância intelectual e outra, manual. Esta cisão, que teve grande ênfase nos princípios tayloristas-fordistas, já nos primeiros experimentos da organização do trabalho coletivo industrial, pode ser observada na Compax na própria distribuição do espaço. A disposição em pavimentos distintos que aloca no primeiro andar aqueles que planejam a fabricação do calçado e no térreo, no chão, aqueles que executam esse planejamento, está imersa, como já comentado anteriormente, em percepções de valor universalizadas em noções sobre “superior” e “inferior”.

O “saber” da equipe administrativa da Compax, como seria de se esperar, não é constituído por um conhecimento adquirido nos meios acadêmicos. Para se ter uma ideia, dos cerca de 150 funcionários da fábrica, somente três possuem curso superior: a esposa do proprietário, que é graduada em Assistência Social e ocupa a chefia do setor financeiro, e os responsáveis pela engenharia de produção (um deles, filho de Agostino), que são estudantes universitários. O diretor e dono da Compax não completou o ensino fundamental e expressa orgulho de sua capacidade de “vencer” com tão pouca escolaridade.

Esse, aliás, é um grande problema a ser enfrentado nas escolas de Farroupilha – assim como nas escolas da região. Faltam argumentos aos educadores de que o saber escolástico é importante. Conta-me, certa vez, a professora de português de uma escola particular no centro da cidade, que chamou os pais à escola porque o aluno não tinha o mínimo desempenho em literatura que o pai, um conhecido empresário da cidade, ouviu a professora e respondeu-lhe algo assim:

Professora, eu tenho certeza de que a senhora deve ser muito boa nisso aí de literatura, eu nem sei o que é. Agora me diga, de que serve isso mesmo? Eu cheguei aonde cheguei sem nada disso! Ele já sabe ler? Já sabe fazer conta? Pra mim tá bom, é o que basta. (Professora da rede pública de ensino no município de Farroupilha)

A professora diz que não teve palavras, “de que adiantaria tecer a um homem com essa mentalidade a importância da leitura na vida de uma pessoa? O universo deles é outro!

Ítalo Balen (1981), na década de 1920, escreve sobre a colônia italiana em Caxias do Sul: “O homem deve saber, antes de tudo / trabalhar no que for, desde pequeno! / Só depois –

se aptidão tiver – a escola!” Aos versos de Balen, De Boni comenta na introdução: que a região de colonização italiana sempre relegou para segundo plano a instrução escolar e fornece o dado de que das 950 capelas da região somente 10%, na década de 20, tinham escolas anexas (BALEN, 1981, p. 21). Mas devo lembrar que ao lado desses relatos, a cidade de Farroupilha apresenta uma taxa de analfabetismo muito aquém das outras cidades do estado: 2,68% segundo dados FEE de 2010.

Mas toda essa situação não é uma exclusividade de Farroupilha. Em estudo feito por Barbosa (2006) entre trabalhadores do setor calçadista em Franca, a autora demonstra, em perspectiva histórica, que o predomínio do trabalho manual e a lenta transformação tecnológica do setor calçadista no Brasil contribuíram para emergência nos anos 1930/40 de uma “burguesia de pés descalços”, saída das oficinas de sapateiros e do quadro de operários das primeiras manufaturas, que foi a base da formação dos polos calçadistas. Deve-se também salientar que em Farroupilha, esta não é uma particularidade do setor calçadista, estando presente entre os muitos empresários que ascenderam com a industrialização da região.

Assim sendo, a elite empresarial farroupilhense que emergiu a partir dos anos 70, sem formação escolar, compartilha a ideia da valorização do conhecimento prático. Entre os gestores da Compax, o saber é uma competência incorporada que se transmite através da ação. O essencial é competência em saber-fazer que só se adquire por meio da execução da atividade. Muito próximo ao artesanato, esse é um fazer se aprende na tradição observando um trabalhador já exímio naquela atividade, os diplomas ou títulos pouco valor têm nesse caso. O que importa é demonstrar competência, dar mostras concretas de suas habilidades.

Bourdieu sustentou que o saber escolástico é dominado pelas elites através dos códigos comportamentais, linguísticos e intelectuais, acionada como capital cultural dessa elite. No caso de Farroupilha, está-se diante de uma elite emergente de um grupo de agricultores que traziam como valor o pragmatismo das comunidades agrárias. O saber-fazer, entre eles, constitui-se em capital específico dessa elite. Esse interesse em valorizar o fazer está ligado à própria existência dos empresários, uma vez que o saber-fazer é uma das formas de capital, isto é, um dos recursos úteis na determinação e na reprodução das suas posições sociais (Bourdieu, 1984, p.114).

A predominância do pragmatismo não impede que a elite e até os trabalhadores, sempre que possível, mantenham seus filhos estudando em universidades. Porém, isto não quer dizer que enquanto os jovens estudam não estejam trabalhando. Enfim, novamente observo que eles muitas vezes pensam que o curso superior é uma complementaridade ao conhecimento prático.

É interessante, a partir desta questão, trazer o contraponto que os recém-chegados fazem às valorizações de um saber-fazer. Os recém-chegados chegam imbuídos de referências do universo da elite latifundiária, vinculadas a um gosto aristocrático que difundia o valor da cultura escolástica, dos gastos conspícuos e do hedonismo. Nas interações vividas em Farroupilha, percebo que entram em disputa os estilos de vida, os quais diferenciam para se distinguirem em “gostos de luxo” (dos estancieiros) e os “gostos de necessidade” (BOURDIEU, 2008) dos empresários farroupilhenses.

Nestas situações, retomando brevemente a questão das disputas identitárias abordadas no primeiro capítulo, os “brasileiros”, recém-chegados, se posicionam com certa superioridade diante dos “gringos”, moradores mais antigos, quando escuto, às vezes em tom acusatório, jocosos comentários acerca da falta de “erudição” dos moradores da região. Seu Carlos mencionou isto quando, falando sobre a cidade de Rosário do Sul, de onde emigrou, (capítulo 1, p.3) disse: *“Tinha cinema, até teatro tinha, depois caiu [baixa a cabeça em silêncio e logo retorna a falar em tom de voz mais baixa] Tinha clubes, tinha até o golfe, tu já viu isso por aqui!?”* Ele claramente aponta para a ausência de “requinte” em Farroupilha. Certa vez, uma moradora, para expressar que em Farroupilha havia melhores condições de vida material, mas que lhe faltava uma vida “cultural”, afirmou: *“Aqui tem tudo, só falta o resto!”*

O contexto revela a aproximação de pessoas imersas em ambientes de expressivas transformações econômicas. Em cerca de cem anos, a economia pecuarista hegemônica no Rio Grande do Sul foi declinando, enquanto que, nesse mesmo intervalo de tempo, as atividades agrícolas das colônias de imigrantes emergiram em cidades prósperas e industrializadas. O curto período em que isto ocorre incide sobre a vida das pessoas de tal forma que a mudança histórica é a biografia das pessoas. Nesse trânsito, os gostos dos trabalhadores, vinculados ao gosto de uma burguesia, em certos momentos, sobrepõe-se valorativamente aos gostos “populares” dos empresários locais, porém, no contexto de Farroupilha, o que prevalece é o englobamento da cultura escolástica pela cultura pragmática.

Os empresários locais, como é o caso de Agostino, são admirados pelos trabalhadores, em geral, exatamente porque eles sabem fazer. Observo que a ideia corrente na Compax é de que Agostino consegue administrar porque ele tem conhecimento prático daquilo que ele administra. Dizem que ele sabe como passar cola, como utilizar a chanfradeira, como manejar a máquina de costura ou mesmo programar um balancim, enfim, todos acreditam – e ele confirma dizendo que pode substituir a qualquer momento qualquer funcionário – que ele detém o saber-fazer de toda o processo da fabricação de calçados. Alguns trabalhadores mais

antigos inclusive lembram-se de vê-lo no chão de fábrica ocupando o posto de trabalho de algum funcionário ausente.

O perfil do empresário encerra em si a valorização do fazer em total embricamento com o saber. Esta característica traz implicações teóricas, uma vez que rompe com o entendimento de separação entre teoria e prática. Agostino é um “artesão em matéria de gestão”. A aquisição do seu saber administrativo se efetiva diante de um processo de transmissão do saber-fazer. Na trajetória de Agostino, assim como na aquisição de técnicas artesanais, o saber é a experiência em torno da relação entre mestres e aprendizes, o que ele próprio afirma quando diz que “*tudo o que eu sei devo aos meus antigos patrões*”. Essa modalidade de aprendizado é própria da técnica do artesão que aprende por meio da observação e da imitação, procurando fazer como o outro faz. O empresário, de trabalhador no chão-de-fábrica a diretor e proprietário da Compax agrega em si o domínio sobre as diferentes ações que compõem todo o processo produtivo. A percepção contínua das múltiplas etapas da produção lhe confere o controle de uma totalidade e uma experiência próxima à criação. Nele ao ato técnico da produção do calçado soma-se o ato mágico, simbólico (MAUSS, 2003) que neste caso lhe confere poder. O poder conferido pelo seu saber-fazer.

Para os trabalhadores, nesse contexto, predomina a compreensão de que para chegar ao saber deve-se fazer. Na Compax, todo o funcionário, em princípio⁸⁹, começa a trabalhar no chão de fábrica e, só posteriormente, passa a ocupar outros setores. Se o ato de fazer é o que gera conhecimento, só fica sabendo aquele que faz ou já fez, então a formação do trabalhador emana das dinâmicas do chão de fábrica. É aí que se forja o bom trabalhador.

Aprender a ser trabalhador, nesse caso, é adquirir um saber prático que compreende um conjunto de habilidades, de técnicas corporais. Disso advém que as disposições que produzem o bom trabalhador são focalizadas em um processo de educação do corpo, fazendo lembrar o corpo como instrumento e o mais natural, o primeiro objeto técnico e ao mesmo tempo meio técnico do homem (MAUSS, 2003).

Observo que os trabalhadores, ao viverem seus fazeres fabris ao mesmo tempo em que interagem com suas ferramentas, máquinas e uns com os outros, demandam modos de engajamento corporal que são esperados e que geram padrões de uso do corpo que não são somente técnicos. A experiência do trabalho fabril implica em uma incorporação efetiva de novas atitudes. Este aprendizado, ou esta atenção, como quer Csordas (2008), não consiste em

⁸⁹ É óbvio que muitos funcionários já chegam na Compax trabalhando nos setores administrativos, estes em geral são trabalhadores conhecidos pelos gestores através das redes de trabalho e já tiveram experiências anteriores em outras empresas.

algo puramente intelectual; é um fenômeno de engajamento prático no mundo adquirido a partir das vivências corporais e sensoriais: aquilo que Csordas (2008) chama de “os modos somáticos de atenção”, ou seja, as formas culturalmente elaboradas de atentar com e para corpo. Passo assim a entender que a atividade fabril é experiência sensível com a qual eles aprendem percepções e posturas que são centrais no processo de socialização dos recém-chegados, uma vez que o mundo do trabalho é a porta de entrada para essa coletividade.

Seguindo essa perspectiva de pensar a presença dos sujeitos imersos no ambiente como parte constituída e constituinte dele, Ingold desenvolve a noção de “*skillment*”, que toma o cultivo de “habilidades” não como propriedades do corpo individual, mas de um sistema total de relações constituído pela presença do sujeito em seu meio (INGOLD, 2006, p. 19). O autor classifica em cinco dimensões críticas os tipos de habilidades práticas. Primeiro, a intencionalidade e funcionalidade são imanentes à prática em si mesma, ao invés de serem propriedades prévias, respectivamente, de um agente e um instrumento. Segundo, a habilidade não é um atributo de um corpo individual isolado, mas de todo o sistema de relações constituído pela presença do artesão em seu ambiente. Terceiro, antes de representar a mera aplicação da força mecânica, habilidade envolve qualidades de cuidado, julgamento e destreza. Quarto, não é por meio da transmissão de fórmulas que a habilidade é passada de geração em geração, mas através da experiência prática, “*hands-on*”. Finalmente, o acabamento habilidoso serve não para executar um planejamento pré-existente, mas para gerar formas e artefatos (INGOLD, 2006, p. 331). A aprendizagem, portanto, diz respeito a maneiras de pensar, sentir e agir para lidar com situações que uma vez incorporadas servirão de referências para as próximas ações e interações. O trabalhador da Compax, ao incorporar uma competência constituída na exposição continuada às exigências da gestão fabril, não deixa de estar incorporando uma competência que é social.

5.3 Conduzindo máquinas

Na cadeia de operações da Compax, há diversos processos entre as tarefas que tendem a incidências mais físicas ou mais cognitivas, mais simples ou mais sofisticadas, requerendo a presença de distintas habilidades por parte dos trabalhadores. O saber-fazer, dependendo do posto de trabalho, pode ainda estar mais ou menos envolvido com a mecanização e a tecnologia, o que, por sua vez, suscita outro aprendizado.

Uma das tarefas mais simples e menos valorizadas no processo do fabrico do calçado é a atividade de passar cola. Os relatos dos funcionários, em geral, trazem esta atividade como

um ícone do trabalho de menor estatuto profissional, o mais baixo na hierarquia das habilidades dos trabalhadores. Em tarefas muito simples como esta - em geral sem a presença da tecnologia -, o trabalho aparece como extenuante e enfadonho, suscitando muitas queixas que expressam mal-estares corporais decorrentes da sua execução.

Em relação a essas tarefas, os trabalhadores sentem-se fora de si próprios durante o trabalho, pois eles exercem a atividade sem se sentirem parte daquilo que fazem e expressam que executam tarefas que para eles são inespecíficas, durante o determinado tempo em que ficam à disposição da fábrica em troca de um salário. Esta relação com o fazer vivida como uma quantidade variável de atividade é, em geral, o trabalho despido de suas especificidades e considerado como simples despesa de energias humanas, físicas e intelectuais (MARX, 1983)⁹⁰.

Quase todos os trabalhadores da produção trabalham o dia todo em pé, sem saírem do mesmo lugar. As tarefas exigem movimentos muito localizados em partes específicas do corpo e se repetem continua e cadenciadamente durante um turno inteiro sem interrupções. A gestualidade pontual e repetitiva são fatores mencionados pelos trabalhadores para expressarem-se sobre as dificuldades encontradas no novo modo de trabalhar. Como diz Geslaine, que trabalha ao lado da esteira:

É difícil ficar em pé, parada o dia inteiro, assim [toma uma atitude rígida com o corpo, as duas pernas juntas e os braços colados ao tronco deixando somente os antebraços livres e esticados à frente]. Não dá pra ficar virando pros lados, ou dar uma caminhadinha até a frente e voltar, sei lá. Um movimento diferente, sabe? Que alivie um pouco. No fim do dia, eu sinto cansaço nas pernas... às vezes até meus pés formigam. Principalmente quando tem muito trabalho. (Trabalhadora do setor de montagem- esteira, reside em Farroupilha desde 2003).

O volume da produção exige que esses pequenos gestos sejam repetidos infinitas vezes a uma velocidade que eles sentem como “pressão” e os leva muitas vezes à exaustão física. Os funcionários referem que há dias que trabalham no limite de seus corpos.

No início eu ficava muito cansada. Minhas mãos doíam muito, eu chegava em casa e não tinha força nas mãos, não conseguia nem preparar a janta. Tu acredita que eu não tinha força nem pra cortar a galinha pra janta? Minhas mãos pareciam que não eram mais minhas, parecia que eu deixava elas na fábrica, só funcionavam aqui. (Trabalhadora do setor de montagem- esteira reside em Farroupilha desde 2001).

Estas atividades restritas a uma espacialidade e temporalidade ínfimas são as atividades que podem ser vistas como o trabalho alienado, uma vez que os trabalhadores não se reconhecem nessas tarefas. As ações, depois de aprendidas, são repetidas automaticamente,

⁹⁰ Ingold (2006) pensa que todo o trabalho é vivido com envolvimento. O autor diz que de alguma forma os sujeitos se envolvem com aquilo que fazem, “habitam” o meio ambiente do trabalho.

como eles próprios dizem, são feitas “no automático”. A experiência de alguns fazeres fabris, extrínseca à *performance* da atividade, desloca o trabalhador do centro do processo de trabalho para a margem, ou, melhor dizendo, o trabalhador ou age sobre uma ínfima parte da produção, ou ele opera máquinas que realizam a tarefa, o que leva à ausência de engajamento, à falta de sentido aos movimentos corporais, a uma série de desconfortos e a exaustão física e mental. O trabalho é expresso como algo desagradável, enfadonho e até exasperante, impressões atribuídas muitas vezes às falhas na produção e ao elevado índice de absentismo e demissões.

Concomitantemente às atividades muito simples, que levam os trabalhadores a uma relação desestimulante com o trabalho, na Compax aparecem outras concepções quando observo, por exemplo, os trabalhadores hábeis em manusear máquinas, os chamados operadores. O saber “mexer com máquinas” é um dos elementos de distinção entre eles porque, segundo dizem os supervisores, a realização das tarefas mecanizadas que agregam tecnologia requer maior conhecimento, um fazer mais complexo. O aprendizado mais específico exige um contato mais prolongado com a tarefa, mais tempo de prática. Estas atividades são realizadas por funcionários com um maior tempo de inserção no ramo calçadista, que possuem uma trajetória mais longa na indústria calçadista.

Os operadores, em geral, como a maioria dos trabalhadores, iniciaram no ramo calçadista trabalhando em atividades simples. Interessados em ascender na fábrica, eles relatam que, quando tiveram a oportunidade de lidar com alguma máquina mais complicada, permaneciam além da jornada de trabalho para aprenderem a operar. As máquinas com certo grau de dificuldade e risco agregam valor ao trabalhador.

Conversando com Ângelo, compreendo que a apreensão de um saber específico confere um capital corporal que os distingue econômica e simbolicamente dos outros trabalhadores e evidencia a si próprios as suas trajetórias ascendentes que iniciaram com a migração. Ângelo migrou da zona rural na década de 80 e empregou-se no ramo calçadista, onde aprendeu a manipular as máquinas do setor de montagem. Hoje ele se sente orgulhoso de sua trajetória e inclui em seu relato a proximidade com as máquinas.

Eu acho o máximo, né, porque lá em Rodeio Bonito, onde moram meus pais, a única máquina que eles conhecem é trator! Até pouco tempo eu só sabia lidar com trator! [risos] Hoje eu sou operador, eu conheço esta máquina... E outras também. Eu sei e muitos aqui me respeitam pelo que eu sei fazer. E tudo o que aprendi foi dentro da fábrica praticando, vendo os outros fazendo, prestando atenção ao que os supervisores me ensinavam. (Operador de máquina reside em Farroupilha desde 1990).

Nestes casos, o conhecimento de operações específicas para manusear máquinas confere uma identidade ao trabalhador vinculada a sua habilidade. A distinção atribuída aos operadores com alguma especialização subtrai dos relatos desses trabalhadores os desconfortos vividos sob o trabalho repetitivo e automatizado que a máquina lhes imprime.

O trabalhador, neste caso, de certa forma, sente que domina a máquina. Ele subjuga a máquina ao acionar o dispositivo e deter o saber de fazer isso. É diferente da esteira, frente a qual ele está subjugado. Lidar com máquinas requer atitudes e habilidades específicas que ocupam a atenção dos trabalhadores e fazem com que se envolvam, sintam, brinquem e até xinguem a máquina. Os trabalhadores são pessoas (e não unidades de força de trabalho) que se engajam no maquinário e compartilham significados de estar entre esse maquinário.

É nesse sentido que entendo a argumentação de Ingold (2006) de que, certamente, o trabalho na fábrica se constitui em uma abstração, no sentido que ele é uma troca de uma quantidade de tempo de atividade do trabalhador por uma quantidade de dinheiro, mas nessa afirmação está esquecido o fato de que as pessoas, vivendo em contextos práticos, se engajam com os materiais, se engajam uns com os outros. Os operadores de máquinas são mais que simples operadores de tecnologia; eles lidam com as máquinas e se envolvem com elas. Essa atividade não somente lhes pertence como também lhes exige uma boa dose de habilidades de um tipo que só pode ser adquirido pela experiência no trabalho.

Ingold (2006) retoma os estudos de Leroi-Gourhan (1965) para pensar a evolução técnica como um processo de objetivação e externalização das forças de produção, e não como processo de complexificação. O autor argumenta que a máquina é resultado do processo histórico das forças de produção que acompanha o desenvolvimento do capitalismo. Nesse processo, as relações entre trabalhadores, ferramentas e matéria-prima se transformaram, ressitando as habilidades centradas nos sujeitos em objetivos de funções mecânicas, que, ao separar o planejamento da construção, reduziu a atividade prática a uma execução meramente mecânica.

Ingold vai demonstrar que a orientação para a tarefa continua central na experiência de trabalhar nas sociedades industriais, mesmo que a realidade dessa experiência seja sistematicamente negada no discurso ocidental. A máquina na sociedade industrial continua a ter um operador, continua a requerer sua habilidade; contudo, esta repousa em cooperar com a máquina e é através dessa operação que o trabalhador produz identidade pessoal e social. Operar máquinas, nesse sentido, é parte do processo que produz o trabalhador enquanto “agente social hábil” (INGOLD, 2002, p. 332). Similar às atividades desenvolvidas nas

sociedades tradicionais, as tarefas mecanizadas fabris também são habilidades técnicas de pessoas com identidade particular (INGOLD, 2002, p. 335).

O autor afirma que esse engajamento é a habilidade e que o desenvolvimento de habilidades é também um fator por meio do qual os trabalhadores são capazes de resistir às imposições de um regime de comando e controle que procuraria reduzir suas atividades a pouco mais que a operação de um sistema externo das forças produtivas. Ingold não nega que o maquinário ao qual os trabalhadores são requisitados a operar possa ser desconfortável e prejudicial à saúde, mas assegura que, apesar da afirmação de Marx sobre a alienação, o trabalhador não deixa de “habitar”, isto é, de se envolver com o local de trabalho.

Gostaria de fazer uma ressalva e lembrar que a distinção que a máquina infere ao operador, no entanto, não é abrangente a toda e qualquer máquina. O setor da costura, por exemplo, é todo mecanizado, e as operadoras dessas máquinas (todas mulheres) são reconhecidas profissionalmente. Ou seja, essas trabalhadoras detêm um conhecimento específico qualificado que lhes confere uma identidade oficial. No entanto, percebe-se que o saber-fazer das costureiras não lhes confere distinção semelhante aos operadores de outras máquinas presentes na fábrica⁹¹.

A máquina de costura, por mais sofisticada que venha a ser, por mais tecnologia que lhe seja agregada, não é tida sob o mesmo estatuto das outras máquinas da fábrica. Os funcionários não conferem a essas máquinas a noção de modernidade e de progresso, como é o caso da máquina de fazer bico e da máquina pneumática, por exemplo. A máquina de costura, até onde pude perceber, ocupa, no imaginário dos trabalhadores, a noção de uma fazer doméstico e um fazer da mulher.

Enfim, posso afirmar que encontrei, na Compax, a presença de diversas e complexas vinculações entre os trabalhadores e seus fazeres. Dependendo da trajetória do funcionário na sua trilha profissional, da tarefa realizada e do tempo de serviço na fábrica ou no setor, o trabalhador vivencia distintamente o trabalho. O que, para uns, em determinadas circunstâncias, apresenta-se incompreensível e enfadonho, em outros momentos e em outra escala pode aparecer como distinção e ascensão profissional.

5.4 O saber ser é tatuar

No processo de industrialização, as fábricas se incumbiram da construção do corpo e da identidade dos trabalhadores em razão de suas atividades produtivas e sociais, admitindo

⁹¹ A questão de gênero que emerge nessa circunstância instiga a muitas questões presentes nas relações de trabalho na fábrica. No entanto, deixo claro ser esse um tópico a ser pouco abordado na tese.

os trabalhadores sob dispositivos de disciplinamento e regulações corporais. Nesse processo, a regulação de movimentos, gestos, atitudes e comportamentos faz do corpo um objeto de minuciosa vigilância. Nenhum funcionário circula fora dos limites do seu setor; ninguém pode desviar o corpo de sua tarefa; os corpos devem permanecer, durante a jornada de trabalho, em constante movimento com as máquinas, como as máquinas.

O aprendizado dentro da fábrica, portanto, não se atém à aquisição de técnicas ou ao desenvolvimento de competências motoras. As práticas corporais exigidas na fábrica, além das habilidades de ofício, também são dirigidas às moralidades laborais que circunscrevem na estética corporal as virtudes compartilhadas pelo grupo quanto ao que é ser “bom trabalhador”.

Nas práticas de trabalho, na Compax, verifiquei haver grande ênfase em relação às atitudes, talvez mais do que no exercício das tarefas. Os trabalhadores, mais que técnicas específicas para produzir calçados, devem incorporar posturas que os evidenciem em atitudes direcionadas ao trabalho: como dizem os gestores da Compax, atitudes “*pró-ativas*”.

Um conjunto de sinais corporais é como uma retórica corporal de honra que deve estar presente nas ações e interações entre os trabalhadores da Compax, por meio dos quais eles se identificam como os mais e melhores trabalhadores. Diversas vezes, ouvi comentários pejorativos desqualificando a postura “de braços cruzados”. Nada mais ultrajante dentro da fábrica do que se estar de braços cruzados. Tal era a aversão contra essa forma corporal que eu logo passei a me controlar no sentido de não me fazer vista dessa maneira.

Braços cruzados, cabeça baixa, corpo com pouco tônus muscular (molenga) e falta de rapidez nos gestos são características que fazem parte de esquemas motrizes entendidos como padrões ideais de movimentos e estruturas mentais que passam a ser *performatizados* pelos funcionários (assim como por mim). Portanto, o corpo é o primeiro reorganizador da atividade produtiva e de boa parte da conduta social.

O corpo é a força de trabalho, sendo muitas vezes confundido como um elemento a mais na produção. O maior tabu da Compax é um funcionário de braços cruzados. Quando alguém quer se referir a algo inaceitável remete-se a essa postura. O diretor-proprietário da Compax, de sua janela *panóptica*, observando à distância a dinâmica da produção, refere-se a esse respeito dizendo:

O que me deixa desesperado é quando eu olho daqui e vejo funcionário meu de braços cruzados. Se eu estou pagando é para que façam alguma coisa! Olavo [gerente de produção], por exemplo, seguidamente está lá parado e de braços cruzados. Olavo é um preguiçoso, podés ver. Olha pra ele: sempre de braços

cruzados... não pode! Onde já se viu um gerente que fica de braços cruzados?!
(Diretor e proprietário da fábrica, 47 anos, nascido na zona rural de Farroupilha)

Por outro lado o corpo é o instrumento de sobrevivência do trabalhador, e a capacidade de produção do corpo é a sua própria vida. O trabalho fabril se concretiza nessa tensão entre as exigências dos supervisores, que constantemente os vigiam no sentido de mantê-los produtivos, e os limites físico-morais do trabalhador.

Não dá pra parar um minuto, né? Ainda mais quando o J. [diretor e proprietário] está. [Diz ela levantando os olhos para a grande janela envidraçada da sala do diretor.] Ele vê tudo. A gente não pode nem piscar. Aqui a gente não pode mostrar desinteresse pelo trabalho. Tipo: cara de cansaço, de quem dormiu pouco, nem pensar, eles notam tudo. Já vêm querer saber o que aconteceu e se isso não vai afetar na tua produtividade. (Operário na esteira reside em Farroupilha desde 2009).

Os trabalhadores aos poucos compreendem que mais do que a habilidade técnica traduzida nos gestos precisos eles devem demonstrar comportamentos condizentes com as expectativas dos gestores que exigem dedicação extrema. O corpo deve permanecer em atividade ou demonstrar-se potencialmente preparado para entrar em ação. Caso contrário, se o corpo do trabalhador é visto sem sinais de alerta, será notado como um corpo preguiçoso. Os operários devem mostrar-se, por meio de suas atitudes corporais, sempre ativos, à disposição das ordens dos funcionários superiores.

O diretor diz que gostaria que os “seus” funcionários se envolvessem mais com a empresa, doassem-se para o trabalho. Os funcionários responsáveis pela gestão repetem, muito constantemente, aquilo que dizem ter escutado do diretor da fábrica: “Para ser um bom funcionário, vestir a camiseta da empresa não basta. Para ser um bom funcionário é preciso tatuar a Compax no corpo”.

A busca de um maior envolvimento dos trabalhadores com a fábrica é um exercício incansável do diretor da Compax, que vive cotidianamente a tensão entre a “competitividade do mercado” – a obtenção de lucro - e a “falta de mão de obra comprometida” – a possibilidade de resistência dos trabalhadores. O diretor, nesse sentido, proclama diversos discursos por meio dos quais procura persuadir os trabalhadores ao novo modo de trabalhar. Os termos expressos evidenciam o esforço do empresário em exercitar um poder sobre os funcionários focado diretamente em seus corpos. Assim como afirma Foucault, “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se efetua somente pela consciência ou pela ideologia, mas também no corpo e com o corpo” (Foucault, 1994, p. 210). Na festa de encerramento das atividades do ano, no recesso entre Natal e Ano Novo, quando a fábrica concede férias coletivas, o diretor da empresa proferiu um longo discurso, que foi finalizado com as seguintes palavras:

... Bom, pessoal, eu ainda quero dizer a vocês que aproveitem os dias das férias coletivas. Mas, por favor, não extrapolarem, cuidado com a cervejinha, as festas... Vocês sabem que é importante se manterem em forma, pra voltarem com o corpo em dia para produzir. (Diretor e proprietário da Compax)

Para ser um bom funcionário na concepção dos administradores e supervisores é necessário que ele transcenda à simples execução da atividade. O diretor da Compax diz que vive em função da fábrica e gostaria que isso fosse também verdade para todos os funcionários, afinal, “todos nós dependemos do sucesso da empresa”. Para me explicar o que, para ele, é o funcionário ideal o diretor fez a seguinte comparação:

O que é melhor na produção? As galinhas que dão ovos ou os porcos dos quais se faz o bacon? Claro que do funcionário tem que se querer tudo. Então eu te respondo: No caso da galinha ela só dá os ovos; não está comprometida realmente com a produção. Já o porco não, ele está ali pra dar com a própria vida o produto que é o bacon. Este é o funcionário ideal, este é o que merece o salário. (Diretor e proprietário da Compax).

O diretor é contundente em sua imagem de um corpo vitalmente empenhado com o trabalho em termos de instrumentalidades produtiva e reprodutiva. Para o empresário, os trabalhadores devem dar sua vida ao trabalho, já que é este que lhes fornece, através do salário, condições de viver.

Nesse contexto, os trabalhadores performatizam inscrições no corpo para evidenciarem-se organicamente envolvidos no trabalho. Os trabalhadores fazem questão de me mostrar calos, pequenos cortes ou mesmo grandes cicatrizes adquiridos na realização das tarefas. Muitas vezes observei que os dedos machucados continuavam com curativos mesmo depois de curados; isto lhes possibilitava continuar a ostentar e falar sobre o entranhamento do corpo no fazer.

5.5 Os momentos controversos

Enquanto eu realizava minha pesquisa na Compax, ocorreu um grave acidente de trabalho⁹² em outra fábrica de calçados na cidade de Farroupilha. O caso teve grande repercussão por ter sido extensamente explorado por uma rádio local, o que ampliou a polêmica da ocorrência entre muitos trabalhadores. O acidente, com base no que fora comentado, constituía-se do fato de que uma funcionária desligara a trava de segurança de

⁹² A Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT apresenta a seguinte definição para o acidente do trabalho: “é a ocorrência imprevista e indesejável, instantânea ou não, relacionada com o exercício o trabalho, de que resulte ou possa resultar lesão pessoal” (NBR 14280/01, Cadastro de Acidentes do Trabalho Procedimento e Classificação.). No Brasil, há muitas leis específicas que buscam regulamentar a SST, mesmo assim, segundo estatísticas, somos um dos campeões mundiais em acidentes do trabalho.

uma máquina de prensar para conseguir abrir a porta e colocar a mão no seu interior para retirar um material que enguiçara lá dentro. Ao colocar a mão, a prensa da máquina desceu e esmagou quatro dedos da sua mão esquerda. Houve um princípio de pânico entre os colegas da trabalhadora enquanto os supervisores tentavam retirar a mão dela sem sucesso. Imediatamente os bombeiros foram acionados e, após chegarem na fábrica, conseguiram tirar a mão prensada da máquina e levaram a funcionária desmaiada ao hospital.

As dificuldades que enfrentei para abordar o caso com os diretores da fábrica na qual ocorreu o acidente foram enormes: não me foi permitido conversar com a funcionária acidentada. Passei então a investigar o assunto por meio de depoimentos entre os trabalhadores e gerentes na própria Compax. Dessa forma, pude evidenciar de que forma são mencionadas as transgressões a normas e a regras de segurança. O acidente colocou em cena uma rede de profissionais especializados em saberes que prescrevem as condições ideais de trabalho, permitindo um olhar sobre os saberes hierarquizados que se efetivam nas capilaridades das relações de poder presentes no mundo do trabalho.

O diretor da Compax mostrou-se irritado e até agressivo diante da atitude da trabalhadora acidentada. Ele comenta o fato englobando a todos os funcionários como relapsos, chamando-os de “burros”, incapazes de entender toda uma preocupação dos gestores em mantê-los afastados dos procedimentos de risco de acidente. Quando Agostino diz que deve haver mais comprometimento por parte do grupo e de cada um no sentido de banir ações irresponsáveis como essa, ele se afasta da gestão taylorista-fordista que predomina nas dinâmicas da Compax e evidencia um alinhamento com o modelo toyotista que acompanha o planejamento nos meios fabris contemporâneos, o qual se funda mais na introjeção de normas por parte dos trabalhadores do que na obediência a regras. (HELOANI, 1994)

O diretor salienta ainda as perdas da fábrica implicadas no acidente, como o pagamento do FAP (Fator Acidentário de Prevenção), as despesas trabalhistas com advogados e a dificuldade em manter as certificações de qualidade que podem restringir o consumo do produto no mercado⁹³. Essas preocupações evidenciam as pressões que ele vive para que a fábrica venha a estar em posição de competitividade no mercado e deposita nos trabalhadores a falta de comprometimento com o próprio trabalho do qual sobrevivem.

Um acidente de trabalho hoje em dia [revela Olavo, o gerente de produção] é muito prejudicial à empresa. Isto aí [o acidente] vai acabar na justiça e não vai ter advogado nem médico que faça o juiz dar a causa para a fábrica. Aliás, hoje em dia

⁹³ A prática nos mostra que a busca pelo certificado ISO 9000 foi intensificada pela necessidade do mercado, ou seja, exigência dos clientes, as empresas viram sua sobrevivência ameaçada.

o empregado nunca perde: os direitos trabalhistas⁹⁴ acabaram com o empregador.
(Gerente de produção da Compax)

O gerente posiciona-se sob o mesmo ponto de vista do patrão, referindo-se aos procedimentos que se desenrolarão a partir do acidente e que envolvem a presença do profissional da saúde e do profissional nos direitos trabalhistas. Os peritos em segurança do trabalho são o engenheiro, responsável pelas instalações da fábrica que estará respondendo pelas normas de segurança instaladas ou não, e o médico do trabalho, que avalia as consequências do acidente na saúde do trabalhador. A avaliação das circunstâncias do acidente leva em conta os riscos do ambiente de trabalho e as condições do trabalhador e é proferida pela CIPA⁹⁵.

O engenheiro e o médico da Compax têm uma postura muito semelhante à do diretor ao não conseguirem entender o porquê da falta de atenção dos trabalhadores aos diversos sinais de advertência que estão disponíveis na fábrica. Há, nesse sentido, uma verdadeira incomunicabilidade entre as informações disponibilizadas pelos peritos e as intervenções feitas pelos trabalhadores, o que tem suscitado a realização de estudos e ações por parte de antropólogos (GRANJO, 2004) que, dessa forma, se lançam em direção a uma antropologia aplicada, fornecendo inúmeros instrumentos de intervenção e reflexão.

Os trabalhadores, por sua vez, ao expressarem suas opiniões sobre o acidente, oscilam entre os discursos que eu ouvira por parte dos gestores e peritos e outros que aventavam para outra realidade enfrentada no dia a dia da produção. Argumentos como o volume de trabalho, a pressão do tempo para a realização das tarefas, as longas jornadas e os baixos salários vêm justificar a ocorrência de acidentes. Outros, ao se considerarem pelo olhar dos administradores, corroboram a ideia de que os trabalhadores são pouco atentos, desleixados para com as tarefas. Jeferson, de 42 anos, há trinta anos no ramo fabril⁹⁶ comenta:

Tem uns aí que vou te dizer, não valem nada mesmo. Trabalham de corpo presente, mas o “penso” fica não sei aonde... vivem faltando; botando atestado. Vão fazendo as coisas de qualquer jeito e é aí que dá merda, né? E mais: eu sei que tem gente que se acidenta de propósito só pra encostar. (Operador de máquinas na Compax).

⁹⁴ As normas do trabalho no Brasil se encontram na Constituição Federal, na CLT e outras leis esparsas, como a do estagiário. A CLT foi criada em 1943, pelo decreto 5.452 e esta se baseia na Constituição Federal.

⁹⁵ CIPA é a sigla para Comissão Interna de Prevenção de Acidentes que visa à prevenção de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho, buscando conciliar o trabalho com a preservação da vida e a promoção da saúde de todos os trabalhadores. Ela é composta de representantes dos Empregados e do Empregador. Na Compax, o fato de os trabalhadores se reunirem em torno de uma eleição para escolher um representante torna esse o órgão político através do qual os trabalhadores se fazem presente em algumas reivindicações frente ao Agostino. O sindicato aparece como algo muito distante e abstrato para eles, como me disse certa vez uma trabalhadora diante de uma pergunta minha sobre o sindicato dos calçadistas de Farroupilha: “Sou fraca nesse assunto”.

⁹⁶ Este trabalhador relata que trabalha desde criança. Começou ajudando os pais que tinham um atelier de confecção de calçados em casa.

O depoimento alerta para a presença da medicina nas relações de trabalho, que ao mesmo tempo em que avalia e prescreve os corpos produtivos, serve de instrumento de resistência por parte dos trabalhadores. O trabalhador se converteu, no decorrer do processo de modernização do trabalho, em objeto e objetivo da medicalização social. A admissão do trabalhador na fábrica requer minuciosa avaliação de suas condições biológicas, que são verificadas por um profissional da saúde – o médico do trabalho – tornando-o apto ou não a executar determinadas funções dentro da fábrica. Este exercício concede ao médico o poder de permitir, direcionar ou mesmo impedir um corpo a trabalhar. A autoridade médica, reconhecida dentro do ambiente de trabalho, também é requisitada pelos trabalhadores no sentido de legitimarem suas ausências no trabalho, suas desmotivações e suas frustrações com as atividades, o que os leva a sentirem-se doentes e a requererem desse profissional possíveis atestados e afastamentos mais prolongados. Isto é um ponto de fuga que demonstra a existência de momentos em que o impulso ao trabalho, ou a motivação para o fazer do *homo faber* não é compartilhado entre todos ou não em todos os momentos.

5.6 As distinções hierárquicas: uma *performance* corporal

A situação ocupada pelos trabalhadores que atuam no setor calçadista apresenta uma mobilidade devido às constantes reorganizações das fábricas. As ascensões e mudanças de empregos se dão em curtos espaços de tempo, o que torna às vezes difícil a demarcação e o reconhecimento das hierarquias entre eles. Nesse contexto, não é incomum encontrar trabalhadores em situação superior em relação a funcionários que tenham sido seus chefes em alguma outra empresa. Este é o caso do gerente do almoxarifado da Compax, que, alguns anos atrás, em outra fábrica de calçados de Farroupilha, foi gerente do setor em que Agostino era um simples trabalhador.

A provisoriedade vivida pelos trabalhadores em seus cargos implica na fragilidade de diferenciadores dos níveis hierárquicos que estão ocupando em cada circunstância. A fragilidade das posições leva-os a produzirem outros meios que os distingam, como identificou Elias (1993) no processo civilizador que aproxima sujeitos de classes sociais distintas. Os trabalhadores da fábrica sentem a necessidade de se distinguirem dos subalternos e se perceberem legitimados na sua superioridade diante da escala hierárquica da fábrica. É dessa forma que entendo a presença de um tipo de tratamento extremamente performático entre os trabalhadores. Refiro-me a este como “*performance* do grito” ao evidenciar

supervisores e gerentes elevando demasiadamente o tom de voz e exagerando a gestualidade para advertirem os seus subalternos⁹⁷.

As humilhações públicas vêm no sentido de afirmar como o superior, aquele que tem o poder de gritar com o outro. O grito não se trata de um desafio ao trabalhador humilhado: antes é demonstração do estatuto dos níveis de autoridade dentro da fábrica, que age no sentido de demarcar a superioridade das chefias sobre os afrontados (PITT-RIVERS, 1965, p. 43)⁹⁸. A *performance* dos superiores não dá direito de resposta direta por parte dos humilhados, mas pode incitar pequenas ações de resistência por parte dos trabalhadores.

É interessante pensar que a impessoalidade que englobava as interações entre os funcionários é rompida nesse momento em que insultos são dirigidos às idiosincrasias dos trabalhadores. O foco dos supervisores é dirigido a cada um em particular, enquanto pessoa, e, assim sendo, expressões utilizadas pelos superiores são acatadas como uma agressão pessoal.

Aí eles vêm com aquele griteiro. Chamam a gente de tudo, burro, molenga, incompetente, preto⁹⁹... E o pior é que é aos gritos, na frente de todo mundo! E não pensa que é só pra nós que sobra. Tu tinhas que ver o dia que o diretor-proprietário desceu de lá e descascou o gerente. Menina! [eu realmente não sei se percebi por trás da incredulidade perante a rigidez com que o seu superior foi tratado uma certa satisfação/vingança] O gerente de produção, já viu, é chefe também, né. (Trabalhador do setor de conferência, reside em Farroupilha desde 2009).

Eles percebem que deixam de ser considerados como uma parte da engrenagem, como uma peça quase anônima da fábrica, no momento em que apresentam falhas, quando então seus superiores dirigem-se diretamente às suas pessoas usando de adjetivos pejorativos em alto tom de voz. Nesse momento, o trabalhador é destacado do grupo, porém pelas suas qualidades negativas¹⁰⁰. Os trabalhadores que se queixam por serem tratados com muita impessoalidade diante das relações burocráticas e utilitaristas que vivem na fábrica sentem-se tratados enquanto pessoas durante a “*performance* do grito”. O tratamento pessoal nesses moldes leva os trabalhadores a se retraírem e a buscarem invisibilidade, potencializando os

⁹⁷ Encontrei essa mesma prática entre os trabalhadores da outra fábrica de calçados onde estive inserida como pesquisadora por algum tempo.

⁹⁸ Damo (2007) observa em seus diários de campo que os jogos de futebol mais ricos em elementos para a etnografia e reflexões são aqueles em que o time está perdendo, ou prestes a perder. Nesse sentido, concordo que os dias em que a produção apresenta problemas são os dias que evidenciam de que forma está se constituindo as dinâmicas da organização fabril.

⁹⁹ Lembro aqui novamente que os recém-chegados também são chamados de “pretos” pelos sujeitos que se vinculam à origem de imigrantes italianos, sem que necessariamente sejam indivíduos de pele negra. Os “pretos” são todos aqueles que não apresentam tom de pele claro, olhos claros e cabelos loiros.

¹⁰⁰ Não quero com isto afirmar que não existam momentos em que os trabalhadores sejam destacados por seus méritos. No entanto, as ascensões e os prêmios são menos frequentes e as virtudes do bom trabalhador demonstradas no cotidiano não deixam de ser consideradas nada mais que a obrigação.

distanciamentos entre eles e reforçando as relações individualistas que estão submersas nos valores e nas ideias da ideologia individualista da cultura ocidental moderna.

Os colegas de trabalho, mesmo dentro de um mesmo setor, não se conhecem pelos nomes e se referem aos outros por “colegas”. Às vezes, eu fingia esquecimento e, ao querer me dirigir a outro operário, perguntava pelo nome de quem eu procurava, e a resposta não traía os relatos de não se conhecerem pelo nome. Alguns gostariam inclusive que todos usassem crachás para se identificarem sem ficarem pensando em apelidos a partir de características físicas que chamam atenção. Emília, uma senhora grisalha, funcionária do setor da costura, diz que enquanto passa o dia ali a costurar

...fico olhando as outras costureiras e pensando. Como será que ela se chama? Tem cara de cobra. Vou pensar nela como a D. Cobra. Isso é ruim. Já pensou se um dia eu tenho que falar com ela e me escapa o nome que dei pra ela? Por isso, eu acho que deveria ter crachá. A gente não ficava pensando essas coisas. (Operadora do setor de costura reside em Farroupilha desde 1990).

E tanto é verdade que, para muitos funcionários, eu, quando me aproximava para conversar, não passava de uma funcionária nova na fábrica, da mesma forma como eu passava por uma moradora do bairro em minha pesquisa anterior no mesmo bairro. Os fatos evidenciam que há uma falta de diálogos mais próximos entre eles e que, no entanto, eles a tudo olham e controlam.

5.7 A mediação do olhar

Uma das imagens que tenho mais presente é a dos trabalhadores em suas atividades na Compax trabalhando silenciosa, contínua e repetitivamente em suas tarefas, com o corpo sempre envolvido nos seus afazeres: tronco curvado sobre os materiais e membros ocupados em executar gestos mais ou menos expertos. Os olhos, contudo, mesmo que atentamente seguissem a atividade, seguidamente desviam-se para observar ao redor. Os trabalhadores pareciam totalmente absortos nas tarefas, apesar de que, de quando em quando, eu via que seus olhos, somente os olhos, retiravam-se do foco da atividade para percorrer o ambiente em volta.

Percebe-se a força do olhar na constituição do mundo fabril. Primeiro pensando que a própria técnica, o manuseio das ferramentas ou das máquinas, é uma ação que não pode ser aprendidas em manuais ou mesmo com explicações de outros trabalhadores. Eles referem que o primeiro passo, antes de começarem a praticar, antes de começarem a experimentar o fazer, é observar como os outros fazem. Por outro lado, percebo que os supervisores avaliam os

desempenhos dos trabalhadores olhando para eles, observando as posturas corporais, os gestos e os “ânimos” do corpo de cada um.

E este, em geral, não é um olhar franco, direto sobre o outro; é um olhar escondido. O trabalhador que tenta aprender deita um olhar muito discreto sobre o fazer do colega, o gerente de produção, como eu já comentei no capítulo 2, mostrará interesse em um ponto para, na realidade, observar um outro, mais distante. Os olhares são indiretos, dissimulados, através dos quais eles constroem os entendimentos sobre esse mundo fabril.

Atesta-se, assim, a presença de uma verdadeira e constante vigilância por parte de todos e um entendimento do mundo fabril ao redor, por parte dos trabalhadores, calcado na observação visual¹⁰¹. Por meio do olhar, eles percebem o espaço, conhecem os colegas, aprendem a técnica e escondem suas inadequações. Eles, muitas vezes, contaram sobre acontecimentos cotidianos ou mesmo da vida de seus colegas, dizendo:

Eu vi como ele chegou e ficou quieto na frente do balancim, mas eu só entendi o que estava se passando quando vi que o Otávio [gerente de produção] chegou no posto dele e os dois saíram, subiram as escadas, lá pra sala do Agostino. Coisa boa é que não era, dito e feito, ele tinha sido despedido. Passado um mês vi ele pegando o ônibus da Fras-le; deve estar trabalhando lá. (Operador do setor de corte, reside em Farroupilha desde 1984)

A vigilância, como revelou Foucault (1977), é um dos dispositivos presentes na passagem do poder soberano para o poder disciplinar que vem impor-se para constituir indivíduos adequados – entre outros fatores - às exigências da Revolução Industrial. A vigilância mantém o controle minucioso das operações corporais, o que estabelece uma relação de docilidade-utilidade que ele denomina “disciplina”.

Como evidenciou Foucault (2008) as regras sociais estão praticadas e espalhadas pelo cotidiano do corpo social. Antes mais do que um “superpoder”, a sociedade disciplinar vem privilegiar uma chamada “microfísica do poder” (Foucault, 2008) “um poder [...] que correria ao longo de toda a rede social, agiria em cada um de seus pontos, e terminaria não sendo mais percebido como poder de alguns sobre alguns, mas como reação imediata de todos em relação a cada um” (Foucault, 1977, p. 107).

Na Compax, observa-se que, mesmo que haja um tipo de vigilância hierárquica, uma vez que é efetivada a partir de uma organização dessa ordem, a vigilância existe de forma que os vigias também se encontram sob a vigilância dos vigiados: uma realidade talvez mais próxima das “sociedades de controle” definidas por Deleuze (1995). Esse autor sugere que os

¹⁰¹ A exigência de protetores auriculares dentro do setor produtivo me leva a pensar o quanto esse é um dispositivo interferente nas relações entre os trabalhadores que se soma à proibição de conversar. O protetor é mais um elemento que isola o trabalhador diante de sua tarefa.

dispositivos disciplinares atuantes dentro de espaços institucionais transformaram-se em modulações e que o controle não mais provém de um local central, de um ponto específico no espaço, mas sim de todos os lugares¹⁰².

As sanções sofridas pelos trabalhadores, que vão das humilhações públicas às demissões, e a grande competitividade entre eles insuflada pelo sistema meritocrático presente são fatores que levam a entender o forte controle de uns sobre os outros e a intensificação da prática de um rigoroso autocontrole por parte de todos. A constante observância aos outros é também uma observância a si próprios, muito similar à “prática ascética”, observada por Max Weber (2004), entre os primeiros protestantes, e que teria sido fundamental no aparecimento do capitalismo. Outra chave explicativa está em considerar, o ascetismo num sentido mais amplo que uma “moral da renúncia”, e pensar com Foucault que trata-se de um “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser.” (FOUCAULT, 2004, p. 265)

A arquitetura panóptica da Compax, que coloca o vigia em permanente exposição aos vigiados, é uma particularidade sua que tem estreita relação com as propaladas trajetórias ascendentes dos empresários bem-sucedidos (como visto no capítulo 1). Isto é, o modelo panóptico proposto por Bentham (2008), que proporciona ao vigilante a tudo ver sem se deixar ser visto, na Compax traz a peculiaridade de manter à vista o vigilante.

Por trás da janela envidraçada, não está um vigia qualquer: ali está o dono da fábrica que, há pouco tempo, era um trabalhador como eles que atuam no chão de fábrica. O diretor-proprietário, permanentemente exposto aos seus funcionários, coloca-se em evidência como figura modelar a todos aqueles que, como ele, queiram ascender na fábrica, relembrando e reforçando cotidianamente os valores e comportamentos valorizados na coletividade e concretizando na sua figura o mito do empresário. O diretor reafirma, de sua janela envidraçada de frente para todos os seus funcionários, a importância de ele se fazer visto diariamente para demonstrar de que forma se consegue subir na vida, ou seja, trabalhando como ele.

Por meio do panóptico, a normalização do trabalho não ocorre somente pela coerção, mas também pela moralização que este dispositivo permite devido a comportamentos gerados não somente por medo das sanções do patrão, mas igualmente pelo sonho de se tornar como o patrão.

¹⁰² Esta ideia vem do conceito de rizoma, central na obra de Deleuze e do qual me aproprio para pensar o olhar como um vetor, uma força descentralizada que parte e se dirige a múltiplos pontos sem determinação prévia.

5.8 O olhar além dos muros da fábrica

O panóptico, como explicado no cap. 4.6.3, é um dispositivo que não somente evita aos trabalhadores fugas ao controle da gestão como não permite fugas de si próprios, uma vez que é usado como dispositivo de autocontrole que os mantém atuando em direção aos seus próprios projetos e desejos de ascensão econômica. E, se no interior do prédio da Compax, vê-se, ao alto, a janela envidraçada a perscrutar a tudo e a todos, no bairro, todos os funcionários da fábrica sabem que, em uma das ruas, está localizada a casa do dono da fábrica.

A vigilância, dessa forma, para além dos muros da fábrica, instala-se nas ruas do bairro. Os mesmos corpos e mentes habilitados e sensibilizados em vistas da eficácia da produtividade da indústria também ocupam outros espaços sociais evidenciando a evasão de padrões de comportamentos do modelo fabril. Ao observar as dinâmicas vividas pelos trabalhadores em outras esferas da cidade, às vezes concordo com Fabregat em seus estudos sobre a industrialização catalã, de que “*nada parece* escapar da influência do poder material e ideológico das organizações industriais” (FABREGAT, 1984, p. 15[grifo meu]).

Escrevi em meu diário de campo sobre a minha expectativa de encontrar no bairro um lugar que, diferentemente do centro de Farroupilha, tivesse as ruas ocupadas por pessoas transitando, vizinhas conversando por cima dos muros, crianças correndo, som de música e cadeiras nas calçadas. Enfim, que a vida cotidiana trespassasse para o lado de fora da intimidade dos lares. Era isso que eu, por meio da minha vivência, esperava encontrar no bairro operário, que é habitado por pessoas provenientes de bairros das cidades do interior do estado, onde as pessoas costumam manter relações pessoais muito próximas.

Entretanto, o que percebi foi moradores se escondendo uns dos outros; os olhares, dissimulados por detrás das venezianas (como dito no capítulo 3). Não se quer ser visto nas ruas pelos colegas e supervisores. Os vizinhos são as pessoas que competem pelos postos de trabalho, que rivalizam pelas ascensões no emprego; são, como eles dizem, “colegas de trabalho e vizinhos de porta”.

“Como ser amigo, contar as coisas da gente a alguém que pode a qualquer momento te ferrar no trabalho?” questiona uma funcionária do setor administrativo que reside há dois quarteirões da fábrica. As fragilidades pessoais – as emoções – devem ser resguardadas; os papéis sociais, menos institucionalizados, portanto, não devem entrar na cena pública. Os momentos públicos se dão sob o controle e o autocontrole de todos.

As experiências coletivas, fora da Compax, costumam acontecer em espaços mais fechados e homogêneos, que congreguem sujeitos pelas filiações institucionais. Quando os trabalhadores contam que saem à noite, nos fins de tarde ou nos finais de semana, em geral, é para participarem de reuniões no clube de mães, ou para ir a um culto ou festa religiosa. Ou seja, encontros nos quais a previsibilidade das interações contribui para reforçar os papéis sociais de cada um, que, na maior parte das vezes, estão subsumidos como trabalhadores. Tais dinâmicas sociais, relatadas pelos trabalhadores, remetem àquilo que Caiafa (2007) chama de “cidade privatizada”¹⁰³, expressão que a autora utiliza para caracterizar cidades nas quais os moradores não se defrontam com estranhos e não se deixam afetar pela presença de desconhecidos. Observo que os moradores, fora do ambiente de trabalho não demonstram estímulo para se aproximarem uns dos outros. Estas situações me fazem pensar sobre os comentários tecidos por Joseph (2005) quando diz que as relações com e entre os estrangeiros (das quais aqui me aproprio para pensar os recém-chegados em Farroupilha) são relações construídas sobre “vínculos fracos, de mal-entendidos e do retraimento, da inevitável superficialidade das trocas.” Logo o autor questiona “como é possível pensar uma comunidade de exaltação recíproca com aquele que não se conhece e não vai se conhecer? Como não perceber que o que é comum, o que prevalece, é, ao contrário, a inquietação da reciprocidade, a frieza da relação? Relação que não tem como apelar para o implícito nem para a familiaridade.”

No entanto, para alguns trabalhadores, o distanciamento entre eles constitui-se no próprio processo de socialização à coletividade do bairro. Não foram poucos os relatos sobre apedrejamentos às casas de recém-chegados, que, ainda não inseridos nas dinâmicas fabris do lugar, se propuseram a fazer festas com música. No bairro existe um CTG, o qual não vi em funcionamento. O CTG compreende em uma grande estrutura para bailes e festas e esteve fechado por ordem judicial durante todo o tempo em que estive realizando a pesquisa de campo devido ao barulho reclamado pelos moradores. Os frequentadores do clube não se conformam com isso e referem que há, em Farroupilha, um “movimento contra a felicidade.”

A dinâmica urbana se constitui de tal maneira que as ruas se encontram praticamente desativadas, inviabilizadas como espaços para a vivência de imprevisto. A ausência de momentos extraordinários que os joguem para fora da vida ordinária do trabalho é referida como um modo de vida enfadonho, uma “*vida muito sem-graça*”. O dia a dia sem passagem por uma antiestrutura (cf. TURNER, 1974) que alimente transformações para o retorno ao

¹⁰³ As dinâmicas da cidade e do bairro foram abordadas no capítulo anterior.

cotidiano é a maior fonte de desprazeres para com o estilo de vida do lugar. Como comenta um trabalhador da indústria:

A gente amanhecia! Claro que o horário é diferente. Em São Borja, eu trabalhava das 7, 8 [horas da manhã] ao meio dia - na cooperativa - e depois da 1, 2 até as 6 e meia. [Depois] Fazia festa. Amanhecia. No outro dia, tava pronto! Que são umas horinhas de festa? E festa não cansa: ajuda! Porque trabalhar é bom, mas tem que ter uma folga. [Abre os braços e exclama] Pra festa! E aqui a gente sai pouco. [Conclui desanimado levantando os ombros] (Trabalhador da indústria metalúrgica reside em Farroupilha desde 1999.)

As insatisfações relacionadas a um bom-viver não são o todo; elas aparecem lado a lado a um sentimento de regozijo por parte dos trabalhadores que vivem a certeza de que, em Farroupilha, eles “melhoram de vida”. O cálculo de interesse dos recém-chegados mede as vantagens dessa forma de vida aparentemente desinteressante. Evidencia-se uma concessão ao modo de vida local que abre possibilidades para o ajuste de do indivíduo como *homo faber*.

Enfim, o ambiente predominantemente pragmático da fábrica impregna visceralmente os corpos e mentes dos trabalhadores com a ideia de viver esse espaço organizado e planejado que hierarquiza os trabalhos, onde o saber e o saber-fazer não são saberes distintos, uma vez que saber quer dizer saber-fazer. Saber é alcançar resultados concretos. É isto que demonstra o dono da fábrica com sua trajetória. Hoje o poder que ele exerce na Compax está no poder econômico e simbólico do seu saber-fazer, recurso que determina e reproduz a sua posição. O saber-fazer com máquinas e tecnologia agrega status ao operador (lembrar o valor dos automóveis) confere-lhe identidade profissional em relação aos trabalhadores da esteira, por exemplo. O saber ser também se encontra atravessado pelas noções de corporeidade. Para saber ser, a Compax deve ser tatuada no corpo do funcionárioa ponto que até os acidentes de trabalho sirvam de marcas corporais que autenticam o fazer.

As relações de poder, o exercício das hierarquias, por sua vez, são publicizadas corporalmente. Diante das fragilidades de sinais distintivos entre os chefes e subalternos, a demarcação é corporalizada na “*performance* do grito”. Entre os trabalhadores da produção, a falta de proximidade pessoal, a interdição de conversas, leva-os a se identificarem por meio de sinais corporais. Ou seja, constitui-se, no contexto fabril, um ambiente que se comunica por meio da voz – aos que ocupam uma posição que permite usá-la – ou do olhar; gramática que pode ser percebida além dos muros da fábrica, uma vez que a produção enquanto trabalhador é também a produção de si.

6. A PRODUÇÃO DE SI



Como já foi visto nos capítulos iniciais, a elite industrial na região da Serra Gaúcha, ao ascender das colônias de imigração italiana, procurou projeção social e cultural por meio de uma busca de elementos que os distanciasse da imagem dos momentos iniciais da colonização e os diferenciasses dos estilos de vida das elites regionais do estado, que, nesse momento, perdiam prestígio juntamente com o declínio das atividades pecuárias. Na promoção da nova identidade, um repertório de referências permeadas de valores éticos e morais, os quais têm afinidade com os elementos constituintes do discurso neoliberal que se torna hegemônico nesse mesmo período, passa a ser veiculado. A chegada dos recém-chegados ocorre no contexto da concreta ascensão de alguns descendentes de imigrantes italianos que, de forma similar, deixaram suas cidades natais em busca de melhores condições de vida. Esse fato aponta para as possibilidades de vir-se a trilhar as mesmas trajetórias dos primeiros imigrantes, assim como a de outros personagens exemplares que o neoliberalismo coloca em fluxo no mundo capitalista. Assim, o ambiente fabril, com tudo que o conforma, que media as interações entre os trabalhadores, é vivido na conjunção desses discursos dominantes. A pergunta sobre a qual este capítulo está construído vai na direção de entender como os sujeitos percebem o novo contexto; de que forma se inserem nas novas práticas e como se percebem praticando-as.

6.1 O mito do “imigrante italiano” e o discurso neoliberal

As atuações dos trabalhadores estão balizadas por um sentimento de ambição sustentado pela ideia da possibilidade de ascensão que se fundamenta em um discurso muito difundido na região: o discurso que começou a ser veiculado no processo da industrialização da região, quando uma vasta e laudatória produção escrita esforçou-se no sentido de demonstrar a contribuição dos imigrantes italianos para a prosperidade da região. Protagonizam essas histórias empresários bem-sucedidos que descendem dos pioneiros colonizadores, agricultores pobres que hoje constituem os modelos exemplares a todo aquele que queira trilhar o mesmo caminho, ou seja, alguém que inicialmente destituído de bens financeiros e simbólicos venha a ascender social e economicamente (MOCELLIN, 2008).

O diretor e proprietário da Compax, ao narrar a sua trajetória de vida, incorpora diversos elementos desses discursos, atualizando na sua própria biografia as histórias amplamente difundidas de todos os outros “empresários bem-sucedidos” da região:

Eu nasci nas colônias, filho de agricultores, descendentes de imigrantes italianos pobres. Minha casa era de chão batido [diz apontando para uma fotografia da casa

em que nasceu e que está pendurada na parede, atrás dele]. Fui saber o que era calçar um sapato aos oito anos de idade, quando fiz a minha primeira comunhão (...). Minha família veio para a cidade eu tinha 9 anos... Saímos lá das colônias, pros lados de Alto Feliz. Eu, assim que cresci um pouco, para ajudar a família, passei a trabalhar... Tive muitos empregos, todos os meus patrões foram meus grandes professores, mas eu também fiz a minha parte, não ficava ali, só no meu trabalho, eu queria sempre mais, fazia hora-extra, aprendia a fazer outras coisas dentro dos empregos... Tenho essa coisa de arriscar, ser empreendedor... É coisa de italiano; isso a gente traz no sangue, essa vontade de trabalhar, de querer vencer. (Diretor-proprietário da Compax)

O relato do empresário está associado à urbanização e industrialização da região, quando no processo das transformações ocorridas vão se agregando a uma ordem cultural instituída como tradicional da cultura italiana, elementos do discurso neoliberal que, nesse mesmo período, se tornava hegemônico. O tipo social do mundo empresarial contemporâneo compreendido pelos estudos organizacionais como o “mito do fundador”, que vincula a origem da empresa ao esforço de alguém que “começou do nada e graças ao seu esforço, dedicação, inteligência e perseverança conseguiu colocar a organização no mais alto patamar” (CAVEDON, 2008, p. 133) se atualiza, na região, na figura do descendente de imigrantes italianos. Dessa forma, a trajetória de vida do proprietário da Compax não só é muito similar à trajetória de empresários regionais à frente de grandes empresas como Eberle, Randon e Colombo, como também apresenta muitas semelhanças com as histórias emblemáticas de Abraham Lincoln e de Rockefeller (LASCH, 1995). No caso dos empresários de Farroupilha e da região em geral, a construção de uma identidade social desvinculada das relações pessoais e de parentesco, bastante popularizada pelas biografias norte-americanas, encontra-se particularizada em termos étnicos: o mito do empresário é atualizado no descendente de imigrante italiano bem-sucedido.

A crença na oportunidade de ascensão via desempenho individual (*self-made-man*) veiculada por meio das histórias desses personagens, encontra evidência concreta na realidade do diretor da fábrica, reforçando a ideia de que o indivíduo se faz sozinho, com base em seus próprios méritos. Essas histórias colocam em fluxo valores e atitudes exemplares a todos aqueles que desejam trilhar a mesma trajetória ascendente de seu patrão. Como diz o diretor da Compax:

Se eu consegui, por que eles [os trabalhadores do chão de fábrica] não podem? Eu fui que nem eles, eu comecei lá embaixo passando cola... É só se mostrarem motivados para o trabalho, passarem a ser competitivos, ambiciosos, esforçados em fazer a coisa certa... e da melhor maneira possível. (Diretor-proprietário da Compax).

A convergência dos discursos do mito do imigrante e do neoliberalismo incide sobre os trabalhadores recém-chegados no exato momento em que eles estão se inserindo no

trabalho fabril. O emprego com salário fixo e em geral melhor do que obtinham em suas cidades de origem representa uma ascensão e lhes propicia acesso a práticas econômicas até então fora do alcance.

Os recém-chegados reconhecem que as dinâmicas de trabalho das suas cidades de origem são diferentes, pois não permitem perspectivas de ascensão uma vez que se encontram imersas em uma sociedade latifundiária em que as elites adquirem um estatuto de hereditariedade que se mantém desde a concessão das sesmarias pela coroa portuguesa. Pelo contexto em que estavam inseridos justifica-se a falta de iniciativa individual. É neste sentido que Barbosa afirma que os brasileiros são “sujeitos reativos, que apenas resistem ou sobrevivem às condições sociais que lhes são impostas”, fomentando uma mitologia que “tende a enfatizar a inutilidade do esforço, a pouca dignidade do trabalho árduo e a sujeição do indivíduo aos macromecanismos sociais.” (BARBOSA, 1999, p. 99)

O deslocamento para Farroupilha os expõe a um universo dinamizado por atitudes e moralidades que os motivam a agir. As trajetórias ascendentes dos grandes empresários da cidade é o discurso neoliberal e a biografia dos patrões. A noção de igualdade de oportunidades e o chamamento à responsabilidade de cada um individualmente pelos resultados de desempenho vêm a legitimar a competitividade e a valorização do sujeito proativo que molda a realidade de acordo com suas próprias intenções e que o tem como o único responsável pelo seu próprio destino, o *homo faber*.

6.2 Desempenho e meritocracia

A Compax dinamiza-se nas tensões entre os trabalhadores e seus superiores e destes com o diretor, que, por sua vez sente-se constantemente tensionado pelo mercado no qual se esforça em manter a fábrica em condições de competitividade. Nessa verdadeira engrenagem, há recém-chegados que não conseguem se inserir; outros, envolvem-se nesse jogo e, em busca de melhores postos de trabalho, evidenciam as lógicas e valores sociais inerentes às suas ambições de ascensão. Há, ainda, os já citados estranhamentos decorrentes dessas experiências, que sinalizam para as particularidades dessas lógicas em relação às outras regiões do país.

Neste tópico, especificamente, reflito sobre as dinâmicas e valorizações que balizam os critérios de avaliação de desempenho dos trabalhadores na fábrica. Procuo evidenciar o que está em jogo no reconhecimento público dos méritos de cada um, que os torna bons trabalhadores. A meritocracia é definida, enquanto ideologia, como um “conjunto de valores

que postula as posições dos indivíduos na sociedade como consequência do mérito de cada um” (BARBOSA, 1999, p. 22).

A autora salienta, assim, a diferença entre meritocracia enquanto critério lógico de ordenação social e meritocracia enquanto ideologia como valor englobante: o critério fundamental e moralmente correto para toda e qualquer ordenação social. Ou seja, “num universo social fundado numa ideologia meritocrática, as únicas hierarquias legítimas e desejáveis são aquelas baseada na seleção dos melhores.” (BARBOSA, 1999, p. 31)

A meritocracia, enquanto sistema de hierarquização da sociedade moderna tem pressupostos universais que circulam no mundo ocidental moderno, a partir da sociedade norte-americana. Livia Barbosa (1999) desenvolveu um estudo no qual compara as diferentes atualizações desses princípios em diferentes países, como os Estados Unidos, Japão e Brasil. Partindo dessa perspectiva, será observada a mobilidade vertical dos funcionários da Compax entendendo que os sistemas de valores meritocráticos que legitimam o trabalhador em Farroupilha são participantes da emergência do *habitus* que particulariza a região no cenário brasileiro.

Os relatos dos trabalhadores da Compax recém-chegados a Farroupilha apontam diretamente as diferenças que eles passam a viver no que diz respeito às relações de trabalho. Sob as dinâmicas da organização fabril, eles percebem que as suas interações encontram-se mediadas pelas regras e normas da fábrica; sentem-se impactados diante da impessoalidade que baliza as relações. Quando os trabalhadores comparam as vivências na fábrica com as suas experiências anteriores, evidenciam-se os diferentes quadros de referências que balizam diferentes noções de Pessoa. Maria é trabalhadora no setor de montagem da Compax desde 2006 e comenta a relação com seu supervisor traçando comparações com os patrões que teve em Santa Maria, cidade da qual emigrou.

Lá, eu era amiga do meu chefe. Ele conhecia minha família e sabia quando eu podia estar com problemas e me ajudava, procurava uma troca de turno com outro colega, deixava pendente o dia pra eu pagar em outra oportunidade, essas coisas... Aqui não! Não tem nada disso! Primeiro porque a gente mal se conhece. E olha que eu sei que ele mora aqui no bairro, mas jamais eu encontro ele por aí! Eu só vejo ele aqui dentro. Depois, mesmo que conhecesse mais de perto, do que ia adiantar pedir as coisas pra ele? Não é ele que resolve, ele também recebe ordens! (Trabalhadora do setor de montagem reside em Farroupilha desde 2008)

A trabalhadora percebe que a relação com seu superior se dá a partir do lugar que cada um deles ocupa na totalidade da hierarquização da organização. As relações que a trabalhadora mantinha com o patrão nos empregos anteriores à migração faziam parte da sociedade latifundiária patriarcalista, característica das regiões do estado do Rio Grande do

Sul de onde os novos migrantes são provenientes. Em Farroupilha, trabalhando na fábrica, ela percebe que as relações de trabalho não mais constam em obedecer à pessoa do patrão, ou do seu superior, mas aos princípios impessoais da organização. Estas experiências remetem a um deslocamento entre um modelo tradicional, onde as relações pessoais de solidariedade são mais fortes, para um modelo moderno, individualista, no sentido dado por Dumont (1995), que traz a valorização do indivíduo como sujeito ético individual e autônomo que subordina a totalidade social¹⁰⁴. A vida doméstica, familiar, que antes englobava as relações de trabalho, se inverte e, pelo que os trabalhadores referem, é o meio fabril que informa sobre as socializações fora do trabalho, como o tempo de cuidado com os filhos, as horas que cada um poderá se dedicar a outras atividades e assim por diante.

A impessoalidade, assim como a competitividade alimentada nas dinâmicas da organização fabril, torna-se insuportável para alguns recém-chegados que, no processo de inserção ao trabalho e à sociedade fabril, desistem do projeto da migração e voltam para as suas cidades de origem. O médico do trabalho, responsável pelos exames ocupacionais dos funcionários da Compax, o que inclui o acompanhamento das demissões, ao observar a frequência com que os trabalhadores recém-chegados são afastados, resolveu averiguar o que eles próprios pensavam sobre essas demissões. Durante o obrigatório exame médico demissional, o médico passou a conversar mais detidamente com os trabalhadores e concluiu que

Eles, em geral, admitem terem faltado com as regras do trabalho, mas procuram argumentar que foi devido a motivos importantes e que isso deveria ser compreendido pelos superiores. As justificativas do afastamento são sempre muito semelhantes e estão relacionadas a motivos muito pessoais como doença de parentes, problemas com os filhos, com a casa. Tem alguns que passam a cometer erros repetidamente e desculpam-se dizendo que é porque andam tristes, longe de seus familiares... Enfim, eles alegam problemas muito pessoais e sentimentais que envolvem outros âmbitos das suas vidas, fora do trabalho e que a empresa, com seus objetivos produtivos, obviamente, não podem levar em conta. (Médico do trabalho da Compax).

Os trabalhadores, assim como informa o médico do trabalho da Compax, entendem que as condições da vida pessoal, as dificuldades por eles vividas fora do ambiente de trabalho, devem constituir as próprias relações de trabalho. Ao se referir aos empregos das cidades de origem, os recém-chegados demonstram que os laços de parentesco e de solidariedade se transpunham para dentro do emprego, remetendo à ideia de que esses sujeitos encontravam-se fortalecidos em relações que constituíam uma “identidade-nós”. Ao passar a

¹⁰⁴ Não quero com isso afirmar, como alerta Velho (1997), que cada um dos grupos seja pertencente a sociedades inteiramente tradicionais ou modernas, mas sugiro que há uma preponderância desses modelos informando as relações sociais diferentemente em cada uma delas.

vivenciar o mundo do trabalho organizado sob a égide da gestão empresarial, eles ficam expostos a circunstâncias que lhes exigem interações mais individualistas, constituídas sob uma “identidade-eu” (cf. ELIAS, 1994), que, para eles, inicialmente, não faz sentido. O desconforto moral que se abate sobre estes vem contribuindo para levá-los à decisão de voltar para as cidades de origem ou, como relatam muitos moradores, em alguns casos bem menos frequentes, a migrarem para outro lugar. No trabalho de Monteiro entre migrantes quilombolas provenientes de Santa Maria para Caxias do Sul, o autor evidencia casos de retorno definitivo à comunidade de origem distinguindo os projetos que deram certo daqueles que não deram (MONTEIRO, 2012, p. 171). No município de Muçum¹⁰⁵, aonde tenho conhecidos envolvidos com a administração pública, pude constatar, está se originando um “cinturão” de pobreza em torno da cidade o qual se constitui de muitos trabalhadores egressos da migração em direção a Serra que, diante da frustração dos projetos migratórios e sem condições de retorno às cidades de origem, têm optado por pequenos municípios que margeiam o polo industrializado da região.

6.3 As trajetórias ascendentes

A situação ocupada pela a indústria de calçados em meio às outras atividades fabris presentes em Farroupilha, como já foi visto em capítulo anterior, representa uma porta de entrada para os recém-chegados ao mercado de trabalho. Porém, os fatores que favorecem essa situação, como a disposição de postos de trabalho com tarefas muito simples, a menor complexidade tecnológica e o pagamento de baixos salários nem sempre são percebidos pelos recém-chegados. O que lhes chama atenção diante da facilidade com que eles, em geral, conseguem o emprego, é o fato de serem admitidos “*mesmo sem conhecer ninguém na cidade*”, apontando, dessa forma, para o fato de que, em suas cidades de origem, o acesso ao trabalho estava vinculado com as redes de parentesco ou laços de solidariedade em que estivessem inseridos.

Já os novos migrantes, que chegam com mais qualificação, seja pela maior escolaridade ou pela realização de aperfeiçoamento técnico no setor, entendem que deveriam ser admitidos em atividades mais complexas e relatam com certa indignação as experiências vividas ao tentarem demonstrar seus atributos. Um operador do setor de montagem da fábrica reflete sobre isso dizendo que

¹⁰⁵ O município de Muçum também tem origens na colonização italiana do final do século XIX. Está cerca de 100Km de distância da cidade de Farroupilha, localizado as margens do rio Taquari, na porção inferior da encosta do planalto.

Eles nem querem saber! Te colocam direto num trabalho mais simples. Nunca colocam a pessoa num posto mais importante, assim, de cara, só pelas informações que tu traz no currículo. Não serve de nada, aqui em Farroupilha, tu ficar mostrando diplomas, essas coisas. Enquanto tu não faz, não mostra pra eles que tu faz e que faz do jeito deles, eles não te reconhecem. (Trabalhador setor de montagem, reside em Farroupilha desde 2008).

Uma funcionária, hoje no setor administrativo da Compax, conta que, quando foi admitida na fábrica, teve que começar trabalhando no setor da esteira, no chão-de-fábrica. “Eles me disseram: aqui tu tens que mostrar trabalho; não adianta currículo... Aqui ninguém é estrela!” Os gestores, nesse sentido, comentam que não basta aos funcionários certificarem abstratamente suas qualidades: estas devem ser demonstradas concretamente mediante os resultados do trabalho. O mérito dos trabalhadores será medido na sua prática diária e na proporção de seus resultados concretos, o que aponta mais uma vez para o valor do saber-fazer. O gerente da produção explica que de nada adianta ter um funcionário, exímio técnico em alguma atividade específica, se ele não estiver alinhado aos objetivos da empresa, ou seja, se ele não “produzir ao máximo”.

O que os trabalhadores estão percebendo, nessas circunstâncias, é que os privilégios de talento ou de conhecimento intelectual que até então balizavam as interações e lhes agregava valor nos locais de trabalho em suas cidades de origem não são reconhecidos entre os gestores da Compax. Por meio das surpresas e dos desapontamentos e pelo não reconhecimento das suas qualificações para o trabalho, percebe-se neles um sentimento não só de desvalorização profissional, como também de subtração de um elemento que os constituía enquanto pessoa.

Rosileine, uma jovem de 24 anos, conta que saiu de Santo Ângelo há quatro anos para “tentar a vida” em Farroupilha e, em menos de uma semana, ela estava empregada na Compax. Ela lembra que tudo o que ela temia era ser destinada ao setor da produção, e foi exatamente isso que aconteceu. Não pode recusar o emprego, uma vez que precisava do salário, mas

pensando que podia pegar outra coisa dentro da fábrica, fiz tudo assim, do jeito deles, sabe? (...) Passado uns meses o gerente me chamou e disse que tinha reparado no meu perfil de trabalho, que eu nunca tinha faltado ao trabalho, que tinha me mostrado ativa, que me mostrei capaz de tomar decisões.(...) Bah! Foi uma felicidade! Me deu uma sensação! Eu demonstrei pra mim mesmo o quanto eu sou capaz... Me senti "andando pra frente! (Trabalhadora na Compax desde 2005).

A funcionária se sente valorizada ao ser reconhecida pelo seu esforço e desempenho ao perceber que mérito, na fábrica, consiste em produtividade e em resultados que requerem a sua atuação individual. Ela ainda acrescenta o fato de que isso seria pouco provável ter acontecido na empresa na qual trabalhava em sua cidade de origem, onde o que estava em

jogo para a ocupação de cargos mais altos era o tempo de serviço, o estatuto familiar do funcionário (uma vez que parentes já “começavam por cima”) ou as redes de solidariedade que inseriam trabalhadores randomicamente. A experiência da trabalhadora evidencia uma lógica meritocrática, a qual lhe é estranha, já que pressupõe a presença de um esforço próprio e uma responsabilidade individual pelos resultados: sem qualquer tipo de privilégio hereditário, ela foi conferida, na competição com outros trabalhadores, como uma das melhores.

Porém, nem todos os funcionários admitidos na fábrica são recém-chegados e começam a trabalhar nos setores mais simples. Os trabalhadores que hoje se encontram qualificados para exercerem tarefas mais complexas são aqueles que já estão no mundo do trabalho calçadista há mais tempo e chegam à Compax através de uma rede que se estabelece entre os próprios trabalhadores. Nessa rede, circulam funcionários inseridos no ramo calçadista desde o tempo do trabalho em ateliês, que viveram o processo da passagem da manufatura para a produção industrial. As indicações para a admissão na fábrica, em geral, obedece a essas redes de trabalho, por meio das quais se reconhecem uns aos outros pelo “perfil de trabalho” de cada um¹⁰⁶.

As ligações de parentesco ou de solidariedade e lealdades não constituem critérios prioritários para a ocupação de cargos dentro da fábrica¹⁰⁷, diferentemente do que se conhece da realidade brasileira (Barbosa, 1999) ou das análises de Lomnitz (2009) que, ao observar a ascensão de sujeitos a empresários na cidade do México, concluiu que esses passam a incluir seus familiares em cargos da empresa independentemente de suas aptidões. Não é minha intenção afirmar que familiares ou amigos não tenham privilégios no acesso ao trabalho nas empresas de Farroupilha; o que observo é que este privilégio é secundário ao fato do desempenho. Os méritos para o preenchimento dos postos de trabalho são os desempenhos das pessoas, ou seja, as preocupações com o êxito dos negócios aparecem como prioridade entre os gestores e empresários da cidade. Por exemplo, a irmã da esposa do diretor e dono da fábrica trabalha de faxineira na fábrica. O diretor explica que ela não tem perfil para trabalhar na produção e não tem capacidade para exercer funções administrativas, mas como é da

¹⁰⁶ O fato de o recrutamento da mão de obra em Farroupilha ter se dado primeiramente entre os próprios moradores da região e se estendido a regiões mais distantes à medida que os empreendimentos cresceram, confere aos descendentes de imigrantes italianos maior tempo de exposição ao meio fabril, tornando-os potencialmente os trabalhadores mais qualificados. Este fato, colocado por eles enquanto tensão entre etnicidade e trabalho, colabora para reforçar a relação de poder entre estabelecidos e *outsiders*.

¹⁰⁷ Não encontrei, durante a pesquisa etnográfica, nem observei, nem ouvi relatos sobre esta forma de admissão, levando-me a pensar que, se existem, não são expostos por eles.

família, e isso deve ser considerado, ele e a esposa concordaram em contratá-la como faxineira, cargo no qual ela apresenta “bastante eficiência”.

A rede de solidariedade se faz presente nas contratações, porém, a competência do trabalhador é anterior ao laço de parentesco como mérito para a ocupação dos cargos. Em Farroupilha é muito frequente filhos de empresários ocuparem cargos bem simples de forma a darem início à trajetória de trabalho¹⁰⁸. Os trabalhadores recém-chegados comentam essas dinâmicas de valorização do desempenho com estranhamento e, às vezes, com revolta, porque as entendem como “falta de humanidade”, de solidariedade, reafirmando as suas acusações de que “aqui as pessoas são muito capitalistas”, ou “muito interesseiras”. Para os recém-chegados, o “normal” é que as pessoas da família tenham certos privilégios no trabalho, evidenciando a naturalização de dinâmicas distintas da vivida em Farroupilha.

É interessante ainda lembrar que pude observar um grande empresário, em nível nacional, que se posiciona terminantemente contra a prática de dar privilégios a parentes e amigos, mas que se utilizou do “jeitinho brasileiro” para adquirir a cidadania italiana. O procedimento, muitas vezes, leva anos em tramitação, mas ele conseguiu muito rapidamente. Ele conta que conhece uma pessoa muito influente dentro do setor que expede tais documentos e assim, “bastou um telefonema e estava com o documento na mão”, e arremata com o seguinte comentário: “no Brasil tudo é possível”. Neste caso, o empresário, contraditoriamente, utiliza-se da prática da meritocracia nas relações na Serra, porém, de uma prática de privilégios quando se volta para interagir no cenário brasileiro, ao se posicionar – do mesmo lugar – em outro cenário.

6.4 As moralidades exemplares

Os estranhamentos, as queixas e as críticas aos comportamentos que dinamizam as relações dos trabalhadores na cidade de Farroupilha trazidos pelos recém-chegados constituem uma fronteira de valores morais aparentemente intransponível. No entanto, observa-se que os recém-chegados empenham-se em invisibilizar comportamentos que os evidenciem como “de fora”. Com o desejo de inserção ao mercado de trabalho e de reorganização de suas vidas na cidade de Farroupilha, eles passam a conscientizar atitudes,

¹⁰⁸ O filho do dono da imobiliária é corretor de alugueis, o filho de Agostino é gerente, o irmão da empresa de gás é entregador de gás, o genro do dono do condomínio é zelador... Sem que isto lhes signifique uma depreciação, uma vez que trabalho, seja qual for, é dignificado e dignificante. Depreciado é aquele que não trabalha.

gestos e comportamentos que eles entendem serem compartilhados pelos moradores mais antigos. Como lembra um funcionário da fábrica:

Eu cheguei aqui e penei. É difícil a gente se adaptar ao sistema daqui. Tu vê só, eu estou há quase dez anos e ainda acho difícil. Mas com o tempo a gente vai aprendendo. Aqui!?! É só fazer a coisa certa, no esquema deles. Se tu entra no sistema daqui aí tu vai subindo. (Trabalhador na Compax desde 2005).

Os recém-chegados são contratados pelos gestores da fábrica sob o pressuposto de que todos têm as mesmas chances e, por isso, como os próprios administradores dizem, “todos devem começar do zero”. Será a partir da avaliação da produtividade do trabalhador, do que ele conseguir produzir, que será medido o diferencial de cada um. Esta noção de igualdade como se apresenta, neste contexto, não significa que todos nascem iguais, mas que todos têm as mesmas oportunidades, todos têm as mesmas chances iniciais. A maneira como cada um utilizará suas aptidões é que os diferenciará.

A expressão “é só fazer a coisa certa”, frequentemente utilizada pelos trabalhadores, aponta para o pressuposto de que existe igualdade de oportunidade entre todos e que demonstrar desempenho é o suficiente. “Fazer a coisa certa” também implica em saber que os trabalhadores vivem um esforço no sentido de adquirir atitudes e comportamentos valorizados e moralidades compartilhadas entre os moradores mais antigos da cidade, que, de certa forma, lhes são desconhecidas.

O contexto desenhado entre “lá” e “aqui” e “antes” e “agora” os recém-chegados vivem os dilemas entre o desejo de relações solidárias e as minimizações dos vínculos sociais; entre as idealizações da cidade natal e a ambição de ascensão; entre a noção de pessoa e a lógica predominante de provar o valor do indivíduo. Eles trazem esses elementos para referirem os esforços dirigidos no sentido de se fazerem vistos como sujeitos autônomos, competitivos, empreendedores, criativos e esforçados, que têm o trabalho como valor central de suas existências: o *self-made-man* por excelência do ideário neoliberal.

6.5 “O trabalho como costume de vida”

Nos primeiros encontros com os trabalhadores recém-chegados, as conversas giravam preferencialmente em torno das diferenças entre a vida em Farroupilha e a vida que levavam em suas cidades de origem. As comparações tecidas por eles iam, aos poucos, desenhando itinerários nos quais eu ia vislumbrando trânsitos entre o conhecido e o desconhecido; o mundo tradicional e o mundo moderno; o trabalho não industrial e o trabalho industrial; ambientes empobrecidos e prósperos. Tomados de um olhar comparativo e imbuídos de certa

idealização do passado, os recém-chegados referem-se a espaços, temporalidades e valores ligados a um cotidiano ainda muito vinculado ao mundo do campo, contrapondo-os aos espaços urbanos do tempo industrial. Para os recém-chegados, as virtudes com as quais eles compõem a sua identidade pensada como gaúcha – pessoas hospitaleiras, espontâneas e solidárias – vai dando lugar a outra lógica de reciprocidade que eles identificam em valores compartilhados entre aqueles que eles designam “gringos” – pessoas utilitaristas, competitivas e individualistas.

As diferenças entre o aqui e o lá, entre o agora e o antes, não necessariamente significa uma ordem espacial ou cronológica comum, mas revela elementos acionados para a demarcação das fronteiras entre o aqui/eles e o lá/nós e um modo de subjetivar que diz respeito à negação da identidade desses recém-chegados e às experimentações de um novo perfil deles exigido no contexto industrializado de Farroupilha. Meus questionamentos enquanto observava o contexto eram: de que maneira o novo meio (as regras e normas da fábrica, assim como os espaços, temporalidades e corporalidades) estariam incidindo sobre eles? De que forma eles percebiam as mudanças que aos poucos iam se operando neles próprios? Como eles enxergam essas novas práticas e como se enxergam praticando essas práticas?

Começo lembrando um relato, transcrito em minha dissertação de mestrado, no qual uma senhora fala sobre a sua chegada em Farroupilha, e que se tornou emblemático em meu trabalho, devido à atenção que toma por parte dos meus leitores. D. Verônica, é uma senhora miúda e já bastante grisalha que, apesar de seus movimentos muito rápidos, apresenta um olhar cansado. Ela nasceu em Santo Ângelo, região missioneira, “lá na fronteira” – ressalta ela demarcando a diferença da “origem” com orgulho. D. Verônica veio para Farroupilha em 1977 com o marido e os filhos pequenos. Trinta anos após o ocorrido, ela fala ainda muito incrédula sobre o constrangimento que sofreu logo na chegada à cidade, quando procurou se aproximar de uma vizinha que, em frente à sua casa, tratava do jardim. D. Verônica, ao ver a outra, atravessou a rua e, pensando em estabelecer sua primeira amizade, ofereceu-lhe um chimarrão por cima do muro muito baixo que separava¹⁰⁹ o jardim da calçada. Ela conta que, nesse momento, falou-lhe alto e alegremente: -“Bom dia, vizinha! Toma um mate comigo?”. A mulher voltou o rosto para ela – sem largar a enxada e sem nem mesmo descurvar o corpo que trabalhava a terra – e disse-lhe, meio que entre dentes, de uma maneira extremamente

¹⁰⁹ Os moradores costumam plantar, nos jardins em frente às casas, hortaliças juntamente às flores ornamentais, o que leva muitos recém-chegados a comentarem este hábito a fim de corroborar o utilitarismo que eles identificam nas práticas que dinamizam o lugar.

fria, que “aqui não se perde tempo com chimarrão; aqui se trabalha” e voltou-se impassivelmente à atividade. D. Verônica diz que sentiu um “vazio”, uma “grande tristeza”, ao ser rechaçada em seu gesto de amabilidade feito com extrema espontaneidade. Lembra que se viu sozinha no mundo e entendeu que, em Farroupilha, a comunicação entre pessoas não se dava da mesma forma como ela conhecia e tinha feito a vida toda em Santo Ângelo. A partir de então, ela comenta que ficou mais atenta, não se expôs mais tão “abertamente” às pessoas e, aos poucos, foi aprendendo a lidar com as pessoas em Farroupilha, como ela expressa: aí a gente fica assim, fica igual ao sistema daqui!” (KANAN, 2008, p. 67).

A prática da “boa-vizinhança”, a vivência das horas de lazer entre os moradores, assim como D. Verônica procurou estabelecer com a outra senhora ao compartilhar o chimarrão – bebida típica da cultura dos gaúchos e que tem o simbolismo do acolhimento – são elementos desconhecidos ou mesmo negados para a convivência em Farroupilha. Os esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada (BOURDIEU, 2005, 42), isto é, são *habitus* distintos que se revelam na interação das duas vizinhas.

Os recém-chegados, ao não obterem reciprocidade de atitudes esperadas nas interações com os moradores mais antigos, isto é, nos padrões como ocorriam em suas cidades de origem, sentem-se atônitos e referem-se, muitas vezes, a esses momentos como experiências para eles bastante traumáticas. Sob a perspectiva interacionista de Goffman (1995), há, nesses encontros, uma falta de equivalência entre os códigos acionados pelos sujeitos dos diferentes grupos. Utilizando a ideia dramaturgista desse autor, eu diria que, no caso da história de D. Verônica, é como se as duas senhoras entrassem no palco para contracenarem com *scripts* diferentes. As experiências pregressas que D. Verônica traz do cotidiano em sua cidade natal não encontram correspondência para as situações vividas em Farroupilha gerando uma falta de retorno na emergência interativa. A recém-chegada sente-se, nesse momento caindo no “vazio”, isto é, sem o retorno esperado para o seu gesto e, portanto, sem referências para agir. Estas situações são bastante recorrentes nos relatos dos novos migrantes. Seu Carlos quando se refere a sua chegada em Farroupilha lembra, de forma muito similar à história trazida por D. Verônica, que

Quando cheguei, senti a frieza da gente daqui... Pessoas de pouco assunto. No início eu pensei que eram matuscos, desconfiados, e que, com o tempo, eles iam se abrir... mas, com o tempo, eu descobri é que eles não querem mesmo relação. Eu fiquei muito mal, [com voz mais firme ele acrescenta] Até hoje! Eu passei a me sentir um ninguém. (Seu Carlos, aposentado, reside em Farroupilha desde 1982).

Os mal-estares vividos nessas interações não se devem somente à falta de reciprocidade na comunicação causada pelo desconhecimento dos novos migrantes às formas

de agir em Farroupilha. As perturbações também se devem ao fato de eles perceberem que as práticas por eles conhecidas e valorizadas até então são aí interditas. Quando Seu Carlos diz se sentir “ninguém”, ele se refere à desautorização ao seu modo de ser. Aquilo que esse senhor pensa ser, a sua identidade, não tem reconhecimento pelos moradores da coletividade na qual veio para se inserir. E, se o reconhecimento do outro é parte essencial da identidade do ser humano, como afirma Taylor (1994), a ausência desse reconhecimento por parte das pessoas ou da sociedade em torno deles pode levar a uma imagem humilhante e desprezível de si mesmos, ao internalizarem um papel de inferioridade (TAYLOR, 1994). Diante dos constrangimentos sofridos nas interações os recém-chegados buscam demonstrarem-se capazes de jogar o jogo, de deter os instrumentos físicos, mentais e morais (DUARTE, 1986) que os habilitem a integrar o grupo.

6.6 O “trabalho” em tensão

Concordo com Goffman (2005), quando esse afirma que, durante as interações, os indivíduos sofrem influências recíprocas. Porém, o que observo na relação de D. Verônica com a sua vizinha, assim como em tantas outras relações entre os moradores de Farroupilha, é que os moradores mais antigos se apresentam com uma maior capacidade de se fazer ver e ouvir, ou seja, eles é que definem a situação. Isto, porque, como afirma Bourdieu (2002), as influências exercidas uns sobre os outros não são meras idiosincrasias individuais, não partem de sujeitos isolados. Os indivíduos ocupam distintas posições nos diferentes meios sociais por onde circulam, ou seja, nos diferentes campos que compõem a sociedade. As interações, assim sendo, dependerão do lugar que o indivíduo ocupa nesse campo de luta e, conseqüentemente, a sua atuação, do capital simbólico que ele dispõe por ocupar determinada situação.

A cidade de Farroupilha encontra-se configurada em relações de poder entre moradores mais antigos, os estabelecidos e os recém-chegados, os *outsiders*, define e hierarquiza os sujeitos em suas interações. Essa lógica fundamenta as ações das pessoas, que agem em função da percepção que constroem sobre a reação dos outros, e apoia-se na construção de discursos que colocam em fluxo valores e comportamentos sob as noções de etnicidade e de progresso, uma vez que trazem para a pauta das interações a ideia de uma origem comum compartilhada pelos estabelecidos vinculada a atitudes que resultaram na prosperidade econômica do lugar.

A coletividade fabril em Farroupilha, portanto, encontra-se organizada em pertencentes e não pertencentes à identidade reivindicada pelos moradores mais antigos, de maneira a considerar com Barth (2003) a presença da noção de etnicidade, entre eles, como uma forma de organização social baseada na “atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 125).

As classificações ocorrem com relação a elementos culturais que os próprios indivíduos acionam. Se o grupo étnico se constitui ao acionar elementos que o diferencie, então sua identidade se constrói em oposição ao grupo com o qual está em interação. Os moradores mais antigos, na situação de estabelecidos, são aqueles que exercem o poder de definir a pauta das interações, trazendo como diacríticos valores e comportamentos tidos e vistos como virtudes inerentes à origem do grupo, das quais os recém-chegados encontram-se desprovidos.

É nesse sentido que Cardoso de Oliveira (1976), refletindo sobre a problemática dos conflitos entre as sociedades indígenas e a sociedade nacional, desenvolveu a ideia de fricção étnica afirmando que a identidade étnica é contrastiva, que surge por oposição. “Ela não se afirma isoladamente. (...) ela se afirma ‘negando’ a outra identidade, ‘etnocentricamente’ por ela visualizada.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 5-6) Neste caso, a “italianidade”, amplamente estudada por pesquisadores como uma minoria étnica inserida na realidade brasileira, nesta outra escala se apresenta como etnia dominante.

Como lembra Herzfeld (1987), etnicidade é uma noção unificadora que engloba práticas múltiplas. Portanto, tomar as interações sob a perspectiva da etnicidade pode levar a reificar e ocultar a complexidade de que se constituem as interações. Observa-se, em Farroupilha, que a etnicidade é uma forma englobante pela qual os estabelecidos exercem o poder simbólico sobre os recém-chegados. Sob a noção da etnicidade estão construídos os discursos que colocam em circulação os valores e comportamentos como sistemas dominantes.

No caso de Farroupilha, a superioridade reivindicada pelo grupo dominante envolve a preeminência territorial, a noção de origem comum que “carrega no sangue” um impulso ao trabalho propício ao desenvolvimento econômico. A veiculação – na escola, nos atendimentos públicos, nos eventos festivos – de uma vasta literatura que exalta a imigração e reafirma o valor do “colono” que ascendeu, social e economicamente, subsidia as noções mais comuns encontradas nos debates informais e nas compreensões manejadas corriqueiramente sobre a

italianidade. Estes discursos circulam na sociedade regional como um conjunto de ideias que informa os sujeitos sobre seus atributos e papéis sociais, fundamentando as interações entre as pessoas de “origem” e os “outros”.

Estes elementos, acionados como étnicos, são o capital simbólico que os estabelecidos dispõem e são o que lhes permite recorrer com sucesso a estratégias destinadas a intimidar os recém-chegados e impedir-lhes uma possível concorrência. As interações, portanto, se constituem e são constituídas em relações de poder com a preponderância dos moradores mais antigos sobre os recém-chegados. As relações face-a-face se operam pelo manuseio que os sujeitos fazem desses discursos como verdades produzidas (FOUCAULT, 2004). Os estabelecidos e os recém-chegados se reconhecem e são reconhecidos como tais na presença de um conjunto de práticas e discursos que são resultados dos processos históricos que viabilizaram a industrialização.

Nas tensões vividas entre eles, revelam-se os imaginários que acompanham as diferentes práticas entre a tradição e o moderno que os distintos protagonistas alicerçam em tipos sociais distintos, o “gringo” (ou “italiano”) e o “brasileiro”. Aos recém-chegados estão imputados comportamentos que constroem o estereótipo do brasileiro, que traz as características do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda como um tipo ainda vinculado aos valores tradicionais e que, portanto, é um empecilho ao desenvolvimento do capitalismo. Os brasileiros, herdeiros de um modelo escravagista no qual o trabalho não era considerado uma prática positiva por ser relacionado aos fazeres dos cativos, conservam, ainda hoje, o despreço pelo trabalho (KOWARICK, 1987). Segundo Holanda (2005), para o brasileiro, “uma digna ociosidade sempre [lhes] pareceu mais excelente e até mais nobilitante (...) do que a luta insana pelo pão de cada dia.” (HOLANDA, 1997, p. 38). Os descendentes de imigrantes italianos, pelo contrário, legaram uma relação positiva com o trabalho “considerando-o uma forma de dignificação e uma possibilidade de ascensão social.” (ZANINI, 2006, p. 49) A noção do trabalho como valor está indissociada da construção da identidade dos descendentes de imigrantes italianos e ocupa o centro das ações desses indivíduos (MANFROI, 1975; BATTISTEL, 1983; ORO, 1996; DEBONI, 1984; MOCELLIN, 1996; COSTA, 1996).

As concepções de trabalho vividas pelos moradores mais antigos remetem àquelas que, sob uma matriz weberiana, estão identificadas por alguns autores (SOUZA, 1999; DAMATTA, 1986; OLIVEN, 2001) entre os indivíduos de culturas anglo-saxãs ou em comunidades protestantes em total oposição aos indivíduos brasileiros e católicos.

Parto do princípio que a produção desses saberes, que resulta em discursos amplamente divulgados no contexto estudado, mais que em produção de verdades se constitui em prescrições (FOUCAULT, 2004) para entender as formas como no contexto da industrialização e das relações de poder que se reproduzem no contexto das migrações contemporâneas, os sujeitos envolvidos entram nesses jogos de verdade se definindo a partir daí como indivíduos, falantes, emotivos trabalhadores.

O diferencial de poder entre os grupos é um dos fatores que contribuem para que os novos migrantes na posição de *outsiders* avaliem-se pela bitola dos moradores mais antigos da cidade. Eles, em geral, sentem-se desacreditados em suas definições para os primeiros encontros. Em termos das normas de seus opressores, eles se consideram pelas deficiências passando a se verem como sendo sujeitos menos valor (ELIAS, 2000). A ideia de que trazem em si uma incapacidade para construir um mundo de prosperidade, capitalista e moderno como aquele que aspiraram viver quando decidiram migrar, leva-os a crer que é fundamental que operem em si uma mudança nas suas posturas diante do mundo.

As trajetórias ascendentes de alguns descendentes de imigrantes italianos, por outro lado, contribui para que, nesses encontros, os moradores mais antigos estejam ocupando a posição de informar aos novos migrantes sobre os elementos que devem compor as situações. Nas confusas e embaraçosas interações nas quais os novos migrantes se sentem pressionados pelos estabelecidos a mudar de comportamento, também percebo, em muitos momentos, o desejo deles próprios em agirem conforme as projeções compartilhadas no lugar.

Para os novos migrantes, a presença de uma racionalidade, um ethos econômico que particulariza o modo de vida dos moradores do lugar é o que marca e diferencia o estilo de vida em Farroupilha daquele que compunha o cotidiano das suas cidades. Como conta Elena, uma trabalhadora em Farroupilha desde 2001:

Quando cheguei eu logo vi que as coisas eram diferentes. A vida que eu tinha em São Luiz Gonzaga tinha ficado pra trás. Amigos na tardinha, uma cervejinha, cadeiras na calçada com a vizinhança, nem pensar... E olha que aqui no bairro todo mundo vem de fora, acostumado a esse outro tipo de vida, mas aqui tu é só trabalho e... ou a gente faz o que eles querem ou eles fazem de tudo pra tu não suportar isto aqui. (Trabalhadora do setor de expedição, reside em Farroupilha desde 2001).

A percepção de que o dia a dia é direcionado ao trabalho, à prática da poupança, sem espontaneidades e momentos de prazer, causa estranhamentos aos recém-chegados. Essa racionalidade é por eles referida como o “sistema daqui”, o qual desaprovam devido às relações utilitaristas, individualistas, sem afetos, que são regidas por interesses econômicos.

Por outro lado, os moradores mais antigos dirigirem acusações aos recém-chegados acionando as características difundidas de um brasileiro estereotipado como pouco trabalhador, preguiçoso, perdulário: um tipo característico do homem tradicional que se oporia à constituição da sociedade moderna, um obstáculo à prosperidade, um empecilho tanto ao desenvolvimento coletivo quanto ao objetivo traçado na migração, ou seja, “melhorar de vida”.

Seu Carlos, a exemplo de muitos outros novos migrantes, conta sobre a necessidade que sentiu em adquirir novos conhecimentos, novos comportamentos e a forma mais ou menos consciente com que se motivou a isso, ou seja, ele fala sobre o vínculo entre a presença do progresso na região e o estilo de vida dos moradores, como impulsionador a uma nova conduta.

E se eles deram certo agindo assim, fazer o quê senão a mesma coisa? Eu saí de lá pra ganhar a vida, pra virar alguém, já que na minha cidade não tinha oportunidade pra isso. A gente vem com um propósito, vê como é que os daqui fazem... Tem que dar certo pra gente também!

Percebe-se, entre os novos migrantes, muitas vezes, o desejo de mudança existencial, o qual os torna sensibilizados e permeáveis aos novos roteiros criados e recriados na sociedade de acolhimento. Nesse sentido, concordo com Cavalcanti (2002) que afirma que todo o trânsito acarreta em metamorfoses no imigrante, devido a esses sujeitos encontrarem-se imbuído de um desejo de “querer ser outro” no novo meio em que passa a viver. Assim, a autora conclui que a imigração não representa somente uma transformação de ambiente e de códigos culturais ou de universo simbólico, mas também um desejo de transformação interior.

Os recém-chegados, diante dos dispositivos éticos e morais do grupo dominante, estreitamente vinculados à ideia da ascensão econômica da região, evidenciada nas trajetórias dos seus padrões e dos discursos que circulam na região, absorvem a ideia de que essas são as atitudes necessárias para que eles atinjam os objetivos traçados no ato inicial de migrar, ou seja, de alcançar uma vida melhor. O desejo de atingir seus objetivos os coloca em movimento. O mito do imigrante, entendido aqui como uma atualização dos discursos neoliberais, vetoriza as ações dos trabalhadores no sentido de levá-los a alinharem-se com os novos comportamentos, moralmente incompreensíveis a eles.

Assim, os novos migrantes, quando referem sentirem-se permanentemente vigiados, coibidos a se moverem com extremo cuidado, de forma a se mostrarem detentores desses atributos em suas interações públicas, escondem o próprio agenciamento nessas ações. Os comportamentos, quando atribuídos aos “outros” por eles identificados como os “italianos” e praticados sob o pretexto da coação, invisibilizam a anuência da prática desses mesmos

comportamentos por eles próprios criticados. O não dizível sobre si aparece como imposição do “outro”.

Parece estar-se aí diante do paradoxo da subjetivação, ou seja, diante de um processo por meio do qual não só se assegura a subordinação do sujeito às relações de poder, mas um processo que também produz os meios através dos quais o sujeito se transforma numa entidade autoconsciente e num agente (MAHMOOD, 2006), levando-se em conta que agência não é simplesmente um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também uma capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas.

6.7 Projeto e motivação: fazer é tornar-se

Lembro que Seu Carlos, quando falou do momento da partida em direção a Farroupilha, expressou a ansiedade que sentiu ao antecipar as situações, realizações e frustrações que poderiam ocorrer nessa “aventura” em que ele se inserira. A experiência de Seu Carlos, assim como de inúmeros outros trabalhadores, é vivida com uma margem de decisão individual. Seu Carlos poderia não ter migrado, ou pelo menos não ter migrado para Farroupilha, mas assim decidiu. Ele não consegue identificar claramente um fator decisivo para a sua decisão; na verdade ele fala de um somatório de fatores, como a necessidade de sobreviver, as pressões que sentiu por parte de familiares e amigos ao ficar sem trabalho e com família para sustentar quando a oportunidade bateu a sua porta. Seu Carlos vivia uma situação desfavorável e resolveu mudar a sua trajetória de vida, mas para isso ele teve que estar fora da sua zona de conforto e identificar, ao seu redor, meios possíveis para isso. O certo é que um conjunto de episódios levou seu Carlos ao ato de migrar. Seu Carlos viveu muitas angústias; contou que não tinha ideia do que poderia acontecer dali para frente, que, mesmo tendo saído de Rosário do Sul com emprego garantido e moradia assegurada, ele se sentia dando um “salto no vazio”, o que evidencia que, para ele, o deslocamento ia em direção ao ignorado.

As narrativas constituídas pelos recém-chegados para refletirem sobre as suas trajetórias compõem-se por visões retrospectivas e prospectivas que se associam e se articulam de modo a dar significado às suas ações presentes. Para Seu Carlos, “tudo começou quando eu vi que eu tinha que sair dali ou... sei lá o que aconteceria da minha vida”. Para ele, a sua vida começou a mudar quando ele tomou a decisão de deixar Rosário do Sul com a esposa e os filhos. A mudança, que visava um futuro, motivada pela esperança de que, em Farroupilha, eles viriam a ter uma vida mais confortável com vistas a abrir um caminho

melhor para os filhos, coincide com aquilo que Schutz (1972) definiu como uma “conduta organizada para atingir fins específicos”, isto é, um projeto¹¹⁰.

A noção de projeto de Schutz, retomada e desenvolvida por Gilberto Velho (1979), toma por princípio que todo o projeto é formulado dentro de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente. Os projetos são traçados nas especificidades das realidades locais que, no mundo ocidental moderno, frequentemente responde às reorganizações econômicas do capitalismo mundial. No caso de seu Carlos e de muitos outros migrantes hoje em Farroupilha, o projeto foi concebido no contexto do empobrecimento e do desemprego que caracterizou as regiões do Rio Grande do Sul ligadas à atividade agropecuária.

Os processos que abrangem a elaboração e realização dos projetos vão envolver os sujeitos em vivências, nas quais ao transitarem por universos distintos, eles vivem distintas experiências de si. O projeto de migrar toma concretude no momento em que os sujeitos que migraram tomam a decisão de mudar de vida. O fato implica em uma experiência de individuação desses sujeitos, uma vez que a decisão individual, de certa forma, significa o destaque do sujeito em relação ao coletivo no qual ele se sentia englobado (DUMONT, 1985). Assim sendo, como lembra Velho, a tomada de decisão e as ações desenvolvidas nesse sentido fazem com que a noção de projeto esteja indissociavelmente imbricada à ideia de indivíduo (VELHO, 1997), que, no caso da migração, vem a ser uma ruptura mais concreta, tendo em vista que o indivíduo se retira de uma localidade e vive, a partir daí, uma experiência de solidão¹¹¹.

O projeto iniciado num universo conhecido, familiar, será concretizado em meio a estranhos. A expressão “a gente vem falhado”, de uma trabalhadora de Farroupilha, parece evidenciar o isolamento que está sendo vivido nessa experiência migratória que aponta para o processo de individuação no qual os migrantes se afastaram da coletividade de origem e, ao inserirem-se na coletividade da cidade destino, aludem individualização. As realizações do projeto inicial se dão na interface de uma valorização de si, do indivíduo, que, anteriormente contido em um universo conhecido e familiar, agora se sente constituidor, agente ativo, responsável pela sua trajetória.

Mas é importante não perder de vista que as escolhas dos indivíduos se fazem diante de um leque de possibilidades, enraizadas em valores compartilhados (VELHO, 1997). Assim

¹¹⁰ Elias desenvolve raciocínio semelhante ao falar dos projetos intencionais na ação coletiva que se tornam não intencionais, ou não conscientes na esfera da realização coletiva (ELIAS, 1994).

¹¹¹ Existe a “síndrome de Ulisses”, que diz respeito a esse sentimento entre migrantes.

sendo, os migrantes elaboram seus projetos baseados em vivências e interações interpretadas em suas cidades de origem para serem realizadas, noutro lugar, a partir de experiências socioculturais ainda desconhecidas.

Como lembra Velho, por mais que os sujeitos vivam suas experiências como únicas, eles, de alguma forma, reconhecem-se nos outros através das semelhanças ou das diferenças (VELHO, 1997, p. 28). Os recém-chegados em Farroupilha se alinham em torno de elementos e objetivos comuns que operam seus projetos: é isto que lhes oferece sentido e coerência para a experiência individualizante da migração¹¹². Os novos migrantes, sem nenhum tipo de contato anterior e sem vínculos constituídos, inserem-se na nova sociedade atuando na direção de seus desígnios iniciais, aqueles que orientaram o ato da migração.

Não quer dizer que interposto, sobreposto ou justaposto a esse projeto não haja outros projetos sendo realizados. Entretanto, percebe-se que a busca de melhores condições de vida tem concretude e material simbólico suficiente para que se encontre englobante, uma vez que, como afirma Gilberto Velho (1997), a estabilidade e continuidade dos projetos vão depender da eficácia do material simbólico que puderem colocar em fluxo e da sua capacidade de afetar e manter os sujeitos alinhados.

A possibilidade da formação de grupos com um projeto social que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais vai depender da percepção e vivência de interesses comuns (VELHO, 1997). A vida disciplinada, direcionada ao trabalho, à poupança, ao adiamento da satisfação e à disposição a competir são atitudes que publicizam um repertório de interesses comuns englobados como um projeto coletivo.

Com base nessas considerações, busca-se frisar a ideia de que a escolha individual desses indivíduos não apenas funcionam como “categoria residual da explicação sociológica, mas como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade.” (VELHO, 1979, p. 31). Os trabalhadores em Farroupilha se evidenciam agindo sob as perspectivas de seus projetos que é um projeto coletivo e que diz respeito às transformações históricas e sociais, mais especificamente à industrialização do lugar. Nesse sentido, ainda entendo que os atos planejados são mais que uma questão de *fazer*: são uma questão de *tornar-se* (ORTNER, 2010, p. 152), isto é, ao envolverem-se em situações novas,

¹¹² Então, para que exista a ação é necessário que os indivíduos se mobilizem, se movimentem em direção a alguma coisa. Para isto é necessário que tenham sido tocados, tenham sido afetados. Para ser afetado ele tem que estar sensibilizados os elementos em fluxo têm que ter sentido para eles, caso contrário, não haverá engajamento eficaz, não haverá continuidade no projeto coletivo. Só a crença de que o trabalho é indispensável ao sucesso não basta. Muitas outras localidades compartilham dessa ideia, porém não apresentam nem ethos, nem desenvolvimento econômico semelhante.

as quais solicitam ações voltadas para resolver problemas ou a alcançar objetivos, os trabalhadores experienciam novas perspectivas de si, outras maneiras de práticas de si.

6.8 Viver é se experienciar

A mudança de meio ambiente requer coordenação e administração de uma ampla variedade de novas respostas, que se efetuam por intermédio de uma recombinação de aptidões antigas (GAGNON, 2006)¹¹³. Atuar com vistas a um determinado fim requer um remanejamento de capacidades mentais e corporais. Assim, quando os recém-chegados percebem que os gestos, as atitudes, as palavras e os comportamentos mais corriqueiros que, até então, utilizavam sem pensar passam a ser alvo de atenção dos moradores mais antigos de Farroupilha, eles se voltam para uma minuciosa observação de como “as coisas devem ser feitas”, passando, pouco a pouco, a introduzir novos “jeitos” em seu repertório.

No processo de inserção e aprendizado dos recém-chegados se evidencia o modo de ser valorizado entre os moradores mais antigos, entre os quais essas práticas estão naturalizadas. Isso torna o processo de inserção um *locus* privilegiado para visualizar a constituição do *ethos* observado. Tendo em vista a centralidade que o trabalho ocupa na vida desses sujeitos e considerando o fato de que a grande maioria dos recém-chegados são prontamente absorvidos pelo trabalho fabril, a fábrica é o local de entrada para a inserção social em Farroupilha. Dentro da fábrica, ao viverem experiências que são percebidas na interface de toda a materialidade que compõe o ambiente, eles vão “ajustando” seus corpos-mentes aos espaços, tempos, tecnologias e pessoas que compõem o mundo fabril, seja referindo-se às extenuantes jornadas que a disciplinariedade da gestão taylorista lhes impõe, seja falando com orgulho sobre a aquisição de habilidades em lidar com máquinas, seja experimentando satisfação por trabalharem no espaço da fábrica, seja lamentando por não mais verem o sol. Como foi abordado no capítulo 3, a arquitetura, os uniformes e as matérias-primas, bem como as habilidades em manusear instrumentos ou a *expertise* em operar máquinas, passam a fazer parte de uma produção de si.

As relações na organização fabril encontram-se mediadas por todos esses elementos que, sob normas e regras, hierarquizam os trabalhadores de forma que eles percebem muita dificuldade em manter contatos entre si. Eles frequentemente comparam a fábrica com os ambientes de trabalho em suas cidades de origem, reclamando da atual falta de relações

¹¹³ Isto exige um esforço criativo por parte dos novos migrantes que sempre se concretiza. Cabe lembrar que muitos novos migrantes retornam para suas cidades alegando dificuldades em compartilhar o modo de vida local.

peçoais, a carência de vínculos peçoais e de demonstrações de afeto com que vivem entre os colegas na fábrica de calçados. As dinâmicas totalizantes e englobantes da gestão procuram diminuir as idiosincrasias peçoais em prol de uma “objetividade” e uma “racionalidade” que imprimem um controle de si. O fato de terem que controlar inclusive as suas necessidades fisiológicas (como a vontade de urinar, a fome, a sede e o sono) é sentido por muitos recém-chegados como uma negação da “natureza humana”, de si próprios: “Aqui não há espaço nem tempo para a gente ser gente”, diz uma trabalhadora do setor da costura.

O ambiente de trabalho acaba por ser o local para o aprendizado de um novo modo de agir e de um novo modo de ser valorizados na coletividade de Farroupilha. Na fábrica, na presença de outros, sob as normas e as regras da organização, os recém-chegados vão incluindo outras moralidades e outras corporalidades que acentuem e configurem seus desempenhos de forma a serem reconhecidos como pertencentes ao grupo¹¹⁴.

O desenvolvimento de habilidades para produzir calçados, pelos trabalhadores, assim sendo, é concomitante a um controle de si, de experiências de si, de um aprendizado de técnicas corporais. Mas também um aprendizado de moralidades levando a entender que o bom trabalhador resume um saber, um saber-fazer e um saber-ser (STROOBANTS, 1991). No sistema meritocrático observado na Compax, os desempenhos individuais são o alvo das avaliações, é o fazer de cada um que é medido pelos superiores. A ausência de relações mais peçoais entre o subalterno e seu chefe leva muitos recém-chegados a se sentirem nada mais que uma parte de toda a engrenagem que constitui a produção. Na cadeia produtiva, eles sabem que a tarefa de um depende de outro que também não passa de alguém oculto nos espaços confinados e nos tempos cronometrados das tarefas.

Essas situações são mais frequentes entre os funcionários que executam as tarefas muito simples, o que se soma à facilidade com que eles podem ser substituídos. A pouca exigência quanto a uma qualificação mais aprimorada leva-os a uma maior invisibilidade perante todos, uma vez que a atividade que esse indivíduo realiza qualquer um tem condições de fazer. Esses trabalhadores, pouco valorizados, sentem-se que só estão ali para um único gesto que muitas vezes se repete durante dias. A relação dispensada a estes trabalhadores remete àquela observada por Marx (1989) a qual afirmou a reificação do trabalhador, aviltado à condição de mercadoria, de mero insumo no processo de produção¹¹⁵.

¹¹⁴ Inclusive em festas religiosas ou da comunidade evidencio os sujeitos movendo-se sob uma organização do trabalho, nas quais, a cada um está atribuída uma tarefa. Ao final das celebrações, não raramente, escutava deles a expressão “Pronto! Terminou, cumpri com minha tarefa!”.

¹¹⁵ Existe uma disputa entre os administradores pela conquista de empregados que se apresentam com mais qualificação para certas tarefas. Isto remete de alguma forma, ao comércio de jogadores referido na pesquisa de

Já aos trabalhadores mais qualificados do setor administrativo está consolidada a ideia de um saber que os distingue em relação aos outros, no caso da Compax, pelo nível salarial muito mais do que pelo saber. O valor mais considerado, até onde compreendi os valores que balizam a organização da fábrica, fica a cargo dos funcionários que detêm um saber-fazer. Assim, aqueles que demonstram saber operar máquinas complexas encontram muito prestígio entre os superiores e inveja aos colegas. Estes trabalhadores, tanto os que trabalham na administração como os operadores de máquinas, ao ocuparem seus cargos, demonstram avaliações positivas a seus desempenhos, uma vez que (como foi visto no capítulo 2) todos presumidamente começam nos postos mais simples. Neles está implícita a ideia da ascensão na estrutura hierárquica da organização; são trabalhadores que atraem para si uma visibilidade que emerge da capacidade e do mérito de seus desempenhos. Ao adquirirem conhecimento suficiente para manejar alguma máquina, sentem o prestígio da profissionalização. Entre estes, observa-se algo similar ao que Sennet (1998) comenta sobre a valorização de trabalhadores que circulam entre diferentes empresas, pois isso demonstraria a competência sendo disputada.

O próprio diretor e proprietário da fábrica traz na sua história o relato de ter começado com a atividade de “passar cola”. Isso gera comentários de admiração pelo seu saber, sua capacidade de compreensão da totalidade da organização do trabalho, pelo seu saber-fazer, o fato de ele já ter passado por todos os postos de trabalho do setor calçadista, e pelo saber ser, o trazer em si os valores e atitudes necessários para “vencer”.

6.9 Os valores do trabalho

Os discursos recorrentes sobre o trabalho em Farroupilha centralizam-se na ideia de que este é um valor em si, no entanto, em uma das primeiras entrevistas realizadas para esta pesquisa, vivi uma situação muito esclarecedora e instigante no sentido de entender as diferentes maneiras como são manejadas as noções sobre o trabalho entre os trabalhadores. Após uma hora e meia de entrevista com a secretária de um dos setores da prefeitura do município, na qual ela comentava sobre a importância do trabalho para ela e para os moradores do lugar em geral, eu me despedi e, ao sair, fechei a porta atrás de mim. Quando já estava na calçada e senti o frio que fazia, lembrei que havia esquecido meu casaco no espaldar da cadeira em que sentara. Voltei até a sala da secretária, bati na porta ao mesmo tempo em

Damo (2007). Uma sobreposição de *status* da pessoa imbrica-se ao *status* daquilo que ela está capacitada a fazer, tornando-a uma mercadoria que pode ser adquirida diante de certo valor monetário.

que a abria e lhe disse que eu havia esquecido algo importante. Sem que eu pudesse continuar a falar, ela me interpelou dizendo: “Eu já sei, tu esqueceste de me perguntar quanto eu ganho!” Nesse momento, a todo o seu discurso sobre o trabalho como valor, que havia perpassado ao longo da entrevista, foi sobreposto este outro significado, para ela mais importante: o trabalho como ganho. Ou seja, o valor moral do trabalho não se encontra dissociado do poder aquisitivo que a ele está associado.

As utilizações do produto do trabalho (os destinos dados aos salários), por sua vez, elucidam objetivos para trabalhar e, assim, outros significados para o trabalho. Observei que muitos trabalhadores em Farroupilha costumam guardar parte de seus salários: alguns para dispor do dinheiro em caso de doenças, outros para a educação dos filhos, para a compra de um bem de maior valor, como um lote, uma casa ou um automóvel. Muito frequentemente, parte dos salários é investida nos negócios que os trabalhadores costumam manter fora do trabalho. Aliás, é pelo hábito de poupar e não pelo ato de trabalhar que muitos recém-chegados se diferenciam dos “gringos”. Um dia, ao perguntar a uma trabalhadora se ela concordava com a ideia de que os descendentes de italianos são mais trabalhadores que as pessoas das outras regiões, como ela, me respondeu: O que que é coisa de gringo? É trabalhar... É trabalhar e não gastar! Porque trabalhar a gente trabalha também, só que gasta tudo. (Marília, a dona do mercadinho, reside em Farroupilha desde 1982).

O diretor da fábrica, pesquisado neste estudo, seguindo uma tendência que circula entre os moradores mais antigos, comenta a falta de costume dos seus empregados de não saberem poupar. Em tom acusatório, ele aponta falta de visão, o fato de eles serem perdulários. É inconcebível para ele o consumo “supérfluo”. Em tom depreciativo, ele diz: “É só receberem o salário e já saem gastando em festa, tomando cerveja, comprando bobagem”.

Contrariando a opinião do empresário, um empregado da fábrica diz que tem feito muitas horas extras:

Eu vim pra isso, pra melhorar de vida. A firma me oferece condições de aumentar meu salário trabalhando mais, e pego! Eu vejo o cara lá comprando carro novo todo ano. Eu penso, eu também posso! E tu vê, eu já comprei uma moto e um terreno desde que cheguei aqui. Imagina se eu estivesse na minha cidade! Nunca! Lá não tem condições, nem adianta trabalhar. (Operador de máquinas, reside em Farroupilha desde 1998)

Em certos momentos, o hábito de “tanto trabalhar” deixa de ser inconcebível entre os novos migrantes quando este passa a estar associado a todo o esforço que gerou o crescimento econômico do lugar. A possibilidade de ascensão econômica, que proporciona acesso ao

consumo de bens duráveis, motiva os trabalhadores a trabalhar mais. Como eles próprios comentam, é só “tomar o trabalho como costume de vida”.

No esforço de demonstrarem-se inseridos no estilo de vida compartilhado entre os moradores de Farroupilha, observa-se que outros recém-chegados adaptam seus comportamentos anteriores para interagirem no cenário atual. Uma costureira do setor do calçado, quando questionada sobre seus horários de folga, conta, com um brilho de satisfação no rosto, como resolveu o problema da falta de convívio que tanto lhe incomodava:

Nos domingos, eu saio e passo o dia fora de casa. Visito muitas conhecidas. Vendo Avon [marca de cosméticos]. Não aguento ficar trancada em casa em pleno domingo. O único jeito é arranjar mais trabalho. Aqui não se fica à toa. Se tu fores ver, nem praças tem para que se possa encontrar amigos, sei lá... (Trabalhadora do setor de montagem, mora em Farroupilha desde 2003)

A trabalhadora recria hábitos vividos na sua cidade de origem nas condições da nova coletividade, evidenciando comportamentos tradicionais sendo ressignificados na ordem do *ethos* do trabalho local.

A ética do trabalho, tão propalada pelos discursos sobre essa região e acionado como valor étnico, não é simplesmente um impulso ao trabalho. A ética do trabalho, nesse contexto, engloba muitos outros comportamentos que se tornam bastante evidentes por meio dos estranhamentos dos recém-chegados. O trabalho não é tudo; é antes um componente de um *habitus* internalizado entre os moradores de Farroupilha que vai ao encontro do ambiente que comporta práticas econômicas condizentes com a economia capitalista moderna. E se isto está minorado nos discursos produzidos que exaltam a atividade do trabalho como valor em si e como atributo étnico, está muito claro entre os recém-chegados¹¹⁶.

Trabalhar!? Trabalhar muito! Ah, mas isso eu já fazia lá. Trabalhar não é a diferença, a diferença que eu vejo (e que resulta na riqueza daqui) é que a gente tem que virar um pão-duro que nem eles; tem que só pensar em juntar dinheiro, só pensar em dinheiro, e nisso se afastar de sentimentos de amizade. E olha bem: se tu vai ver, os gringos nem casar casam por amor. Aqui tudo tem que trazer alguma vantagem, isso é o que eu acho mais difícil de aprender... Não é uma boa vida... Isso. (Supervisor auxiliar do setor de montagem reside em Farroupilha desde 2000).

O trabalhador percebe o universo econômico em Farroupilha de dentro e ao mesmo tempo marginalmente porque ainda não rompeu com as moralidades que balizam suas práticas econômicas naturalizadas em ambiente não industrializado onde o capitalismo é relativamente menos modernizado. As percepções do trabalhador permitem algumas

¹¹⁶ Quanto à mudança de ambiente econômico, Bourdieu questiona quais são os meios, mecanismos e efeitos da passagem de uma economia pré-capitalista para uma economia capitalista, e de que forma essa passagem se manifesta na consciência e nas categorias mentais dos que foram arrastados para esta situação e, em particular, na sua concepção de tempo e na sua conduta emocional (BOURDIEU, 2008).

compreensões acerca do processo de “conversão” (BOURDIEU, 2008) ao *habitus* econômico local. Pela fala do recém-chegado, depreende-se que ele está vivendo “transformações de disposições econômicas fundamentais que definem as relações com o mundo econômico povoado de necessidades e aspirações e que são inextrincáveis dos princípios éticos que se expressam nas noções de honra, dívida, devoção, gratidão, etc” (BOURDIEU, 2008, p. 28). Observam-se as tensões entre aderir e resistir à visão utilitarista que domina as interações entre os moradores mais antigos em Farroupilha. Ao deslocar as práticas de uma economia da boa-fé pela fria lei do cálculo interessado, eles se sentem rompendo com toda uma maneira de viver anterior, assim como com todos aqueles com quem a compartia (BOURDIEU, 2008, p. 27).

6.10 Práticas e estratégias econômicas

Os recém-chegados, acostumados a enfrentar as adversidades com o auxílio solidário da família, dos laços de parentesco e das relações de reciprocidade entre amigos, referem, nesse sentido, viver muitas dificuldades em Farroupilha. Sem conseguirem estabelecer vínculos dessa natureza, eles comentam que nas relações entre as pessoas tudo é feito por interesse, “*aqui tudo se faz através do dinheiro*”. No momento de inserção na nova sociedade, ao interagir com os moradores “daqui”, percebem que suas práticas anteriores não encontram eco na reciprocidade da forma como faziam.

As experiências vividas em Farroupilha remetem a uma sociedade de modelo econômico focado no princípio da equivalência, que tende a suprimir o desenrolar da troca. As compensações monetárias que tomam conta das interações entre os trabalhadores não cumprem com a esperada intimidade de relações afetivas, desafiando e confundindo a definição das relações sociais (ZELIZER, 2008) por parte dos recém-chegados.

Não significa, contudo, que as lógicas da economia monetária ou do cálculo econômico constituam-se em novidade aos recém-chegados, pois em suas cidades de origem eles pagavam por muitos serviços. Mas o que entendo é que, anteriormente, as suas situações econômicas pouco favoráveis os faziam muito solidários entre eles no que concerne a resolver problemas cotidianos, como cuidar dos filhos, por exemplo¹¹⁷. Em Farroupilha, o que ocorre é que os empregos com melhores salários e, muitas vezes, pequenos negócios, inserem os novos migrantes em práticas econômicas até então inacessíveis e pouco aceitáveis entre eles.

¹¹⁷ Neste caso teria de ser feita uma análise mais detalhada enfocando as rotinas das mulheres. Dentre os inúmeros exemplos que a pesquisa antropológica dispõe sobre essa problemática, ver os trabalhos de FONSECA (2004) e LOMNITZ (2009).

O significado do dinheiro é mais um elemento tensionado no processo de fabricação do *homo faber*. Os recém-chegados, inicialmente, dirigem incisivas acusações aos moradores mais antigos da cidade no sentido de desprezarem o lugar que o dinheiro ocupa nas interações entre eles. As nomações “individualistas”, “interesseiros” e “capitalistas”, atribuídas aos moradores mais antigos de forma acusatória pelos novos migrantes, trazem implícitas as diferentes concepções em relação às trocas monetárias. A noção de “impureza” que aparece vinculada ao dinheiro remete às concepções que compõem o imaginário dos “brasileiros”, evidenciada por meio de muitas expressões utilizadas no dia a dia. Oliven (2001), refletindo sobre a noção que os brasileiros têm do dinheiro, lembra que, no Brasil, “quando uma pessoa está sem dinheiro algum, ela diz que está “limpa”, ou quando uma quadrilha rouba um banco, ela “limpa” o cofre”. Mas uma pessoa muito rica é “podre de rica”. Ou, ainda, ao chamar o dinheiro de “algum”, visto que, dessa forma, não é necessário chamá-lo pelo nome (OLIVEN, 2001). Imbuídos dessas noções, o cotidiano em Farroupilha, predominantemente vivido com a intermediação do dinheiro, parece, aos recém-chegados, pouco digno. Não se sentem bem em transformar as relações de troca de favores, que fomentaria os vínculos pessoais, por outras mediadas pelo dinheiro, que para eles, seriam impessoais.

6.10.1 Ter e oferecer/adquirir e ganhar

Entrar no universo urbanizado e compartilhar das práticas econômicas como se constituem na Farroupilha industrializada expõe os recém-chegados (sem vínculos pessoais entre eles) a uma ruptura com as condutas tradicionais de solidariedade. As variações das práticas e estratégias econômicas se apresentam como uma descontinuidade das definições que orientam as relações com o mundo econômico, o que provoca mal-estar nos sujeitos desprovidos das disposições tacitamente exigidas por uma ordem econômica que é produto da história coletiva e individual.

Uma das formas que os sujeitos percebem suas ascensões econômicas fica por conta do acesso ao consumo que passam a ter. As formas como eles relatam chegar à aquisição de eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos novos, que lhes parecia impossível comprar até então, evidencia que a aproximação entre os moradores, a constituição de redes sociais, estão mescladas às transações econômicas.

Quando eu cheguei [a Farroupilha], tive que montar a casa, porque lá [em Lagoa Vermelha] eu morava com meus pais. Eu, minha esposa e os dois gurus. Eu achei que ia ser uma dificuldade, mas, aí, o meu chefe, na fábrica que eu trabalhava naquela época, viu que eu era uma pessoa que queria subir, que era responsável. No

segundo mês de emprego, eu falei com ele que estava alugando uma casa no bairro que estava sem geladeira, que meus filhos saíam pra escola às vezes sem tomar leite porque o leite azedava. Fui franco com ele. Ele me deu o telefone dele e permitiu que eu usasse o seu nome pra referência no crédito. Ele só me pediu pra eu comprar com o cunhado dele, vendedor da Benoit [rede varejista]. Essa dívida eu tenho com ele até hoje! (Trabalhador do setor de corte da Compax, reside em Farroupilha desde 1984)

O empregado agradece, mas ressalta a exigência feita pelo chefe de que a compra fosse efetivada com um familiar. Ele também salienta o fato de que havia ficado muito claro que, sob o aval da dívida monetária, ele estava nas mãos do seu superior e não poderia se afastar daquele emprego enquanto não liquidasse a dívida. As redes entre emprego, trabalho e consumo são vínculos que organizam os sujeitos em uma coletividade que gira em torno de relações econômicas.

Demonstrar os bens adquiridos os evidencia tanto inseridos na coletividade, quanto próximos dos comportamentos nela valorizados, uma vez que, entre eles, a prosperidade está na capacidade de compra, que, por sua vez, encontra-se vinculada a uma vida disciplinada em torno do trabalho, da poupança e do resguardo de excessos.

E o fato de tornar público as aquisições é comparado por alguns recém-chegados com certo estranhamento em relação às cidades de origem. Mauro fala que, quando morava em Bagé, certa vez, comprou uma televisão mais moderna e maior do que a que tinha em casa. Ele quis mostrar à vizinhança a sua televisão e chamou alguns mais próximos para assistirem a uma partida de futebol. Porém, ele ficou preocupado:

Mas e agora? Eles vão ficar pensando que eu estou rico, ou sei lá, que eu estou endividado, ou que fiz alguma falcaturia. Bah! E se me pedirem algum emprestado, achando que estou nadando no dinheiro!?! Aí pensei, vou dizer que meu irmão, que mora em Porto Alegre me presenteou a tv, assim fica tudo explicado. (Trabalhador do setor de corte reside em Farroupilha desde 2001).

Mauro segue o comentário dizendo como mudou o jeito de pensar ao morar em Farroupilha. Ele compra muito mais coisas e, bem ao contrário do que ocorreu com o caso da televisão, ele hoje faz questão de se mostrar uma pessoa que tem condições financeiras. No ambiente atual, ele percebe que a aquisição de bens não mais é algo escuso ou que depende de relações pessoais, mas resultado de seu próprio desempenho individual no trabalho. Ele passa a se pensar merecedor e, portanto, moralmente apto a consumir.

A explicação do trabalhador ainda me faz pensar sobre o quanto a pechincha é mal vista nas transações comerciais nessa cidade. De forma distinta aos mercadores observados por Geertz (1978) nos bazares de Marrocos, os comerciantes não apreciam o fato de que se peça para abaixar o preço das mercadorias, assim como os moradores mais antigos jamais revelam

uns aos outros ter comprado objetos em liquidações e saldos: eles jamais revelam ter pago menos que o preço afixado pelo mercado. Embora a definição do preço seja o aspecto mais visível da negociação, os valores morais do grupo penetram o confronto, evidenciando as dimensões não monetárias das negociações e as implicações destas nas concepções econômicas (GEERTZ, 1978, p. 31). Eu lembro uma agente de saúde que usava sapatos muito coloridos e trocava-os frequentemente, deixando claro que possuía muitos pares de calçados. Certo dia, comentei que apreciava os seus sapatos, e ela me disse, em voz baixa, ao “pé de orelha”, que, como sabia que eu não falaria disso com ninguém, ela me daria o endereço de uma ponta de estoque em que ela os adquiria pela metade do preço. Pelas explicações dadas a essa atitude, entendi que ela ficava entre o não querer que pensassem que ela não tinha condições financeiras de comprar os sapatos e o esconder das outras pessoas a oportunidade de economizar dinheiro. Isto é, um sentimento que flutua entre a demonstração de poder econômico e a competitividade.

Por outro lado, os recém-chegados gostam de mostrar que conseguem adquirir bens a preços menores do que os fixados, demonstrando terem sido “espertos” ou, sob outra perspectiva, deixando ver que conseguem ter as coisas sem gastar muito, sem muito esforço, o que pode também significar menos quantidade de trabalho. Ter sem trabalhar.

Os recém-chegados lembram que entre os moradores de suas cidades de origem eles se vangloriavam quando adquiriam um produto por muito menos que o valor do mercado. Era uma prática que lhes dava muita satisfação gastar menos dinheiro na troca comercial. Entre os moradores de Farroupilha, também há satisfação em poupar, porém eles escondem essas práticas uns dos outros. Percebe-se a busca de um reconhecimento e uma valorização pelos outros ao se evidenciarem detentores de capital suficiente para consumir, pelo preço de mercado, o que o mercado oferece. Propagar a compra de algo por menor preço, nesse caso, indicaria a falta de condições para ter o produto.

Por outro lado, demonstrar que se lucrou em cima do comprador é uma atitude bastante usual e admirada pelos que comercializam bens; é uma prática relacionada aos primeiros negociantes da região, os descendentes de imigrantes italianos. Em *Os pesos e as medidas*, livro escrito na década de 1920, Ítalo Balen salienta na atividade comercial praticada pelos comerciantes na região de Caxias do Sul o abandono da “moral católica quando se envolve com transações econômicas” (DEBONI, 1981). Costa (1998, p. 20), ao lado de muitos atributos que ressaltam a religiosidade, o apego à família e o impulso ao trabalho, soma outras virtudes não tão difundidas para definir os “gringos”. Admite, por exemplo, “com toda a franqueza, que nossos métodos nem sempre são os mais honestos, ou melhor, que a

gente, para vencer na vida, tem que ser “furbo” (astuto): descobrir o furo da lei, sonegar sempre que possível, pedir concordata na hora certa, “ciavar i baùchi” (enganar os tolos), que podem ser nossos familiares ou sócios.” Logo a seguir o autor complementa: “Além de ‘furbo’, deve ser trabalhador e econômico.”

A satisfação expressa em superar o outro por meio de ações elaboradas para “deixar os outros pra trás” fica evidente em um depoimento dado por um empresário de Farroupilha quando ele relatava a sua trajetória de colono a grande empresário:

Eu consegui emprego para trabalhar no balcão. Era meu sonho! Daí foi o começo (...) arrumei um sócio e então, logo me tornei proprietário do armazém. Um dia, fui a Porto Alegre comprar uma máquina registradora. O vendedor em Porto Alegre ofereceu-me 30% de desconto caso eu comprasse duas. Relutei um pouco... Pra quê? Eu não precisava de duas registradoras! Pensei... Comprei as duas. Aqui chegando instalei a minha e, com a outra debaixo do braço, atravessei a rua e ofereci ao negociante vizinho da frente. Vendi! Pelo preço cheio! Peguei um gosto por isso! (Entrevista concedida por um empresário natural de Farroupilha, descendente de imigrantes italianos, em outubro de 2006.)

A postura individualista e as interações pautadas por grandes rivalidades que compõem e valorizam as práticas econômicas em Farroupilha são pouco louváveis aos recém-chegados, o que lhes exige o aprendizado de uma nova moralidade. As novas maneiras de ser daí advinda, as novas práticas de si diante de tais situações, encontram-se em desconpasso com as moralidades das relações solidárias que orientavam as ações anteriores à migração.

Percebe-se, entre os recém-chegados, uma discordância entre distintas disposições econômicas ao inserirem-se em práticas econômicas mais monetarizadas, utilitaristas e competitivas que se alinham a um capitalismo moderno. A identificação de elementos que esse sistema traz para compor a vida na cidade de Farroupilha também traz uma valorização de si enquanto sujeito que ascende econômica e socialmente. O problema é que a prática de certos comportamentos econômicos requeridos nesta coletividade não é considerada ética por eles e, assim sendo, para encontrar satisfação em compartilhar das ações valorizadas em Farroupilha, eles agem em contradição com uma ordem moral que os acompanha desde suas cidades de origem.

É a partir dessas concepções que envolvem as práticas de trabalho e consumo que se podem entender os constrangimentos vividos pelos recém-chegados quando se propunham a trocas de presentes espontâneas. Os recém-chegados, inicialmente, conservam o hábito de fazer trocas a partir de regras implícitas, uma vez que, para eles, o que lhes confere virtude é o vínculo pessoal que se constitui com a dádiva (MAUSS, 2003), e não com a troca material. No entanto, muitos foram os relatos de mal-entendidos acerca de propostas de presentear

peessoas de forma a procurar uma aproximação afetiva, como lembra uma trabalhadora do setor administrativo da Compax.

Eu, quando cheguei aqui, dava presentes às pessoas, lembro que uma vez fui até a minha cidade visitar meus pais e trouxe umas lembrancinhas para uma colega que eu as vezes conversava. Sei lá, a gente costuma fazer essas coisas, trocar um agrado. Eu vi que foi um mal-estar, ela nem abriu o pacote e nunca mais falamos no assunto. Ela nunca retribuiu também. Eu nunca entendi bem isso, mas aprendi a não dar presentes a não ser em aniversário, natal, amigo-secreto... (Trabalhadora do setor administrativo da Compax, reside em Farroupilha desde 1998)

As práticas no novo contexto são, como diria Duarte (1987), tentativas de se encaixar físico-moralmente na coletividade fabril em Farroupilha. A inserção em novas práticas, ao trazerem transformações às percepções sobre o mundo, causam efeitos nas percepções das pessoas sobre si mesmas. O exercício de se postar diante do novo ambiente – considerado neste ponto como parte dos meios de lidar com isso - e das situações que lhes requerem novas atitudes não deixa de ser um exercício de si.

As trajetórias ascendentes dos empresários locais em afinidade com os elementos do discurso neoliberal em fluxo nesse período alinham-se aos projetos dos recém-chegados que migram em busca de melhores condições de vida. Ao inserirem-se no mundo do trabalho fabril, sob regras e normas, espaços e temporalidades, ajustes de habilidades e corporalidades, os trabalhadores observam que os atos planejados no projeto da migração são mais que uma questão de fazer; é igualmente uma questão de ser.

Percebo que a constituição do *homo faber* entre os trabalhadores está assentada em processos de internalização de um disciplinamento baseado tanto na produção de uma verdade de si quanto na elaboração de uma substância ética que se processa na relação com o “outro”, uma vez que as experiências aí vividas também são experiências de alteridade. As tensões emergem de distintas moralidades entre os distintos significados de práticas e estratégias econômicas. Nesse processo de aprendizagem de uma nova moralidade, o papel das emoções assume um valor comunicativo inestimável, no sentido que, por meio das emoções imputadas nas novas experiências, os sujeitos serão ou não tocados e, assim, motivados a transformações (BONDÍA, 2002).

7. ECONOMIA DAS EMOÇÕES: “A SAGRADA INVEJA”



Nos capítulos anteriores, procurou-se entender de que forma as experiências das migrações, as vivências dos espaços e temporalidades, o aprendizado de saberes e suas valorizações agem no sentido de compor sujeitos trabalhadores que se destacam no cenário brasileiro. No capítulo 5, foram tecidas reflexões sobre as maneiras pelas quais os trabalhadores experienciam a si próprios nessas circunstâncias de forma a se entretecerem enquanto entretecem o universo do qual fazem parte. Neste capítulo, será abordada uma dimensão fundamental nessas práticas: a dimensão emocional, que é balizada pela ideia de que emoção é experiência de envolvimento com o mundo. A partir de uma abordagem contextualista das emoções (ABU-LOGHOD, 1990), será analisado o lugar ocupado pela paixão pela competitividade no cotidiano dos trabalhadores por meio de observação de um evento festivo vivido sob intensa emocionalidade, o que evidencia o papel micropolítico desse sentimento na formação do *homo faber*.

7.1 Emoção e experiência

A abordagem antropológica sobre as emoções constitui um problema de considerável complexidade porque, independentemente das teorias, conceitos e metodologias propostas nas ciências sociais, a partir da década de 1970, não há acordo sobre sua própria constituição, existindo, inclusive, uma grande divergência quanto à conceituação de emoção. O desenvolvimento que será exposto pretende contribuir para um modo de pensar a investigação das emoções antropológicamente.

A dimensão emocional atravessa dicotomias, pois emoção é corpo e mente, é natureza e cultura, é pública e privada e é individual e social. Sem querer problematizar a natureza das emoções, considero-as processos fisiológicos, psíquicos, individuais e sociais que, manifestados corporalmente, dão sentido e sustentam as relações dando colorido à presença no mundo (LE BRETON, 2009). A emoção é a “experiência de envolvimento” (BARBALET, 2001) dos sujeitos, levando em conta a capacidade de dramatizar e reforçar o contexto no qual a emoção emerge (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

A experiência implica envolvimento do sujeito e, portanto, como sugere Bondía (2002), a experiência não é o que se passa, não é o que acontece, ou o que toca, mas antes “é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca”, isto é, é o que acontece e que se tem de alguma forma noção de participação. “Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso” (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

Entre os recém-chegados na cidade de Farroupilha, o que aparece é exatamente a ausência de envolvimento, que os leva a se referirem a uma vida sem sentido, da qual eles se sentem alheios, expressando que “aqui não se vive, vai se levando”, que é uma “vida sem graça”, “sem colorido”. O novo modo de trabalhar, as interações monetarizadas, o disciplinamento cotidiano, a permanente vigilância e autocontrole, assim como as relações individualistas, entrelaçam-se a sensações de frieza, de falta de afeto, que eles comparam e contrastam com os encontros efusivos e vibrantes que viviam em suas cidades de origem, onde lhes eram fornecidos momentos de prazer. Evidencia-se não a falta de emoções, mas formas distintas de lidar com o controle emotivo, o que demonstra o caráter cultural das emoções (LUTZ, 1990).

A carência de sentimentos apontados pelos trabalhadores ao inserirem-se na sociedade fabril em Farroupilha remete à tradição do pensamento sociológico que se desenvolve sobre a ideia de que o poder do indivíduo moderno está atrelado ao seu autocontrole. Movido pela definição e execução de seus objetivos, ele vive sob a égide de valores e contra impulsos e emoções que o distraiam (WEBER, 2004). Porém, essa posição vem de encontro com a ideia de que todas as ações (e, na verdade, as próprias razões) estão carregadas de emoções (BARBALET, 2001). Não se deve esquecer que o próprio Weber assinalou a importância de uma motivação que viesse envolver os protestantes nas práticas econômicas capitalistas.

Trago para o foco das reflexões outro dos tantos dualismos que desafiam os estudos das emoções: a oposição entre razão e emoção. Estando convencida de que toda a experiência humana envolve emoções e observando a vibração com que muitos dos comportamentos econômicos são praticados entre os trabalhadores de Farroupilha, longe estou de considerar a racionalidade econômica uma carência de emoções. Como entendeu Nietzsche, equivocamos ao pensar a razão como frieza; para o filósofo, a razão pode ser o mais potente dos afetos, o que, em seu âmago, move o mundo apaixonadamente.

7.2 As práticas “racionais” e as emoções

Os discursos acerca dos moradores da região da Serra Gaúcha pautam-se em um amplo repertório de qualidades morais que versam sobre o bom trabalhador. Entretanto, pouca atenção tem sido dada à presença de um sentimento que os envolve com emoção em práticas de rivalizações: o que eles chamam de “inveja”. Presenciei que, sob a paixão com que esse sentimento é vivido, as interações de rivalidades entre eles tornam-se vibrantes.

Os políticos, administradores e empresários são enfáticos ao ressaltarem a importância desse sentimento como o “motor do progresso”. “Inveja”, diz um ex-prefeito da cidade, “é o sentimento que a nossa gente tem de querer ter o que o outro tem, de estar sempre tentando superar o vizinho, é uma coisa que nos move, nos dá ânimo de vida”! Enquanto explica do que se trata a “inveja”, o homem visivelmente se transforma, torna-se mais efusivo, gesticula com mais vigor. Seus olhos brilham e a face se enrubesce, afastando-se momentaneamente da postura de autoridade com a qual até então se mantivera.

A súbita transformação corporal do ex-prefeito revela a sua afetação para com tal sentimento; a sua fisiologia alterada se torna visível e passa a fazer parte do que ele está dizendo. Como diz Rosaldo, as emoções são pensamentos de algum modo sentidos nos batimentos cardíacos, no estômago, na pele (ROSALDO, 1984, p. 143). O discurso dele é a *performance* e a *performance* é o discurso (CRAPANZANO, 1994). O que ele diz e sente ser da “nossa gente” corrobora a ideia de que o sentimento se configura na imersão com o contexto social (CRAPANZANO, 1994), informando acerca do seu caráter coletivo.

Os trabalhadores recém-chegados têm inicialmente fortes objeções morais em relação ao sentimento que baliza as práticas competitivas compartilhadas entre os moradores de Farroupilha, uma vez que, na tradição cristã, a inveja está classificada entre os sete pecados capitais. Para Tomás de Aquino ([1273]2004), a “tristeza em relação às coisas boas dos outros” existe enquanto maldade na medida em que compele o homem a agir (mal) no sentido de remediar a sua tristeza. O pecado, portanto, está na ação que se opõe à virtude da caridade.

Ora, invejar, pelo seu próprio objeto, implica algo contra a caridade: pois é próprio do amor de amizade querer o bem do amigo como se fosse para si mesmo, porque - o amigo é como se fosse outro eu. Daí que entristecer-se com a felicidade do outro é claramente algo oposto à caridade, pois por ela amamos ao próximo. (Santo Tomás de Aquino, 2004, p. 45).

Os recém-chegados carregam essas noções e demonstram-se resistentes em deixar de lado as relações de solidariedade e de camaradagem. Eles referem que conquistar amizades, auxiliarem-se entre si, parece-lhes ações mais prazerosas e saudáveis à vida do que compartilhar do sentimento de inveja que os afasta uns dos outros. Para eles, é incompreensível viver as interações competitivas com o prazer que observam entre os moradores mais antigos¹¹⁸. Uma trabalhadora questiona: “Como é que podem ter tanta

¹¹⁸ Aristóteles já insistia em que onde não há seres “semelhantes” não nasce a inveja. É impensável invejar o que está muito longe de si, pois, ou é muito superior, ou é muito inferior. Sente-se inveja do próximo e semelhante por nascimento, idade ou reputação, e acredita-se que se possa ser merecedor do quanto possuem os seus iguais. Assim, a indignação que produz a inveja não é por si mesma detestável.

satisfação em ficarem se ferrando uns aos outros. Aqui se vive de maldade. Ai! Isso adocece a gente.”.

É instigante observar a presença da inveja em um contexto aparentemente norteado pelo ideário cristão. Mais ainda, porque a catolicidade é um dos pilares reivindicados pelos descendentes de imigrantes italianos para a constituição da própria identidade. A inveja, emoção negada e vivida nos interstícios das relações, um “pecado”, aparece movendo os trabalhadores de forma pública e valorizada.

Nesse sentido, observam-se algumas estratégias lançadas para legitimar e positivar o compartilhamento da emoção entre eles. A expressão “sagrada inveja” é uma delas. A “sagrada inveja” é uma versão virtuosa que eleva a inveja ao domínio do sagrado, retirando-a do nível humano, onde é considerada um “vício” e, como tal, sua manifestação tenderia a provocar rompimentos e desordens. Esta articulação da dimensão do sagrado com as práticas mundanas é uma forma de justificar a sua vivência por parte dos envolvidos¹¹⁹.

Outra justificativa que age no sentido de positivar e legitimar a presença da “inveja” entre eles é a ideia de que o sentimento que os leva a querer o que o outro tem os impulsiona no sentido de reproduzirem socialmente o progresso da região. Porém, como lembra Campbell (2001), é pouco provável que os argumentos morais que interdita a presença de ações competitivas sejam derrubados somente a partir de considerações utilitaristas, como essa que diz que é a inveja que traz progresso. As práticas competitivas passam a ter sentido no momento em que os recém-chegados imputam emoção a essas experiências: a inveja é legitimada e compartilhada no momento em que aos discursos alinha-se a excitação de viver essas interações, repetindo o já dito anteriormente, isto é, a inveja entra para o repertório do grupo quando estas práticas se tornam experiências de envolvimento vislumbrando a dimensão micropolítica das emoções, permitindo utilizá-la para a compreensão da conformação do *homo faber*, na emergência dessa coletividade.

No processo de ressocialização dos recém-chegados, evidenciam-se inicialmente situações vividas em dupla referência, nas quais os trabalhadores operam simultaneamente com as moralidades trazidas de sua cidade de origem e as que se apresentam nas interações em Farroupilha.

A vida aqui é um tanto amarga, todos só tem tesão por estarem se digladiando uns com os outros, isto aqui é uma guerra. Assim, quer ver? Tudo é um negócio, e tu passa o tempo todo tendo que pensar em como não ser passado pra trás. Tem uma maldade, sei lá... No início eu ficava louco, achava uma loucura, mas o pior é que a

¹¹⁹ A inveja é um sentimento que incita ações que possibilitam a ascensão social e econômica no mundo moderno capitalista. Ver: A fábula das abelhas, uma alegoria de Mandesville publicada em 1724.

gente acaba se acostumando... E, pensando aqui contigo, vou te dizer, quando tu vê tá até fazendo igual, Deus me perdoe! E com um certo gosto, afinal a gente leva tanto que dar o troco tem que ser bom, né... Tô falando isto agora contigo, porque senão a coisa passa por mim já de modo natural, assim... tu entende? (Trabalhador do setor de corte da Compax, reside em Farroupilha desde 1984).

O relato revela que a aquisição de disposições tem um componente emocional que se revela no fato de que a adesão às práticas, inicialmente conscientes e incompreensíveis, passa para o âmbito do espontâneo, natural, com a participação do sentimento de prazer. Como explica Barbalet (2001), as reações emocionais aos acontecimentos incluem sentimentos que indicam se uma experiência é suscetível de conduzir ao prazer ou à dor, configurando, a partir daí, as prováveis disposições para a ação. As atitudes que inicialmente lhe pareciam sem sentido, “uma loucura”, são apreendidas cognitivamente na justaposição de um sentimento de satisfação vivido na exposição às essas experiências. Nesse momento, em que o trabalhador dá o troco com certo gosto, ele remete à ideia de que o sujeito se torna social quando sente prazer em compartilhar (CASTORIADIS, 1982, p. 358) ou, sob outra perspectiva remete ao prazer em participar do jogo social local.

Entendo jogo no sentido dado por Bourdieu como a maneira pela qual os sujeitos inseridos se movem de forma a dinamizar e trazer aspectos a um determinado campo. Sob a perspectiva do jogo, Bourdieu vai desenvolver a noção de *illusio*, isto é, o envolvimento dos sujeitos no jogo. Algo como “estar no jogo, estar envolvido no jogo, levar o jogo a sério.” A *illusio* é prender-se ao jogo por acreditar que vale a pena jogar, o que implica em dar importância também ao jogo; admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos. (BOURDIEU, 2005).

Illusio é, segundo o autor, aquilo que envolve os sujeitos por se apresentar a eles como algo interessante. Bourdieu pensa a *illusio* em oposição à *ataraxia* - ausência de paixão, ausência de ação. *Illusio*, nesse sentido, está muito próxima da experiência de envolvimento que tenho acionado para entender, sob o viés do envolvimento emocional, os recém-chegados no processo de inserção ao mundo fabril de Farroupilha. Quando os trabalhadores dizem que passaram a “achar graça” nas práticas compartilhadas, eles referem o conhecimento e o reconhecimento dos elementos que estão em jogo e o sentimento de que vale a pena jogar esse jogo. Aquilo que inicialmente lhes parecia desinteressante e ao qual eram indiferentes, de alguma forma, passa a lhes afetar, a envolvê-los, a emocioná-los de tal forma que, aos poucos, esses jogos se fazem esquecer como jogos. A *illusio* é essa “relação encantada” com um jogo (BOURDIEU, 2005, p. 140) na qual os recém-chegados expostos ao meio vão ou não inserir-se.

7.3 Uma vivência organizacional

Para a literatura da gestão empresarial, dentro das organizações, a "inveja" é uma "emoção onipresente", uma vez que esse é um ambiente que envolve situações de ambição e competitividade (cf. CHANLAT, 1993). A "busca da excelência" coletiva tão propalada nas empresas implica em intensificação da dedicação individual e consequente superação do outro, uma vez que o "êxito" de cada um está fundado em demonstrar-se mais produtivo que o outro.

Para Manfred F.R. (1996), existe uma tendência dentro das empresas a conceber a inveja como "reação vergonhosa, agente motivador que não ousamos admitir", e sugere que os administradores recorram a estratagemas para esconder sua presença. No entanto, lembra que o "meio competitivo das organizações onde encontramos culturas e estruturas de recompensa fornece um meio altamente propício à rivalidade, à comparação, à competitividade, à aparição da inveja". As dinâmicas empresariais presentes nas fábricas em Farroupilha têm papel importante no estímulo à competitividade e às rivalizações que vêm a permear o cotidiano dos moradores também fora do trabalho, visto que esses locais centralizam, priorizam e, para muitos, antecipam as socialidades dos trabalhadores,

As indústrias se engajam em métodos que tornam mais sólidas as rivalidades entre os funcionários. A busca de prêmios, gratificações e as possibilidades de mobilidade no emprego são circunstâncias que levam os trabalhadores a se empenharem em disputas acirradas. As gratificações são vistas pelos gestores como verdadeiras soluções que, ao potencializar as relações competitivas no trabalho, aumentam a produtividade e o lucro das empresas, que, por sua vez, se encontram em competitividade com outras empresas do mercado. Daí circula a noção de que da competitividade individual depende a competitividade da própria empresa da qual o trabalhador retira seu salário e a *illusio* o jogo desse campo. Isto é, parafraseando Bourdieu, "que não entre aqui quem não for disposto a competir".

De maneira menos direta e perceptível aos trabalhadores, as grandes indústrias de Farroupilha estão envolvidas em um evento que se tornou tradicional e que age também no sentido de suscitar o sentimento da inveja como paixão. Estou me referindo à celebração de uma festa popular da cidade, a Gincana de Farroupilha.

7.4 Uma vivência ritualizada

A etnografia de um momento extraordinário entre os moradores da cidade permitiu colocar em evidência a emoção onde, aparentemente, ela não está. Com isto, quero dizer que, na festa, de forma intensificada e condensada, é visível a vivência emocionada de comportamentos econômicos ditos racionais. Dentro do pensamento tradicional, a manutenção da ordem social está vinculada à razão; os desvios são da ordem do emocional. É, portanto, um desafio, como lembra Barbalet (2002), demonstrar a centralidade da emoção nas operações não desviantes da interação social. Dessa forma, passei a focalizar um momento de exceção no cotidiano dos trabalhadores para, a partir daí, esquadrihar a gramática emocional presente nas suas interações. A Gincana de Farroupilha, um evento da ordem da excepcionalidade, forneceu elementos para pensar de que forma os sujeitos manejam seus sentimentos e para desenvolver a perspectiva de que as emoções organizam e colam o social.

A Gincana coloca em foco as experiências comuns do dia a dia como “apenas um jogo”. Um jogo extremamente competitivo e envolvente que se realiza com base numa organização empresarial – hierarquizada, disciplinada – das equipes e da demonstração de ações centralizadas no trabalho (execução de tarefas) dos integrantes. As emoções dramatizadas e valorizadas na festa tornam-se, como diz Geertz, um comentário público que permite entender que as rivalizações entre os moradores de Farroupilha fazem parte de um jogo apaixonante (GEERTZ, 1989).

A Gincana transforma o “estado de espírito da cidade” (PARK, 1979, p. 29) de Farroupilha. Lembro a minha surpresa quando a cidade silenciosa, quase sempre vazia, passou aos poucos a ser ocupada por maior número de pessoas pelas calçadas. Mesmo durante a noite, os automóveis continuavam circulando e, mais, deixavam rastros de músicas pelas ruas. Dos vidros abertos dos carros, podia-se ouvir o som dos hinos das equipes e perceber a alegria com que efusivamente se interpelavam e se acenavam ao passarem uns pelos outros. Realmente, era um cenário muito distinto do que eu havia visto até então. Ao comentar o fato com uma moradora, ela me disse, olhando-me de viés e com um sorriso meio maroto: -“O quê? Tu não és daqui? É a primeira vez? Então te prepara! Vais ver a coisa mais linda que acontece em Farroupilha. (...) É o nosso carnaval”.

A Gincana surpreende exatamente pela excitação coletiva que se produz em torno dela. Foi o único evento relatado pelos moradores do Primeiro de Maio – e por mim observado – em que pessoas de toda a cidade ocupam as ruas, em massa, para celebrarem

coletivamente um tempo de alegria e prazer que não está aparente nas relações do cotidiano do trabalho. É uma festa!

Os momentos vividos na Gincana como um momento extraordinário tornam-se uma experiência que se aproxima da “dialética da *communitas*” (TURNER, 1974), uma vez que, durante a Gincana os trabalhadores, dizem se sentir libertos da estrutura social. Os elementos que compõem a festa, a antiestrutura, são vividos em organizações disciplinadas, hierarquizadas – as equipes –, nas quais eles trabalham sob a força da competição: irônica e exatamente os elementos trazidos pelos trabalhadores pra referirem-se às pressões do dia-a-dia. Como diz o *folder* da equipe, a população de Farroupilha “adora se divertir trabalhando”!

Sugiro pensar que a sensação de libertação do cotidiano está imputada pela na dimensão do emocional, uma vez que a maior parte dos elementos que compõe a festa é da ordem do cotidiano que balizava as ações dos recém-chegados em suas cidades de origem..

7.5 A festa

A Gincana ocorre de dois em dois anos, sempre no final do mês de novembro ou no início de dezembro, integrando as comemorações da rádio que atualmente a promove. Acontece no núcleo urbano do município de Farroupilha, mas envolve moradores das zonas rurais e das cidades vizinhas. Tem a duração de um fim de semana, sem interrupção, acontecendo inclusive durante a noite de sábado para domingo. A Gincana de Farroupilha é um evento muito abrangente que surgiu entre os moradores mais antigos da cidade e assiste a uma adesão cada vez maior de pessoas, entre as quais, os recém-chegados.

As noções sobre as origens da Gincana, entre os moradores mais antigos, circulam por meio de informações vagas e muito variadas. Para alguns, as primeiras gincanas teriam sido promovidas por um clube da cidade, para outros, foi uma rádio local que tomou a iniciativa ou, ainda, que teria começado como atividade escolar (muito frequente ainda hoje nos colégios locais) e que, aos poucos, devido ao envolvimento espontâneo da população, foi tomando dimensão cada vez maior. Nas lembranças sobre as primeiras gincanas, dizem também que estas aconteceram por iniciativa de alguns empresários que montaram equipes e promoveram a competição no sentido de trazer momentos lúdicos a seus trabalhadores.

Se as origens são vagas, por outro lado, a informação da data em que o evento começou não encontra divergência: foi na década de 1970. É o que evidencio ao ler os arquivos guardados com o promotor atual do evento. Os registros existentes confirmam que a Gincana, no modelo como existe hoje, iniciou na década de 70, por iniciativa de industriários

que começavam a se estabelecer e a crescer em Farroupilha. Os participantes aderiam através das empresas nas quais estavam empregados. Este fato reforça a ideia de que o evento tem estreita relação com as transformações que a industrialização tem trazido na atualização das dinâmicas dessa coletividade.

Desde 1990, a Gincana é promovida e organizada por uma rádio da cidade. O diretor e proprietário da rádio conta que, nas edições anteriores, ele estava envolvido como locutor do evento. A partir daí, este empresário tomou para si o compromisso da sua realização. Nesse relato, o diretor não deixa de salientar o seu viés “empreendedor” da ação, enfocando a Gincana como resultado de alguém que faz.

O evento manteve a estrutura tradicional de distribuição e cumprimento de tarefas às equipes, incitando a laboriosidade e competitividade dos participantes, que são premiados ao final da disputa. Relata o diretor da rádio que, com o decorrer dos anos, para trazer ainda “mais sucesso ao evento” que já vinha crescendo espontaneamente, ele inseriu algumas mudanças como o Desfile de Abertura, hoje o momento mais elaborado e esperado da festa. Após o Desfile que ocorre na rua principal da cidade (mapeada no capítulo 1), seguem-se as outras etapas da festa, as execuções das tarefas que incluem apresentações artísticas e um show de encerramento.

7.5.1 A festa é a “organização”

A organização da Gincana é feita por uma comissão que assessora o diretor da rádio juntamente aos líderes das equipes. Todos eles enfatizam que a preparação para a próxima gincana começa a ser pensada no dia seguinte ao encerramento. “*Esta é uma festa que movimenta muito dinheiro*”, fala o líder de uma equipe, por isso, o primeiro passo consiste em as equipes arrecadarem fundos. As estratégias de captação de recursos são de fundamental importância uma vez que asseguram a participação da equipe. O diretor refere estar sempre muito atento à paridade entre as equipes nesse sentido, pois todas devem estar minimamente equivalentes para que haja competitividade. Somente depois de definidos os patrocinadores e assegurados de que todas as equipes estão apoiadas financeiramente, está confirmada a realização da gincana.

Para isso, os membros de cada equipe se envolvem em ações que buscam “vender” a equipe a possíveis apoiadores financeiros. Eles confeccionam *folders*, nos quais disponibilizam dados como um histórico da equipe, nomes de integrantes, planejamento de trabalho e propostas de parcerias. Esse material, dirigido aos empresários da região, é feito

por profissionais do ramo gráfico e é um material de muita qualidade. O responsável pela realização e impressão de um desses informativos diz que essa é uma oportunidade que a empresa dele tem de colocar o seu trabalho na vitrine, já que, como enfatiza ele, o *folder* vai parar nas mãos dos maiores empresários da região.

Num *folder* do ano de 2008, estava escrito que “Farroupilha é uma cidade com mais de sessenta mil habitantes, sendo que grande parte dessa população *adora se divertir trabalhando* na tradicional gincana que aqui ocorre.” E, mais adiante, informa que a equipe se propõe a manter o “bom trato com as pessoas, a transparência e uma conduta pró-ativa.” Uma das equipes, que não obtivera boa classificação na última disputa, publica compromisso em mudar “completamente o paradigma da equipe”, alterando “a forma de organização e trabalho.” (Extraído do *folder* de apresentação da equipe Zuera, na gincana de 2007. Grifos meus) Tanto os cuidados na circulação e na confecção dos informativos quanto o seu conteúdo são claramente elementos de trabalho e negócios empresariais que estão em jogo durante a Gincana.

A liderança das equipes é exercida por uma comissão composta por empresários que escolhem, dentre eles, aquele que será responsável como o “cabeça” da equipe. Esta incumbência, em geral, fica a cargo de homens (não há, na história das gincanas, até onde pesquisei, uma liderança feminina) que são considerados aptos pelo “perfil de trabalho”, pela firmeza no comando, pela criatividade para soluções, entre outras características.

A estruturação do trabalho em cada equipe é a preocupação central dos líderes, uma vez que a competição se dá em torno da execução de tarefas. Para dar início a essa organização, cerca de dois meses antes do evento, as equipes alugam um espaço na área central da cidade para a instalação da sede, um “QG”. Nesses locais, inicialmente reúnem-se as pessoas que se oferecem à comissão para as tarefas de filiação, como vendas de camisetas, divulgação da agenda de festividades, entre outras.

Nas paredes dos “QGs” estão afixados elaborados organogramas, cronogramas e maquetes, que, ao mesmo que informam os participantes das estratégias da equipe, exibem a capacidade dos organizadores, como se pode evidenciar nesse mapa disponibilizado no site do evento:

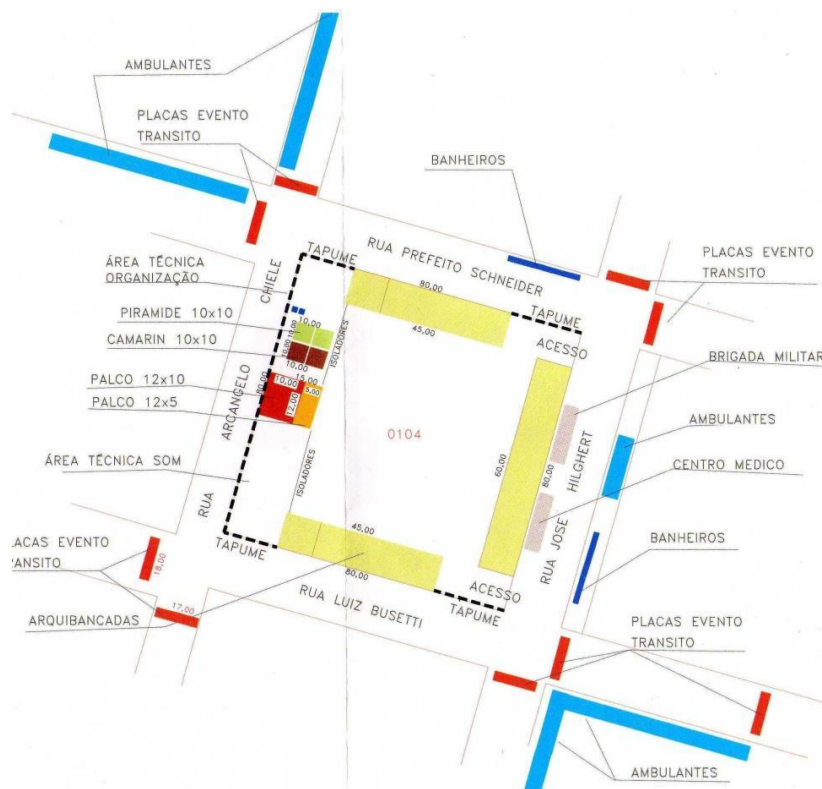


Figura 28: Mapa da festa de encerramento. Fonte: comissão organizadora, a qual salvava a imagem que estava disponível no *site* do evento de 2010.

Os participantes, principalmente os mais jovens, dizem com muita satisfação que a organização da equipe para a gincana “é linda, parece até uma empresa!” A discursividade é parte dessa *performance* que faz circular entre os gincaneiros palavras recorrentes no mundo empresarial. Durante a Gincana, todos falam sobre a “capacidade empreendedora” de seus líderes ou sobre o “perfil de trabalho” dos colegas “proativos” que propiciam “excelência” à equipe.

As dinâmicas de organização e de realização da Gincana, assim descritas, em nada ou em muito pouco diferem das dinâmicas de uma empresa. A Gincana é a face festiva que celebra o mundo empresarial da qual todos compartilham com seu trabalho, um valor vivido ao mesmo tempo individual e coletivamente. Nesse sentido, a festa pode ser analisada enquanto momento ritualístico, tomando de Durkheim (2003) a ideia de que os ritos são regras de conduta que orientam o comportamento dos homens em relação às coisas sagradas (considerando, ainda, o sentido trazido por Hubert e Mauss (2005), de que sagrado é tudo aquilo que, para os membros do grupo, qualifica a sua sociedade).

Porém, a Gincana, que, sob essa perspectiva seria um rito da ordem – como todos os eventos de sociedades complexas –, constitui-se num modelo intermediário entre negar e

reiterar a própria organização da sociedade, mesclando o profano com o sagrado, os interditos aos autorizados.

No caso da Gincana, os comportamentos “da ordem” são vivenciados juntamente a atitudes inadequadas no cotidiano. Assim, as condutas disciplinadas do trabalho, durante a Gincana, estão lado a lado com práticas contrárias, negadas no dia a dia. A gincana – como outros eventos de sociedades complexas – constitui-se num modelo que nega e reitera a própria organização da sociedade. O evento seleciona, por inclusão e exclusão, pela vontade popular, o que deve ou não estar presente nele, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Isto fica mais evidente ao se observar que maior a proximidade com a festa propriamente dita, maior o número de pessoas que confluem para as sedes. Para os gincaneiros, a celebração começa já nessa etapa da Gincana, quando eles passam pela sede de suas equipes no final do dia para se sentarem-se às mesas e consumirem bebidas alcoólicas. A fachada onde estão localizados os QGs apresentam letreiros que os identificam francamente com bares que normalmente, no contexto do cotidiano, praticamente não existem.

No caso da Gincana, os valores caros ao grupo aparecem sendo manejados num cenário construído também por comportamentos indesejáveis no cotidiano. Ou seja, a competitividade e o trabalho, identificação reivindicada pelos sujeitos nesse lugar, encontram-se, durante a Gincana, lado a lado com práticas contrárias, negadas cotidianamente. Enquanto que todos os discursos sobre a cidade a emblematizam como uma cidade voltada ao trabalho, as equipes se emblematizam pelo seu oposto durante a festa, evocando por meio de suas nomeações ideias de ócio, embriaguez e irracionalidade. Isto está evidenciado tanto nos



nomes identificados nas fachadas das sedes (Pileque, Gin e Cana, Zuera) quanto no uso que os gincaneiros fazem destes locais: falar alto, ouvir músicas e consumir bebidas. Ao fundo desses espaços, há um amplo salão onde são elaborados os carros alegóricos e adereços que desfilarão na abertura.

Figura 29: Fachada de um QG/bar. Fonte: álbum de fotos do caderno de campo

Os gincaneiros, dessa forma, vão transitando entre o trabalho para a equipe e a diversão.

Desta forma, a Gincana “concretiza sonhos, anseios e fantasias ao mesmo tempo em que, longe de construir um fenômeno alienante, separado e distante da vida real, volta-se também a resoluções de problemas reais, uma vez que a organização dos grupos se dá em nível local”. (AMARAL, 1998, p. 7). A Gincana aproxima os problemas reais à paixão da festa.

7.5.2 A organização na festa

Em geral, são cinco as equipes que participam da Gincana. Como explica o diretor da rádio e organizador do evento, um número menor seria insuficiente para manter acirrada a competitividade. A adesão às equipes entre os moradores mais antigos da cidade segue uma filiação familiar, isto é, os pais passam à geração seguinte o vínculo com a equipe. Entretanto, é possível encontrar irmãos competindo em equipes distintas.

Nos casos de inserção às equipes sem referência familiar, os novatos são acolhidos diante de observações que constituem em avaliações sobre as possíveis contribuições que ele trará à equipe. Um gincaneiro, morador em farroupilha há cinco anos, durante minha pesquisa de mestrado, em 2007 comentou seu estranhamento para com o procedimento “burocrático” para fazer parte da festa. Ele me contou que se aproximou da equipe da qual hoje faz parte com “devoção” juntamente a um colega de trabalho da fábrica. Eles foram até a sede, se inscreveram mediante pagamento da inscrição e preencheram uma ficha onde constavam nome, telefone de contato e profissão ou habilidade com a qual poderia contribuir para equipe. No momento em que a equipe começou a construir os carros alegóricos do Desfile, telefonaram para ele pois precisavam de eletricitas marceneiros, habilidade indicada na sua inscrição:

Daí, me botaram no batente. Fiz umas coisas lá e, nos anos seguintes, fui me entrosando cada vez mais. Eles viram que eu era bom naquilo que fazia e que pegava junto, não era de me bobear. Hoje me sinto parte da equipe e sei que eles também me consideram um deles. (Gincaneiro reside em Farroupilha desde 1984.)

Os líderes ressaltam que as equipes estão abertas a todos aqueles que queiram participar: basta procurar o “QG” e se identificar em relação às suas habilidades

profissionais¹²⁰. O novato, enquanto desempenha as tarefas a ele atribuídas, é avaliado pelo grupo e, conforme seu empenho e eficácia, ele pode ou não ser reconhecido como parte importante da equipe. Ou seja, a admissão às equipes está atrelada ao desempenho do sujeito, trazendo para a centralidade a capacidade para a ação, o valor daquele que faz.

7.5.3 Quando a organização se espetaculariza

O Desfile das equipes que dá início ao evento é uma das preocupações centrais dos gincaneiros, é o “ponto alto” da Gincana. Eles acreditam que, nesse momento, demonstram o potencial de organização e de criatividade das suas equipes. Mesmo sem pontuação para a disputa, o Desfile não perde o caráter de rivalidade que envolve a festa.

O Desfile foi integrado à Gincana na década de 1990 como uma inovação que, por se apresentar nos moldes do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, aponta para a possibilidade de se pensar sobre a contribuição trazida pela aproximação dos recém-chegados, uma vez que são familiarizados com festas populares de rua.



Figura 30: Público do desfile de abertura da gincana. Fonte:

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=209460415797929&set=a.189109304499707.46099.120631884680783&type=1&theater>

¹²⁰ Em outros casos, profissionais são recrutados para dar apoio às equipes. Na Gincana de 2010, fui procurada por uma equipe para dar assessoria em assuntos de História Regional.

O Desfile se organiza em torno de elementos selecionados pelo próprio grupo (DAMATTA, 1979), evidenciando o repertório cultural dessa coletividade que, a partir de um fundo comum de crenças, dá à comunidade o momento de se oferecer “em espetáculo” (MERIOT, 1999, p. 9).

Os moradores da cidade comparecem em grande número às ruas, acotovelando-se nas calçadas por um lugar para assistir em primeiro plano ao espetáculo que por ali passará. Algumas pessoas esperam sentadas no meio-fio da calçada; outras levam cadeiras de casa; os mais afoitos avançam em direção ao meio da rua para olhar de longe a vinda do desfile. O policiamento tenta conter a ansiedade das pessoas recolocando-as de volta nas calçadas. Muitas pessoas assistem das sacadas ou mesmo das marquises dos edifícios, que ficam repletas de gente.

A ordem da passagem das equipes é sorteada momentos antes do início do desfile. Há algumas regras a serem cumpridas nesta tarefa, no entanto, não existe avaliação quanto a criatividade ou a *performance* de cada equipe. O esmero dos seus membros para com o desfile fica por conta da vontade de se exibir “bem” frente ao público. É o momento em que a equipe “se mostra” a todos. Para eles, é no desfile que fica evidente a potencialidade das equipes, tanto no que concerne às habilidades artísticas quanto ao poderio econômico. Por isso, fazem o melhor que podem, sem medir esforços nem dinheiro, no intuito de realizarem uma boa apresentação. Além disso, os organizadores acreditam que, dependendo da qualidade do espetáculo levado às ruas, “haverá uma maior ou menor adesão dos populares à equipe” diz um dos líderes.



Figura 31: Desfile da Gincana. Fotos do caderno de campo

O desfile de cada equipe tem como base um “tema” escolhido livremente entre os grupos. Este “tema”, assim como nas escolas carnavalescas, é desenvolvido em um “enredo”, que se apresenta por meio de criações plásticas, como fantasias, adereços e alegorias.

O desfile é acompanhado pelo som do hino da equipe, em geral uma paródia, especialmente composta para sustentar o tema escolhido. Sobre uma melodia bastante conhecida, para que todos possam acompanhar com facilidade, é criada uma letra no sentido de dar expressão ao espetáculo visual. A música é reproduzida por alto falantes instalados nos postes da rua e se repete ininterruptamente durante todo o trajeto da apresentação.

As principais ideias do tema são pontuadas pelos carros alegóricos. Estes são bastante apreciados pelos espectadores, que vibram com a sua passagem e comentam muito a sua grandiosidade. Os carros são verdadeiras construções alegóricas, que fazem um espetáculo a um público que não possui cinema ou teatro na cidade. Cavalos de Tróia, naves espaciais, dragões cuspidos fogo e navios gigantescos atravessam as ruas, proporcionando à população uma experiência de apreciação estética ímpar na localidade.

As fantasias mascaram as pessoas desta pequena cidade onde quase todos se conhecem, sem, no entanto, deixar de evidenciar o indivíduo que a veste. Os integrantes me revelaram frequentemente a satisfação de ver, naquele momento, simples operários estarem como “um igual” (referindo-se às vestes) com seus patrões, grandes empresários.

Como primitivos homens das cavernas, deuses do Olimpo, reis Momos, ou ainda como pilotos futuristas de naves espaciais, os integrantes das equipes compõem um espetáculo que deixa o público maravilhado. Homens vestidos de mulher, mulheres seminuas, árabes, cowboys, ETs, palhaços e fantasmas: a fantasia ocupa a rua para que seja celebrada a abertura da gincana com esse grande desfile ou, como eles costumam dizer, com o “nosso carnaval”.

O público, que das calçadas assiste ao espetáculo, vibra, aplaude e às vezes dança ao som da música que acompanha a equipe. Manifestações mais fervorosas acontecem entre as pessoas identificadas com a equipe que se apresenta. Confesso aqui a minha surpresa e admiração com a riqueza e a grandiosidade do espetáculo, que não recebe nenhum esforço por parte da organização em divulgá-lo¹²¹.

7.5.4 O sentido das tarefas

Ao término do Desfile, é dada a largada em direção às tarefas que dão início à competição propriamente dita. As tarefas são classificadas em diferentes categorias e

¹²¹ Em 2009, a emissora de televisão RBS Caxias, de abrangência regional, registrou o desfile para transmiti-lo posteriormente. Nas edições anteriores, o único registro ficava a cargo de profissionais que filmavam todas as etapas da Gincana e editavam em forma de DVD ou fita, que ficava disponível para a compra ou locação nas prateleiras das locadoras da cidade. Alguns dados da etnografia são fruto das reuniões que participei com gincaneiros para assistir a essas edições anteriores.

entregues aos gincaneiros ao longo do fim de semana, inclusive durante a noite: as “tarefas noturnas”. As tarefas consistem de perguntas sobre assuntos gerais realizadas no estúdio da rádio e transmitidas ao vivo; tarefas que exigem a confecção de objetos, ambientes, dentre outras coisas. As tarefas mais lembradas pelos gincaneiros são as tarefas do tipo “procura”. Nestas tarefas, parece estar a parte mais acirrada da disputa. Para conseguirem chegar ao objetivo pedido, muitas estratégias e muito dinheiro frequentemente entram no jogo. Nesta etapa da gincana, as equipes devem trazer objetos antigos e raros ou uma pessoa que possua algum atributo específico incomum, como o nome ou a nacionalidade, por exemplo.

As pessoas não cansam de relatar algumas dessas tarefas em que as equipes se empenham em procurar coisas ou pessoas raras devido ao aparato que elas envolvem. Para exemplificar, dizem que, quando necessário, até helicóptero já conseguiram para cumpri-las. O realizador do evento relatou que houve um ano em que a tarefa era trazer uma Romizeta, um tipo de carro importado raro hoje em dia. Uma das equipes conseguiu aquela que pensou ser a única Romizeta no estado, em uma cidade do Vale do Sinos, próxima a Porto Alegre. Quando o pessoal desta equipe ficou sabendo que havia outra Romizeta em outro lugar, foram em busca do automóvel. A equipe, então, comprou a segunda Romizeta para ter a certeza de seria a única equipe a cumprir com este trabalho.



Figura 32: Tarefa da Gincana. Fonte: <http://www.gincanaspacofm.com.br/frontsite/noticia.php?id=73>.

Em 2011, demonstrando o caráter “moderno, arrojado e empreendedor da cidade”, como me conta um morador de Farroupilha uma das tarefas constou de algo inédito e bastante ousado. A atividade está assim descrita na internet:

Gincana Espaço FM não se resume à Farroupilha. Desde o início do sábado, diversos tweets, comentários no Facebook e recados através dos sites da Gincana e da Rádio, vieram de outros estados do Brasil e do exterior. A maior Gincana do Brasil esteve também na Escócia, em Edimburgo. O nome Gincana Espaço FM chegou com a neve e estava lá com um dos integrantes da Comissão Organizadora, Gustavo Pessin. De longe, enviou o registro do Edimburgh Castle ou Castelo De Edimburgo. Porém, não foi por acaso. Os integrante das equipes deveriam chegar no local entre 08h até as 09h do domingo. Será que eles conseguiram?

Posteriormente o site divulga a foto do componente da equipe que lá chegou tornando a equipe a vencedora de 2011:



Figura 33: Vencedor da Gincana. Fonte: <http://www.gincanaspacofm.com.br/frontsite/noticia.php?id=73>.

A elaboração das tarefas tem o sentido de fazê-las sempre inovadoras e arrojadas, delineando o sentido da competição e lançando os competidores em verdadeiros empreendimentos em busca de superação. A superação da própria Gincana é a superação de cada um.

Os moradores da cidade me contaram muitas histórias sobre essa acirrada competitividade e sobre as estratégias “às vezes nem tão éticas” de que devem proceder para não ficarem “para trás”. Nas conversas que tive com as lideranças das equipes, essas práticas sempre foram relatadas como comuns às outras, ou seja, a sua própria equipe aparece como vítima de outra e nunca como protagonista de atitudes competitivas mais agressivas. Os relatos são tecidos de forma a dizer que as equipes infringem a regra somente como reação ao ataque do outro, ou seja, a iniciativa da transgressão nunca está em si, mas no outro.

Uma dessas histórias foi contada por um integrante de equipe. A tarefa exigida consistia em apresentar à comissão organizadora da gincana no domingo uma pessoa com o nome de Domingo.

Isto foi fácil, alguém da equipe conhecia um senhor chamado Domingo, morador do Primeiro de Maio. Foram alguns gincaneiros atrás do homem, ele era inclusive gente nossa, simpaticante da nossa equipe. Acertaram com ele. Eu mandei o pessoal de volta para que isolassem o homem em um hotel de Caxias, com tudo pago. Afinal, era sábado, e o homem deveria ser apresentado só no dia seguinte. O problema é que o seu Domingo não queria ir pra Caxias. Então eu mandei que pelo menos ficássemos com os documentos dele. No dia seguinte, quando chegamos na casa dele, uma outra equipe, fazendo-se passar pela nossa já havia levado o homem. Voltamos para o QG sem saber o que fazer. Até que lembrei que estávamos de posse dos documentos dele. Olhei em torno da mesa onde estavam vários integrantes da equipe a matutar como sairíamos dessa. Apontei para um deles e disse: Tu é o Domingo, vamos lá! Apresentamos um colega com os documentos do Domingo verdadeiro. Ninguém poderia contestar: os documentos eram legítimos! (Empresário, descendente de imigrantes italianos, líder de equipe da gincana de Farroupilha.)

A satisfação com que contam histórias sobre essas tarefas competitivas que requerem estratégias criativas para vencer o adversário é muito grande. Pode-se observar isso na excitação com que falam e gesticulam, pelo sorriso estampado nos rostos e pelos inúmeros exemplos. Diante da sequência de “trapaças”, narrada com tal entusiasmo, percebe-se que há um acordo implícito nessas transgressões. Tanto é que eles, sem exceção, dizem: “-Mas é aí é que está a graça da gincana!”.

7.5.5 A emoção das disputas

O clímax do evento acontece na revelação do vencedor, com a entrega do troféu. “Só duas equipes terminam satisfeitas: a que ganha e a que pensava ficar em último lugar e não ficou”, comenta o organizador da Gincana em sua sala de trabalho, enquanto folheávamos álbuns de fotografias sobre o evento. Ele também relata que a equipe vencedora não ganha premiação alguma além do troféu. A rivalidade entre as equipes, por si só, faz a competição: “-Eles sabem que a única coisa que irão receber é o troféu, sem dinheiro ou qualquer outro bem material”. Mesmo assim, empenham-se na disputa, que se sustenta somente pela vontade que eles têm de superarem uns aos outros.

“Ganhar dá uma sensação incrível. Uma coisa assim... não dá pra explicar! Mas o bom mesmo quando a gente ganha... poder ‘tocar flauta’ nos outros.”, relata um integrante de uma equipe. Outro, pertencente a outra equipe, também falou desse prazer em ver os outros perderem: “é melhor do que ganhar o troféu”. Vencer, portanto, significa, para eles, menos do que ver o outro perder. Pode-se perceber claramente que o crescimento de cada um, para eles, é relacional. Só se percebem vencedores ao verem o fracasso do outro. “A disputa se sustenta somente pela vontade que eles têm de levar vantagens uns sobre os outros”, comenta o organizador do evento. O que torna a Gincana tão absorvente, portanto, não é simplesmente a

realização das tarefas, o trabalho, mas sim a rivalidade, o jogo da competitividade, de querer superar o outro, que, em termos de tomar o que o outro tem, é traduzido como inveja.

O trabalho, a astúcia, a capacidade de empreender, valores caros à coletividade fabril farroupilhense, estão reafirmados na estrutura formal e na natureza competitiva do evento. Estes elementos em nada diferem das práticas cotidianas (salvo algumas inversões nos papéis dos participantes, como, por exemplo, empresários agindo sob a autoridade de um operário), no entanto, é inegável a vibração que emana das pessoas durante a festa. Eu, que já não me surpreendia com as interações pouco expansivas entre as pessoas, logo percebi, quando presenciei pela primeira vez a gincana, que algo diferente estava acontecendo entre as pessoas da cidade. Fiquei surpresa com a espontaneidade com que conversavam umas com as outras e também comigo, oferecendo-se a uma cumplicidade que até então eu não havia presenciado. “Ganhar dá uma sensação incrível. Uma coisa assim... não dá pra explicar! Mas o bom mesmo quando a gente ganha de aí poder tocar flauta nos outros. É assim que nem grenal¹²², onde o melhor de tudo é ver o outro perder”, diz o Gincaneiro.

Esta referência sobre a acirrada rivalidade, num âmbito mais amplo, informa sobre a presença da competitividade em outros contextos. Cabe, então, salientar que, certamente, o sentimento da inveja faz parte da realidade de outras tantas sociedades. O que se quer ressaltar, neste caso, é a centralidade que esse sentimento ocupa nas interações cotidianas dos sujeitos e a valorização positiva que justifica e autoriza a prática aberta da inveja entre eles.

7.6 Nem toda festa é festa

Quando tomei conhecimento da Gincana, eu já havia participado de algumas festividades, na cidade, em companhia dos moradores do bairro Primeiro de Maio. Em geral, foram almoços, chás e outras celebrações organizadas pela paróquia do bairro, pelo clube de mães ou pelo Posto de Saúde (os profissionais da saúde se esforçam em fazer com que os moradores se divirtam). Esses eventos, quase invariavelmente, repetiam uma dinâmica ordeira e ágil com a qual eu me impressionava (KANAAAN, 2008).

Nos almoços em que estive presente, observei que as pessoas chegam mais ou menos na hora marcada e, assim sendo, na porta do salão, forma-se uma fila onde eles se reconhecem, se cumprimentam e papeiam rapidamente sobre assuntos variados. Imediatamente após entrar, as famílias se dirigem ao lugar já destinado pelos organizadores

¹²² Clássico do futebol gaúcho de grande rivalidade, o qual disputam os dois mais importantes times da capital do estado: Grêmio e Internacional.

do evento. Não há trocas de lugares e os familiares, de duas gerações em geral, almoçam todos juntos¹²³. As grandes mesas de tábuas sobre cavaletes logo estão lotadas. Aparentemente, não sobram nem faltam lugares; somente pessoas envolvidas com a organização circulam pelo salão. Não tarda muito, e o responsável por servir os convivas passa pelas grandes mesas montadas sobre cavaletes deixando, em troca do ingresso de cada um, um pãozinho sobre o prato. Depois disso, começam a servir a refeição. Todos falam alto enquanto comem, mas ninguém deixa a mesa. Ao final do almoço, em geral, há um sorteio de brindes. Neste momento algumas pessoas levantam dos seus assentos e conversam nos espaços vazios, e as crianças brincam e gritam enquanto o responsável pelo sorteio chama os números usando de um microfone. Trata-se de um breve momento de descontração, pois, ao coletarem os brindes, as famílias já vão se retirando do local em direção às suas casas. Algumas vezes, observei que os próprios organizadores dos eventos decidem o momento de encerrar, avisando os convidados enquanto fechavam as janelas e apagavam as luzes.

Tudo calculado no espaço e no tempo certo, parecendo não haver muitos espaços para improvisos ou imprevistos, fato este que não deixava de ser comentado pelos recém-chegados que estranhavam tanta ordem na construção do que, para eles, deveria ser um momento de desordem, isto é, um momento que deveria ser vivido fora do disciplinamento que organiza o cotidiano. Advém daí que a participação deles nesses eventos não é uma vivência de “festa”. Assim como o trabalho, a festa é considerada por eles como uma necessidade moral, uma “obrigação”. Como disse Camilo, natural de Bagé, que mora em Farroupilha há sete anos: “Festa pra mim é outra coisa, esse negócio de ter que pagar e de ter hora pra começar e hora pra terminar é estranho! Só falta bater o ponto!”.

A reflexão do morador deixa claro que a sua participação nesses eventos não é vivenciada como um momento diferente do cotidiano; muito pelo contrário, ele expressa a proximidade que ele percebe entre a dinâmica da festa e a dinâmica do trabalho. Para os moradores em geral, até onde pude perceber, essas celebrações não rompem com as formalidades sociais que constituem o dia a dia. As festas de santos, procissões, festas juninas e natalinas que os moradores me descreviam ou mesmo das quais participei não se apresentavam como algo extraordinário que envolvesse as pessoas.

Os recém-chegados referem que, ao saírem de suas cidades, não faziam ideia sobre esse aspecto de Farroupilha. Para eles, a cidade, assim como a região, ofereceria muita satisfação, uma vez que, com trabalho e salário, eles imaginavam acessar uma vida de menos

¹²³ A minha situação, nas primeiras vezes, suscitava constrangimentos, já que não sabiam onde eu poderia sentar pelo fato de eu ir “avulsa”, como disse um organizador certa vez.

sacrifício e mais alegrias. No entanto, ao atuarem no jogo social local preponderantemente competitivo, eles se veem compelidos a se afastarem das práticas de lazer, das festas e dos encontros festivos espontâneos. Estas atividades não devem ser públicas ou, em caso de serem, eles não devem esquecer seus papéis sociais de bons trabalhadores. Os casos de constrangimentos vividos pelos novos migrantes que ainda interagiam com as referências anteriores ao chegarem são inúmeros.

Eva, uma migrante recente, lembra que, logo que chegou à cidade, teve sua casa apedrejada. Ela organizou uma festa em casa, aproveitando a presença de parentes que tinham vindo até Farroupilha para conhecerem sua nova moradia. Comeram churrasco, beberam cerveja e, então, arredaram o sofá da sala para poderem dançar. Segundo ela, tiveram o cuidado de não colocar a música em volume muito alto, para não incomodar os vizinhos. A festa acontecia como as que se costumavam fazer onde morava. Todos dançavam um vanerão – ritmo de música gaúcha – animadamente, quando houve um estouro no telhado. Entreolharam-se espantados, diminuíram o volume do som, mas resolveram continuar. O barulho se repetiu uma, duas vezes; na terceira vez, o dono da casa, marido dela, foi até a frente e atirou um fogo de artifício. Assim, a festa terminou, parou-se de atirar pedras, mas os alegres festeiros também desistiram de continuar dançando sob a pressão dos vizinhos.

Ao contar esse relato, eles resgataram uma história muito difundida entre os moradores da cidade sobre uma “famosa vidente” do centro do país que, certa vez, foi convidada para palestrar num município da Serra Gaúcha. Essa pessoa, supostamente com “poderes paranormais”, dirigindo-se pela rodovia rumo à cidade onde iria palestrar, subitamente, teve um mal-estar e exclamou aos seus acompanhantes: “-Que horror! Por onde estamos passando? Sinto algo sombrio!” Foi-lhe dito que estavam passando pela cidade de Farroupilha. Ela explicou, então, a partir do mal-estar que sentia, que esta era uma cidade muito triste, pois ali pairava uma “nuvem negra de maus fluídos”.

O que interessa para esta análise não é a veracidade da história, mas a recorrência do relato pelos moradores mais antigos. A ideia de Farroupilha como uma cidade triste também não se atém ao fato de haver poucas celebrações públicas, à falta de praças ou à interdição de músicas nas ruas. O Posto de Saúde do Primeiro de Maio elabora muitos programas por meio dos quais procura resgatar o “gosto pela vida” entre os moradores do bairro. Sintomas de depressão são atribuídos, pelos profissionais da saúde, a grande parte dos usuários do Posto ao diagnosticarem e prescreverem um estado emocional a essas pessoas. A enfermeira-chefe do Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental (CAISME) me informa que a instituição

mantém anualmente sete mil pessoas sendo tratadas por depressão, o que representa mais de 10% da população.

A secretaria da educação, recentemente, lançou um projeto no qual “as escolas devem ensinar canto, teatro e dança, para que o povo deixe de ser triste” (Secretária Municipal da Educação em entrevista concedida em março de 2008). A cidade de Farroupilha, além de ser tida e vista como uma cidade próspera e moderna, também agrega o predicado de “triste”.

O disciplinamento observado entre os trabalhadores de Farroupilha centraliza-os em torno do trabalho árduo, da poupança, do autocontrole em evitar momentos de ócio, e de se conservarem alertas a fim de, constantemente, estarem atentos às vantagens em fazer negócios e em empreender. Estes elementos que entram na constituição da Gincana estão alinhados à emoção de viver o extraordinário.

7.7 Festa, competição e emoções

A categoria de festa imputada à Gincana é uma categoria dada pelos envolvidos e que tomo para estas análises assentada no pressuposto de que o caráter da excepcionalidade de um evento deve ser trazida pelo “nativo”, cabendo, como alerta Peirano (2001), ao pesquisador a habilidade em detectar o que e quais são os momentos vividos como especiais pelos sujeitos daquela sociedade.

Balizada pela pergunta de Amaral, “será que festejar se opõe à responsabilidade e à consciência social do cotidiano?” (AMARAL, 1998, p. 5), passo a refletir sobre os elementos que tornam esse evento extremamente vinculado à ordem do cotidiano, trazendo a dimensão emocional para o foco das análises.

Considerar a Gincana como um evento, por sua natureza de excepcionalidade, permite que se aproximem os momentos da festa à ideia de *communitas* desenvolvida por Turner (1974), na qual o autor observa a dinâmica social como um processo vital, como oposição e complementaridade num processo dialético com a estrutura do cotidiano. Enquanto a estrutura é segmentária e hierárquica, a anti-estrutura, ou o evento à margem (neste caso, a Gincana) apresenta-se homogênea e igualitária, transtornando as hierarquias – seus participantes se reconhecem juntos numa “multidão de pessoas que não estão lado a lado (e, acrescente-se, acima e abaixo), mas umas *com* as outras” (TURNER, 1974, p. 154). Ou seja, a festa se apresenta como um dos momentos da vida coletiva que proporciona aos sujeitos uma libertação da estrutura social, quando então entram em *communitas* apenas para retornarem à estrutura revitalizados por tal experiência.

No caso da Gincana, a ênfase nas práticas cotidianas de trabalho, organização empresarial e competitividade, remete às ideias desenvolvidas por Durkheim (2003) acerca dos rituais como fenômenos coletivos de efervescência. Para este autor, os rituais são momentos propícios à consolidação das crenças e regras do grupo, proporcionando em seus membros o sentimento de si mesmo e a sensação de pertencimento ao coletivo. A abordagem da festa, nesse sentido, adquire um caráter positivo que se desenvolve a partir do repertório cultural do grupo para enfatizar, expressar e destacar aspectos da coletividade. Sob esta perspectiva, a Gincana não só evidencia as condutas valorizadas, assim como adquire o caráter quase didático que informa das ações e etapas necessárias à integração nos valores e comportamentos significativos ao grupo.

DaMatta (1979), por sua vez, pontua que a festa, além da função de reforçar, também pode (e/ou) negar o modo pelo qual a sociedade que a celebra se organiza por meio de uma seleção feita pela vontade do próprio grupo entre elementos que devem estar presentes e elementos que devem ser excluídos do evento. Contudo, é preciso argumentar a favor da experiência de envolvimento dos gincaneiros na festa, isto é, colocar em foco a emoção que baliza as ações do vivido e do representado. É preciso lembrar que a Gincana, como os ritos em geral, tem grande conteúdo dramático, resultado de aspectos combinatórios de vários momentos da vida cotidiana.

A festa assume, desta forma, um caráter simbólico, no qual, a partir de um fundo comum de crenças, a comunidade se “oferece em espetáculo” (MERIOT, 1999, p. 9). Nesse sentido, observo, no desenrolar da gincana, o mito do imigrante/empresário neoliberal permeando os jogos competitivos da festa de maneira a informar aos neófitos sobre habilidades constituintes do meio fabril. Os saberes da gestão empresarial e das práticas do empreendedorismo, assim como a pedagogia emocional/experiencial, alinham sentimentos às práticas fabris valorizadas pela coletividade. A partir da leitura de Tambiah (1996), penso que, na festa, os participantes experimentam intensamente uma *performance* que utiliza vários meios de comunicação, inclusive as emoções, que, nesse contexto, passam a adquirir sentidos e valores, inferidos e criados pelos atores durante a experiência performática. Diria que a Gincana é esse momento bom para pensar e para viver (cf. TAMBIAH, 1996), uma vez que, nessas conformações performativas, os gincaneiros se divertem competindo, rivalizando e se emocionando, validando e valorizando o sentimento e a prática da inveja entre eles.

Poder-se-ia pensar que as emoções suscitadas no evento, neste caso, estariam em oposição às emoções vividas no dia a dia, como uma permissividade da antiestrutura. No entanto, a festa, incluindo a sua forte organização empresarial, revela, de forma intensificada,

os valores, os sentimentos e as utopias do grupo. O que se observa no fragmento da festa também se revela em outras áreas do comportamento desses sujeitos. Como afirma Peirano (2001), “vivemos sistemas rituais complexos, interligados, sucessivos e vinculados, atualizando cosmologias e sendo por elas orientados” (PEIRANO, 2001, p. 28). Assim, a competitividade, as rivalizações e o sentimento de inveja encontram-se presentes também nas relações cotidianas, que envolvem várias e distintas circunstâncias e são considerada pelos recém-chegados como parte dos comportamentos do lugar, é, como dizem, o “sistema daqui”.

A gente começa a trabalhar, vai crescendo... Todos nós temos ambição. A gente, por exemplo, vê o vizinho fazendo melhorias, uma cerca nova, e quer aquilo pra si também. Quando a gente pega a cultura do italiano de trabalhar e de cada vez querer ter mais, a gente acaba se dando tão bem quanto os gringos. (Trabalhador da indústria, mora em Farroupilha desde 1980)

O comentário do trabalhador aponta para a possibilidade concreta de ascensão econômica no lugar como fator importante no estímulo à adesão a novos comportamentos. Trabalhar mais para obter mais; obter mais, relacionando ao que o outro tem. Essa emulação social, como uma cópia do outro, no entanto, muitas vezes vai além, e os recém-chegados acabam por agir de forma a se afastarem das condutas tradicionais e aprovadas nas suas cidades de origem. As denominadas “estratégias criativas”, observadas na Gincana, que tanto lhes proporcionam prazer, realizadas no sentido não só de vencer, mas de destruir o adversário, também encontram-se presentes nas interações cotidianas. Ao prazer de vencer, de possuir o que o outro possui, acrescentam ações para superar o outro, muitas vezes destruindo-o. Uma trabalhadora na fábrica, com uma expressão de alegria me conta como passou na frente de outra pretendente ao emprego dela.

Sabe como eu consegui este emprego? Eu trabalhava de agente de saúde e não aguentava mais o serviço lá. Aí, um dia, por acaso ouvi duas moças na sala de espera do posto falando que tinha esta vaga. A mais velha estava no posto justamente pra pegar atestado porque tinha faltado o emprego pra dar jeito no currículo que precisava pra trazer aqui pra fábrica. Eu ouvi e me deu uma coisa, inventei que tinha uma visita domiciliar e saí correndo do posto. Passei em casa peguei meu currículo e estou aqui! Ah-ah! Ela nem imagina que eu passei ela pra trás! [diz a trabalhadora com um ar de satisfação indescritível no rosto] (Trabalhadora da indústria, reside em Farroupilha desde 2005)

Outros migrantes, sem estarem alinhados às práticas competitivas, procuram esconder qualquer evidência que provoque a inveja, nos quais percebo um sentimento de resignação. É o caso de um ex-funcionário da fábrica que realizou alguns cursos e abriu a “muito custo” uma fabriqueta de calçados na garagem. Queixa-se, com ar resignado, dos outros, os “empresários maiores, os italianos”. Diz que eles chamam mão-de-obra de fora e depois reclamam da falta de qualificação dos operários que ali chegam. Mas, segundo ele, se chegar

com muita qualificação “tu vais é ficar de fora: Inveja! Tu não podes parecer melhor que eles. A gente tem é que ralar mesmo.” Um dia o microempresário me mostrou vários certificados de cursos de especialização na sua área profissional, que não estão pendurados na parede, como se costuma ver em outros estabelecimentos em outros lugares. Ele explica: “Não posso nem querer mostrar, vai ser pior pra mim”.

Um provérbio muito repetido entre os moradores de Farroupilha dá o tom exato desse jogo, no qual não basta vencer, têm que se assegurar do fracasso do outro:

“Diz o “gringo” ao fazer negócios:
Bom pra ti, ruim pra mim, não tem negócio.
Bom pra ti, bom pra mim, não tem negócio.
Ruim pra ti, bom pra mim, negócio fechado.”

O mecanismo explicitado pelo ditado popular deixa claro que o que eles entendem por inveja não é senão o mesmo que a literatura existente considera. Ou seja, esse é um sentimento que se pauta na comparação com o “outro” e que não aparece somente diante da frustração pela realização do outro, mas na alegria pelo mal do outro. Note-se que essa reflexão não se propõe a analisar a inveja como uma emoção específica dessa coletividade, pois esse, certamente, é um sentimento amplamente presente nas relações humanas mesmo que longe de uma emoção cultivada; propõe-se, na verdade, a evidenciar a sua presença entre os sujeitos em contraste com a moral ocidental cristã na qual se encontra inseridos.

No entanto, observo que esse sentimento não se dirige a alguém em particular. Os trabalhadores, quando comentam a inveja, dizem: “Tu já viste como o povo daqui é invejoso?”; “... é gente muito invejosa esta daqui!”. Percebo que esse sentimento não é atribuído a uma pessoa ou coisa específica. Não é o vizinho do lado ou o colega de trabalho que é invejoso, é o “povo daqui”, ou seja, a inveja aparece despersonalizada, sem localização determinada. O que leva a pensar que a inveja, nesse contexto, está a circular entre os sujeitos e as coisas (AHMED, 2004), o sujeito é simplesmente um ponto nodal nessa economia emocional. Ninguém é acusado individualmente de ser invejoso; esse afeto é difuso está em todos e em ninguém. Se a emoção não reside em um objeto particular, essa ausência de residência permite que se movimente entre as coisas, funcionando para alguma coisa naquela coletividade. A inveja, nesse sentido, faz coisas. A inveja, entre os trabalhadores de Farroupilha, age para manter os trabalhadores em disputa e, conseqüentemente, em produtividade.

Isto fica ainda mais evidente quando o prefeito orgulhosamente afirma que se não fosse esse comportamento “não seríamos o que somos hoje, a nossa inveja é o motor do

progresso”. Ele reafirma a ideia de que a inveja circula: ao invés de ser atribuída à pessoa, ela aparece entre elas, mobilizando-as e alinhando-as em torno de uma dinâmica de ação que está direcionada ao desenvolvimento econômico. Dessa forma, a inveja faz coisas - ela é “motor” – que envolve os sujeitos sem residir neles.

A inveja, nesse contexto, permeia essas atitudes competitivas colocando em circulação comportamentos e valores muito propícios ao desenvolvimento do capitalismo. O sentimento sob o estatuto do “sagrado” evidencia que este é vivido de maneira suprapessoal, ou seja, a inveja está presente entre os trabalhadores em nome da própria distinvidade da coletividade. A “sagrada” inveja, ao alinhar sujeitos em torno de comportamentos condizentes com a prosperidade planejada no projeto individual das migrações que se concretiza na coletividade, evidencia a capacidade micropolítica das emoções.

Percebo que os trabalhadores vivenciam insatisfações pela ausência de relações de solidariedade que tinham em suas cidades de origem, pelo prazer das paixões suscitadas nas rivalizações. O deslocamento das emoções passa por um intercâmbio entre as noções do corpo pessoal-individual e o corpo social coletivo e simbólico e, como observa SHEPER-HUGHES (1992), toma a forma de emoção de corpo aflito, expressado neste caso na epidêmica “tristeza”. As queixas do “triste”, de forma similar ao “nervoso” de Duarte (1993), é uma expressão que emerge embutida nas tensões vividas nas relações de desigualdade e dominação e na transformação de vida (DUARTE, 1993), como uma forma de resistência ao “sistema” dessa coletividade.

Os trabalhadores expressam os dilemas entre o lugar/tempo em que tinham “tudo” mas não tinham a possibilidade de ascensão econômica e o aqui/agora em que dispõem de condições econômicas mas não conseguem reconstruir a vida pessoal anterior. Este sentimento evidencia as tensões emocionais e os pontos de fuga por meio dos quais os trabalhadores estão a forjar suas subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da tese, procurei demonstrar os caminhos que percorri no sentido de entender a constituição de um tipo específico de trabalhador – motivado a trabalhar, poupar e a não se demonstrar em momentos de ócio - presente no contexto industrializado da Serra Gaúcha. A observação etnográfica permite evidenciar uma vasta produção de pedagogias e de dispositivos, circulando entre os moradores, sensibilizando-os e envolvendo-os em práticas específicas que os alinham, entre outras coisas, em torno de uma motivação para o trabalho. Dentre os fatores que agem nesse sentido, destaco os discursos constituintes do “mito do imigrante”, que se atualiza em convergência com o ideário do neoliberalismo que se torna hegemônico nesse mesmo período, e uma modalidade de práticas de trabalho que dizem respeito ao modelo fabril como se organiza nas particularidades locais. As experiências dos trabalhadores nessas condições conferem aspectos à fábrica e padrões de comportamentos que se destacam no cenário nacional pela presença de sujeitos motivados a trabalhar.

A conjunção de fatores aqui é vista como parte constituinte e constituída do processo de dinamização da economia no Rio Grande do Sul, quando as unidades industriais existentes na região metropolitana de Porto Alegre se expandem em direção às cidades da encosta superior do nordeste em meados do século XX. As pequenas cidades de economia agrícola originadas na colonização italiana do final do século XIX, a partir de então, transformam-se em um polo industrial, verdadeiro catalizador de mercados e de mão de obra.

A expansão do parque industrial vai progressivamente diferenciando a região de outras localidades com predominância econômica na produção agropecuária extensiva, redefinindo os traços fundamentais da configuração espacial da economia gaúcha. O Rio Grande do Sul constitui-se, a partir daí, em três regiões: o sul, onde continua a predominar a pecuária e o latifúndio, o norte, com economia baseada na pequena e média propriedade e o nordeste, cada vez mais industrializado.

As novas regionalizações desenhadas no deslocamento das desigualdades econômicas também são fruto da capacidade da nova elite industrial em poder e se fazer ver, produzindo uma discursividade acerca de si própria salientando, diante do desenvolvimento da região, as contribuições do grupo para a economia do estado. Os discursos vêm no sentido de positivar a imagem do grupo dos descendentes de imigrantes italianos, estigmatizados nos períodos

iniciais da imigração, afastando-se da imagem do “colono” pobre e estrangeiro e diferenciando-se dos comportamentos das elites agropecuárias em declínio nesse momento.

Coincide com os esforços dos intelectuais vinculados a essa elite econômica a difusão dos ideais neoliberais que passam a circular amplamente e se tornam hegemônicos no capitalismo ocidental com os governos Reagan e Thatcher na década de 1980. Alguns elementos desse ideário comportam traços das trajetórias dos empresários locais em recente ascensão e, assim, são incorporados aos discursos auxiliando a veicular a ideia do pobre imigrante que, por meio de muito trabalho, dedicação e iniciativa, hoje ocupa a posição de empresário considerado “bem-sucedido”. O *self-made-man* do mundo capitalista neoliberal encontra acomodação nas trajetórias de alguns empresários da região, tornando-se a biografia de muitos deles e a emblematização do grupo.

Com esse discurso, a elite empresarial da Serra Gaúcha, ao agregar capital simbólico ao evidente capital econômico, passa a negociar prestígio social e político com elites do cenário estadual e nacional e a reivindicar valorização e reconhecimento de uma superioridade diante dos milhares de trabalhadores que fluem para a região, atraídos pela oferta de empregos. Os recém-chegados são chamados a interagir no novo ambiente presenciando a prosperidade do lugar e vinculando-a às narrativas que versam sobre trajetórias de imigrantes italianos que, de forma similar a eles, há um século, deixaram suas cidades de origem em busca de melhores condições de vida. Assim, enxergam nos modelos exemplares de seus padrões as possibilidades de eles próprios serem exitosos nos projetos traçados na migração. O discurso universalizado e universalizante do “*self-made-man*” aderido às trajetórias dos descendentes de imigrantes italianos é um fator mobilizador entre os trabalhadores que procuram alicerçar seus projetos individuais de ascensão ao projeto coletivo de crescimento econômico.

Os moradores mais antigos da região, alicerçados na situação econômica de sua elite empresarial, acionam a ideia de anterioridade vinculando o sentimento de pertencimento à origem comum “italiana” com um “impulso” ao trabalho. Na qualidade de estabelecidos, eles se dirigem aos recentemente chegados como pessoas não pertencentes à mesma origem, os “de fora”, que carecem dessa mesma disposição para o trabalho. Os arranjos resultam em uma configuração de relações de poder entre estabelecidos e *outsiders* muito similares à paradigmática Winston Parva de Norbert Elias e Scotson (2000), em que as disputas por anterioridade e origem comum estão centralizadas nas negociações acerca das concepções de trabalho.

As interações vividas em fronteiras entre “gringos” e “brasileiros” ou “italianos” e “de fora” trazem como demarcador as distintas práticas de trabalho entre eles. Ou seja, sob a aparente disputa identitária, está o reconhecimento de quem é e quem não é bom trabalhador. Os recém-chegados, visando à inserção no trabalho e à realização de seus projetos de ascensão, esforçam-se para entender e ajustarem-se às lógicas das novas dinâmicas.

Considerando o trabalho como o elemento central na socialização e nas socialidades dos moradores de Farroupilha, coloca-se em perspectiva a fábrica como local estratégico para observar os processos de inserção ao trabalho e de construção de si mesmos enquanto “bons” trabalhadores. É do olhar do recém-chegado que me valho ao tomar a fábrica de calçados Compax para a pesquisa etnográfica, tendo em vista que este ramo da indústria, ao absorver trabalhadores com pouca qualificação, oferece um ambiente privilegiado para observar os processos de inserção ao modo de trabalho e, a partir disto, às lógicas do contexto mais amplo que se engendram na constituição dos sujeitos.

Os trabalhadores vivem uma verdadeira imersão na fábrica onde criativamente se ajustam aos espaços, tempos, normas e regras diante dos quais eles vão experimentando um contínuo remanejamento de suas capacidades mentais/corporais. Os trabalhadores, ao se referirem acerca de como “as coisas devem ser feitas”, evidenciam as forma pelas quais percebem e vivenciam as atitudes e comportamentos valorizados na coletividade.

Os trabalhadores experienciam os dispositivos da fábrica sempre em comparação às dinâmicas vividas em suas cidades de origem. Ora referindo-se às extenuantes jornadas, ao baixo salário, ou ao desespero dos “gestos vazios”, ora bendizendo o pagamento das horas extras, do acesso ao consumo, ou expressando o orgulho de suas habilidades adquiridas para lidar com máquinas. Em certos momentos, demonstram satisfação por trabalharem no espaço da fábrica; em outros, lamentam o distanciamento do mundo nesse espaço fechado.

Os dispositivos disciplinares problematizados na tese são aqueles apontados pelos trabalhadores, os quais lhes causaram estranhamentos e às vezes inclusive constrangimentos nas interações iniciais. Na ocupação e na atribuição de significados dos diferentes espaços da fábrica os trabalhadores se reconhecem e se diferenciam. Pela porta da fábrica, por meio do rito do “portal”, eles adentram a fábrica e acessam o universo mais amplo da coletividade fabril. A arquitetura do poder – informada pela categorização do espaço – informa o esquadramento dos trabalhadores dentro da fábrica, classificando e situando as hierarquias divididas entre o piso superior, onde trabalham os sujeitos que ocupam os cargos hierárquicos mais altos, os maiores salários e a quem cabe o controle sobre os que se situam no piso térreo,

sugestivamente chamado o chão de fábrica, trabalhadores com menores salários e que ocupam cargos hierárquicos inferiores e expostos a maior controle de comportamento.

O proprietário e diretor da Compax trabalha na sala envidraçada, bem no centro e no alto do setor da produção, de onde tudo vê e controla. Sob o olhar vigilante do patrão, gerentes, supervisores e trabalhadores também se vigiam mutuamente, constituindo na fábrica um espaço em que dificilmente eles podem se ocultar do olhar um dos outros. Mas o patrão, que a tudo vê, também faz questão de ser visto. Ele se oferece em exibição aos trabalhadores, personificando o mito do imigrante no ambiente de trabalho.

O panóptico utilizado para a vigilância é um dispositivo assentado na ideia da interiorização de temores. No caso da Compax, o panóptico assenta-se também na crença do mito, o que promove a interiorização de comportamentos e atitudes tomadas do *self-made-man* e divulgadas na trajetória de vida do Agostino. Enquanto a ideia da temORIZAÇÃO age no sentido de não ser visto fazendo o que não deveria ser feito, a ideia do mito age no sentido de ser visto fazendo o que deve ser feito, imputando, por meio do panóptico, uma intensificação positiva às práticas de trabalho.

A presença ostensiva do patrão, que coíbe e motiva a ação dos trabalhadores, não está somente na janela envidraçada da Compax. A eficácia do panóptico estende-se além dos muros da fábrica, evidenciando a sua relação simbiótica com a cidade. O “castelo do patrão”, isto é, a moradia da família proprietária da indústria que deu origem ao bairro, majestosamente construído e posicionado em frente ao bairro, onde vigia as ruas ao redor, constitui-se em um lembrete físico do mito. Os trabalhadores referem que as imponentes torres da construção lhes trazem mais motivação para o trabalho, ao sentirem que as chances de vencerem e tornarem-se patrões são muito palpáveis. Esta é a ficção do lugar e a realidade de alguns. A sombra do patrão, que mantém a ordem fabril no contexto de Farroupilha, aparece como sonho. Ou seja, muito mais do que por coerção externa, os recém-chegados intensificam suas práticas de trabalho na esperança de trilhar a mesma trajetória de sucesso do patrão.

A crença na oportunidade de ascensão via desempenho individual, do *self-made-man*, veiculada nas histórias dos empresários, colocam em fluxo valores e atitudes aos quais os trabalhadores procuram ajustar-se. Neste sentido, os trabalhadores agem de forma a ser vistos como detentores do *habitus* compartilhado pelos trabalhadores, evidenciando o que está em jogo no reconhecimento público dos méritos de quem seria o bom trabalhador. Os novos migrantes, quando referem sentirem-se permanentemente vigiados, coibidos a se mover com extremo cuidado, de forma a se mostrar detentores desses atributos em suas interações,

escondem o próprio agenciamento nessas ações. Os comportamentos, quando atribuídos aos “outros” (por eles identificados como os “italianos”) e praticados sob o pretexto da coação, invisibilizam a anuência da prática desses mesmos comportamentos por eles próprios criticados.

A construção do trabalhador envolve o aprendizado de saberes em que o saber-fazer engloba as noções de saber e de saber ser. O saber-fazer é fundamental. Por isso, todos os trabalhadores, inclusive os gestores, dizem ter começado suas atividades atuando no chão de fábrica. Porque “para saber de calçados antes de tudo tem que saber fazer o calçado”, diz o gerente de produção. Não é comum, entre eles, um trabalhador ocupar um cargo de nível hierárquico mais alto sem que tenha tido a oportunidade de demonstrar sua capacidade de desempenho, sem que tenha anteriormente apresentado resultados práticos. As ascensões nos cargos da Compax se dão por meio de avaliações, que, mediadas por uma noção de igualdade de oportunidades, visam a calcular a capacidade de desempenho de cada um.

O perfil do dono da Compax encerra em si a valorização do fazer. O poder que ele exerce na Compax está no capital econômico e simbólico do seu saber-fazer, recurso que determina e reproduz a sua posição (BOURDIEU, 2008). Está implícito no saber-fazer a noção de agência dele próprio na sua trajetória de vida. Isto é o que ele demonstra com a sua biografia quando diz: “-Eu comecei do nada e cheguei aqui, me fiz dono de tudo isto”. Ou seja, o saber-fazer é também fazer-se a si próprio, o próprio Homo Faber. O seu saber-fazer está na esteira da sua trajetória, implícito na ascensão, reafirmando a crença do mito e informando que trabalhar é o rito.

Trabalhar na fábrica é fazer com o corpo. O trabalho, na fábrica, faz emergir uma corporeidade que é central nas experiências dos trabalhadores que, assim, trazem para as nossas reflexões tecidas durante as conversas uma grande visibilidade ao aprendizado perceptivo, salientando a participação do corpo em interação com o meio. Isto se refere ao papel econômico que o corpo adquire no processo do modo de produção fabril.

O trabalho fabril se concretiza na tensão entre o controle do corpo produtivo e os limites físico-morais dos trabalhadores. O corpo do trabalhador é a perspectiva de acumulação do empresário, o que, muitas vezes, leva-o a confundi-lo com mais uma peça do maquinário na cadeia produtiva. Por outro lado, o corpo do trabalhador é o instrumento que ele próprio dispõe para a sua sobrevivência.

O corpo também comporta atitudes morais. É por meio da corporalidade que o trabalhador mostra-se ou não em atitude de trabalho; é colocando o corpo em movimento que eles indicam que estão fazendo alguma coisa. O aprendizado de um *hexis* faz parte da

comunicação que é corporal. Braços cruzados, tônus muscular diminuído e olhares distantes são controlados ou ajustados por olhares vigilantes ou pela alteração no tom de voz dos gerentes. Agostino pede que os trabalhadores marquem a Compax no corpo como tatuagem, e há trabalhadores que ostentam as cicatrizes que os acidentes deixam em seus corpos como marcas concretas do trabalho.

Porém, o trabalho na fábrica não é tudo. O trabalho na fábrica informa e mobiliza os trabalhadores em direção a práticas econômicas assentadas em lógicas monetárias e do cálculo econômico.

Diante dessas práticas, percebe-se uma discordância entre distintas disposições econômicas. Certas práticas econômicas requeridas nesse contexto não são consideradas éticas pelos recém-chegados, que se moviam, em suas cidades de origem, entre relações de solidariedade e de camaradagem. As relações mediadas pelo dinheiro, utilitaristas e competitivas em que eles passam a se envolver em Farroupilha, são uma contradição à ordem moral que lhes servia de referência anteriormente.

Os recém-chegados, inicialmente, demonstram-se resistentes em deixar de lado as relações de solidariedade e de camaradagem, preferindo conquistar amizades, auxiliarem-se entre si. Interações desta ordem lhes parecem mais prazerosas e saudáveis à vida do que integrar as relações competitivas carregadas do sentimento de inveja que, segundo eles, os afasta uns dos outros. Nas interações de negócios, a ordem do indivíduo, o mundo das coisas, sobrepõe-se à ordem do coletivo que balizava as ações dos recém-chegados em suas cidades de origem.

A adesão a práticas favoráveis à ordem capitalista – processo em que eles tomam para si comportamentos até então tidos como transgressivos – envolve a internalização de novas moralidades e, para isso, é necessário legitimá-las tornando-as aceitáveis. Como já disse Weber (2004), as pessoas necessitam de poderosas razões morais para compartilharem da ordem capitalista como uma ordem aceitável e desejável.

No processo de adesão aos novos comportamentos, percebo que o papel das emoções assume um valor comunicativo inestimável. A paixão que se adere às interações competitivas dá sentido e legitima a vivência de rivalizações entre os trabalhadores.

A existência de um evento festivo, vivido sob intensa competitividade, evidencia a ação das emoções sobre as objeções morais dos recém-chegados. A Gincana coloca em foco as experiências cotidianas do trabalho como um jogo no qual as emoções dramatizam e valorizam comportamentos e atitudes como a disciplinaridade, as hierarquizações, as iniciativas de trabalho e as rivalizações. Durante a festa, os trabalhadores vivenciam a

competitividade que move essa coletividade sob forte emoção. A experiência de envolvimento dá sentido e sentimento de paixão pelas disputas, o que eles compartilham como a “sagrada inveja”.

As interações cotidianas que inicialmente lhes pareciam práticas pouco interessantes ou mesmo “transgressões” morais, de alguma forma, passa a lhes afetar, envolvendo-os e emocionando-os de tal forma que internalizam as disputas com o prazer do jogo que aos poucos se fazem esquecer como jogos (BOURDIEU, 2005, p. 140).

As transações comerciais, os trabalhos autônomos que se impõem das interações competitivas, aos poucos se evidenciam como um jogo envolvente por meio do qual os sujeitos vão internalizando novas formas de viver sentimentos e de agenciar comportamentos. O trabalho fora do trabalho envolve práticas de trabalho de outra ordem, que se realiza com autonomia, criatividade e competitividade, ou seja, constitui-se por meio dessas práticas um trabalhador portador das qualidades que compõem o *self-made-man* divulgado nos discursos do capitalismo contemporâneo e presenciado na figura do patrão. Ascender não é só trabalhar, é trabalhar e investir em negócios.

Eles criam a partir do salário – pela intensificação do trabalho – um excedente que investem para extrair um lucro que venha a aumentar o excedente inicial. A necessidade de constantemente reinvestir, uma vez que o capital só cresce ao circular, insere os trabalhadores afetados por essa engrenagem em um jogo infundável que os mobiliza intensamente, tornando-os responsáveis pela acumulação e pelo crescimento de um “sistema” mais amplo, o capitalismo.

Na prática do “trabalho fora do trabalho”, comum em Farroupilha, os trabalhadores transformam a força de trabalho em capital repondo-o continuamente em jogo no circuito econômico. Isto é o que imprime a dinâmica e a força de transformação que tem fascinado os comentaristas do capitalismo (BOLTANSKI e; CHIAPELLO, 2009, p. 35).

A pesquisa etnográfica permite que se afirme que o tenso e conflituoso processo de adesão ao mundo fabril não se conforma só por meio de coerções. As experiências de trabalho dos gestores e dos trabalhadores não se constituem unicamente de dominações e insatisfações. Aliás, é a presença de satisfações que assegura a existência da fábrica, a reprodução do modo de trabalho capitalista. As práticas de trabalho geradas no ambiente da fábrica se articulam aos discursos veiculados no mito do imigrante, mobilizando crenças e desejos que movimentam o contexto no sentido da dinamização econômica. Os trabalhadores, alinhados em torno de expectativas, razões e emoções se colocam em ação no sentido de concretizar os

projetos individuais de melhores condições de vida alicerçados nas particularidades do contexto, no projeto coletivo traçado em busca uma vida melhor.

A vida disciplinada, direcionada ao trabalho, à poupança, ao adiamento do ócio, à paixão em competir, são atitudes que publicizam um repertório de interesses comuns englobados como um projeto coletivo. A escolha individual desses sujeitos, tomada como elemento decisivo para a compreensão dos processos de transformação da sociedade local, diz respeito às transformações históricas e sociais, mais amplas. As pessoas, atuando de distintas posições, são parte ativa nesse complexo que compõem o “sistema” capitalista. E a maior ou menor adesão tem relação com as experiências de envolvimento com os elementos que compõem esse complexo. Assim, o “sistema” capitalista dá certo não somente porque as injunções sistêmicas constroem as pessoas; o capitalismo se reproduz pela participação ativa e criativa dos sujeitos nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University of California Press, 1990. p.1-23.
- AHMED, Sara. *Affective economies*. *Social Text* 79, 22 (2), 2004. 117-139.
- ALONSO, J. A. F.; BANDEIRA, P. S. Considerações metodológicas sobre a divisão regional. In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. *Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas*. Porto Alegre: FEE, 1994.
- AMADO; FAUCHER; LAURENT. Mudança organizacional e realidades culturais. In: CHANLAT, J.F. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas, 1993.
- AMARAL, Rita. Os sentidos da festa. *Travessia. Revista do Migrante*. Centro de Estudos Migratórios, São Paulo, 1998.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- BALEN, Ítalo. *Os pesos e as medidas*. Porto Alegre: ESTE/UCS, 1981.
- BARBALET, Jack. *Emotion, social theory and social structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BARBALET, JACJ (ed.) *Emotion and sociology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.
- BARBARAS, Renaud. *La vie lacunaire*, Paris: Vrin, 2011.
- BARBOSA, Agnaldo de S. *Empresário Fabril e Desenvolvimento Econômico: Empreendedores, Ideologia e Capital na Indústria do Calçado (Franca, 1920-1990)*, defendida em maio de 2004 na UNESP/Araraquara.
- BARBOSA, Livia. *Cultura nas organizações*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade In: Vermeleun & Govers (org). *Antropologia da Etnicidade, Para além de "Ethnic Groups and Boundaries"* Lisboa: Fim de Século, 2003. 245
- _____. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. pp.107-139.
- BEAUD, S.; PIALOUX, M. *Retorno à condição operária. Investigação em fábricas da Peugeot na França*. São Paulo: Boitempo, 2009.

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLAY, Eva. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BONDÍA, Larrosa J.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista brasileira de educação*. Belo Horizonte N. 19, jan./abr. 2002. p. 20-28
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. Oeiras: Celta, 2002.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2005.
- _____. La fabricación del habitus econômico. In: *Crítica en desarrollo. Revista latino americana de ciências sociais*. Buenos Aires: IDAES/UNSAM, n.2, 2008. p15-42
- _____. Les rites comme actes d'institution. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 43, juin 1982.
- _____. *A distinção, crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista : a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Ltc, 1987.
- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- _____. *Jornadas urbanas*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- CALLON, Michel. *The laws of the markets*. Oxford: Blackwell, 1998.
- _____. The dynamics of techno-economic networks. In: COOMBS, R. et alii (ed.s.). *Technology change and company strategies*. Londres: Harcourt Brace, 1992. p. 72-102.
- CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001
- CAMPOS, Silvia H.; CALANDRO, Maria L. *Nova configuração do mercado internacional de calçados e os impactos sobre a indústria calçadista gaúcha*. Disponível em: www.fee.tche.br/4-encontro-economia.../estudos-setoriais-sessao1-3.doc
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: Joanildo A. Burity (org.). *Cultura e identidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CAVEDON, Neusa R. *Antropologia para administradores*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CAVEDON, Neusa R. (Org.) *Pós-modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz do Sul: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2005.

CHANLAT, J.F. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas, 1993.

_____. *Gestão empresarial. Uma perspectiva antropológica*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: Guimarães, Alba Zaluar (org.). *Desvendando máscaras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. pp.87-121.

COELHO, Maria Cláudia; RESENDE, Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. 246

COHEN, Abner. Introdução: The Lesson of ethnicity. In: *Urban Ethnicity*. New York: Tavistock, 1974.

COMMAROFF, Jean; COMMAROFF, John. *Ethnography and the historical imagination*. Boulder: Westview Press, 1992.

COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria C. *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

COSTA, Rovílio. Nós, os gringos. In: *Nós, os gaúchos*. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998. p. 40-44

CRAPANZANO, V. (1994) Reflexions sur une anthropologie des emotions. *Terrain* v. 22 p.109-117

CSORDAS, Thomas J. *Corpo/ significado/ cura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, ANPOCS, 2007.

_____. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: *Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. p. 39-72

_____. *Pessoa e coisa: o duplo estatuto dos jogadores de futebol profissional*. Texto apresentado no seminário “Esporte, política e cultura” 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú-MG, 24 a 28 de out, 2006.

DE BONI, Luís A. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Est, 1996.

_____. Introdução. In: BALEN, Ítalo. *Pesos e Medidas*. Porto Alegre: ESTE/UCS, 1981.

DE BONI, Luís A.; COSTA, R. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST / EDUCS, 1984.

DECCA, Edgar Salvadori de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DELEUZE, Giles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

D'IRIBARNE, Philippe. *La logique de l'honneur: gestion des entreprises et traditions nationales*. Paris: Editions du Seuil, 1989.

_____. Práticas modernas de gestão inseridas nas culturas do terceiro mundo. In: *Civitas, Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS v. 3, nº 2, jul.-dez. 2003. p. 327-337

DUARTE, Luís Fernando. *Da Vida Nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. De bairros operários sobre cemitérios de escravos. Um estudo de construção social de identidade. In: LOPES, José Sérgio Leite (Org.). *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, Marco Zero, 1987.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURÃO, Susana. *Patrulha e proximidade: Uma etnografia da polícia em Lisboa*.

_____. O corpo, o gueto e o Estado penal, Entrevista com Loïc Wacquant. In: *Etnográfica*. Lisboa, novembro de 2008, 12 (2): 455-486

_____. *O espectáculo das emoções: AfroReggae, uma ONG brasileira em acção*. Paper apresentado no Simpósio temático Subjetividade e Emoções no 33º Encontro anual da ANPOCS, Caxambu – MG, outubro de 2009.

DURÃO, Susana; MARQUES, Emília Margarida; Os vidreiros e a máquina, o tipógrafo e o designer: reflexões sobre antropologia do trabalho. In: *Etnográfica*. Lisboa: Vol. V (1), 2001, pp. 47-68

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DYCK, N.; ARCHETTI, E. *Sport, Dance and Embodied Identities: Contributors*. New York: Publication Year. 2003.

ECKERT, Cornélia. Os Homens da Mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS. In: *Cadernos de Estudos: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS*. Porto Alegre n.3, jun1987, p.1-38.

_____. Memória e identidade, ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão. In: *Cadernos de Antropologia*. Porto Alegre, n.11,1993.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1994.

EVANS PRITCHARD, E. E. *Os nuer : uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FABREGAT, Esteva C. *Antropologia industrial*. Barcelona: Anthropos, 1984.

FAYOL, Henri. *Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação, controle*. São Paulo: Atlas, 1990.

FLANN, Helena. Corporate emotions and emotions in corporations. In: BARBALET, J. *Emotions and sociology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FOOTE-WHYTE, William. *Men at work*. Homewood: Dorsey/Irwin,1961.

FOSTER, George. The anatomy of envy: a study in symbolic behavior. In: *Current anthropology*. v.13, n2, 1972. p165-202,

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo : Martins Fontes, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: ParLenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp ; BERGAMASCHI, Heloisa Delia Eberle. *Casas de negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRANJO, Paulo. *“Trabalhamos sobre Um Barril de Pólvora” : Homens e Perigo na Refinaria de Sines*, Lisboa, ICS, 2004.

GRANOVETTER, Mark. *Ação econômica e estrutura social: o problema a imersão*. RAE electron. vol.6 no.1 São Paulo Jan./June 2007

GUIMARÃES, A. S.; ARGIER, M.; CASTRO, N. A. *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec, 1995.

HALL, Stewart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.

HARMAN, G. *The Prince of network: Bruno Latour and metaphysics*. Melbourne 2009.

HASSARD, John. Outra dimensão esquecida nas organizações. In: CHANLAT, J.F. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas, 1993.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: *De camino al habla*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987

HELOANI, José Roberto. *Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1996.

HERÉDIA, Vânia B.M. *Processo de industrialização da zona colonial italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HERZFELD, Michael. *Anthropology Through the Looking Glass. Critical Ethnography in the Margins of Europe*. New York & Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOGART, Richard. *As utilizações da Cultura*. Porto: Editorial Presença, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

INGOLD, Tim. *The perception of environment. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. Londres: Routledge, 2000 .

_____. *Companion Encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 2002.

JOSEPH, Isaac. *Entrevista com Isaac Joseph para o BIB*. Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com/2005/08/entrevista-com-isaac-joseph-para-o-bib.html>. Acessado em: março/2007.

KANAAN, B.R. *Imigrações contemporâneas e italianidade: um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. Porto Alegre, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS - UFRGS.

_____. *Migrantes em terra de imigrantes: um olhar antropológico sobre os jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. In: Mobilidade humana e dinâmicas migratórias. Porto Alegre: Letra e vida, 2011, p. 93-104.

_____. *As Italianidades. Um estudo dos diferentes modos de representação de pertencimento entre descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha*. In: *E/Imigrações. Histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010, p. 151-161.

LASCH, Christopher. *A rebelião das elites e a traição da democracia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

LATOUR, Bruno. *Reensamblar el social: una introducción a la teoría del actor-red*. 1ª ed.. Buenos Aires: Manantial, 2008.

_____. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed.34,1994.

LAW, John. Notes on the Theory of Actor-Network: Ordering, Strategy and etergeneity. In: *Systems Practice*, vol.5, n. 4. (Tradução de Fernando Manso). Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br>, 1992.

Le Breton, David. *As paixões ordinárias : antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEITE, Elaine; MELO, Natália M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, v.16, n. 31, nov. 2008, pp 35-47.

LOPES, José Sergio Leite. *O vapor do diabo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *A tecelagem dos conflitos de classe: Na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988.

LOPES, José Sérgio Leite (Coord.). *Cultura e identidade operária: Aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, Marco Zero, 1987.

LEROI GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. Lisboa: Edições 70, 1965.

LINCOLN, Abraham. *A mensagem de Lincoln: seleção de discursos, cartas e outros escritos do grande líder democrático*. São Paulo: IBRASA, 1964

LOMNITZ, Larissa Adler de. *Redes sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

_____. *Cómo sobreviven los marginados*. México: Siglo Veintiuno, 2006. 250

LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA, D. *The anthropology of space and place: locating culture*. Malden: MA: Blackwell Publishing, 2003.

LUTZ C. e G. WHITE (1986) *The anthropology of emotions*. *Annual Review of anthropology* 15: 405-436.

MAGNANI, O Lazer na cidade. In: *Os Urbanitas. Revista Digital de Antropologia Urbana*. Ano 1, v.1, nº 0, out.2003. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/urbanitas1.html>. Acesso em set.2010.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório. Algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. In: *Etnográfica*, Lisboa, vol X(1), 2006. P. 121-158.

MANFRED F.R. A Inveja, grande esquecida dos fatores de motivação em gestão. In: O indivíduo e a organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996.

MANFROI, Olívio. A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IEL / Grafesul, 1975.

MANNING, P. Goffman on organizations. In: Organization studies. Disponível em: <http://oss.sagepub.com>.

MARCUS, G. Ethnography in/of the World System. The emergence of multi-sited ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, 1995. p. 95 – 117

MARCUS, George; SAKA, Erkan. Assamblage. Theory Culture Society. 2008 London: Sage, n. 23• p.. 101-109

MARQUES, Emília Margarida. Os operários e as suas máquinas. Usos sociais da técnica no trabalho vidreiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

_____. Equipas mistas: Operários e robots na produção vidreira manual. In: Actas do IV Congresso Português de Sociologia. Disponível in: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dce3061a9a_1.PDF

MARX, K. O capital. São Paulo: Abril Cultural, 1983

_____. Manuscritos económico-filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1989.

MASCARENHAS, A. O. Etnografia e cultura organizacional: uma contribuição da antropologia à administração de empresas. RAE - Revista de Administração de Empresas • Abr./Jun. 2002 São Paulo, v. 42 • n. 2 • p. 88-94

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Natália; LEITE, Elaine. Uma nova noção de empresário: a naturalização do empreendedor.2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v16n31/v16n31a05.pdf> Acesso em set/2010

MERIOT, Christian. Festas, Máscaras e Sociedades. In: *Vivência. Revista UFRN/CCHLA*. V.13, n.1. Natal : UFRJ/CCHLA,1999.

MINAYO, Maria C. *De ferro e flexíveis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MOCELLIN, Maria Clara. Narrando as origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS - UFRGS.

MORGAN, Gareth. Imagens da organização: edição executiva. São Paulo: Atlas, 2002.

MULLER, Lúcia H. A.. A construção do social a partir da ótica empresarial. V WORKSHOP EMPRESA, EMPRESÁRIOS E SOCIEDADE. O mundo empresarial e a questão social Porto Alegre, 2 a 5 de maio de 2006 – PUCRS Mesa Redonda 05: empresários, empresas e a questão social.

NYGAARD, P.D.. *Planos Diretores de cidades. Discutindo sua base doutrinária*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo*. Petrópolis,: Vozes, 1992.

_____. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. *Estudos Históricos*. Vol.15, n27. Rio de Janeiro, 2001.

ONG, Aihwa; COLLIER, Stephen. *Global Assamblages. Technology, Politics and ethics as anthropological problems*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005.

ORO, Ari. In: *A Presença italiana no Brasil*. vol.II. Caxias do sul: EST, 1990.

ORTIZ, S. Work, the division of labour and co-operation. In: INGOLD, (org.) *Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 2002. p.891-910.

ORTNER, S. *Subjectivity and cultural critique*. Columbia University, USA
Downloaded from ant.sagepub.com by Beatriz Kanaan on October 2, 2010.

_____. Theory in Anthropology since the Sixties. In: *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 26, No. 1. (Jan., 1984), pp. 126-166.

_____. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência e e Uma atualização da Teoria da Prática. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007 p. 45-80

PEIRANO, Mariza. O paradoxo dos documentos de identidade: relato de uma experiência nos Estados Unidos. In: *Horizontes Antropológicos/ UFRGS*. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. ano 15, n.32 (2009). Porto Alegre: PPGAS, 2009. P.53–80.

PESAVENTO, Sandra J. RS: *agropecuária colonial & industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____. *Os industriais da república*. Porto Alegre: IEL, 1991.

PINA-CABRAL, João. *What is na institution?* (no prelo)a

_____. *The two faces of mutuality* (no prelo)b

_____.The dynamism of plurals: an essay on equivocal compatibility. In: *Social Anthropology*, n.18, 2010 pp.176-190.

_____. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. In: *Mana*, vol. 14. N 1
Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100003

PIXLEY, Jocelyn. Emotions and economics. In: BARBALET, J. *Emotions and sociology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.

POLANYI, K. *A grande transformação: As origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

PUGH, Derek Salman; HICKSON, David J. *Os teóricos das organizações*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

QUINTANA, Mario. *Na volta da esquina*. Porto Alegre: Globo, 1979.

REICHERT, A. A evolução tecnológica da indústria calçadista no Rio Grande do Sul. In: COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria C.(Org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

REZENDE, Cláudia B.; COELHO, Maria Cláudia P. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Ed. da UnB, 2000.

ROBERTS, G. Embodying Labor: Work as Fieldwork. In: *Anthropology of Work Review*. Volume XXIX, Number 3. Disponível em:
<http://www.aaanet.org/sections/saw/news.htm>. Acesso em out/2009.

ROBERTSON, Roland. *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROCHA, Ana L.; VEDANA, Viviane. A representação imaginal, os dados sensíveis e os jogos da memória: os desafios do campo de uma etnografia sonora. *Revista Chilena de Antropología Visual* – n. 13 - Santiago, jun. 2009. P. 37/60

ROSALDO, Michele. *The shame of headhunters and the autonomy of self*. *Ethos* 1983. v,11 (3): 135-151

RUAS, Roberto. O processo de trabalho na indústria de calçados: observações preliminares. Disponível em: www.fee.tche.br/index.php/ensaios/article

SAYAD, Abdelmaleck. *A Imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, Colonização e Identidade Étnica. *Revista de Antropologia*. Volume 29, São Paulo: USP, 1986.

_____. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico 91*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. A identidade étnica, assimilação e cidadania – a imigração alemã e o Estado Brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 26, ano 9, 1994.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. Observação participante e pesquisa em administração. Uma postura antropológica. In: *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v.35, n.1, p 64-79. mai/jun, 1995. 253

SCHEPER-HUGHES, N. Nervoso: medicine, sickness and human needs. In: SCHEPER-HUGHES, N. *Death without weeping. The violence of everyday life in Brazil*. Berkeley, University of California Press, 1992.

SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004,

SCRIMSHAW, S.; HURTADO, E. *RAP Rapid Assesment Procedure: Anthropological Approaches to Improving Programme Effectiveness*. UCLA Latin América Center, v 11, 1987.

SCÜTZ, Alfred. *Fenomenologia del mundo social : introduccion a la sociología comprensiva*. Buenos Aires : Paidós, 1972.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. 4.ed. Imprensa Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais: ou ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma dissertação sobre a origem das línguas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. v. 1. São Paulo, Abril, 1983.

SOUZA, Jessé. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Ed. da UnB, 1998. 192

SOUZA MARTINS, José de. *A Aparição do Demônio na Fábrica*. São Paulo ; Ed. 34, 2008.

_____. A dialética do corpo no imaginário popular. In: *Sexta feira. Antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Hedra, 1999 n.4 p. 46-55

STROOBANTS, Marcelle. *Savoir-faire et competences au travail. Une sociologie de la fabrication des aptitudes*. Bruxelles : Editions de l'Université de Bruxelles, 1993

SWEDBERG, Richard. *Sociologia econômica: hoje e amanhã*. Tempo Social, 16(2), 2004.

TAMBIAH, S. *Leveling crowds: ethnonationalist conflicts and collective violence in south Asia*. Berkeley: University of California Press, 1996.

TEMPOS MODERNOS. Charlie Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1936. 1 filme (87 min). Título original: Modern Times. Legendas em português.

THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica: Investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petropolis: Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: Passos na constituição de um paradigma ecológico. In: *Mana* [online]. 2001, vol.7, n.2, pp. 133-140

VERÍSSIMO, Érico L. *O tempo e o vento*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 254

ZANINI, M.C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

_____. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. In: *Mana* [online]. 2007, vol.13, n.2 pp. 521-547. Available from: <http://www.scielo.br/scielo>
Acessado em: 02/mar/2009.

ZELIZER, Viviana. Dualidades Perigosas. In: *Mana*. 15(1), 2009. PP. 237-256

_____. A economia do care. In: *Civitas Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS v. 10, n° 3, set.-dez. 2010. pp 376-391

_____. Pagos y lazos sociales. In: *Crítica en desarrollo: Revista latino americana de ciencias sociais*. Buenos Aires: IDAES/UNSAM, n.2, 2008. p. 43-62

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. Esclarecer o habitus. *Educação & Linguagem*. Ano 10, nº 16, p 63-71, Jul.-Dez., 2007.

WEBER, Florence. *O Trabalho fora do trabalho. Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. Transacciones económicas y relaciones personales. Una etnografía económica después de La Gran División. In: *Crítica en desarrollo: Revista latino americana de ciencias sociais*. Buenos Aires: IDAES/UNSAM, n.2, 2008.p. 63-92 193

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia: Trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2002.

_____. O avanço dos italianos. In: *História em Revista*. Pelotas: Editora Ufpel,v.10, dez. 2004.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres colonos do sul e sitiantes do nordeste*. São Paulo: Hucitec: Ed. da Unb, 1995.

WOORTMANN, Klaas Axel A.W. "Com parente não se neguceia". In: *Série antropologia*. Brasília N. 69, 1988. p. 1-18

WRIGHT, Susan. *Anthropology of organizations*. London: Routledge, 1997